

OS ESTILOS DE FUTEBOL E OS PROCESSOS DE SELEÇÃO E DETECÇÃO DE TALENTOS

Por

Próspero Brum Paoli

Tese Apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em
Educação Física da Universidade Gama Filho, como Requisito Parcial à
Obtenção do Título de Doutor em Educação Física

2007

Dedico esse trabalho a Deus, que tem me possibilitado inúmeras oportunidades. E, a minha esposa, companheira, amiga e grande amor da minha vida: Mônica. As minhas filhas, Thaís e Luma, motivo de minha incansável luta por dias melhores. E, a minha Mãe Adelaide, pelos ensinamentos e exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Viçosa pelo apoio e incentivo no processo de treinamento.

À Universidade Gama Filho, pela oportunidade; e aos professores da Instituição que contribuíram para a construção do estudo.

À CAPES por ter investido na minha qualificação profissional.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio Jorge Gonçalves Soares, por aceitar o desafio de me orientar, pelo carinho e empenho que me dedicou e a relação respeitosa durante o processo de treinamento.

Aos Professores Dr. Roberto Ferreira dos Santos e Dr. Marco Antônio Santoro Salvador pelo rigor e seriedade com que trataram o meu estudo e a colaboração dispensada no enriquecimento desta pesquisa.

Ao Professor Dr. José Geraldo do Carmo Salles, minha eterna gratidão, por todo o apoio recebido para a realização do Doutorado.

Ao Professor Dr. João Carlos Bouzas Marins, um grande amigo, e competente profissional, pelas suas inúmeras contribuições ao estudo e o estímulo para que este momento se tornasse realidade.

Aos meus amigos que tanto torcem por mim e vibram de forma positiva: Alexandre Grasseli, Amariles Paoli, Anselmo Perez, Bruno Abrahão, Chafith Felipe, Conceição Paoli, Edson Camargo,IVALDO PAOLI, Itaboray, José Muanis, Mário Alino, Lácio César Gomes, Ney Franco, Wladimir Braga.

As funcionárias da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFV, Suely e Margarida, pelo apoio constante durante o processo de treinamento.

Ao meu amigo Jorge Bernardo Fabri, pelo apoio constante.

Aos Técnicos, Observadores Técnicos e Coordenadores dos Clubes pesquisados pela disponibilidade e boa vontade em conceder as entrevistas do estudo.

Um sonho começa a ser realidade quando sonhamos juntos, olhamos para além das limitações e ousamos caminhar caminhos novos, às vezes pedregosos, às vezes escorregadios, mas sempre desafiantes.

(Abraham Lincoln).

PAOLI, P.B. (2007). Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

Orientador: Dr. Antônio Jorge Gonçalves Soares

RESUMO

O objetivo do estudo é descrever e analisar o processo de detecção e seleção de talentos instituído em sete clubes da primeira divisão do futebol brasileiro. A pesquisa procurou revelar as fronteiras, os diálogos, os enfrentamentos, as negociações, as estratégias culturais presentes neste campo profissional e compará-las com as narrativas identitárias presentes em nossa sociedade. Nesse sentido, buscamos compreender e interpretar os códigos, valores e o grau de proximidade e interação entre representações identitárias e práticas no cotidiano do futebol, no que se refere aos processos utilizados pelos clubes para a identificação e seleção de jogadores nas categorias de base. O problema do estudo é verificar se as representações identitárias sobre o futebol brasileiro e seu estilo orientam as práticas no processo de seleção e detecção de talentos? No plano empírico, este estudo está caracterizado como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva. O trabalho de campo foi realizado em sete clubes pertencentes à primeira divisão do futebol brasileiro, situados nas regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste. Tais clubes possuem processos de formação, detecção e seleção de talentos para o futebol profissional. Utilizamos como instrumentos entrevistas semi-estruturadas, construídas a partir dos conceitos e indicadores, extraídos da revisão crítica da literatura sobre os estudos culturais das diferentes etapas vividas pelos jovens atletas. Os atores sociais foram constituídos pelos Técnicos das categorias Sub 15, Sub 17, Sub 20, pelos Observadores Técnicos e pelos Coordenadores das Categorias de Base nos clubes selecionados. A tese está estruturada em sete capítulos. No primeiro são apresentados os caminhos da investigação. No segundo é realizada uma análise dos dilemas identitários presentes nos discursos sobre os estilos nacionais a partir da relação entre futebol, cultura e identidade nacional. No terceiro, foi analisado o processo de constituição de uma identidade nacional e a construção de um estilo brasileiro de jogar futebol, especificamente a dualidade entre "futebol arte" e "futebol força". No quarto, foi realizada uma análise da relação do conceito de talento com o contexto do futebol. No quinto, o objetivo foi descrever e entender como ocorre o acesso e o desenvolvimento do fluxo de jogadores nas categorias de base do futebol brasileiro. O levantamento de informações a respeito deste processo contribuiu para a identificação da estrutura organizacional e para o entendimento deste processo. No sexto, o objetivo foi problematizar e analisar o discurso dos treinadores e observadores técnicos do futebol em relação aos critérios adotados no processo de detecção e seleção de talentos, nas diferentes etapas instituídas nos clubes de futebol. No sétimo foram realizadas as considerações finais, tendo sido possível concluir que as representações identitárias do "futebol arte" e do "futebol força" estão contidas no processo de avaliação, seleção e detecção de jogadores, não tendo nenhuma delas a primazia e/ou exclusividade, pois se complementam. O futebol é uma mescla de todas essas qualidades, da junção das representações do "futebol força" e do "futebol arte". O discurso identitário sobre o ideal proclamado do futebol brasileiro, isto é, o "futebol arte", não é o marco orientador das ações dos profissionais que estão envolvidos no processo de seleção e treinamento de talentos. Todavia, o discurso do futebol arte pode apresentar eficácia simbólica no processo de comercialização de jogadores ou nos jogos de identidade.

Palavras Chaves: Seleção e detecção de talentos - Estilos e formas de jogar futebol - Identidade

PAOLI, P. B. (2007). The styles of soccer and the processes of selection and detection of talents. (Thesis of Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

Person who orientates: Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares

ABSTRACT

The objective of the study is to describe and to analyze the process of detection and selection of talents instituted in seven clubs of the first division of the Brazilian soccer. The research intends to disclose the underlying cultural borders, dialogues, confrontations, negotiations, and strategies in this professional field and to compare them with the existent identity narratives of our society. Furthermore, we seek to understand and interpret the codes, values and the degree of proximity and interaction between identity and practical representations on soccer daily routines, giving reference to the processes used by the clubs to identify and elect players in categories of base. The problem of the study is to verify if the identity representations on the Brazilian soccer and its style guide practical in the process of selection and the detection of talents? In the empirical plan, this study it is characterized as a qualitative research, of descriptive nature. The fieldwork was carried through in seven pertaining to the first division of the Brazilian soccer, situated clubs in the regions South, Southeastern and Center West. Such clubs possess processes of formation, detection and selection of talents for the professional soccer. We use as instruments interviews half-structuralized, constructed from the concepts and pointers, extracted of the critical revision of literature on the cultural studies of the different stages lived for the young athletes. The social actors were constituted for Technician of the categories Sub 15, Sub 17, Sub 20, for the Observers Technician and the Coordinators of the Categories of Base in the selected clubs. The thesis is structuralized in seven chapters. In the first one the ways of the inquiry are presented. In as an analysis of the identity quandaries is carried through gifts in the speeches on the national styles from the relation between soccer, culture and national identity. In third, it was analyzed the process of constitution of a national identity and the construction of a Brazilian style to play soccer, specifically the double between "soccer art" and "soccer force". In the room, an analysis of the relation of the concept of talent with the context of the soccer was carried through. In fifth, the objective was to describe and to understand as it occurs the access and the development of the flow of players in the categories of base of the Brazilian soccer. The survey of information the respect of this process contributed for the identification of the organization structure and for the agreement of this process. In sixth, the objective was to problematic and to analyze the speech of the trainers and observers technician of the soccer in relation to the criteria adopted in the process of detection and selection of talents, in the different stages instituted in the soccer clubs. In seventh the final consider had been carried through, having been possible to conclude that the identity representations of the "soccer art" and the "soccer force" are contained in the process of evaluation, selection and detection of players, not having none of them the priority and/or exclusiveness, therefore are complemented. The soccer is a mixture of all these qualities, of the junction of the representations of the "soccer force" and the "soccer art". The identity speech on the proclaimed ideal of the Brazilian soccer, that is, the "soccer art", is not the orienting landmark of the actions of the professionals who are involved in the process of selection and training of talents. However, the speech of the soccer art can present symbolic effectiveness in the process of commercialization of players or in the games of identity.

Words Keys: Selection and detection of talents - Styles and forms to play soccer - Identity

SUMÁRIO

I. DEFININDO A INVESTIGAÇÃO	01
1.1. INTRODUÇÃO	01
1.2. O PROBLEMA	08
1.3. OBJETIVOS	10
1.3.1. Objetivo Geral	10
1.3.2. Objetivos Específicos	10
1.4. METODOLOGIA	11
II. CULTURA E IDENTIDADE NACIONAL	14
2.1. A FIFA NO PROCESSO DE IDENTIDADE CULTURAL	29
2.2. AS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL E A RELAÇÃO COM OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES	30
2.3. AS CONQUISTAS DO FUTEBOL BRASILEIRO E SUA INFLUÊNCIA NOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES	33
III. A RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE E A CONSTRUÇÃO DO ESTILO NACIONAL DE JOGAR FUTEBOL	36
3.1. A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO FUTEBOL-ARTE	41
3.2. A FORMAÇÃO DE ATLETAS E A RELAÇÃO COM OS ESTILOS DE JOGAR FUTEBOL	51
IV. FUTEBOL E O CONCEITO DE TALENTO	54
4.1. O CONCEITO DE TALENTO	54
4.2. ETAPAS DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO TALENTO	61
4.3. A FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL	66

V. ANÁLISE DO FLUXO DE JOGADORES NAS CATEGORIAS DE BASE DO FUTEBOL	70
5.1. OS COORDENADORES TÉCNICOS NA ESTRUTURA DO FUTEBOL DE BASE	70
5.2. OS OBSERVADORES TÉCNICOS NA ESTRUTURA DO FUTEBOL DE BASE	71
5.3. O PAPEL DOS EMPRESÁRIOS NO FUTEBOL	73
5.4. O NEGÓCIO FUTEBOL DE BASE	78
5.5. ESTRUTURAÇÃO DAS CATEGORIAS DE BASE DOS CLUBES DO FUTEBOL BRASILEIRO	83
5.6. A ESTRUTURAÇÃO DAS CATEGORIAS DE BASE A PARTIR DAS FAIXAS ETÁRIAS	88
5.7. OS OBJETIVOS DO PLANEJAMENTO DE TRABALHO DAS CATEGORIAS DE BASE	92
5.8. O PLANEJAMENTO DE TRABALHO DAS CATEGORIAS DE BASE	94
5.9. AS VIAS DE ACESSO UTILIZADAS PARA A CAPTAÇÃO DE JOGADORES NAS CATEGORIAS DE BASE	99
5.10. PROCESSO DE PROGRESSÃO DE UM JOGADOR QUE JÁ ESTÁ NO CLUBE, EM UMA DETERMINADA CATEGORIA, PARA A SUBSEQÜENTE.	112
5.11. FAIXA ETÁRIA IDEAL PARA SE IDENTIFICAR UM TALENTO	117
VI. RELAÇÃO DOS ESTILOS DE FUTEBOL COM OS CRITÉRIOS ADOTADOS PELOS SELECIONADORES DE TALENTOS	121
6.1. CARACTERÍSTICAS CONSIDERADAS COMO CRITÉRIOS PARA A DETECÇÃO E SELEÇÃO DE TALENTOS	131
6.2. CARACTERÍSTICAS UTILIZADAS COMO CRITÉRIOS PARA A DETECÇÃO E SELEÇÃO DE JOGADORES POR POSIÇÃO	139
6.3. DIFERENÇAS DE CARACTERÍSTICAS OBSERVADAS NO PROCESSO DE DETECÇÃO E SELEÇÃO DE JOGADORES POR REGIÃO	152
VII CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165

LISTA DE ANEXOS

I. ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

178

CAPÍTULO I

DEFININDO A INVESTIGAÇÃO

1.1. INTRODUÇÃO

Giulianotti (2002) afirma que o futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro. Esse esporte e seus processos de difusão e informação (instituições esportivas, mídias, literatura, cinema, lazer e análises acadêmicas) socializam valores, gostos e sentimentos que permitem ao indivíduo e às coletividades localizarem-se e identificarem-se num dado sistema social e cultural.

A partir deste pressuposto, vários estudos no campo das ciências sociais¹ foram realizados nas últimas três décadas, discutindo os processos de construção de identidades a partir do futebol e de outros esportes (DaMatta, 1982; Rosenfeld, 1993; Leite Lopes, 1994; Archetti, 1994, 1999; Murad, 1996; Guedes, 1998; Toledo, 2001; Helal, Soares & Lovisollo, 2001; Fiengo, 2000, 2003; Neto, 2002; Alabarces, 2002; Agostinho, 2002; Gastaldo, 2002; Damo, 2002 e outros).

Como os processos de construção de identidades são sempre relacionais, tais estudos caminharam em dois níveis: um mais próximo das narrativas dos estados-nações e outro mais aproximado das tensões vividas diante dos processos de globalização e do crescente movimento reivindicatório das minorias no interior destes estados. É possível, então, conceituar esses níveis como: (a) afirmação de diferenciações e de identificações a partir da comparação entre as grandes unidades (estados nacionais) e (b) como afirmação das diferenças, semelhanças e hibridização a partir do tenso e

¹ Incluo aqui a produção dos estudos culturais vinculados ao campo da educação física e da comunicação.

complexo processo relacional de identificações e pluri-identificações presentes na pós-modernidade.

O primeiro nível, no caso do futebol, se propõe analisar as construções identitárias a partir do cotejo entre as nações nas competições esportivas em nível internacional. Neste caso, as singularidades, os traços culturais, foram e são encontrados no sentido de distinguir a “personalidade social, a identidade, e o caráter nacional” expresso no corpo, nas gestualizações, nos movimentos, nas manifestações, isto é, nos sistemas simbólicos da cultura dos povos (Geertz, 1989). Aqui as unidades de análise são os estados-nações como comunidades imaginadas que inventaram, a partir de diferentes meios (espontâneos ou intencionais), o “espírito do povo” em diferentes manifestações culturais, dentre elas o esporte (Berlin, 1982; Anderson, 1983; Hobsbawm, 1987, 1990, 1997).

O segundo nível situa o futebol a partir da análise dos processos de globalização em curso, seja no plano econômico, seja no cultural. Tomando por base as interpretações de Hall (2004), poder-se-ia afirmar que a tendência da globalização da cultura em curso, que rapidamente teve nos esportes um veículo de encontro, de trocas, de apropriações entre os diferentes estados-nações, estaria transformando ou fragmentando as identidades nacionais, vistas no passado com maior grau de homogeneidade.

Dois movimentos estariam em permanente diálogo: um de afirmação da cultura local e outro de manifestações culturais que operam a partir de referenciais globais. Todavia, esses movimentos não são auto-excludentes, pois podem ser complementares. Isto significa que as expressões da cultura local se reinventam, hibridizando-se com outras pela globalização. Os espaços continuam os mesmos; o que muda são as formas de pensar a cultura que é dinâmica - pelo contato – mas mantém também a tradição, no interior de determinado estado-nação.

Esse processo de afirmação de identidades é atravessado, seja no campo do esporte ou no de outras manifestações, pelas diferentes formas de identificação na pós-modernidade (etnia, gênero, classe etc.). Ocorre um processo de negociação, de resistências, de apropriações, de confrontações e de diálogos, a partir dos diferentes olhares, de lugares e não-lugares. Mesmo no espaço do futebol, existe hoje uma espécie de pluri-identificação, pois os agentes (torcedores, dirigentes, jogadores) identificam-se

com seleções, clubes locais e internacionais, jogadores de diferentes nacionalidades e etnias e com empresas vinculadas direta ou indiretamente ao esporte².

Apesar destas possibilidades de estudos da relação futebol-identidade, pode-se afirmar que boa parte da produção brasileira sobre o assunto concentrou-se, no primeiro nível, em analisar os processos identitários da construção do estilo brasileiro de jogar futebol, sob a lente do Brasil enquanto uma das comunidades imaginadas no sentido de Anderson (1983).

Pode-se afirmar que, no Brasil, a tradição das análises sobre o futebol tomou seus sucessos em articulação com o “estilo de jogo e jogo de corpo” como metonímia da nação. Tais estudos nas ciências sociais representam, em muitos dos casos, a continuidade das narrativas jornalísticas, literárias, cinematográficas e populares sobre o futebol (Soares, 1999; 2001). A questão a ser observada é que algumas análises da relação futebol-identidade acabam por louvar, afirmar e reforçar as identidades, ao invés de questionar os mecanismos de sua construção. Cuche (1999:187-188) lembra que o papel do analista social é “explicar os processos de identificação sem julgá-los. Ele deve elucidar as lógicas sociais que levam os indivíduos e os grupos a identificar, a rotular, a categorizar, a classificar e a fazê-lo de certa maneira ao invés de outra”.

Do ponto de vista da construção intelectual sobre a relação futebol-identidade nacional, podemos ter em Gilberto Freyre o construtor desta tradição (Soares, 2003). Para Freyre o estilo brasileiro de jogar futebol espelha o processo singular de nossa formação cultural, tal estilo é mais um dos produtos da miscigenação racial e cultural que teria imposto ao apolíneo jogo inglês os traços culturais da “afrobrasilidade” (Freyre, 1938). Aqui a descrição e análise do estilo de jogo brasileiro se amalgamam com a necessidade de afirmar uma identidade positiva do Brasil (Skidmore, 1994; Araújo, 1994; Reis, 1999).

Em DaMatta (1982:89), guardadas as devidas diferenças, temos em parte a continuidade de Freyre ao tomar o futebol como objeto de análise da sociedade. Para ele é sabido no Brasil que

O futebol nativo tem jogo de cintura, ou seja, malícia e malandragem, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu, um futebol fundado na força física, capacidade muscular, falta de improvisação e de controle individual de bola dos jogadores.

A identidade construída do Brasil, a partir do futebol, teria como o “outro” o europeu e, especificamente, o anglo-saxão. Para DaMatta (1989), a identidade nacional

² As marcas de indústrias e empresas estão amalgamadas com o fenômeno esportivo em nossos dias.

foi construída a partir de instituições secundárias, como carnaval, samba, religiosidade e futebol. Em contraposição, os países europeus e os Estados Unidos possuiriam como fontes de identidade social a Constituição, o Congresso Nacional, o sistema universitário, a ordem financeira, a história política. Instituições que seriam centrais na criação de solidariedade e identidade. As esferas do lazer e do esporte, por sua vez, seriam fontes secundárias naqueles países.

Da tensão entre as expressões culturais (samba, capoeira, carnaval, futebol, religião etc) e a estrutura política e social no Brasil, que restringe a expressão e a mobilidade do indivíduo, o futebol se transforma num espaço de mobilidade social e fonte de expressão de cidadania (DaMatta, 1982) que, na leitura de Soares & Lovisolo (2003), representa uma cidadania às avessas ou fora de lugar. Essa configuração faria surgir um estilo de jogo estetizado. Da comparação entre a cultura anglo-saxônica e a brasileira extrai-se a singularidade do brasileiro e de seu futebol.

No segundo nível de análise temos estudos que tomam a visão mais ou menos homogeneizante das comunidades imaginadas, e as problematizam em termos dos complexos e segmentados processos de identificação no interior e fora destas comunidades. Na verdade, os limites entre exterior/interior são tênues, mas deve-se ressaltar que o corte entre essas duas perspectivas de análise não é de fácil realização.

Na produção brasileira, Toledo (2000, 2002), trabalhando na perspectiva de um relativismo bem equilibrado, e, a partir de diferentes olhares (profissionais do esporte, especialistas, torcedores, jornalistas, manuais editados em diferentes períodos históricos sobre o jogo etc), tenta tornar inteligível como o futebol, seus modelos táticos e estilos se tornaram uma questão nacional, sem visões homogêneas e ufanistas da afirmação da nacionalidade.

Para Toledo (2000) o futebol protagoniza contornos de um processo cultural de identificação, construído e engendrado pelos diferentes agentes sociais em interação. Isto se deve à apropriação inventiva, negociada, confrontada e conquistada pelos diversos agentes mobilizados em torno de sua prática, ritual e cotidiana.

O mesmo autor parte do pressuposto que o futebol pode ser pensado como um símbolo flutuante porque não produz consenso, ao menos na sua totalidade. Pode ser vislumbrado como um fenômeno cultural no qual todos articulam, com uma boa dose de especulação, cientificismo, magia e emoção, suas teorias e doutrinas.

Os atores sociais investem determinados valores nas suas falas e saberes que, aí sim, talvez produzam identidades em níveis diferenciados e segmentados. Por exemplo,

as formas e representações estabelecidas no contexto futebolístico brasileiro de jogar à carioca – “futebol-arte”, e de jogar à gaúcha – “futebol-força”. De fato, esse tipo de identificação varia, dependendo do contexto narrativo. Tais identificações podem ser englobadas ou assumidas de modo que abarquem uma comunidade mais ampla.

Giulianotti (2002), ao abordar o tema do estilo de jogo, afirma que os times do Rio de Janeiro são os verdadeiros pioneiros da estética sul-americana, através de um estilo exibicionista e rítmico, fluindo entre a construção cuidadosa da condução da bola e o ataque repentino. Já as equipes do Rio Grande do Sul empregam uma abordagem mais à “uruguaia”, jogando frequentemente com uma forte determinação de vencer, não importando os meios, e até utilizando a força física como elemento principal.³ Partimos de uma narrativa identitária preexistente no Brasil que é reconhecida por diferentes atores sociais do contexto futebolístico (jornalistas, torcedores, treinadores) entre os diferentes estilos presentes no futebol. Como as comunidades imaginadas, pouco importa se as narrativas coincidem ou não com as práticas. O que importa analisar é a eficácia do discurso.

Diante desses dois níveis de análise dos processos de formação/construção de identidades ou identificações,⁴ é possível afirmar que há uma massa de estudos afinados com o primeiro nível de análise, tanto no plano do debate acadêmico quanto nas construções presentes na mídia. Boa parte das narrativas acadêmicas e da mídia toma o futebol como espelho da essência do ser brasileiro, tendo como lugar a singularidade das técnicas corporais que distinguiriam o estilo de jogo (Soares & Lovisolo, 2003).

Devido as inovações táticas e técnicas, no contexto da espetacularização, da globalização e da comercialização do esporte, até que ponto a insistência na tradição

³ Observe-se que a interpretação de Toledo (2002) pode ser identificada nos atuais discursos dos profissionais de futebol no Brasil. O técnico Abel Braga, numa entrevista concedida ao Jornal O Globo (09/05/2004), afirmou que o Flamengo para enfrentar o Vitória da Bahia, pelo Campeonato Brasileiro da 1ª Divisão, deveria: “marcar a gaúcha e atacar no estilo carioca”. Corroborando com a imagem que a identidade do futebol brasileiro é segmentada, Carlos Alberto Parreira, ex-técnico da seleção brasileira, em entrevista ao programa Arena Sportv em 2004, afirmou que existem diferenças visíveis entre os diversos estilos do futebol brasileiro. Trata-se de um país continental, onde a identidade de cada estilo é inevitável, o que acaba por influenciar na seleção e detecção de talentos, na própria tática e na escolha do sistema de jogo. Parreira ainda acrescentou que algumas características são vitais no momento de identificar o perfil ideal de jogador: força física; capacidade de improvisar; velocidade; habilidade técnica; disciplina tática; boa capacidade de marcar; driblador; que saiba preencher os espaços vazios, desmarcando-se com eficiência; bom de grupo e que saiba se relacionar; equilibrado emocionalmente; disciplinado e que saiba utilizar a “catimba” no momento certo.

⁴ Cuche (1999) acha importante a distinção entre o conceito de identidade e identificação na medida em que o primeiro fornece uma idéia mais estática e fixa da identidade, já o segundo fornece uma imagem de processo mais ou menos fluido.

pode estar significando o sentimento de perda do “*futebol-arte, do estilo nacional*”, da alteridade num mundo globalizado?

Aproximada da primeira perspectiva de análise esboçada aqui, a mídia em geral cumpre um significativo papel na construção e na manutenção da memória como uma das principais fontes de afirmação de identidades. No caso do futebol, a mídia apresenta a memória do futebol resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores no sentido de construir uma tradição que reforça a identidade do futebol brasileiro, servindo de elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte.

Como umas das guardiãs das tradições nacionais, a mídia valoriza e louva o jogo bonito, a jogada genial, particularmente essa síntese de sentido do estilo dito nacional que é o drible, não raro envolvida pelas imagens de malandragem e ginga. Garrincha, o “Rei do Drible”, tornar-se-á o símbolo máximo desse estilo que foi afirmado e reafirmado como expressão da própria cultura e dos processos sociais de formação do Brasil. Sua biografia, escrita por Ruy Castro (1995), testemunha sua capacidade de ir além das normas e regras, quer do esporte, quer da sociedade. A disciplina, como profissional e como cidadão, não foi o lado forte de Garrincha.

Observa-se que Garrincha é apresentado como síntese do “gênio do próprio povo” que se expressa na arte do seu futebol. Outros jogadores do presente ou do passado também assumem essa marca do futebol alegre⁵, tal como ficou o epíteto: “Garrincha a alegria do povo”; a alegria do povo é uma marca resultante da identificação imposta pelos outros e da que o grupo afirma de si mesmo (Cuche, 1999).

A mídia, quando se torna fonte desta memória, opera com esquecimentos essenciais na resignificação do passado, para garantir a continuidade e a atualização da identidade nacional de tipo mais homogeneizante.

Soares *et al* (2003), ao analisarem as narrativas jornalísticas de 1998 e 2002 que rememoram a Copa de 70, indicam que tais narrativas esquecem o papel da ciência, do treinamento físico e do planejamento que estiveram fortemente marcados nos jornais da época. O papel da Educação Física e da Medicina Esportiva é esquecido a favor das narrativas identitárias do “dom” de nosso jogador.⁶ E, em última instância, das narrativas sobre a comunidade imaginada no Brasil.

⁵ Ver Helal, 2003.

⁶ Ver Souto, 2002.

No Brasil, o discurso romântico⁷ reafirma que o estilo de futebol brasileiro foi desenvolvido na várzea ou nas peladas, com forte influência dos afrodescendentes (Lovisolato & Soares, 2003). Lá é que os talentos eram reconhecidos e detectados pelos olheiros⁸ para os times dos clubes.

O talento se fazia sem planejamento, sem técnica nem técnicos, sem ordem nem disciplina imposta de fora; resultava da interação espontânea de jogadores, condições e cultura. Da liberdade para ser ele mesmo, para recriar e criar-se. O artista, quando é visto como produto do dom, do talento, de uma formação extraordinária, excepcional, singular e inimitável, estaria além das normas que disciplinam os simples normais e mortais⁹.

O futebol, ao longo de sua existência, passou por inúmeras adaptações e modificações¹⁰. Isto permitiu a dinamização e a alteração radical nas formas e estilos de praticá-lo. Estas transformações ocorreram em todos os aspectos da modalidade: técnico, tático, físico, clínico, psicológico, administrativo e até mesmo em suas regras.

Hoje, no Brasil, os jogadores estão surgindo nas escolinhas, nos times de futsal, enfim, em atividades baseadas em normas e técnicas, na disciplina e no respeito e, não raro, no treinamento sistemático e intenso. Se assim for, mesmo os jogadores que sobressaem, que estão além da média, terão uma socialização baseada no trabalho técnico e disciplinado, e serão vistos mais como resultado de processos programados de formação do que da indeterminabilidade do talento ou do dom que se desenvolve no seio de uma cultura.

Atualmente as condições de formação dos Clubes e das Escolas de Futebol estariam indo contra o discurso romântico do artista da bola, contra as narrativas identitárias? A responsabilidade profissional do jogador estaria ocupando o lugar do talento inato e, talvez, da identidade malandra?¹¹ O jogo bonito passaria a ser visto como sendo produzido pelo treinamento? Observemos como os questionamentos contrapõem as práticas hodiernas que ocorrem no futebol brasileiro e as representações identitárias que a nação brasileira construiu sobre seu futebol.

⁷ Sobre o romantismo conferir Berlin, 1982 e Campbell, 2001.

⁸ Ocupação no mercado do futebol que descobrem e caçam talentos. São espécies de headhunters.

⁹ Observemos que as relações em pauta não são típicas apenas do futebol brasileiro, outras realidades culturais partilham dos mesmos modos de entender a arte e o artista esportivo.

¹⁰ São cada vez maiores os recursos tecnológicos utilizados (o material utilizado na confecção das chuteiras, camisas, bolas e luvas; a informática; os testes de laboratório; a utilização de câmeras para filmagens dos jogos e edição de jogadas, entre outros) no sentido de interferir no processo de condução e preparação das equipes, visando obter um desempenho mais eficiente dos jogadores.

¹¹ Ver sobre identidade malandra (Soares, 1994).

Desta forma, este estudo está estruturado em sete capítulos. No segundo foram analisados os dilemas identitários¹² presentes nos discursos sobre os estilos nacionais a partir da relação entre futebol, cultura e identidade nacional.

No terceiro capítulo foi analisado o processo de constituição de uma identidade nacional e a construção de um estilo brasileiro de jogar futebol, especificamente a dualidade entre “futebol arte” e “futebol força”.

No quarto, foi realizada uma análise da relação do conceito de talento com o contexto do futebol.

No quinto capítulo, o objetivo foi descrever e entender como ocorre o acesso e o desenvolvimento do fluxo de jogadores nas categorias de base do futebol brasileiro. O levantamento de informações a respeito deste processo poderá contribuir para a identificação da estrutura organizacional e o entendimento relacionado ao desenvolvimento deste processo.

No sexto, o objetivo foi problematizar e analisar o discurso dos treinadores e observadores técnicos do futebol referente aos critérios adotados no processo de detecção e seleção de talentos, nas diferentes etapas instituídas nos clubes de futebol. Em que medida os “estilos de jogo” se transformam em critérios ou indicadores partilhados por profissionais responsáveis pela detecção e seleção de jogadores.

E, por fim, no sétimo são destacadas as considerações finais, em forma de conclusão.

É importante ressaltar que o objetivo desta tese não é propor nenhum modelo de detecção e seleção de talentos para o futebol brasileiro, mas compreender e interpretar os códigos, os valores e o grau de proximidade e interação entre representações identitárias e práticas no cotidiano do futebol, no que se refere aos processos utilizados pelos clubes para a identificação e seleção de jogadores nas categorias de base.

1.2. PROBLEMA

A construção de identidades no espaço do futebol se dá pela apropriação inventiva, negociada, confrontada e conquistada pelos diversos agentes mobilizados em

¹² Neste momento, nos preocuparemos com os dilemas “arte” em contraposição à “força”.

torno de sua prática ritual e cotidiana. Segundo Toledo (2002), a apropriação cultural do futebol pode ser pensada a partir de três naturezas que definem a atividade como esporte.

A primeira delas é ligada ao conjunto das regras, que são universalizadas, mas que não determina ou instrui totalmente as maneiras corporais de jogar. A segunda indica como, corporalmente, esse esporte pode ser apropriado em diferentes contextos culturais, revelando diferentes formas de jogar¹³, como uma espécie de segunda natureza. Tais naturezas estariam justapostas a uma terceira, identificadas nas representações, nas narrativas, que consolidam as anunciadas “escolas” ou “estilos” de futebol¹⁴. Isto, teoricamente, acaba por determinar as maneiras de vivenciar o futebol praticado nas diversas partes do mundo, ou até mesmo de um mesmo país ou de regiões dentro do mesmo país.

Se a perspectiva analítica de Toledo é correta, podemos pensar que a terceira natureza apontada pelo autor, as representações e ou as narrativas sobre os “estilos de jogo”, possuem como objeto do discurso as técnicas corporais (no sentido mausseano¹⁵) socializadas pelas diferentes maneiras de jogar que cada cultura pode elaborar. Assim, narrativas e práticas devem possuir algum grau de convergência para se constituírem numa espécie de “gramática aberta” que orienta a ação dos atores sociais.

Neste percurso, podemos pensar que os atores sociais e as instituições do futebol (clubes, empresários, olheiros e ou observadores técnicos, etc.), no que se refere à detecção e seleção de jogadores, orientam suas ações tendo como referência a cultura futebolística, local, regional ou nacional, em interação com as imagens do “bom” futebol partilhadas pelo grupo ou comunidade. A questão que se coloca é a seguinte: as

¹³ As formas de jogar estão associadas a disposição os jogadores em campo, as estratégias, os sistemas de jogo, os tipos de marcação e zonas de marcação.

¹⁴ Modo pelo qual um determinado grupo se expressa e apresenta, de acordo com suas peculiaridades, produzindo uma maneira de praticar o futebol de acordo com certos princípios táticos, técnicos, identitários, culturais e sociais, refletindo sua identidade.

¹⁵ “Maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (Mauss, 1974). Percebe-se na afirmação de Mauss que se pressupõe uma dada concepção de corpo, que o vê como instrumento. No âmbito das ciências sociais, a discussão sobre o corpo não é nova. Já em 1935, no texto “As técnicas Corporais”, Marcel Mauss buscava mostrar como os corpos não são apenas biológicos, mas construídos socialmente. Além disso, ao utilizar o termo “técnicas corporais”, o autor não estava apenas se referindo a determinadas técnicas e as suas relações com objetivos utilitários, mas, também, chamando a atenção para os elementos simbólicos que estão presentes em atos simples, como o caminhar. Isto pode ser identificado em outros aspectos relativos ao corpo, como, por exemplo, no caso específico do futebol, o jogador ao utilizar seu corpo no ato de driblar. Isso nos permite compreender como as técnicas do corpo são o resultado de uma aprendizagem constante do homem, influenciada por aspectos culturais da sociedade onde este homem se insere, através dos quais as sociedades e os grupos sociais também se distinguem uns dos outros, constituindo a sua identidade.

representações identitárias sobre o futebol brasileiro e seu estilo orientam as práticas no processo de seleção e detecção de talentos?

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo Geral

Descrever e analisar o processo de detecção e seleção de talentos instituída em sete clubes da primeira divisão do futebol brasileiro. Tal processo poderá revelar as fronteiras, os diálogos, os enfrentamentos, as negociações, as estratégias culturais e dos distanciamentos presentes neste campo profissional, comparando-as com as narrativas identitárias em nossa sociedade.

1.3.2. Objetivos Específicos

- ✓ Identificar em que medida os “estilos de jogo” se transformam em critérios ou indicadores partilhados por profissionais responsáveis pela detecção e seleção de talentos.
- ✓ Analisar o grau de proximidade e interação entre representações identitárias e práticas no cotidiano deste esporte.
- ✓ Levantar e analisar os critérios e representações dos especialistas (técnicos, observadores técnicos e coordenadores técnicos) que são utilizados na seleção de jogadores nas diferentes etapas instituídas nos clubes de futebol.
- ✓ Descrever e analisar como se dá o processo de seleção e detecção de jogadores nas categorias de base do futebol brasileiro.

1.5. METODOLOGIA

O plano teórico-metodológico foi construído a partir do diálogo entre o debate acumulado pelas Ciências Sociais e pela Educação Física, para trabalhar conceitual e operacionalmente as noções de cultura e os processos de construção de identidade. Nesse sentido, inicialmente tomamos a distinção indicada por Cuche (1999: 176) como um pressuposto de análise:

A cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas.

No plano teórico realizamos uma análise crítica da produção científica com o foco voltado para os conceitos cultura, aculturação, tradução e identidades no contexto pós-moderno da globalização. Ainda neste plano, revisitamos e realizamos um levantamento da literatura sócio-histórica, nacional e internacional, que trata da relação esporte, cultura e os processos de identificação social.

No plano empírico, este estudo está caracterizado como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva. Pela natureza dos procedimentos técnicos utilizados, esta pesquisa consiste em um estudo de campo, sendo desenvolvida através da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas semi-estruturadas¹⁶ (Anexo I), com os atores sociais para captar suas explicações e interpretações do que na formação de jogadores de futebol no Brasil.

A pesquisa teve como fonte sete clubes¹⁷, pertencentes à primeira divisão do futebol brasileiro, situados na região Sul, Sudeste e Centro Oeste que possuem instituídos os processos de formação, detecção e seleção de talentos para o futebol profissional.

¹⁶ A entrevista semi-estruturada é um instrumento no qual o entrevistador tem por objetivo obter informações do entrevistado relacionadas a um objetivo específico. Pode ser caracterizada pela formulação da maioria das perguntas previstas com antecedência e sua localização é provisoriamente determinada. Na entrevista semi-estruturada o entrevistador tem uma participação ativa, apesar de observar um roteiro, ele pode fazer perguntas adicionais para esclarecer questões para melhor compreender o contexto (Colognese, S.A.; Mélo, J.L.B., 1998).

¹⁷ Clube Atlético Paranaense-PR; Cruzeiro Esporte Clube-MG; Fluminense Football Clube-RJ; Goiás Esporte Clube-GO; Grêmio Foot-ball Porto Alegrense-RS; São Paulo Futebol Clube-SP e Sport Club Internacional-RS.

A escolha destas regiões se deu em função, como pode ser visto na problematização do estudo, da constatação dessas regiões como possuidoras de “escolas, estilos de jogo e culturas” diferenciadas e do número de transferências¹⁸ realizadas pelos Clubes dessas regiões para o exterior (anexo II). São considerados clubes que contam com uma estrutura¹⁹ consolidada no mercado do futebol no que se refere às condições oferecidas para o desenvolvimento do planejamento de trabalho com as categorias de base.

Os sujeitos deste estudo foram constituídos por trinta e oito (38) profissionais envolvidos diretamente com o desenvolvimento do processo de formação de jogadores, os quais serão denominados no transcorrer do texto de “atores sociais”. Realizamos entrevistas com os Coordenadores Técnicos²⁰, Treinadores das categorias Sub 15, Sub 17, Sub 20 e Observadores Técnicos²¹ das categorias de base dos sete Clubes pertencentes a amostra da pesquisa.

Os dados foram coletados através de entrevistas, realizadas pelo próprio pesquisador, nos centros de treinamento²², gravadas, transcritas na íntegra, e depois analisadas em triangulação com as observações do trabalho de campo, com as imagens e conteúdos das entrevistas realizadas com os atores do campo, com a literatura técnica e sócio-antropológica do futebol e com a experiência do pesquisador como professor e treinador de futebol. Cabe destacar, que como “*um de dentro*”, tentei, na medida do

¹⁸ Transferências de Jogadores – 851 jogadores transferidos em 2006. Fonte: www.cbfnews.com.br
REGIÃO **SUDESTE**: 448 jogadores (São Paulo: 259; Rio de Janeiro: 93; Minas Gerais: 75; Espírito Santo: 21).
REGIÃO **SUL**: 206 jogadores (Paraná: 80; Rio Grande do Sul: 79; Santa Catarina: 47).
REGIÃO **NORDESTE**: 109 jogadores (Alagoas: 29; Pernambuco: 20; Bahia: 18; Ceará: 17; Rio Grande do Norte: 12; Maranhão e Sergipe: 4; Paraíba: 3; Piauí: 2).
REGIÃO **CENTRO-OESTE**: 66 jogadores (Goiás: 39; DF: 11; Mato Grosso: 10; Mato Grosso do Sul: 6).
REGIÃO **NORTE** – 22 jogadores (Acre: 6; Amazonas e Pará: 5; Tocantins: 3; Rondônia: 2; Roraima: 1; Amapá: 0).

¹⁹ Estes sete Clubes contam com Centros de Treinamento específicos para o desenvolvimento do trabalho com as categorias de base: campos para treinos, alojamento para os atletas, restaurante, academia de musculação, departamento médico.

²⁰ Profissionais contratados pelos Clubes, responsáveis pela coordenação do planejamento de trabalho das categorias de base.

²¹ Profissionais contratados pelos Clubes, responsáveis pela detecção e seleção de jogadores, por meio da observação direta em competições e nas diversas vias de acesso dos jogadores de futebol. Nas representações nativas este profissional é denominado de “olheiro”.

²² Estrutura de recursos físicos, humanos e materiais, disponibilizada pelos Clubes para o processo de formação de atletas de futebol.

possível, estranhar-me com o familiar. Acredito que esse esforço sempre é atingido parcialmente.

Esse estudo apresentou uma limitação quanto aos atores sociais. Na pesquisa de campo foram entrevistados os Observadores, os Coordenadores e os Técnicos das categorias de base, ou seja, a representação dos discursos oficiais dos clubes, daqueles que estão no poder. Acredito que outros estudos poderiam dar voz aos demais atores sociais, entre eles, os atletas e empresários.

CAPÍTULO II

CULTURA E IDENTIDADE NACIONAL

O objetivo deste capítulo é analisar os dilemas identitários²³ presentes nos discursos sobre os estilos nacionais, a partir da relação entre futebol, cultura e identidade nacional.

O futebol, enquanto elemento fundamental nos contextos cultural, econômico e social, constitui-se em um instrumento valioso para a construção e para a formação de identidades. Isto se deve ao fato deste esporte ser considerado como um dos principais fenômenos que se articula com os processos identitários, como é o caso do Brasil, tendo um significado tradicional para muitos indivíduos, na medida em que se tornou uma das principais fontes de identificação destes com seus respectivos países.

Para Giulianotti (2002), as análises sobre futebol devem se basear no reconhecimento da atração global da modalidade, produzindo uma paixão que se estende por todos os continentes. Conta com a participação ativa de seus adeptos, demonstrando sua importância política e simbólica através de sua centralidade cultural, já que o jogo pode contribuir, fundamentalmente, para as ações sociais e identidades culturais das diversas nações. A difusão do futebol, de acordo com Giulianotti, de um lado a outro do mundo, possibilitou que diferentes culturas e nações construíssem formas particulares de identidade por meio de sua interpretação e prática do jogo.

Da mesma forma, para Hobsbawn (2002: 170-171), o esporte como um espetáculo de massa, e apesar de suas infundáveis controvérsias, simboliza os Estados-nações, integrando parte da vida global, reforçando a idéia de que o surgimento dos esportes em geral, e principalmente o futebol, foi um aspecto importante e relevante no fortalecimento do ideal nacionalista:

²³ Neste momento, nos preocuparemos com os dilemas “arte” em contraposição à “força”.

Ocasões como os Jogos Olímpicos e partidas internacionais de futebol interessavam principalmente ao público de classe média (apesar de os Jogos Olímpicos já começarem a assumir ares de competições nacionais mesmo antes de 1914), e as partidas internacionais foram realmente organizadas com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos Estados multinacionais. Eles simbolizavam a unidade desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações, reforçava o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas.

O futebol, como um local privilegiado de identificações locais e nacionais, estruturou-se na configuração dos Estados nacionais, a partir do final do século XIX como fruto da expansão capitalista e dos projetos de modernização, nem sempre consensuais ou planejados (Soares e Lovisoló, 1998), dos Estados pós-coloniais (Guttman, 1994).

É possível afirmar que esporte-moderno, identidade e nacionalismo sempre mantiveram uma estreita relação. Isto se deve ao fato de que o sentimento de união dos atletas que representam o país, em uma determinada modalidade de uma dada competição internacional, transforma-se nestas ocasiões, na metonímia – a parte que representa o todo - de uma nação. Esta situação acaba por reforçar o nacionalismo, como foi o caso do futebol para o povo brasileiro.

Neste sentido, o futebol alcançou um caráter sócio-histórico altamente desenvolvido, sendo que o processo não pode mais ser revertido. Está consolidado em praticamente todo o mundo, constituído de diversos valores sociais, identitários e culturais. No Brasil, em especial, integra amplas parcelas da sociedade, via identificação nacional. O futebol se transformou em um dos elementos mais valiosos na construção do imaginário popular do que significa “ser brasileiro”.

Toledo (2000) analisa que o futebol protagonizou os processos de descoberta da nossa identificação brasileira construídos pelos diversos agentes sociais em integração. Para o autor, mais do que mero espetáculo consumível, o futebol consiste num fato da sociedade, linguagem franca de domínio público, dos fundamentos às representações coletivas que reencanta a dimensão da vida cotidiana através da sua estética singular.

Soares (2004) ao analisar o futebol enquanto elemento de identidade nacional brasileira, estabelece que esse esporte funciona como um dado, entre tantos outros, recortado de nossa realidade e investido de significação paradigmática na definição do que é o Brasil como país, e, do que somos como povo. Esse é o discurso nativo e também de boa parte dos analistas sociais que tomam o futebol como objeto.

O conceito de identidade está diretamente relacionado à auto-atribuição de uma determinada imagem, maneira de ser ou característica que serve de espelho para a compreensão do mundo e de outros grupos sociais. A identidade, que se constrói no interior das sociedades, compõe diferentes formas de percepção pelos indivíduos, norteando as relações entre os grupos e entre as pessoas enquanto membros do grupo.

Para Cuche (1999) a identidade é uma construção que se elabora num modo de relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato, sendo que é na ordem dos modos de relação entre os grupos sociais que devemos tentar apreender o fenômeno identitário (Barth, 1969). Na definição da identidade de um grupo, deve-se levar em conta o conjunto dos traços culturais distintivos, e aí então localizar entre esses traços aqueles que os membros do grupo utilizam para afirmarem e manterem uma distinção cultural.

(...) a diferença identitária não é a consequência direta da diferença cultural. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta última só pode resultar das interações entre os grupos e dos procedimentos de diferenciação que esses grupos aplicam nas suas relações. (Cuche, 1999:127-128).

Castells (2000) observa que as identidades constituem fontes de significado para os próprios atores sociais, por eles originadas, e constituídas por meio de um processo de individuação. Isto torna toda e qualquer identidade resultante de uma construção, que tem como objetivo organizar significados que se mantenham ao longo do tempo, em um determinado espaço e em um contexto social e político fortemente marcado por relações de poder.

Poder-se-ia pensar, então, que a identidade permite aos indivíduos valorizar os símbolos de uma cultura específica, possibilitando que o sujeito se identifique com as características de seu país, internalizando-as e expandindo seus valores e significados como algo inerente à sua condição nacional.

Nesta linha de pensamento, Verdery (2000: 242)²⁴ afirma que *“a identidade nacional existe em dois níveis: no sentimento do “eu” do indivíduo como nacional e na identidade do todo coletivo em relação a outros da mesma espécie”*.

²⁴ BALAKRISHNAN, G. Um mapa da questão nacional. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

O futebol compõe de forma expressiva e significativa o contexto da cultura nacional, como o carnaval e o samba, marcas que, segundo Soares (1994) estão no discurso popular, refletindo o imaginário social e a identidade nacional.

Dentro desta perspectiva, DaMatta (1982) analisa que a literatura disponível sobre o futebol no Brasil não deixa dúvidas de que tal esporte, do modo como é teorizado, discutido, vivido e praticado no Brasil, seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir, reunindo valores tradicionais numa lógica universalista moderna:

As apreciações sobre futebol no Brasil são classificadas como discussões. Não se fala simplesmente de futebol. Discute-se, toma-se partido, fala-se de modo sério. Não se pode assumir uma atitude neutra quando se fala de futebol, mesmo para negar-lhe a importância (DaMatta, 1982: 21).

Toledo (2000) analisa que uma das chaves para decifrar o enigma da construção da identidade nacional, via futebol, talvez esteja na própria constituição dos diversos aspectos da nossa nacionalidade. Do modo como o futebol foi produzindo, para além de uma identidade aparentemente homogeneizadora e consensual, os diversos encontros culturais entre as diferenças.

É possível observar que, por mais que se fuja do senso-comum, quase todos os indivíduos afirmarão que muito daquilo que são advém do fato de terem nascido em determinado país, falarem determinada língua e possuírem os mesmos costumes

O Brasil possui características que tornam complexa a definição do que vem a ser identidade brasileira, pois como afirma Hall (2000: 108), “*as identidades não são nunca unificadas, (...) nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas*”.

A diversidade de raças e culturas, contemplando elementos indígenas, europeus e africanos, torna ainda mais difícil a busca por uma definição sobre o que vem a ser identidade nacional. As três etnias envolvidas na constituição da nação brasileira, o branco, o negro e o índio, não se caracterizavam pela homogeneidade.

A variedade e a riqueza cultural são características de destaque no Brasil. Assim, ao se abordar o tema cultura, de uma comunidade específica, deve-se levar em consideração a diversidade. A cultura, como estabelece Santos (1983), enquanto fenômeno expressivo e característico das sociedades em geral, é algo dependente da vida social, relacionando-se diretamente com a realidade onde existe e com todos os aspectos da vida social, sendo um produto coletivo da vida humana. “*Assim, como nada*

do que é cultural pode ser estanke a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental” (Santos, 1983: 47).

Desta forma, a cultura brasileira, por exemplo, é formada por meio de traços das culturas européia, indígena e negra. Não faz sentido considerar de forma isolada cada uma das formas culturais existentes em uma sociedade, o que nos leva a acreditar que a diversidade existente implica concluir que tudo é relativo, de entender as realidades culturais no contexto da história de cada sociedade, das relações sociais dentro de cada qual e das relações entre elas.

Isto nos remete ao preconizado por Hall (2004), quando afirma que as identidades têm a ver com o uso que os indivíduos fazem dos recursos disponibilizados pela história, pela cultura e pela linguagem para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos, e que a construção de identidades diz respeito ao modo como as sociedades têm sido representadas e ao modo como essa representação pode afetar a maneira de cada indivíduo se apresentar.

Soares (2004)²⁵ ao abordar a relação entre os temas racismo, malandragem, identidade cultural e nacionalismo do brasileiro, analisa que:

O esporte tal como se internacionalizou e instituiu as competições internacionais, tendo por base o Estado-Nação consolidado e emergente, permitiu por este tipo de "gramática", altamente identificada com os estados-nação, a formação discursiva sobre a raça, o ethos, o "caráter do povo", enfim, sobre a identidade de cada estado-nação. No caso do Brasil toda uma formação discursiva fez do futebol um espaço de descoberta da alteridade. O futebol, junto com outras expressões disseminadas na cultura, tornou-se conscientemente um local de afirmação das singularidades, das qualidades e das deficiências (nos momentos da derrota) do povo. Sabemos que a raça, como uma categoria construída socialmente, pelo menos desde o séc. XIX foi central tanto para afirmar racismo quanto para louvar democracia racial. Neste ponto o futebol se tornou um espaço privilegiado, ao longo da história, que refletiu em diferentes momentos a tensão sobre nossa formação étnica, ou melhor, multicultural, no sentido de Stuart Hall. Há uma narrativa sobre a raça presente na história do futebol brasileiro.

Ao buscar uma definição do que seja identidade deve-se levar em consideração que tal noção é um processo de produção e um efeito de discurso (Pêcheux, 1990). Nesse sentido, sendo as identidades construídas “no” e “pelo” “discurso”, é necessário entendê-las como produtos da história e de instituições. *“É no interior de práticas discursivas e pelo emprego de estratégias específicas que as identidades emergem”* (Pêcheux, 1990: 82).

²⁵ Entrevista de Antônio Jorge Gonçalves Soares ao Boletim Brasileiro de Esporte Escolar. Goiânia, Goiás, v.01, n.07, dezembro de 2004.

Gerarce (2004:2), ao analisar o conceito de identidade, estabelece que a nação e a formação de uma cultura essencialmente nacional se expandem pelos sentidos históricos atribuídas a ela e pelas representações consensuais culturais e simbólicas que possuem o poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade:

Portanto, pressupor uma cultura nacional é construir um leque multifacetado de discursos que dão sentidos, coerência e organização aos que se consideram possuidores de uma identidade nacional, pois através desses sentidos estabelecidos entre alguns elementos “nacionais”, o sujeito poderá se reconhecer (identificar) com a nação.

Porém, a identidade nacional é uma construção de um tipo mais generalizante das identidades das sociedades nacionais, por incorporar e integrar toda uma série de identidades menores. Isso não significa como analisa Barbosa (1992), que a identidade nacional seja a mais importante que as pessoas possam desenvolver ou adquirir; identidade nacional é apenas mais uma, entre um grande número de identidades possíveis, que emerge em momentos específicos, quando o país está em causa. Por isso, é o tipo de identidade que sempre aparece mesclada a outros tipos de questões, como cidadania, patriotismo, entre outros fatores, pois é através dela que nos definimos.

Um bom exemplo é o tipo de identidade que emerge quando da disputa da Copa do Mundo de Futebol. Nesse momento, toda a diversidade interna da sociedade brasileira é dissolvida e anulada em face da nossa identificação com a seleção nacional (Barbosa, 1999). Nesse momento, as outras identidades, construídas tendo como base a etnia, o gênero e/ou a classe são absorvidas e homogeneizadas pela identidade construída tendo como base a nação brasileira.

O processo de formação de identidade não se estabelece de forma aleatória, implica uma afirmação de nós perante os outros. Quando algum grupo social, ou um indivíduo, enquanto membro de um determinado grupo se define ou se atribui determinadas características, ele o faz através de um processo de comparação, explícita ou implícita, de si com os outros grupos do mesmo teor. A identidade surge por oposição, jamais se afirma isoladamente (Barbosa, 1999).

É fundamental observar, contudo, que os contrastes, as oposições, os lugares mutuamente definidos não se encontram numa posição igualitária, os elementos não se apresentam num plano equivalente de valor (Barbosa, 1999). A cada atribuição corresponde um peso, dado pelos grupos envolvidos, pois os mecanismos de poder e dominação são aspectos fundamentais dessa dinâmica, e são constitutivas dessas respectivas atribuições e construções.

Se Max Weber estabelece que “o homem é um animal que vive preso a uma teia de significados por ele mesmo criada”²⁶, pode-se considerar que a cultura é um sistema de símbolos e significados. Para Geertz (1989), a cultura nunca é particular, mas sempre pública. Os elementos que constituem as teias propostas por Weber, não têm criadores identificáveis. Os fatos inovadores nascem e evoluem numa reprodução espontânea e despercebida dos agentes culturais. Como um sistema de signos passíveis de interpretação, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos (Geertz, 1989). Ela é um contexto, um fenômeno natural e social, cuja gênese, manutenção e transmissão estão a cargo dos atores sociais.

Para Hall (2000: 51-52):

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações”. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

Na visão de Balakrishnan (2000: 213):

Toda nação tem seu próprio conjunto de imagens, seus deuses, anjos, demônios ou santos, que vivem nas tradições dela, e cujas histórias e feitos são contados pela ama-seca aos que estão sob seus cuidados, assim os conquistando ao lhe impressionar a imaginação (...). Além dessas criaturas imaginárias, na memória da maioria das nações, especialmente das nações livres, vivem também os antigos heróis da história de seus países. (...) Esses heróis não vivem apenas na imaginação de suas nações; sua história, a recordação de seus feitos, liga-se a festivais públicos, competições nacionais, a muitas das instituições internas ou assuntos externos do Estado, a casas e bairros famosos, com monumentos e templos públicos.

O nacionalismo é anterior à idéia de nação, pois se o primeiro envolve sentimentos, a segunda os legitima e, a partir deles, se institucionaliza. Nessa perspectiva, Hobsbawn (2002) afirmará, ao analisar a constituição dos Estados-nações que, a base dos nacionalismos se assemelha com a presteza com que as pessoas se identificam emocionalmente com a sua nação.

Neste contexto, pode-se exemplificar tal afirmação com o jogo realizado em 22 de junho de 1986, no Estádio Asteca, onde Argentina e Inglaterra disputaram uma vaga para a semifinal do 13º Mundial. Ao final, vitória argentina: 2x1. Este confronto foi considerado pelos argentinos como o jogo da vingança. Um pouco antes de a partida começar, diante da espera de 115.00 expectadores, uma corrente entre os jogadores no

²⁶ Geertz, Clifford. A interpretação das Culturas. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, p.15.

vestiário tomou a partida como a possibilidade de redenção depois da trágica derrota para a Inglaterra nas Malvinas, quatro anos antes. Maradona foi um dos muitos naquela equipe a sentir o jogo como uma responsabilidade nacional e, talvez, inconscientemente, a assumir a idéia de que “o futebol é a continuação da guerra por outros meios”:

Era mais do que ganhar uma partida era mais do que tirar a Inglaterra do Mundial. Nós, de alguma maneira, considerávamos culpados os jogadores ingleses por tudo que ocorreu, por tudo que o povo argentino havia sofrido na Guerra das Malvinas. Sei que parece uma loucura, um disparate, mas era, de fato, o que sentíamos. Era mais forte que nós: estávamos defendendo nossa bandeira, os rapazes mortos, os sobreviventes... Por isso, creio, meu gol teve tanta transcendência.” (Agostino, 2002: 139).

Porém, nos dias atuais, é comum encontrarmos autores que apontem a existência de uma crise das identidades tradicionais. Ao tratar da questão identitária na pós-modernidade, Hall (2004) afirma que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, ou seja, passam por um processo de deslocamento ou fragmentação.

De acordo com Hall (2004: 67-68) a globalização está deslocando as identidades culturais nacionais:

(...) como argumenta Anthony McGrew (1992), a globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço (Giddens, 1990, p.64). Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais.

A globalização do futebol exigiu uma alteração na organização de suas formas e também dos grandes clubes do futebol mundial, em especial, os espanhóis, os italianos e os ingleses. É importante remetermos ao preconizado por Giulianotti (2002: 9), quanto à divisão do futebol em três fases:

A ‘tradicional’, ou ‘pré-moderna’, onde vestígios da era pré-industrial ou pré-capitalista são ainda muito influentes, (...) de modo geral, isso envolve a aristocracia ou a classe média tradicional; (...) a ‘modernidade’, relacionada à rápida urbanização e ao crescimento político da classe trabalhadora (...), em matéria de lazer (...) ocorre a divisão entre alta cultura (burguesa e legitimada) e baixa cultura (operária e popular), sendo que o futebol passa a ser um marco desta última categoria; (...) e a ‘pós-modernidade’, marcada pela dimensão crítica ou pela rejeição real da modernidade (...), as identidades sociais e culturais tornam-se cada vez mais fluidas e ‘neotribais’ em suas tendências de lazer (...). A globalização dos povos, da tecnologia e da cultura dá origem a uma cultura híbrida e a uma dependência econômica das nações em relação aos mercados internacionais.

Neste contexto, uma das características principais da globalização, de acordo com Hall (2004), é a “compressão espaço-tempo”, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.

Nesta linha de pensamento, torna-se necessário refletir e analisar como o futebol se insere neste processo global, na medida em que, sendo considerado um dos esportes mais populares do mundo, ele não fica isento às transformações que estão ocorrendo. A tendência da globalização da cultura na modernidade teve também nos esportes um veículo de encontro, de trocas, de apropriações entre os diferentes Estados-Nações (Hall, 2003). Os esportes, especialmente o futebol²⁷, possibilitaram que os países da América Latina participassem do mercado das nações.

Vieira (2004) destaca que de 1990 a 2004 atingimos o ápice do crescimento e do processo de globalização do futebol. Agora, o futebol transcende as barreiras das distâncias e dos pólos comerciais e econômicos mundiais, assistimos, torcemos e nos familiarizamos com campeonatos, times e jogadores do mundo inteiro.

De acordo com Soares & Lovisolo (2002), na Copa de 2002, quase todas as seleções tinham jogadores que atuavam nos países da Europa, o maior mercado do futebol e que reúne o que de melhor existe no mundo. Sob este ponto de vista, podemos considerar que presenciamos uma copa europeia na Ásia. Quase todas as nacionalidades e etnias estão na Europa representadas por seus jogadores: africanos, brasileiros, argentinos, uruguaios, coreanos, japoneses, curdos, etc. O intercâmbio de treinadores também é constante. Jogadores com diferentes características de jogo (dribladores, marcadores, etc), independentemente da nacionalidade, estão nessa vitrine da excelência do futebol.

Esta afirmação pode ser também confirmada por Soares e Helal (2004: 269):

(...) De fato, o futebol como narrativa nacional perde força se observarmos que, nesta última Copa, 48% dos jogadores estavam atuando na Europa, independentemente de sua nacionalidade. Neste Mundial, houve um aumento da ordem de 16% em relação à última Copa. O mercado também se expressa entre o centro e a periferia no futebol, se compararmos que a Europa teve 529 atletas, contra 84 da América do Sul, mesmo se considerarmos que nas oito edições do evento esses continentes possuíam, antes da vitória do Brasil, oito títulos cada.

²⁷ A estrutura da Federação Internacional de Futebol Associação (Fifa), principalmente durante a gestão de Jules Rimet (1921-1954), internacionalizou-se e acabou por organizar um mercado transnacional do esporte. Disponível em <http://www.fifa.com>.

Na Copa da Alemanha em 2006, dos 736 jogadores inscritos, 345 jogavam nos cinco principais campeonatos europeus. Da mesma maneira, 15 dos 32 técnicos treinavam seleções de países onde não nasceram. Alguns, como Zico, no Japão, mudaram conceitos e adotaram sistemas de jogo desconhecidos para os atletas locais, como por exemplo, a adoção do 4x4x2. Com esse intercâmbio, é natural que as formas de jogar se tornem semelhantes.

Tostão (2006)²⁸ dentro desta linha de pensamento analisa que:

Com a globalização e o mundo pós-moderno, cada dia mais pessoas se sentem pertencentes a um mundo sem pátria, econômico e virtual. Esse sentimento é ainda mais comum no futebol com a presença de jogadores de vários países em um mesmo clube. Na Copa de 2006, mesmo sem serem naturalizados, cerca da metade dos treinadores das seleções nasceu em outros países. Progressivamente, diminui em todo o mundo o orgulho e a alegria de se fazer parte de uma nação. Isso ainda não é problema na Seleção Brasileira. No futuro, haverá chuteiras sem pátria, em vez de pátria de chuteiras, como escreveu Nelson Rodrigues.

Este fenômeno da globalização, de acordo com Parreira²⁹, acabou por nivelar o futebol e conseqüentemente os clubes e seleções, no que se refere principalmente às formas de jogar. Considerando a evolução dos componentes físicos e táticos, talvez seja possível perceber que o futebol tenha atingido uma padronização nas formas de jogar.

Se o futebol começara a ser incorporado como um dos elementos da nacionalidade brasileira a partir dos anos 30 e 40, é nas décadas posteriores aos anos 50 que ele se sagra definitivamente como esporte nacional e o Brasil como a “terra do futebol”, graças às vitórias da seleção brasileira em 58, 62 e 70.

De acordo com Moura (1998) a constituição do futebol como esporte está estreitamente ligada, tanto no Brasil quanto na Europa, à industrialização e ao surgimento das grandes cidades:

O futebol, como uma necessidade de aproveitamento esportivo nas horas livres, não pode ser desvinculado das condições históricas que marcaram o fim do século XIX e o início do século XX. Porém, somente nas primeiras décadas do século XX que começa a popularização do esporte. Sua democratização e consagração como elemento da cultura nacional dá-se nos anos de 1930, quando ocorre a profissionalização em 1933 (Moura, 1998: 19).

Para Soares e Salles (2002) a partir dos anos de 1920³⁰ os bons resultados do futebol brasileiro e o processo de massificação desta prática foram englobados nas narrativas de construção nacional. E a partir dos anos 30, o futebol legitima-se como

²⁸ Coluna Tostão, Jornal do Brasil, 20-11-2006. Caderno de Esportes.

²⁹ Entrevista no Programa Linha de Passe do Canal Sportv, no dia 12/04/2004.

³⁰ As vitórias mais expressivas do futebol brasileiro neste período foram o Sul-americano de 1919 e a Copa Rio Branco em 1932.

pura expressão da nacionalidade nas narrativas de Mário Filho, José Lins do Rego, Gilberto Freyre e outros jornalistas, intelectuais e literatos. O estilo marcado pela virtuosidade individual começou a ser cantado como marca de singularidade que o Brasil teria imprimido ao modelo anglo-saxão de futebol.

Desta forma, como estabelece Rodrigues (2004), muitos dos estudos referentes ao futebol brasileiro preconizam que o sucesso do Brasil se legitimou via atributos raciais do negro e da miscigenação. Entretanto, deve-se considerar que algumas narrativas acerca da forma brasileira de jogar futebol são essencialmente míticas, verdadeiras visões românticas sobre o futebol e a cultura brasileira.

Soares (2003: 160) analisa que:

No Brasil, o processo de invenção da nação ou das singularidades de nosso povo (miscigenação, samba, futebol, culinária etc.) vem de uma tradição iniciada por Varnhagen em 1850 e que vai ter em Freyre e nos anos trinta a mais forte expressão desses sentimentos (Reis, 1999). É, portanto, importante que retomemos Freyre para refletirmos sobre boa parte da historiografia e das análises sociológicas do futebol brasileiro, reconhecendo que sob a aspiração das novas elaborações encontramos a reiteração dos elementos de uma tradição de interpretação da cultura e da identidade brasileira.

Assim, influenciado entre outros, por Gilberto Freyre, o sucesso do futebol brasileiro pode ser explicado, como afirma Machado (2000), em função do caráter mestiço do povo, revestindo o esporte de uma “alma brasileira” ligada a idéia de um encontro idealizado entre brancos, negros e índios, base da noção de democracia racial como ideologia. Essas explicações racistas exacerbam o lado positivo do nacionalismo e associam o futebol à constituição étnica da população e da nação que, para elas, antecede a própria história nacional.

Entretanto, Pereira (2000: 17) destaca que:

Mais do que um meio de afirmação da identidade entre os brasileiros, como nas disputas realizadas pelo selecionado representativo do país, o jogo ganharia então em contornos de um esporte tido como autenticamente nacional. Na base desse processo estava um movimento mais geral, que tinha em Gilberto Freyre um de seus artífices principais. Passando a ver a herança negra do país não mais como um problema, mas como uma grande vantagem, esse movimento levantava para os times brasileiros a possibilidade de construção de um modelo de futebol. Ao naturalizar nos negros e mestiços características tidas como imanentes à sua raça, como a ginga e a malandragem, firmava-se a visão que fazia do futebol praticado no país a junção da técnica e da disciplina européia com a malemolência africana, na constituição de um modelo verdadeiramente brasileiro de lidar com a bola.

Nesta mesma linha de pensamento, Gil (1994) relaciona o futebol com a criação de um dos aspectos da nação brasileira, demonstrando como a imagem do “futebol-arte”

se vincula com a idéia de povo brasileiro harmonicamente miscigenado. Isto se deve a uma feliz associação entre negros, brancos e mulatos, de tal modo que a partir do futebol elaborou-se uma visão essencialmente mestiça de nossos jogadores e de nossa cultura.

O jornalista Mário Filho e seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* (NFB), de 1947, sempre foram referências de pesquisa da história do futebol brasileiro. Mário Filho difundiu a idéia de que o negro teria sido o criador da ginga, do drible, do estilo brasileiro de se jogar futebol.

Porém, Soares (2001) afirma que a utilização, a posteriori, do livro de Mário Filho pelos cientistas sociais criou uma espécie de interpretação única, muito ajustada com os ideais da construção de uma nação brasileira com menos antagonismos entre as raças, e que a análise acaba em muitos dos casos por reforçar a visão nativa.

Para Soares (2001), Mário Filho estava ajustado aos ideais de afirmação da identidade nacional, um discurso próprio da época. Neste sentido, os intelectuais pegaram o NFB e jogaram um holofote sobre a questão racial para criar um discurso, transformando o negro no criador do drible, da ginga, do “futebol arte”.

Franzini (2000), ao analisar esta temática, analisa que atento ao processo de massificação do futebol, e principalmente à mistura integradora de raças e classes sociais que ela promovia nos gramados, Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala*, faz uma afirmação corajosa de crença no Brasil, no mestiço e no negro, na medida em que Freyre pensava o Brasil em termos culturalistas. Assim, o caldeirão cultural que caracterizava o Brasil, era seu principal vigor. Eram três culturas, convivendo em um mesmo lugar. Já em *Sobrados e Mucambos*³¹ o autor, mais que constatar um fato que vinha ocorrendo há pelo menos duas décadas, sugere que tal ascensão do mulato no meio originalmente elitista e europeizado do nosso futebol implicava uma significativa mudança na forma de praticá-lo aqui nos trópicos: o seu abasileiramento.

Observemos, nas análises de Freyre, sua preocupação com a questão da identidade nacional. Em vários momentos de sua obra, percebem-se tentativas de valorização do negro e do mulato na formação social e cultural brasileira.

Neste contexto, Gilberto Freyre estabeleceu uma relação entre futebol e fundação da identidade nacional:

³¹ Livro, considerado por Freyre, como diz em seu prefácio, uma continuação dos estudos apresentados em *Casa-Grande & Senzala*.

Acabou de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas, as técnicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo o nosso, psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato, inimigo do formalismo apolíneo sendo dionisíaco a seu jeito, o grande mulato (Freyre, 1945: 432).

E, ainda ressaltou:

O mesmo estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (Freyre, 1945: 432).

Gomes (2000), ao analisar o pensamento de Gilberto Freyre destaca que um fato chama a atenção de imediato nos textos sobre o futebol brasileiro: a exaltação ao negro. Gilberto Freyre entende que o estilo brasileiro de jogar futebol deve-se à influência negra. Entretanto, dentro desta questão uma outra surge como derivada, qual seja, a pouca atenção dada pelo autor às influências indígenas. Freyre restringe o estilo brasileiro em função das influências culturais e raciais africanas, sendo que a brasilidade futebolística pode ser definida a partir da contraposição entre um padrão de cultura “apolíneo” (formal, racional, ponderado), que seria próprio dos europeus, e outro “dionisíaco (individualista, emocional, impulsivo), característico da nossa índole mulata”.

Gomes (2000) afirma que a descendência não é um fator determinante, e também que o contexto sócio-cultural em que os indivíduos se inserem é mais complexo que simples adjetivos reducionistas (apolíneo e dionisíaco). Esta vinculação do “estilo dionisíaco” à raça negra e o do “estilo apolíneo” à raça branca acaba por vincular ao dionisíaco a ginga, conseqüentemente uma maior habilidade no futebol. Nota-se que a cultura/raça indígena é deixada à margem desta discussão.

Esta mesma análise pode ser transferida para a Argentina, visto que aquele país apresenta uma miscigenação entre apolíneos (europeus) e ameríndios³². Desta forma, seguindo a análise de Freyre poder-se-ia chegar à conclusão de que os argentinos

³² Archetti (1998) apresenta esta miscigenação entre europeus e índios na Argentina em artigo referente ao imaginário do futebol deste país.

possuíram um estilo de jogo sem a dança dionisíaca do negro brasileiro, em virtude da pouca relevância do índio.

Archetti (1998) analisa que a miscigenação também é vista como um fator positivo, sendo apresentada como responsável pela espontaneidade e pela qualidade técnica do futebol argentino. Deve-se ter bem claro que esta miscigenação evocada fundamenta-se na predominância dos imigrantes latinos.

Entretanto, é bom ressaltar que na miscigenação ocorrida na Argentina, não aparece a figura do negro. Porém, Archetti acrescenta que esta oposição entre dionisíaco e apolíneo pode ser identificada no contexto argentino. O futebol britânico era visto como disciplinado, metódico e baseado na coletividade, na força e no poder físico, portanto um estilo “maquínico”. Já o futebol argentino miscigenado, “graças à influência latina”, apresentava-se como individualista, com menor disciplina, com maior inquietude e baseava-se no esforço pessoal, na agilidade e no virtuosismo.

Observa-se então, como o apolíneo equipara-se com o maquínico, assim como o dionisíaco equipara-se ao “criollo” (como era/é chamado este jogador mestiço na Argentina). Gomes (2000) ainda reitera que ao mesmo tempo em que a tese de Freyre foi reducionista, ela apresentava uma análise de determinados aspectos super generalizadora. O jogador negro apresenta-se nos textos de Freyre como a única possibilidade de um requinte técnico frente ao apolíneo jogador europeu. Ou seja, reduzia-se o fenômeno futebol ao negro e generalizava-se a pouca habilidade do jogador branco.

Soares (2002) analisa que é possível notar, na opinião de Freyre, uma das muitas evidências que existem para demonstrar como foi construída uma história da identidade brasileira, via futebol. No entanto, não se pode tomar tal opinião como um argumento que legitime ou explique o sucesso do futebol brasileiro via integração racial, miscigenação ou embate racial no futebol. Apesar de muitos dos estudos sobre o futebol brasileiro aceitarem essas premissas, suas narrativas acabam naturalizando, essencializando e legitimando tal construção social através de uma história que se explica pelos atributos raciais do negro e da miscigenação.

Para Manhães (2002), o “mulatismo”, a “afirmação verdadeira do Brasil”, no dizer de Freyre, conflitavam com o desejo e a necessidade dos setores dominantes em disciplinar a sociedade. Ao mesmo tempo em que era enaltecido o brilho do esporte nacional advindo de uma “espontaneidade individual”, característica de uma suposta

brasileira, se tornava necessário uma organização que imprimisse disciplina a essa vontade criadora.

A narrativa da arte em oposição à força se vale de representações étnicas da “arte” dos negros e a partir daí, via Freyre, começa a construção positiva da identidade brasileira, em oposição a idéia da representação da “força”, pensada sobre os brancos europeus. São as constituições sobre esses povos que, em última instância, vão determinar as representações nacionais sobre o estilo brasileiro.

Poder-se-ia pensar que tal estilo é adaptado aos diversos países, de acordo com suas peculiaridades, apesar do futebol possuir regras uniformizadas. No Brasil, o estilo nacional de jogar futebol começou a ser consolidado a partir de 1930, quando da participação em Copas do Mundo, e dos confrontos com equipes de outros países.

Mas o estilo brasileiro só vai conseguir consagrar-se internacionalmente a partir da vitória na Copa do Mundo da Suécia em 1958.

Para Hobsbawn (2002) o esporte tornou-se uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações. A Copa do Mundo de futebol surgiu em 1930 e se transformou em um momento competitivo que serviu e serve para a auto-afirmação nacional e a emersão de sentimentos nacionalistas.

Neste sentido, Helal e Soares (2004: 260) analisam que:

Mesmo diante desse processo de fragmentação das identidades nacionais, da formação de outras formas de identificação híbridas, dos processos de resistências e de reforço das identidades locais, a Copa do Mundo ainda traz uma estrutura narrativa que representa os nacionalismos afirmados entre os séculos XIX e XX.

Os anos 30, de acordo com Franzini (1998), são caracterizados como um momento decisivo na relação entre o futebol e a sociedade brasileira. Enquanto o meio político-cultural começava a redefinir as concepções acerca do “nacional”, a popularidade do futebol era impulsionada tanto pelo desenvolvimento do rádio, como meio de comunicação de massa, quanto pela oficialização do profissionalismo dos jogadores, fato que transformou o jogo em trabalho, modificando as relações dos jogadores com os clubes.

O futebol concretizou-se como um instrumento de integração e ascensão sócio-econômica para as camadas populares historicamente excluídas, bem como se tornou um dos elementos que viriam a caracterizar a identidade nacional brasileira.

Helal & Gordon (1999) identificaram que sem o profissionalismo não haveria meios pelos quais os extratos sócio-econômicos inferiores pudessem fornecer

sistematicamente jogadores de futebol com o devido preparo atlético para competir em torneios oficiais, organizados pelas ligas.

De acordo com Ribeiro (2002), esta profissionalização correspondia a um movimento cultural e político mais amplo, envolvendo tanto os interesses de disciplina social do Estado, a dinâmica específica do futebol, quanto um clima cultural, que perpassava toda a sociedade, de produção de uma identidade nacional forte. Existia uma tensão entre a tradição elitista e amadora dos primórdios da prática esportiva e a necessidade de regulamentar nos clubes, numa conjuntura de popularização do futebol, a participação cada vez mais crescente de jogadores remunerados, em sua maioria de origem pobre e negra.

Pereira (2000) destaca que, ao transformar o esporte em uma prática definidora da identidade nacional, fez com que os brasileiros se auto-representassem como “mestres do futebol”, a partir da suposição de um talento para o jogo que, aparecendo como uma característica quase natural, confirmaria e daria um sentido inquestionável ao sentimento de identidade que une os brasileiros do país.

A reafirmação do nacionalismo, através do esporte, ganhou maior destaque no fim do século XIX, exatamente quando o futebol foi difundido, chegando a diversos países, em muitos dos quais se haviam constituído federações nacionais. Segundo Giulianotti (2002, p.42):

A difusão internacional do futebol, durante o final do século XIX e o início do século XX, ocorreu quando a maior parte das nações na Europa e na América Latina estava negociando suas fronteiras e formulando suas identidades culturais.

Em um breve espaço de tempo, o futebol estabeleceria uma rotina própria, firmada pela comercialização, pelo ciclo das competições, pelo papel na integração social e nacional, caracterizado, de acordo com Hobsbawn (1997), como uma das tradições inventadas no curso do século XIX.

2.1. A FIFA NO PROCESSO DE IDENTIDADE CULTURAL

Ao considerarmos o processo de modernização, a criação da Fédération Internationale de Football Association (FIFA) em 1904, na cidade de Paris na França, e a conseqüente difusão do futebol foram fenômenos, que podem ser considerados prévios à atual onda globalizadora.

A FIFA foi concebida no ápice do nacionalismo europeu (1904), tendo atualmente 207³³ Associações nacionais afiliadas. Sua fundação tinha como missão torná-la uma instituição de natureza internacional, já que seus membros são confederações representantes dos estados nacionais. A FIFA tem um papel fundamental na difusão e na popularização do futebol, especialmente transformando a modalidade em um dos maiores produtos da economia mundial do final do Século XX.

Um dos objetivos básicos desta organização internacional foi, e tem sido além de homogeneizar, normatizar e promover a prática do futebol entre as nações, a de organizar competições esportivas, a exemplo da Copa do Mundo, em que se confrontam “representações nacionais”, possibilitando que as identidades possam ser vivenciadas a partir do enfrentamento entre as seleções.

Parece surpreendente a afirmação de que existem mais países filiados à FIFA do que à Organização das Nações Unidas (ONU):

Parte indelével desta realidade configurou-se na segunda metade do século XX, quando o mundo assistiu a um fluxo ininterrupto da formação de novas nações, resultado do processo de descolonização afro-asiático. Neste momento, para aqueles que lutavam pelo direito de autodeterminação, ficava claro o quanto valia o reconhecimento de uma Federação esportiva como um dos componentes essenciais da afirmação da soberania. O futebol atingiu uma projeção bastante relevante, sendo um dos elementos decisivos na formação da identidade nacional que se seguiu à implosão dos velhos impérios. (Agostino, 2002: 202).

Somente em 1930, após superar inúmeras resistências nacionais, a FIFA conseguiu efetivar a idéia de um torneio mundial, que pudesse congrega todos seus filiados: a Copa do Mundo de Futebol.

2.2. AS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL E A RELAÇÃO COM OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.

A Copa do Mundo de Futebol assumiu o papel de “fato social total”³⁴, passando a despertar um interesse determinante no aparelho estatal, não só pela popularidade do futebol, mas também pela força que o espetáculo esportivo representava em uma sociedade de massas, conferindo inúmeras possibilidades de ritualização da fidelidade

³³ Dados disponibilizados em www.fifa.com. Acesso em 01/06/2007.

³⁴ Como assinala M. Mauss, fato social total é aquele no qual vemos em funcionamento traços ou vestígios das instâncias fundamentais da sociedade: familiar, educativa, política, econômica, religiosa e recreativa. (Costa, 2004, p.56).

nacional e da legitimação da ordem existente. Também era capaz de promover a unidade na diversidade, propiciado pelas experiências coletivas em torno da afirmação da identidade nacional.

Desta maneira, como afirma Costa (2004: 56):

Não será difícil verificar que o futebol apresenta em sua prática diversos traços e vestígios destas seis instâncias fundamentais da sociedade: familiar, educativa, política, econômica, religiosa e recreativa. Mas, na sua estrutura mais profunda e nos ideais que precederam ao seu aparecimento, o futebol, funciona também como um fenômeno verdadeiramente planetário, vivido da mesma maneira no universo inteiro, instaurando festas e celebrando acontecimentos capazes de unir toda a humanidade numa comunhão universal que nenhum outro fato é capaz de conseguir.

Esta afirmação pode ser confirmada por Vieira (2004) ao analisar que:

(...) A FIFA e as Copas do Mundo são essenciais à propagação do futebol e a forma que interagem com os interesses de diversas nações. A soma destes mecanismos com outras situações sócio políticas (guerras, catástrofes, tipos de governo) preenchem de forma fértil as explicações a cerca dos motivos e meios da massificação e globalização do futebol contemporâneo. A copa do mundo de futebol tem uma especificidade não encontrada em outros esportes. Enquanto a maioria das modalidades tem nas Olimpíadas o seu momento máximo, no futebol isso ocorre apenas nas Copas do Mundo. Ser campeão Olímpico de futebol não fornece o mesmo status e reconhecimento do que ser campeão mundial. Pois, nas olimpíadas, existe uma limitação na convocação de jogadores, as seleções nacionais não podem ser compostas em sua maioria por jogadores acima de 23 anos, majoritariamente ela deve ser constituída por jogadores que estejam abaixo desta faixa de idade. Por isso, mesmo que uma seleção ganhe, ela não passa de uma campeã olímpica, num campeonato reconhecidamente inferior a uma copa do Mundo, no qual as seleções levam seus melhores jogadores profissionais. Assim, as copas do mundo de futebol são momentos singulares da vida esportiva mundial, não tendo nenhum acontecimento isolado de qualquer outro esporte que possa dela se aproximar em significado.

Observemos que pelo menos no Brasil, como afirma Gastaldo (2006), a Copa é considerada o apogeu do mundo dos esportes, sendo-lhe dada mais importância social do que a própria Olimpíada.

A Copa do Mundo de futebol transformou-se em um instrumento fundamental para a conformação e confrontação dos sentimentos que formam as nações. Tornou-se um espaço privilegiado para a construção da alteridade em um novo mercado global, no qual, os corpos e seus estilos se transformaram em produtos com marca identitária, sendo que para parte considerável das pessoas, independentemente de gostar ou não de futebol, apoiar a seleção brasileira, especificamente durante jogos da Copa do Mundo, é uma clara declaração de fidelidade ao Brasil, transformando-o naquele momento em um objeto de devoção, mesmo que seja para atender a interesses individuais. Notemos, entretanto, que tal sentimento também pode ser observado em outros países, como

Itália, Argentina, Inglaterra, Espanha. Mas no Brasil, ao que parece, esta tensão é mais perceptível para nós.

Para Helal (2001: 153), o futebol no Brasil é tratado como uma questão nacional:

Com efeito, quando a seleção sofre uma derrota em competições importantes tendemos a procurar um culpado que possa personificar determinado insucesso. Afinal, somos “o país do futebol”, assim pelo menos nos identificamos para ‘dentro’ e para ‘fora’. A imprensa é insistente em dizer que depositamos na seleção desejos e temores. Talvez, por esta razão, as construções das vitórias e derrotas sejam tão reveladoras de sentimentos mais profundos, que não se esgotam em análises técnicas de partidas.

Guedes (1998: 20) reforça esta linha de pensamento e estabelece que:

Tratando-se da atuação da seleção brasileira de futebol, chega a ser impressionante o modo como se passa, sem nenhuma mediação considerável, da avaliação do time para avaliação do povo. As vitórias da seleção nacional evidenciam a capacidade do povo brasileiro enquanto as derrotas são nada menos que denúncias de sua indignância.

O Brasil, apesar de não ter alcançado ainda uma notoriedade como potência mundial em outras áreas, como a social, educacional e econômica, encontrou no futebol uma forma de se expressar e de criar uma identidade (DaMatta, 1982). É pentacampeão mundial, em uma competição que é considerada uma das mais difíceis do mundo esportivo. É um evento de característica multicultural, onde diferentes povos se unem para celebrar o esporte, envolvendo as principais seleções e interesses dos mais variados.

Na Copa do Mundo, as seleções representam suas respectivas nações, tendo a oportunidade de colocar a própria nação em perspectiva de comparação com as demais. Isto pelo fato desta competição ser considerada de uma importância significativa no contexto social e cultural.

Para Soares (1998: 94-95):

A Copa do Mundo favorece o encontro entre países de diferentes estruturas econômicas, culturais e políticas, que competem futebolisticamente e reafirmam suas nacionalidades. Enfim, as copas dramatizam uma série de questões vinculadas ao enaltecimento dos povos, aos seus estilos, espírito, vontade, capacidade, competência, etc. Esse evento, apesar de toda a limitação temporal que possui, tem servido como uma espécie de termômetro que avalia o nível qualitativo do futebol nas diferentes partes do mundo.

O reconhecimento e o respeito adquiridos pelo futebol brasileiro, dentro de campo, no contexto mundial, são expressivos. As cinco conquistas das copas do mundo contribuíram decisivamente para criar e reforçar a identidade do nosso futebol, e para legitimar um estilo próprio de praticar o jogo.

2.3. AS CONQUISTAS DO FUTEBOL BRASILEIRO E SUA INFLUÊNCIA NOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

A vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1962 no Chile, foi fundamental para que o Brasil fosse internamente considerado o “país do futebol”, fato explicado pelas conquistas das duas Copas mundiais consecutivas e reforçada pela conquista do mundial de 1970 no México. Isto permitiu um lema sobre “brasilidade” no futebol. Ou seja, o jogo era importado, mas a forma brasileira de praticá-lo não. Ou, ainda que o jogo não tenha sido originado no Brasil, a fórmula do sucesso a partir da idéia da mistura das raças, bem como da contribuição de cada uma, somente teria sido desenvolvido no Brasil. Este estilo próprio é produto dessa construção de uma identidade do que é “ser brasileiro”.

Neste sentido, Soares (1994: 99) destaca que:

O “brasil do futebol”, nessa trajetória vitoriosa, apesar de toda a sua precariedade econômica e social, passa a ser o paradigma do esporte, por ter sido Campeão do Mundo em 1958 e 1962. Os brasileiros passam a possuir uma identidade e uma autonomia em relação aos demais países, no futebol, possuindo seu próprio estilo de jogar. Esta “autonomia” no futebol proporcionou a ratificação de uma identidade fundada nos modelos nacionais, que se generalizou de forma epopéica para outras esferas de atuação.

Toledo (2000) analisa que o futebol brasileiro é reconhecido no domínio público, inclusive por outros povos, como uma manifestação cultural que revela nosso jeito, malícia, alegria ou ginga, protagonizando contornos de um processo de identificação construído e engendrado pelos diferentes agentes sociais em interação. Isto se deve à apropriação inventiva, negociada, confrontada e conquistada pelos diversos agentes mobilizados em torno de sua prática, ritual e cotidiana.

Tal afirmação é referendada na análise do Técnico escocês, Andy Roxburgh (2004)³⁵:

(...) O Brasil é um País especial no futebol. Nós europeus respeitamos vocês pela forma como jogam. Não copiem a forma de jogar dos europeus. Vocês tratam a bola de forma especial. Não joguem por terra ou pela janela as raízes do futebol brasileiro e as características do jogador brasileiro.

As Copas do Mundo também são referências para a definição temporal do futebol praticado antes e o de hoje, como explica Soares (1994: 95-96):

³⁵ Andy Roxburgh ocupou o cargo de técnico da Escócia na Copa de 1990. É atual diretor técnico da UEFA e membro do comitê técnico da FIFA. E foi um dos palestrantes do I Fórum Internacional de Futebol, realizado no Rio de Janeiro em dezembro de 2004.

Na Copa de 50, a Seleção Brasileira classificou-se em segundo lugar, apresentando um belo estilo de jogo que, apesar da dramática derrota para o Uruguai, criou a fama que acompanha o futebol brasileiro até hoje. Na Copa de 66, houve a quebra das trajetórias de duas vitórias consecutivas (Copas de 58 e 62), e, a partir daí, cria-se a referência do futebol moderno contrapondo-se com o futebol tradicional. Daí decorre o processo de discussão dos paradigmas da Arte e da Força. O futebol moderno teria surgido a partir da Copa de 70, como reflexo da derrota da Copa de 66, constituindo-se numa forte tendência, no final da década de 80. Esta periodização mostra que a década de 70 foi um período de emergência do processo de modernização do futebol brasileiro. A discussão entre a tradição e o moderno, entre o velho e o novo, tem, nas Copas, o melhor argumento para justificar a adoção de um dos modelos para o futebol.

Nesta mesma linha de pensamento, Gil & Leitão (2004) sustentam que o futebol tem muitas dimensões que se articulam, formando um conjunto amplo, variado e global. Ele pode ser encarado como espetáculo, competição, ritual, metáfora, celebração. E tudo isso ao mesmo tempo. Mas não há apenas um futebol. Embora o conjunto de regras, o palco e a base do repertório sejam comuns, cada sociedade tem o seu modo próprio de jogar e de torcer, resultado de sua história e de sua cultura, e da interação de sua história e de sua cultura com as outras.

O futebol, de acordo com Gilberto Gil³⁶, tem uma dimensão que integra as demais: trata-se de uma construção cultural. Abordá-lo enquanto fenômeno cultural, em suas relações múltiplas com o conjunto de signos e de expressões artísticas locais e planetárias, pode ser ao mesmo tempo uma experiência significativa e reveladora, em especial quando se prepara uma nova Copa do Mundo, quando todo o país forma uma mesma torcida, fazendo com que o futebol possa atuar na construção de uma identidade nacional que se opõe à diversidade individual e à rivalidade entre times.

Guedes (1977) diz que a identificação nacional com a seleção de futebol propicia que as avaliações ideológicas do Brasil ocorram através do desempenho de sua seleção. Isto ocorre principalmente em Copas do Mundo, onde não se tratam mais de equipes de futebol, mas de sociedades cuja essência é medida pelo futebol. DaMatta (1982) ainda relata que é pelo futebol, então, que se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais, o que não é privilégio apenas do Brasil.

Poder-se-ia pensar então, que se o Brasil não conquistasse as cinco Copas do Mundo, não seria considerado o “País do Futebol”, e tão pouco teria adquirido o respeito como potência mundial nesta modalidade Além disso, o seu estilo de jogo,

³⁶ Copa da Cultura - Uma parceria cultural do governo alemão e do governo brasileiro para a Copa do Mundo de 2006 (Discurso do Ministro da Cultura, Gilberto Gil em Berlim, 02.09-05.

característico e presente, também não seria enaltecido por outros povos. O que é possível constatar é que as conquistas desses títulos legitimaram, ou confirmaram a narrativa identitária.

Neste conjunto de valores que orientam o futebol brasileiro, uma categoria central que recebe, geralmente, uma valoração positiva é o “talento”, que poderíamos pensar como uma característica singular, específica e exclusiva que cada jogador possui. O talento serve, então, como classificador social que divide os atletas em grupos diferentes, tornando-os especialistas em funções e posições, possibilitando a adequada utilização de suas aptidões físicas, técnicas e táticas específicas.

Mas, aí surgem algumas lacunas. Que critérios são levados em consideração no processo de seleção de jogadores pelos clubes? Que características relacionadas às duas representações culturais, “arte” e “força” são levadas em consideração? As representações culturais e identitárias sobre o futebol orientam as práticas no processo de seleção e detecção de talentos?

Desta forma, no próximo capítulo, iremos procurar compreender a relação existente entre identidade e a construção do estilo nacional de jogar futebol.

CAPÍTULO III

A RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE E A CONSTRUÇÃO DO ESTILO NACIONAL DE JOGAR FUTEBOL

O presente capítulo objetiva analisar o processo de constituição de uma identidade nacional e a construção de um estilo brasileiro de jogar futebol, especificamente a dualidade entre “futebol arte” e “futebol força”.

Independentemente da característica da competição e/ou da categoria³⁷, as narrativas acadêmicas, jornalísticas e populares preconizam que, no Brasil, entre os estilos de praticar o futebol, um especialmente é mais evidenciado e valorado do que os outros. Este estilo é, denominado convencionalmente de “futebol arte”, e contribuiu decisivamente para a constituição de uma identidade nacional em torno da modalidade e na consolidação de um estilo próprio de jogar este esporte.

Para Soares e Lovisolo (2003: 02):

O estilo de jogo do futebol brasileiro começou a ter um relativo sucesso a partir dos anos 20. Já na década de 30, aparece com mais intensidade os narradores, louvadores, desse novo estilo de jogo. Estilo que se transformou numa narrativa profundamente associada à invenção das singularidades do futebol e do ser brasileiro, quando as necessidades da formação de sentimentos nacionais cresciam. Tal narrativa teve êxito, e foi internalizada, ao ponto de acharmos hoje que o passado de nosso futebol está formado por “craques”, quase semideuses, que sempre apresentavam belas jogadas, dribles sensacionais, que culminavam no gol de placa. O nosso futebol, máxima expressão de nossa brasilidade, era belo e tinha seu próprio estilo, mesmo nas várzeas.

Gil (1994: 100) ao analisar a questão do estilo, estabelece que:

O futebol brasileiro é caracterizado por seus “pensadores” acadêmicos ou não, como sendo portador de uma identidade própria que o singularizaria perante outras nações. Portanto, seria uma característica inerente aos brasileiros “jogar bola” de uma determinada maneira, a qual constituiria uma marca cultural carregada por nós desde o nascimento. Essa auto-representação que nos impusemos criou uma forma particular de praticar tal esporte, de pensá-lo e vivenciá-lo em nosso cotidiano.

³⁷ O futebol é organizado a partir de duas categorias: 1- Categoria de Base (Sub 13, Sub 15, Sub 17 e Sub 20) – 2. Categoria Profissional.

Pereira (2000), ao abordar esta temática, afirma que desde 1931 o Jornalista Mário Filho e outros cronistas focaram suas atenções no surgimento de um estilo próprio, caracteristicamente brasileiro, envolvendo extrema rapidez e uma boa capacidade de improvisação em momentos cruciais do jogo. Esta forma de praticar o jogo foi sendo identificada como singular e única no mundo. Pereira acrescenta que as narrativas referentes a este estilo foram adquirindo uma intensidade cada vez maior a partir de 1938, criando uma auto-imagem que possibilitou aos brasileiros se auto denominarem “mestres da bola”.

O fator determinante para caracterizar o futebol brasileiro como sendo detentor de um estilo nacional próprio, em parte se deve à lembrança de equipes memoráveis constituídas nas décadas de 50 e 60, como o Botafogo-RJ, Santos-SP, Cruzeiro-MG entre outras, mas, principalmente pelas seleções de 58, 62 e 70.

O estilo brasileiro, focado no toque de bola, nos dribles, nas jogadas criativas de seus jogadores, começou a ganhar destaque mundial com a seleção de 1938³⁸, comandada por Leônidas da Silva, e manteve essa fama com as gerações dos anos 60 e 70. Poder-se-ia pensar que nestas décadas a ênfase do futebol estava centrada na habilidade técnica³⁹ e que componentes do treinamento, como o físico e o tático, não estavam tão evoluídos como atualmente, o que reforçava a capacidade individual de determinados jogadores e equipes.

A unidade imaginada pelo futebol brasileiro, de acordo com Souza (1996), acontece sempre em referência à prática do “futebol arte”, que funciona como um “tipo

³⁸ Na Copa do Mundo da França em 1938, a seleção brasileira terminou em terceiro lugar, perdendo para os italianos, futuros bi-campeões.

³⁹ Frisseli e Mantovani (1999) dividem didaticamente as habilidades técnicas em oito grupos: **1)-recepção, domínio e controle:** a recepção é o primeiro contato com a bola, realizado através de uma das estruturas corporais permitidas pelas regras. O domínio é a ação de diminuir a velocidade da bola preparando-a para o controle. O controle é o ato de manter a bola sob o seu raio de ação visando realizar a ação técnica subsequente com qualidade; **2)-orientação e condução de bola:** orientação é o ato de movimentar a bola com toques curtos e suaves, mantendo-a sob o seu raio de ação em ritmo lento ou moderado, e preparando-a para ações posteriores. A condução é o toque na bola procurando-se progredir pelo terreno de jogo em velocidades acentuadas, tocando na bola conforme a necessidade da jogada com intuito de ganhar espaço de jogo; **3)-drible e finta:** drible é o recurso utilizado pelo jogador para, quando de posse de bola, ultrapassar o adversário sem perder o controle da mesma. A finta é a ação sem a bola de ludibriar o adversário, desequilibrando-o para posteriormente ultrapassá-lo. “Ginga” do corpo é de suma importância nessa ação; **4)-marcar e desmarcar:** marcar é o ato de impedir e obstruir as ações técnicas e táticas do adversário. Desmarcar é ficar em situação favorável dentro das ações do jogo para receber uma bola; **5)-passe:** movimentação de bola entre companheiros da mesma equipe, objetivando chegar à meta adversária ou manter durante o maior tempo possível a posse de bola; **6)-chute:** ato de tocar a bola utilizando a perna/pé, golpeando a mesma de diversas maneiras em várias trajetórias, visando realizar um gol; **7)-cabeceio:** ato de golpear a bola com a cabeça, realizando um passe, afastar a bola da linha de defesa e/ou finalizar a gol; **8)-goleiro:** além de defender a meta, pode ser o primeiro jogador a reiniciar o jogo, como também ser o primeiro do contra-ataque.

ideal” para se jogar tal modalidade, inserido numa visão paradigmática de mundo. Para o autor, a construção da imagem da nação brasileira ideal e vitoriosa, através do futebol, tem como código demarcador de pertencimento a este coletivo o “futebol arte”. É a partir do futebol que surgiram os discursos referentes à comunidade que é imaginada como sendo o Brasil. Ignora-se o “futebol força” que é praticado no Brasil, a favor de uma construção identitária que privilegia o estilo “futebol arte”.

Alabarces (2003) afirma que a discussão central no futebol está focada nos estilos, tanto na Argentina quanto no Brasil, sendo que a popularização que se produz ao mesmo tempo em ambas as culturas não se transforma em um relato de afirmação de classe, mas sim em uma narrativa de distinção e de afirmação nacional.

Neste contexto, Guedes (2006: 135) assinala que:

No entrecruzamento destes dois eixos, como uma prática e um espaço semântico do qual se apropriam os “nacionais” (versus o “inglês colonizador”) e o “povo” (versus a “elite”) cria-se, como sabemos, um primeiro espaço de distinção que permitirá que as criaturas enfrentem o criador, opondo-lhe uma nova criação. Esta criação nova é o que ficou conhecido como “futebol arte”, classificação genericamente aceita tanto para o futebol argentino quanto para o futebol brasileiro, cuja definição contrastiva é o “futebol-máquina” ou “futebol força”, epítetos que se consagraram para o futebol inglês e, secundariamente, todo o futebol europeu.

Soares (1994: 100), ainda dentro desta linha de pensamento, analisa que:

A arte e a força no futebol passaram a representar duas correntes que se opõem no modo de pensar sobre o estilo de jogar. Uma terceira corrente, entretanto, é favorável a uma posição conciliatória entre a força e a arte. Tal conjunto de opiniões entendia (e ainda entende) que a “ciência” e os novos métodos poderiam ficar a favor do talento do futebol brasileiro.

Porém, de acordo com Souza (1996), houve momentos nos últimos 30 anos em que essas duas posições, “arte” e “força”, se alternaram na concepção de jogo a ser adotado pela seleção brasileira, com leve predomínio do que se associa ao moderno.

No Brasil, além de vencer é preciso também “convencer” demonstrando sempre superioridade sobre o adversário, criando diversas situações de gol. O futebol no Brasil é um espaço onde habilidade técnica individual e espírito de coletividade não são excludentes, e em alguns casos são desejados simultaneamente.

Para Toledo (2002: 27):

O futebol pode ser pensado como um símbolo flutuante, justamente porque não produz este consenso, ao menos não na sua totalidade, podendo ser vislumbrado como um fenômeno cultural no qual todos articulam, com uma boa dose de especulação, cientificismo, magia e emoção, suas teorias e doutrinas. Eles investem nas suas falas e saberes, como afirma o autor, determinados valores que, aí sim, talvez produzam identidades em alguns níveis, a exemplo das formas e representações estabelecidas, na verdade muito variadas no complexo contexto futebolístico brasileiro (jogar à carioca, futebol arte, futebol força, jogar à gaúcha).

Assim, Soares (1994: 105) analisa que:

A arte e a força representam duas concepções de jogo. Uma acredita que o time é formado através do somatório de talentos individuais que possuem a capacidade de realizar ajustes práticos para obtenção de um desempenho satisfatório. A outra acredita que o desempenho satisfatório de uma equipe deve-se à capacidade do técnico de ser um bom estrategista, pois o jogador deve-se adaptar ao sistema calculado: o sucesso possui uma relação com a capacidade de determinação e treino do conjunto, em função da metodização planejada. Aqui, temos a idéia da inteligência divergente dos jogadores, vinculada ao futebol arte e da inteligência convergente, vinculada ao futebol força.

Neste sentido, e baseado em Hall (2002), pode-se afirmar que as identidades são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro, na medida em que a identidade é construída por uma ação da memória coletiva, que lembra e edita os fatos que corroboram a identidade.

Elas se equilibram entre a tentação por retornar as glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. (Hall, 2002: 56).

Soares e Lovisolo (2003: 3) analisam que:

Queremos a volta do futebol de ouro do passado porque pensamos que nele tínhamos mais “Garrinchas, Leônidas, Pelés do que hoje temos Romários, Ronaldinhos e Robinhos”. Esse imaginário alimenta as elaborações e as reclamações sobre a morte do futebol arte, do drible, do lance inesperado, enfim, da criatividade do corpo que resolve sem esquema, sem jogada ensaiada. Resoluções que não se baseiam no trabalho duro, na repetição, na mentalização daquilo que deveria ser feito. Isto parece ser muito cerebral, bem mental, pouco corporal. Entretanto, basta aparecer um drible sensacional como o de Robinho na final contra o Corinthians em 2002, ou o drible de Ronaldinho Gaúcho, que rapidamente tentamos resgatar a identidade ou imagem dos deuses do passado do futebol brasileiro. Ressuscitamos a identidade do nosso futebol, nos conectamos ao passado áureo e começamos a fornecer material para a continuidade da memória coletiva na singularidade de nosso futebol.

Entretanto, esta prática do futebol, que propiciou um conjunto de identidades locais, regionais e nacionais, está contida de dualidades, entre o coletivo e o individual, a arte e a força, o que lhe dá um grau de autonomia ou o que Elias (1990) denominou como um “caráter cego, não planejado de configuração”.

Uma das principais características do futebol brasileiro é a contradição entre o jogo coletivo e o individualismo dos nossos jogadores. Soares e Lovisoló (2003) analisam que como é habitual no país das dualidades, esta dicotomia entre os pólos sempre está viva e disposta a desdobrar-se em dilemas, como criatividade contra a disciplina técnica, intuição contra raciocínio, invenção contra segurança. A contradição que parece se instaurar é que a identidade do nosso futebol, construída a partir do drible, da bela jogada ou do gol sensacional confronta-se com a prática cotidiana do futebol, na medida em que este não é constituído apenas pelos jogadores de habilidade técnica apurada, mas também por atletas que privilegiam a força.

O futebol, enquanto esporte coletivo exige um sentido de formação tática coletiva, em que todos se empenhem ao máximo, em busca de um objetivo comum. Mas a própria estrutura defensiva do adversário e as circunstâncias do jogo fazem com que um ou mais jogadores, em determinadas fases do jogo, se liberem do esquema tático e usem em uma jogada individual, que pode resultar em gol e, conseqüentemente, em vitória. Porém, muitos sistemas levam em consideração, além das características de cada atleta, seu talento. Isto é, sistemas pensados para determinados jogadores, como Romário na Copa do Mundo de 1994.

Os esportes coletivos, de uma forma geral, necessitam contar com um alto grau de autonomia por parte de seus jogadores, que passa necessariamente pela genialidade individual do atleta. E, no caso específico do futebol, é essa imprevisibilidade da ação individual que derruba em grande parte as possibilidades de ação dos adversários.

Na atual estrutura do futebol mundial não basta apenas a habilidade técnica dos jogadores: isto não é suficiente para superar a aplicação tática do adversário. A força do sentido coletivo é que deve ser priorizada. Poder-se-ia pensar que o jogador talentoso é capaz de decidir uma partida em um único lance. Porém, se o técnico consegue fazer com que os demais jogadores se dediquem ao máximo ao espírito de equipe, dificilmente será derrotado.

Quando o coletivo prevalece, geralmente as individualidades acabam aparecendo para decidir. A qualidade individual dos jogadores é um fator importante, mas aliada a um espírito coletivo que envolva todos os integrantes da equipe.

Diante dessas afirmações, poder-se-ia pensar que este estilo brasileiro, entre outros fatores, está ligado à capacidade do jogador se livrar de uma situação adversa, com astúcia e alto grau de percepção e antecipação. O estilo “futebol arte” está freqüentemente associado às palavras ginga, malandro, espetáculo, que identificam a

criação individual e a capacidade de se aliar uma visão e desempenho de conjunto ao mesmo tempo em que preserva a individualidade dos jogadores.

Soares e Lovisolo (2003), numa análise do processo histórico de construção do estilo do futebol brasileiro, afirmam que na definição deste estilo são enfatizadas as habilidades individuais, tornando a disciplina e o jogo de equipe secundários: as capacidades de improvisação e de arranjo de última hora é que produziriam jogadas inesperadas e criativas.

Mas, como estabelecem os autores, para formar uma equipe de futebol não basta escolher os melhores e deixá-los jogar, pois todo time acaba formado por indivíduos de capacidades variadas, sendo necessário organizá-los, ordená-los, discipliná-los e fazer com que joguem de acordo com esquemas e sistemas táticos. Constitui-se uma tensão entre o coletivo e o individual.

Neste sentido, deve-se levar em consideração que as formas e padrões de jogo não são determinados pelas regras, que são universais. A distribuição dos jogadores em campo depende da característica, função a ser exercida e da posição que o atleta vai atuar.

A posição será fixada não somente com certas determinações e prescrições, mas também pelas inúmeras intervenções dos profissionais envolvidos, que estão ligados diretamente aos treinamentos, às qualidades físicas, técnicas e táticas dos jogadores. Onde é procurado aliar o estilo de jogo às táticas pré-estabelecidas. Aliando a utilização de jogadores sem virtuosismo, que conseguem superar a falta de uma habilidade técnica menos apurada por meio do esforço físico, da forte marcação e da disciplina tática, com os considerados habilidosos, astutos, dribladores.

3.1. A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO FUTEBOL ARTE

O “futebol arte” é caracterizado, entre outros fatores, pelo jogador que de forma individual desequilibra a partida com lances de rara habilidade técnica, possuidor de uma inteligência apurada de jogo. Para Salles e Soares (2002), o futebol que nos representa como nação é caracterizado por um estilo alegre, “cheio de floreios e firulas, de toques curtos, alternados com o arroubo de algum iluminado que envolve os adversários com dribles”.

A correspondência entre “futebol arte” e nação não é exclusiva, nem baseada em uma escolha absoluta, mas persiste entre nós combinando-se criativamente com outros modelos e paradigmas.

Leitão et al (1998: 99), preconizam que:

No improviso está a arte. Seja na pintura, na música ou no futebol. Em frações de segundos, o artista da bola, como o artista do pincel e o de sopro, das cordas ou da percussão, cria saídas não previstas pelos manuais e pelas academias. Como a bicicleta de Leônidas, a folha seca de Didi, o voleio lateral de Bebeto, a sucessão de dribles de Garrincha, o calcanhar de Sócrates ou a dança de Ronaldinho diante de goleiros perplexos, jogadas que acabaram se tornando marcas registradas de seus autores. O Futebol-Arte ganha vida nas obras desses artistas. E designa o modo brasileiro de jogar, marcado exatamente pelo improviso. Não que outros países estejam imunes a ele. Mas foi no Brasil que o futebol arte ganhou forma, conteúdo e uma inigualável galeria de criadores e improvisadores.

Mas o futebol é coletivo, de regras universalizadas, no qual a coordenação tática da equipe deveria ser fundamental, como afirmam Soares e Lovisolo (2004: 131):

No Brasil, em contrapartida, o sucesso da equipe é abafado em função do craque, por vezes escolhido por representar as características do estilo nacional. O jogador aparece então, como valor. A idéia de ser o craque, aquele que salva e redime a equipe diante de situações de perigo, é recorrente e o torna herói. Apesar de ser constatada a importância do coletivo, à ideologia do craque-ídolo continua firme no presente.

Para DaMatta (1994: 16), o que caracteriza o futebol brasileiro é o controle e o toque de bola, bem como a ginga, a versatilidade e a intuição de seus jogadores, sendo que a capacidade de improvisar permitiria uma criatividade estética gratuita (como na arte): “O futebol brasileiro representa-se a si mesmo” e é representado, “como uma modalidade caracterizada pelo uso excepcionalmente habilidoso do corpo e das pernas, o que cria um jogo bonito de se ver”.

Ao considerarmos esta afirmação de DaMatta, os jogadores brasileiros, possuidores de uma habilidade técnica rara, jogam bem porque são dotados de supostas qualidades naturais intrínsecas, como o talento individual e o gênio natural, que são expressos pela sua habilidade, malícia e espontaneidade.

Isto nos remete à clássica obra de Marcel Mauss sobre as “técnicas corporais”. “O corpo humano é o primeiro e o mais natural instrumento, ou objeto técnico do homem, ao mesmo tempo em que o meio técnico do homem é o corpo” (cf. Mauss, 1974: 217). O corpo humano é um instrumento universal, colocado à disposição de todos. É o que Mauss denominou de “imitação prestigiosa”, que explica a predominância, no futebol brasileiro, do que se denomina “futebol arte”.

Outro aspecto que demarca o “futebol arte” está associado ao fundamento “drible”, definido como um dos seus aspectos principais, sendo que a improvisação, representada pelo drible, marcaria o futebol brasileiro. Entretanto, como afirma Guedes (1995: 39), “*o senso comum estabeleceu que o “jogador pensa com os pés”. Ao invés da inteligência, toda a genialidade que os craques apresentam seria fruto da intuição*”.

É muito comum, de acordo com Drubsky⁴⁰ (2003), durante os treinamentos e/ou jogos das categorias infantil (Sub 15), juvenil (Sub 17) e júnior (Sub 20), o técnico solicitar, quando o jogador utiliza o recurso do drible, que este sempre tenha como primeira opção o passe e, se estiver próximo à área adversária e em boas condições, chutar para o gol.

A respeito da utilização do drible, Soares e Lovisolo (2003: 2) analisam que:

O drible, ao contrário, aparece como opção ou meio para se atingir o objetivo principal, pois tanto podemos driblar o adversário quanto passar a bola para um companheiro melhor colocado. O passe é um fundamento do futebol, todos os times do mundo treinam o passe. Mas, diz nossa invenção, nós, os brasileiros, teríamos uma especial habilidade para o drible e o escolhemos pela sua beleza que se expressa em sentimentos de alegria. A alegria do drible é posta como dimensão central de nosso estilo de jogar futebol e se correlaciona com a alegria do samba, do carnaval, enfim, com a cor do ser brasileiro.

Considerando tal afirmação, observemos que no posicionamento simbólico do futebol brasileiro, o “futebol arte” é a prática valorizada positivamente no contexto futebolístico. De acordo com Souza (1996), as outras formas de se praticar o jogo, inclusive o “futebol força”, também existem no Brasil, sendo apenas menos valorizadas.

Poder-se-ia pensar, então, que o “futebol força” está implicitamente submetido ao “futebol arte”. Isto se explica, de acordo com Souza, pelo fato do “futebol força” ser considerado uma parte, ou uma esfera do conjunto do futebol brasileiro, que tende a se identificar com o “futebol arte”, valorizado negativamente face ao valor positivo imputado a este conjunto.

Esta questão do “futebol força” estar submetido ao “futebol arte” se explica, na medida em que a identidade se forma pela eleição daqueles aspectos que são estrategicamente escolhidos para demarcarem a diferença.

Para DaMatta (1982) o paradigma do futebol europeu, o “futebol força”, seria um instrumento de coletivização, em nível pessoal ou das massas. Baseado na eficácia

⁴⁰ Ricardo Drubsky será citado em diversos pontos ao longo do texto da tese. Autor do Livro Universo Tático do Futebol. Mas é um interventor no campo, é “um de dentro”, sendo que atualmente está exercendo o cargo de Coordenador Geral das Categorias de Base do Cruzeiro-MG, Além disso, é formado em Educação Física. É um dos atores sociais entrevistados na pesquisa de campo deste estudo.

empírica de seus treinamentos “científicos”, o “futebol força” pressupõe uma disciplina tática e atlética, pois velocidade, resistência, força e objetividade caminham juntas na sua concepção. Os europeus seriam, assim, “duros de cintura”, tendo que privilegiar o jogo em conjunto. Isto seria o oposto do futebol brasileiro, ou “futebol arte”, espécie de futebol “mais individualizado”. Esta comparação entre estilos de prática de futebol demonstram que o “estilo europeu”, ou sua suposta essência, também são representados por DaMatta com base em características supostamente “naturais”.

Quando DaMatta (1982) se refere ao jogo de cintura, está usando uma metáfora para a chamada “arte da malandragem” como forma básica do jogador ser bem sucedido, levando vantagem pela sua capacidade de improviso e criatividade. Um modo de defesa autenticamente brasileiro consiste em deixar a força adversa passar, livrando-se dela com uma simples, mas precisa, finta de corpo. Este discurso que enaltece a diferença do futebol praticado no Brasil em relação aos outros surgiu de uma necessidade recorrente de reconhecimento por parte da imprensa esportiva internacional, e esta demarcação de pertencimento do “futebol arte” está presente tanto nas representações populares quanto nas jornalísticas, bem como nas acadêmicas.

DaMatta (1989: 66) afirma que:

O futebol brasileiro e o europeu são diferentes, porque quando os brasileiros jogam futebol eles revelam uma grande capacidade de improvisação. No Brasil, a ênfase está no time e também na individualidade dos jogadores que, via de regra, têm um sentido de controle de bola bem desenvolvido. Desta forma, o futebol se torna uma fonte de expressão individual na sociedade brasileira.

Ainda considerando esta questão, Tostão⁴¹ afirma que:

Independentemente de pequenas diferenças táticas do meio para frente e das características e qualidades dos jogadores, as equipes de uma forma geral no futebol Mundial estão adotando a mesma postura tática. Todas marcam por setor e com sete ou oito jogadores atrás da linha da bola, arriscando pouco e começam as partidas com cautela para não levar um gol primeiro, valorizam a posse de bola e buscam o tão sonhado equilíbrio perfeito entre a defesa e o ataque. É o futebol globalizado e prudentemente correto. Ainda bem que existem alguns inventivos craques para transgredir o tecnicismo dos treinadores. Não se pode mais dizer, como no passado, que os europeus adoram uma retranca, têm cintura dura e são muito mais altos que só os sul-americanos têm habilidade, que os africanos jogam um futebol inocente, que os orientais são todos baixinhos e só sabem correr e outros clássicos conceitos. Será que ainda existe bobo no futebol?

O futebol, a partir dos processos de globalização, teve as suas formas de jogar universalizadas, com ênfase nos aspectos físicos, no sistema defensivo, na diminuição do espaço para a construção de jogadas, e na valorização do jogo coletivo.

⁴¹ Coluna Tostão, Jornal do Brasil, 20-11-2005. Caderno de Esportes.

Neste sentido, existe espaço para estilos nacionais no futebol globalizado? Gumbrecht (2006)⁴² estabelece que cada país tem seu estilo de jogo. Mas as diferenças são menos claras que há duas ou três décadas, e, o principal motivo para essa maior uniformidade é a globalização do futebol.

Para Vogelsinger (1997)⁴³ embora o futebol seja jogado com as mesmas regras em todo o mundo, o estilo de jogo difere de região para região. Aspectos culturais, étnicos e a história de cada país são fatores que contribuem para as diferenças entre os estilos de praticar este esporte. É um aspecto do caráter, do indivíduo ou do nacional.

Estas diferenças culturais no jogo não podem facilmente ser superadas. A complexidade do jogo aumentou, oferecendo um grande desafio aos técnicos, principalmente no estabelecimento das táticas e estratégias. Porém, o jogo de futebol se tornará como um espetáculo mais atrativo se uma técnica maior puder ser conseguida pelas equipes, principalmente as que enfatizam a racionalidade do jogo. Igualmente, aquelas equipes que confiam na habilidade técnica terão que avançar no uso das táticas, o que exige um condicionamento físico mais versátil e elevado. O jogo é hoje muito mais sofisticado. Os jogadores têm que pensar e agir imediatamente, além de serem fisicamente capazes para dar uma fluidez constante às ações técnicas e táticas do jogo.

Entretanto, é possível identificar um estilo caracteristicamente brasileiro, observado pelos diversos agentes do universo que compõem o futebol, inclusive a imprensa nacional e internacional (Helal e Gordon, 1999). Essa discussão entre as duas representações “arte” e “força”, ganha uma dimensão maior no Brasil, principalmente quando a seleção brasileira está em uma competição importante, a exemplo da Copa do Mundo, e quando, principalmente, colhe um resultado negativo.

Damo (2003: 316) reforça este debate, quando analisa os estilos de jogo:

⁴² Hans Ulrich Gumbrecht - Sociólogo alemão, professor de Literatura Comparada da Universidade Stanford, nos Estados Unidos, e autor do texto: Futebol: fascinação estética e estilos nacionais. Entrevista a Revista Época, de 03/07/2006.

⁴³ Of the Soccer Periodical, 1997, for Hubert Vogelsinger. Demands of the game of Acima-up-Tempo - the challenges to the technician involve methods of training and instruction of the technique. Had access in <http://translate.google.com/t>

Os estilos de jogo, quaisquer que sejam, são objeto de interesse dos agentes sociais, porém não são indistintamente. Assim como as formas/padrões interessam, prioritariamente, aos profissionais (jogadores, técnicos, etc) e aos mediadores especializados (comentaristas, sobretudo), os estilos importam a determinados públicos (torcedores, intelectuais, etc) e, particularmente, em dadas circunstâncias (copas do mundo, por exemplo). Tanto as formas/padrões quanto os estilos são possibilidades a partir das quais um jogo pode ser compreendido, mas não são as únicas e tampouco imprescindíveis. Aliás, é pelo fato dos torcedores permitirem-se olhar para o jogo com diferentes chaves interpretativas que ele torna-se um evento com múltiplas narrativas.

Salles e Soares (2002) analisam que qualquer derrota da seleção brasileira faz surgir uma dissensão interna, através do debate colocado em estruturas de oposição binária que antepõe “futebol arte” versus “futebol força”. Tal dissensão faz reacender na memória a imagem de um passado áureo, marcado pelas vitórias de um estilo de jogo que representava a identidade do brasileiro.

Entretanto, Soares e Helal (2004: 269) alertam:

Chamamos a atenção para o fato de que essa discussão de estilo brasileiro de praticar o futebol raramente aparece nas competições locais. Nas partidas disputadas pelas equipes locais, a mídia valoriza sobremaneira a disposição, a vontade e a determinação dos jogadores. As equipes vencedoras de seus Estados ou do Campeonato Brasileiro são descritas como as mais regulares, determinadas, que jogaram com garra e disciplina tática. O lado estético – futebol arte – só é, de fato, exigido para as partidas da Seleção, mostrando que, quando se trata dela, estamos diante de um universo separado do futebol ordinário vinculado aos seus lugares. Contudo, a memória, em forma de identidade do futebol-nação, é sempre acionada nos eventos de Copa do Mundo, seja no fracasso ou no sucesso.

Soares e Lovisolo (2003: 3) analisam que:

Tudo indica que os dois coros continuarão se desafiando como sintoma de uma época e de um esporte que, como a vida, entrelaça o passado com o presente, a intuição com o raciocínio, a paixão com a razão, o risco da criatividade com a segurança da jogada treinada até a exaustão.

Parreira⁴⁴ em entrevista, argumenta que existe muito saudosismo dos tempos em que o futebol tinha um outro enfoque e exigências diferenciadas das atuais:

Não se pode comparar, por exemplo, as seleções. Pois o contexto é diferenciado. O futebol praticado em 1958, 1962 e 1970 é diferente do jogado a partir da Copa de 1974, principalmente no que se refere às exigências referentes ao sistema tático defensivo, a preparação física e movimentações ofensivas. No mais o que existe mesmo, em muitos casos, é saudosismo.

Neste sentido, Lovisolo (2002: 81) destaca que:

⁴⁴ Entrevista no Programa Linha de Passe do Canal Sporty, no dia 12/04/2004.

O saudosismo é um elemento presente na crítica do futebol dito moderno, comercial, espetáculo ou indústria do futebol, e, é localizável já em escritos produzidos no século passado. Há um coro de vozes que afirmam que o futebol do passado era superior, melhor, mais futebol. Nas versões menos elaboradas, o futebol era melhor porque era original. O saudosista adere ao mito de que as coisas são puras e plenas quando nascem depois começa o deterioro. O tempo passado sempre é o melhor, o saudosista sofre de desencanto do presente.

Este dilema entre “força e arte”, que muitas das vezes parece saudosismo, pode ser evidenciado, entre outras ocasiões, após a Copa de 1966, disputada na Inglaterra, como analisa Florenzano (1998: 23):

Na primeira metade da década de 1960 o futebol brasileiro gozava de uma posição privilegiada no cenário esportivo internacional, devido em boa parte à conquista do bicampeonato mundial de seleções no Chile, em 1962, mas em boa parte, também, devido ao futebol exibido por duas equipes brasileiras nos gramados do país e do exterior. Com efeito, o Botafogo de Garrincha e o Santos de Pelé, nesse período, galvanizavam as platéias e os críticos com um futebol considerado arte. No âmbito interno, a hegemonia fazia-se incontestável. Enquanto a equipe do Botafogo conquistava o bicampeonato carioca em 62/63; o time da Vila Belmiro arrebataava, além do tricampeonato paulista em 60/61/62, os bicampeonatos da recém-criada Taça Libertadores da América e do mundial interclubes nas temporadas de 62/63. Entretanto, a derrota da seleção brasileira no mundial da Inglaterra em 66, prenunciava o advento de uma nova época na história do nosso futebol.

Ainda dentro deste contexto, Helal et al (2003: 68) analisam que:

Se fizermos uma retrospectiva, após a conquista do bi-campeonato, que ocorreu num curto espaço de quatro anos (58-62), os sentimentos de afirmação da identidade do futebol brasileiro, que desde a década de 30 já vinha se desenhando, foram consolidados. Entretanto, como no esporte o diálogo entre passado e presente é permanentemente tenso, a derrota na Copa de 66 foi lida, quatro anos após, como decadência e atraso do nosso futebol. A imagem de atraso é constante na tradição das análises sobre o Brasil que pode ser datada pelo menos desde o Século XIX até nossos dias. A idéia de que a vitória da força predominou sobre a arte em 1966 pode ser traduzida como atraso do nosso futebol em relação às novas tecnologias do treinamento físico e tático.

Desta maneira, na Copa da Inglaterra o Brasil foi surpreendido pelo surgimento de um novo futebol, mais racional, com ênfase no sistema defensivo e na preparação física, que as narrativas acadêmicas e jornalísticas designam como “futebol força”. Várias foram as explicações⁴⁵ para o insucesso do Brasil:

Vendo que era incapaz de vencer o futebol-arte, que constituiu para ele surpresa em 58 e 62 o europeu passou a usar o futebol-força, obtendo excelentes resultados (Zezé Moreira, ex-técnico da Seleção Brasileira).

⁴⁵ In: (Pedrosa,1968,p.17).

Por isso, repito: o Brasil, assim como outros países que desejarem sucesso em disputas internacionais têm de ajustar a sua maneira de jogar aos novos tempos, e adotar o futebol-força. (Zezé Moreira, ex-técnico da Seleção Brasileira).

A metamorfose que se processou no futebol, cuja evolução faz com que as equipes atuais procurem ocupar o mais possível todos os setores do campo, dando combate direto a seu adversário, procurando impedir que ele encontre espaço para jogar (...) concluímos que a condição física constitui fator preponderante para o êxito de uma equipe”. (Admildo Chirol, Preparador Físico do Botafogo na época).

É possível observar como uma campanha mal sucedida em uma Copa do Mundo desencadeia uma discussão a cerca do tema, gerando uma mudança de concepção, como assinala Florenzano (1998: 31):

Aquilo que há bem pouco tempo atrás constituía a virtude do jogador brasileiro repentinamente transmutava-se em defeito. O jogo cadenciado, o estilo clássico, a liberdade dos dribles de Garrincha e de tantos outros passavam a ser classificados agora como lentidão, individualismo, egoísmo e indisciplina.

Para Soares (1994: 95-96):

Na Copa de 66, houve a quebra da trajetória de duas vitórias consecutivas (Copas de 58 e 62), e, a partir daí, cria-se a referência do futebol moderno contrapondo-se com o futebol tradicional. Daí decorre o processo de discussão dos paradigmas da Arte e da Força. O dito futebol moderno teria surgido a partir da Copa de 70, como reflexo da derrota da Copa de 66, constituindo-se numa forte tendência, no final da década de 80. Esta periodização mostra que a década de 70 foi um período de emergência do processo de modernização do futebol brasileiro. A discussão entre a tradição e o moderno, entre o velho e o novo, tem nas Copas, o melhor argumento para justificar a adoção de um dos modelos para o futebol.

Após a conquista do tri-campeonato em 1970, quando o Brasil viria a recuperar o posto de “melhor futebol do mundo” (Soares et al, 2003) e o orgulho nacional (à custa do que os analistas e protagonistas da trama entendiam como reformulação e modernização do futebol nacional), seria disputada a Copa de 1974 na Alemanha. Nesta competição, o Brasil foi eliminado nas Semifinais pela Holanda, considerada a grande surpresa, pelo estilo adotado, e na época denominado como “futebol total”, onde os jogadores não tinham posição fixa em campo.

Florenzano (1998: 111) destaca que:

Se na Copa de 70 o Brasil conquistara a imaginação do mundo com o futebol-arte, agora, quatro anos depois, ele decepcionava a todos com um futebol considerado defensivo, violento e despojado de fantasia, refletindo “a imagem do antifutebol”. Em contrapartida, a Holanda emergia como a vanguarda do futebol mundial, exibindo nos gramados da Alemanha uma forma de atuar revolucionária, ofensiva e criativa.

Zagalo, técnico da Seleção brasileira na Copa de 1974, afirmou que: “perdemos de uma seleção taticamente perfeita e por isso temos que enxergar, é preciso começar tudo de novo, mudar nosso futebol”. (Folha de São Paulo, 5/7/74).

Desta maneira, a Copa do Mundo de 1974 colocaria mais uma vez em dúvida o estilo brasileiro. O futebol brasileiro transformou-se no alvo privilegiado das críticas, como assinala Soares (1994: 102):

Apesar do relativo sucesso, o resultado da Copa de 74 foi encarado como derrota, fez com que o grau de exigência dos brasileiros aumentasse”. Novos sistemas táticos apareceram, e o debate em torno do “futebol-arte” e do “futebol-força”, do antigo e do moderno foi mais aguçado.

Gil (1994) destaca que, a partir de 1974, essa imagem do “futebol arte” entra em crise, devido aos fracassos da seleção, colocando em xeque nossa nacionalidade, com demandas em favor da modernização do futebol brasileiro, que deveria ser mais tático, mais “europeu” e menos “artístico”.

Em 1982, apesar da derrota o futebol praticado pela seleção foi enaltecido, sendo considerada uma das melhores seleções já constituídas, devido ao fato de que mesmo com o fracasso, o Brasil praticou um futebol de acordo com suas tradições, valorizando o toque de bola e o ataque além das jogadas de efeito. O futebol praticado pela seleção foi, segundo Soares et al (2006), apesar de ter encerrado a competição como quinta colocada, lembrada como continuidade ou resgate da Seleção de 70, símbolo do “futebol arte”.

Em 1994, mesmo na conquista do tetra-campeonato nos Estados Unidos, segundo interpretações recorrentes, o título foi alcançado praticando um "estilo" estranho às características valorizadas no futebol brasileiro, tendo sido privilegiadas, segundo as narrativas, a defesa, a disciplina tática e a marcação, em detrimento do ataque e do drible. Soares et al (2006) complementam que o futebol apresentado foi classificado pela mídia como pragmático, de resultados ou “burocrático”, não representando o genuíno futebol brasileiro, sendo que em 2004 quando os jornais lembraram 10 anos desta conquista, minimizaram o valor do título. Em contrapartida, Romário e Bebeto foram super-valorizados, justamente porque praticariam o “genuíno” futebol brasileiro, o “futebol arte”.

Esta situação é analisada por Soares e Lovisoló (2003: 1):

O estilo brasileiro é visto como “futebol arte” e sua expressão central seria o drible e a ginga que se teriam desenvolvido desde sua introdução no Brasil pelo ato de uma apropriação criativa. Para os defensores do futebol brasileiro como arte, a conquista de uma Copa, como a de 1994, pode ter o estranho sabor de vitória que não empolga. Contudo, como é habitual no país das dualidades, existe um outro pólo que afirma que a disciplina, a técnica e os esquemas táticos são fundamentais. Os defensores do estilo brasileiro, não raro, atribuem as mazelas do futebol a decadência do futebol arte. A polêmica entre ambos pólos sempre está viva e disposta a desdobrar-se em dilemas como criatividade contra disciplina técnica, intuição contra raciocínio, invenção contra segurança.

Para Rodrigues (2004: 268):

O estilo brasileiro de jogar entra em crise a partir das últimas décadas do século XX, quando o processo de modernização e comercialização do espetáculo futebolístico implica a necessidade cada vez maior de vitórias. É necessário mudar-se a forma de jogar futebol, adotar um futebol mais competitivo, baseado na aplicação tática e na preparação física, em detrimento da habilidade, magia, ginga. A preparação física é intensificada, formando jogadores mais fortes do que habilidosos. O polêmico debate entre futebol-arte e futebol-força divide os especialistas no assunto, criando correntes antagônicas.

Ao nos remetermos à afirmação de Soares de que, a “arte” e a “força” no futebol passaram a representar duas correntes que se opõem no modo de pensar sobre o estilo de jogar, uma terceira corrente é favorável a uma posição conciliatória entre a “força” e a “arte”.

Esta terceira via é corroborada por Parreira⁴⁶, ao afirmar que:

Todo mundo quer ver os dribles de Ronaldinho Gaúcho, as arrancadas de Ronaldo, as pedaladas de Robinho e a habilidade nos passes de Kaká, mas alguém tem que carregar o piano, principalmente no meio campo. Uma equipe tem que ser constituída por um equilíbrio entre força e habilidade. Em se tratando de Copa do Mundo então, até pela forma na qual é disputada, é necessário contar com jogadores de força, como o Emerson e José Roberto, ou até mesmo como o Dunga e o Mauro Silva, como ocorreu em 1994, para que possamos atingir o equilíbrio necessário nos três setores do campo.

Esta afirmação mostra que este equilíbrio entre “força” e “arte” se transforma, na fala de Parreira, em um instrumento eficaz na busca por vitórias, na medida em que uma equipe, que é constituída por onze jogadores, tem que encontrar este equilíbrio nos três setores do campo: defesa, meio e ataque. Durante uma partida de futebol a equipe alterna os princípios destas duas representações. As próprias circunstâncias do jogo, como a necessidade de vitória, o jogar fora de casa, a perda de um jogador por expulsão, as qualidades do adversário, acabam por influenciar na adoção ou não de um estilo mais racional, metódico, pragmático, com ênfase no aspecto defensivo.

⁴⁶ Entrevista de Carlos Alberto Parreira, Técnico da Seleção Brasileira, ao Programa Globo Esporte da TV Globo, em 23 de março de 2005.

Parreira⁴⁷ destaca que em certos jogos, como os confrontos com Argentina e Uruguai, em decorrência da rivalidade e por praticarem um estilo de jogo semelhante, torna-se necessário contar, além da técnica, com a garra, a vontade, o poder de marcação e a racionalidade. Esta linha de pensamento também é confirmada, em alguns momentos até mesmo pelos jogadores⁴⁸.

3.2. A FORMAÇÃO DE ATLETAS E A RELAÇÃO COM OS ESTILOS DE JOGAR FUTEBOL

Levando-se em consideração a dualidade entre “arte” e “força”, diversos são os aspectos que estão envolvidos no contexto do futebol. Entre estes, destacamos a detecção e seleção de talentos, que vem propiciando uma série de questionamentos nas metodologias de condução deste processo.

Rodrigues (2004: 280) ao analisar esta temática, afirma que:

As mudanças no futebol implicaram a necessidade de novas pedagogias na formação de atletas e no condicionamento tático. Tais pedagogias proporcionariam, além do adestramento e manutenção do preparo técnico, físico e moral dos jogadores, ciclos mais abstratos e sistematizados de assimilação da técnica, bem como mecanismos capazes de incrementar a capacidade de aprendizagem do atleta.

E, daí a realização deste estudo, no sentido de interpretar o significado do processo de formação de jogadores. Estes são fundamentais para o entendimento mais facilmente compreensível dos elementos presentes na detecção e seleção, que dão o contorno ao desenvolvimento do planejamento de trabalho, de maneira a obter uma explicação de suas causas, de seu curso e dos seus efeitos no negócio futebol de base.

Parreira⁴⁹ em entrevista argumenta que várias características são vitais no momento de identificar o perfil ideal de jogador: força física; capacidade de improvisar; velocidade; habilidade técnica; disciplina tática; boa capacidade de marcação; drible; que saiba preencher os espaços vazios, se desmarcando com eficiência; bom de grupo e

⁴⁷ Entrevista ao Programa Arena Sportv, do Canal 39, Sportv, em 28/03/05.

⁴⁸ Entrevista de Robinho, jogador da Seleção Brasileira, ao Programa Globo Esporte da Tv Globo, em 28/03/05. “O importante em uma partida de futebol, ainda mais se tratando de Eliminatória de Copa do Mundo, são os três pontos. Não importa se venceu de um ou de quatro. No futebol, onde existe a obrigatoriedade de vencer e em competições equilibradas, não adianta jogar bonito e empatar ou perder, ou seja, tem que se satisfazer com a vitória, mesmo com um placar apertado, e abrindo mão do futebol técnico”.

⁴⁹ Entrevista no Programa Linha de Passe do Canal Sportv, no dia 12/04/2004.

que saiba relacionar; equilibrado emocionalmente; disciplinado e que saiba utilizar a “catimba” no momento certo.

Os próprios profissionais do futebol admitem que existem diferenças entre os diversos estilos de jogar futebol no Brasil, que disputam a hegemonia do “jogar à brasileira”: a “escola paulista”, a “carioca”, a “gaúcha” e outras mais.

Estes diversos estilos podem ser reforçados nas afirmações de jogadores e técnicos:

Há quatro anos que o futebol paulista deixou para trás todos os outros. E o futebol aqui é diferente lá do Rio. Lá só se pensa na técnica. Aqui, além dessa habilidade, se dá muito valor ao preparo físico. O futebol paulista é mais de chegada. É o que diferencia dos demais. (Edmundo, jogador do Palmeiras – Folha de S. Paulo, 25/01/93).

Não se pode desconsiderar as características regionais do futebol. O futebol-arte, que denota o toque de bola, a criatividade, a improvisação e a malandragem, é algo que foi construído a partir da referência do futebol carioca. Já o futebol gaúcho associa muito sua identidade à raça, à luta, ao jogo coletivo e tático, como os povos platinos. (Zagalo, ex-técnico da Seleção Brasileira).

Existem diferenças visíveis entre os diversos estilos do futebol brasileiro. Trata-se de um país continental, onde a identidade de cada estilo é inevitável, o que acaba por influenciar na seleção e detecção de talentos, na própria tática e na escolha do sistema de jogo. O estilo gaúcho, apesar de contar com jogadores talentosos, e ter conquistado títulos importantes e expressivos no futebol brasileiro praticando um futebol vistoso e bonito, tem uma característica que é semelhante ao futebol platino. Ou seja, muita luta, vontade, marcação cerrada (Luis Felipe Scolari, então Técnico do Grêmio em 1995).

Considerando o eixo central da temática do estilo brasileiro de jogar futebol e sua influência na detecção e seleção de jogadores, dois personagens tipológicos, que estão contidos na obra de DaMatta, segundo Soares (1994), são fundamentais para análise desta questão: o “malandro” e o “Caxias”.

O malandro representa a estratégia de sobrevivência alternativa do indivíduo diante da estrutura formal que cerceia e aprisiona a autonomia. Este tipo é mais admirado por estar a um passo da marginalidade e a outro da estrutura, permitindo manipular as regras em seu próprio proveito, tendo a habilidade de conseguir relativizar os extremos. Por outro lado, o Caxias representa justamente a estrutura, simbolizando o tipo conformista que não transgride as regras.

Assim, cabem as indagações: Até que ponto que estes atores estão presentes no futebol brasileiro? Quais características são levadas em consideração no momento da detecção e seleção de jogadores? Será que o futebol “malandro” é selecionado pelos

critérios de “Caxias”? Quais os critérios que são levados em consideração na seleção dos jogadores?

O futebol brasileiro, quando se analisa a identidade do nosso jogador, está ligado a estes dois tipos, e tratando da questão do “Malandro” e do “Caxias”, como elementos construtores da identidade do jogador brasileiro, surge um questionamento: Que fatores são determinantes no momento de se detectar e selecionar jogadores? Isto nos remete a questão deste estudo, a construção do tipo ideal de jogador na percepção dos observadores, ou seja, daqueles que selecionam e detectam jogadores.

Neste contexto, é possível identificar alguns aspectos presentes no processo de seleção de jogadores. E um deles se refere à questão do estilo brasileiro de jogar futebol. Em que medida a cultura de imagem construída está presente na detecção e seleção de jogadores?

No próximo capítulo, será realizada uma análise da relação do conceito de talento com o contexto do futebol.

CAPÍTULO IV

FUTEBOL E O CONCEITO DE TALENTO

O objetivo do presente capítulo é analisar o conceito de talento e sua relação com a formação de atletas no futebol. É possível observar, que ao longo de sua existência, o mercado em torno do fenômeno futebol passou por inúmeras adaptações e modificações. Isto possibilitou a dinamização e a mudança expressiva nas formas e estilos de praticá-lo. Estas transformações ocorreram em todos os aspectos, interferindo diretamente nos diversos conteúdos que compõem a modalidade: técnico, tático, físico, clínico, psicológico, administrativo e até mesmo de suas regras.

Um destes conteúdos refere-se à detecção e seleção de jogadores, que são pilares na renovação e manutenção do futebol, bem como em qualquer modalidade esportiva. Essa busca visa identificar em praticantes de futebol os requisitos necessários para definir investimentos no processo de formação de atletas.

4.1. O CONCEITO DE TALENTO

A questão relacionada à detecção, seleção e promoção de talentos no esporte, de uma forma geral, tanto no aspecto conceitual teórico quanto no metodológico, parece ser ainda um tema atual e amplamente discutido no mundo inteiro. Especificamente no caso do futebol, é uma temática que tem gerado diversas discussões tanto em nível acadêmico quanto na prática cotidiana dos Clubes.

Howe et al. (1998) concluíram que as diferenças entre as prévias experiências, preferências, oportunidades, hábitos, treinamento e prática são os reais fatores que levam ao alto nível de desempenho, identificaram cinco características do talento:

- 1- É originado em estruturas geneticamente transmitidas, sendo parcialmente inato.

- 2- Os seus efeitos podem não ser evidentes em uma idade muito jovem, porém haverá algumas indicações que permitam aos especialistas detectar este talento antes que algum padrão excepcional de desempenho tenha sido demonstrado.
- 3- Estas indicações precoces do talento dão uma base para a predição dos que irão progredir no esporte, que terão uma predisposição para o sucesso esportivo.
- 4- Apenas uma minoria possui talento se todos tivessem talento não haveria maneira para predizer ou explicar qualquer tipo de sucesso, pois todos seriam do mesmo nível.
- 5- Talentos são relativamente específicos para alguma área: cultural, artística, esportiva, etc.

Helsen et al. (2000) por outro lado, estabelecem que em muitas circunstâncias, o talento é selecionado com base na estatura e no desenvolvimento físico, e não nas habilidades técnicas, táticas e psicológicas, fazendo com que os que possuem um desenvolvimento mais tardio sejam preteridos por aqueles que não têm muito talento, mas que tenham o “porte” de jogador ainda jovem.

Esta é uma situação que ocorre com frequência no futebol, como será analisado no capítulo seis. Devido ao imediatismo e à pressão pela descoberta de novos talentos, esta avaliação inicial aumenta a possibilidade de erro, pois nem sempre aqueles que apresentam determinados requisitos nas categorias infantil e juvenil são aqueles que irão despontar.

Portanto, torna-se fundamental definir o conceito de jogador talentoso. Que atributos são importantes para sua identificação?

Do ponto de vista acadêmico, Weineck (1989: 115) preconiza que:

Talentoso é aquele que, com disposição, prontidão para o desempenho e possibilidades, apresenta um desempenho acima da média comprovada para aquela faixa etária (desempenho este comprovado por competições). Este resultado é obtido graças ao acompanhamento de um treinamento, orientação intencional, ativa e pedagógica, que visa o desenvolvimento do desempenho.

Ainda nessa direção, Gabler & Ruoff (1979: 65):

Talento esportivo, no sentido amplo do termo, é a denominação dada a uma pessoa, que em determinada fase de desenvolvimento (...) mostra determinados pressupostos com condições corporais e psicológicas, as quais com grande probabilidade podem levar posteriormente a um alto desempenho esportivo.

A partir de uma visão acadêmica, pode-se definir jogador talentoso como o atleta que possui habilidades motoras, técnicas, físicas, intelectuais e emocionais, acima da

média de um determinado grupo, sendo identificado por meio de uma já desenvolvida aptidão demonstrada e formada num ambiente esportivo específico, considerando as condições que são oferecidas pelo meio.

Entretanto, mesmo possuindo os requisitos necessários, o talento ainda carece de um processo de desenvolvimento. Daí a importância do treinamento de longo prazo⁵⁰, e da busca cada vez maior, por parte dos clubes para detectar e selecionar jogadores com idade entre 12 e 13 anos, possibilitando o desenvolvimento de um planejamento que possibilite um aperfeiçoamento das qualidades dos garotos selecionados.

Para Bompa (1994), a possibilidade de sucesso de um indivíduo em qualquer modalidade esportiva depende de sua estrutura biológica, da metodologia de aprendizagem, de treinamento e de recursos materiais, físicos, humanos, sociais e culturais do meio, durante os diferentes estágios do processo de desenvolvimento.

Nesta linha de pensamento, Weineck (1989) estabelece que para se obter sucesso no esporte de alto rendimento é necessário, dentre outros fatores, o talento inato e/ou a aptidão do atleta para a modalidade esportiva a ser praticada.

O desenvolvimento do talento, segundo Weineck (2000) é um processo ativo e pedagógico de mudanças, orientado através do treinamento e das condições que o meio oferece, servindo de base para um desempenho esportivo eficaz nas categorias subseqüentes, especificamente a profissional. Isso ocorre em função de que o desenvolvimento do talento requer um planejamento de treinamento que seja dinâmico e com metodologias diversificadas, atendendo as diversas etapas do processo de formação, atualizando-se de acordo com o desenvolvimento do atleta.

Tal situação ocorre mesmo quando o atleta atinge um nível mais elevado na carreira como, por exemplo, ao alcançar a categoria profissional. Talvez por isso o treinamento sistematizado e organizado dentro de uma globalidade, realizado em um longo período e aliado às competições e jogos, sejam considerados pelos atores sociais envolvidos no contexto do processo de formação de jogadores, como parâmetros no reconhecimento de um talento, e não apenas como ocorre no futebol, através de testes executados uma única vez, como na “peneirada”⁵¹.

⁵⁰ Böhme (2000) estabelece que o treinamento em longo prazo pode ser definido como a formação desportiva de futuras gerações de atletas para o esporte de rendimento, sendo que a seleção de talentos desempenha papel fundamental nesse processo, sendo desenvolvido durante um longo período de forma sistematizada e organizada.

⁵¹ As vias de acesso do jogador para um Clube de futebol serão analisadas com detalhes no Capítulo V.

Desta forma, é no processo de desenvolvimento do trabalho de promoção que ele se consolidará, através da melhoria de seu desempenho em todos os componentes que envolvem o treinamento esportivo e de sua adaptação ao meio social e cultural em que está inserido.

Nesta linha de raciocínio Bergamo (2004: 55) entende que:

(...) tão importante quanto selecionar é determinar a possibilidade de estabilidade dos resultados observados, pois a seleção do indivíduo que apresenta os melhores resultados naquele determinado momento, não garante necessariamente a manutenção deste mesmo posto durante o período da vida, quando comparados aos indivíduos da mesma faixa etária, especialmente se estiveram em momentos diferentes de maturação. Com isso, poder-se-ia estar perdendo um talento esportivo por desconsiderar-se as relações entre o desempenho esportivo e a idade biológica do atleta.

Para se obter um resultado satisfatório na promoção de talentos, Franchini (2000) analisa que torna-se necessário levar em consideração variáveis multifatoriais do tipo tática, técnica, aspectos físicos e psicológicos (como motivação para a prática, aderência ao treinamento, autocontrole, autoconfiança e foco de atenção; aspectos sociais, como suporte da família, relacionamentos afetivos, acesso ao treinamento, aspectos econômicos, culturais e identitários).

Ericsson *et al* (1993) preconizam que o talento é apenas uma parcela limitada no desenvolvimento das habilidades, que o nível de desempenho está diretamente relacionado com o tempo de prática e que independentemente de habilidades naturais ou de estrutura biológica, pelo menos dez anos de intenso treinamento são requeridos para se formar um atleta em qualquer modalidade. O desenvolvimento destas habilidades depende do tempo de prática, dos objetivos específicos a serem alcançados e de esforço e dedicação nos treinamentos e competições.

Ericsson *et al* (1993) estabelecem que a predisposição primária, o número de horas que o atleta treina e seu compromisso com os treinamentos estão diretamente relacionados com o nível de desempenho que será obtido pelo indivíduo.

Starkes *et al* (1996) sugerem que mesmo os mais talentosos, para que obtenham êxito no esporte, devem trabalhar excessivamente para alcançar seus objetivos. Com a evolução da preparação física, os níveis de condicionamento são muito semelhantes. O que vai diferenciar os jogadores é o talento individual. Principalmente a habilidade técnica, a capacidade de exercer liderança, entre outros fatores que devem ser analisados dentro do processo de seleção esportiva.

Porém, a obtenção de um alto nível de desempenho de um determinado jogador não é dependente apenas do tempo e das condições oferecidas, mas também de

metodologias de treinamentos que permitam a identificação, a detecção e a seleção dos atletas, possibilitando determinar e desenvolver o seu verdadeiro potencial esportivo. Neste processo não é suficiente apenas reconhecer o talento, mas torna-se imprescindível que o técnico saiba como aproveitá-lo na equipe, procurando explorar suas virtudes e trabalhar no sentido de minimizar suas limitações.

Um desenvolvimento físico precoce apresentado por um jovem jogador é uma característica importante, principalmente nas categorias Sub-13, Sub-14 e Sub-15 que formam a base para a seleção de jogadores de futebol. A maioria dos seres humanos nasce com certa capacidade para ter um nível mínimo de habilidade motora, sendo que por meio da maturação e experiência adquirida ao longo dos treinamentos, talvez seja possível que essas habilidades sejam produzidas e desenvolvidas quase que completamente, possibilitando que alcance as categorias subseqüentes.

Para ser habilidoso é necessário atingir o objetivo do desempenho, fazer com que o resultado seja produzido com um nível máximo de certeza, executando aquela habilidade requerida sempre que necessário, sem contar com a sorte, para que o movimento seja executado da forma correta. Uma das principais características da performance habilidosa é decidir o que fazer e o que não fazer em situações específicas, e tomar decisões rapidamente e com previsibilidade (Helsen *et al.*, 2000).

O reconhecimento dos jogadores de futebol mais talentosos está relacionado diretamente com o desenvolvimento cada vez mais precoce do potencial apresentado pelo atleta. Isto reforça a importância da existência dos centros de treinamentos, visando o trabalho com as categorias de base no futebol, visando reconhecer e desenvolver um maior número de jogadores que possuam os requisitos para a prática do futebol, e que tenham condições de alcançar a categoria profissional.

Talvez por isso, como preconiza Reilly *et al* (2000), a identificação de talentos no futebol é seguida por uma programação sistemática que visa desenvolver as habilidades dos jogadores, aliado a uma grande sistematização do treinamento físico e do condicionamento técnico e tático, guiando-os para que sejam capazes de realizar o seu potencial previamente identificado.

Poder-se-ia pensar que devem ser observadas na seleção de talentos as habilidades, ou seja, as qualidades específicas em relação ao futebol, pois muitas vezes o conceito de talento pode estar baseado apenas em maturação, e não realmente em talento, no que se refere às habilidades técnicas e táticas que o jogador de futebol deve possuir. Vale ainda ressaltar que, é necessário o indivíduo possuir condições físicas e

psicológicas para a prática do futebol, para que uma futura promessa de sucesso possa vir a se tornar realidade.

No futebol existe uma cultura específica que orienta tanto os processos de detecção realizados com maior controle, através de observações, testes, medidas e padrões, como aqueles que apenas são baseados na experiência profissional de treinadores ou de observadores técnicos.

Atualmente, o futebol mundial (Paoli, 2005), está sustentado por cinco elementos:

- 1- A habilidade técnica, que consiste na capacidade do jogador dominar, passar, chutar, cabecear e driblar com eficiência em espaços reduzidos, sob pressão do adversário e em velocidade. A utilização destes fundamentos vai depender da exigência momentânea da partida;
- 2- A inteligência de jogo, que constitui a capacidade do jogador perceber as ações do jogo como um todo, antecipando as ações dos adversários e colegas e tomando a decisão mais correta de acordo com a situação do momento;
- 3- O equilíbrio emocional, que está centrado na capacidade do jogador se manter equilibrado emocionalmente, mesmo nas situações adversas, pois somente desta forma, o jogador poderá pensar, agir e reagir de uma forma mais equilibrada, contribuindo para a tomada de decisão mais eficaz.
- 4- A condição física, fator preponderante para que o jogador possa executar os fundamentos técnicos e as ações táticas durante o jogo;
- 5- As regras do jogo que têm uma relação muito próxima com o desenvolvimento das ações táticas durante a partida. Apesar das poucas modificações ao longo da existência do futebol, as que ocorreram, a exemplo do impedimento, do goleiro, da substituição, entre outras, foram importantes para que o jogo pudesse ganhar em dinamismo.

Considerando estes cinco fatores, o desenvolvimento dos componentes que envolvem o treinamento do futebol, bem como as exigências em nível de resultados o equilíbrio tático ofensivo e defensivo, fizeram avançar, como uma das condições de otimização da preparação no futebol, a tarefa de seleção de jogadores dotados dos requisitos necessários para o desempenho das funções que a profissão exige.

A detecção de talentos no futebol tem como fim identificar atletas com potencial para o alto nível de desempenho. Tal processo é iniciado nas categorias de base, de maneira a contribuir para formá-los e torná-los atletas competitivos, capazes de obter

bons resultados em competições, e que possam atingir a categoria profissional e, se tornar um bom “produto” para negócios.

O processo de formação do talento, considerado atualmente como eficaz⁵², tem relação direta com a estrutura física e metodológica oferecida para o treinamento. Os especialistas⁵³ acreditam que o sucesso no futebol depende de inúmeros fatores externos, tais como estrutura de treinamento, equipe multidisciplinar, além de fatores pessoais, sociais e culturais do próprio atleta.

Embora o uso do conhecimento científico tenha parte importante nesses processos, ainda não se conseguiu uma metodologia totalmente fidedigna para realizá-los. A busca de jogadores de futebol talentosos e o seu posterior desenvolvimento se encontram ainda em significativa dependência da avaliação subjetiva e do bom senso dos técnicos e/ou observadores.

Montagner & Silva (2003: 188) estabelecem que:

Estudos sobre a seleção de talentos demonstram que sua prática está associada diretamente ao treinamento em longo prazo⁵⁴, fazendo de sua característica um processo pedagógico e metodológico que requer tempo suficiente para ensinar, treinar e selecionar indivíduos que se apresentem superiores nas qualidades específicas para o esporte que os demais. Ao avaliarmos modalidades esportivas específicas, no caso o futebol, é possível notar que características particulares do jogo e o contexto cultural no qual está inserido implicam refletir sobre a sua prática. As pesquisas mais recentes sobre a seleção de talentos no futebol mostraram que o tipo de processo voltado ao treinamento e a seleção de talentos apresentado na literatura não se “encaixa” no atual quadro organizacional que os clubes brasileiros de futebol geralmente vêm desenvolvendo. Mas, se considerarmos que as informações teóricas são de conteúdo fundamental para o desenvolvimento racional de uma categoria de base em um clube de futebol, pode-se por hipótese, entender que estamos “desperdiçando” jovens valores por falta de uma estrutura organizacional apoiada em pressupostos metodológicos e científicos já concebidos e conhecidos pelos pesquisadores das Ciências do Esporte.

O processo de detecção e seleção de talentos, independente da modalidade esportiva, está relacionado aos fatores social, cultural, econômico, ético, pedagógico, etc. No caso específico do futebol, este processo é dinâmico com o objetivo de identificar o jogador que esteja próximo do tipo considerado ideal para a sua prática.

⁵² Ao longo da descrição do texto, as palavras eficiência e eficácia serão citadas diversas vezes. Neste sentido, de acordo com Gandin (2005: 17): “os dicionários não fazem diferença suficiente entre eficácia e eficiência. Deve-se verificar que o planejamento deve alcançar não só que se façam bem as coisas que se fazem (chamaremos a isso de eficiência), mas que se façam as coisas que realmente importa fazer, porque são socialmente desejáveis (chamaremos a isso de eficácia)”

⁵³ Profissionais envolvidos diretamente com o futebol: Ricardo Drubscky, Vanderley Luxemburgo, João Paulo Medina, Carlos Alberto Parreira, entre outros.

⁵⁴ A expressão treinamento em longo prazo é uma designação encontrada em Bohme (2000) e a sugere a compreensão do processo de formação desportiva de futuras gerações de atletas para o alto rendimento.

Diversos são os fatores que influenciam na busca deste tipo desejado de jogador. Entre eles, é fundamental que tenha identidade com os estilos e a imagem socialmente construída, especificamente pelo futebol brasileiro.

Em décadas passadas não havia muita necessidade de fenômenos precoces serem promovidos à categoria profissional. Hoje os clubes investem na precocidade porque não há mais tempo nem recursos financeiros para esperar que os jovens jogadores amadureçam e apareçam. No futebol brasileiro o projeto de jogador é o garoto que passa de “juvenil promissor” a revelação da semana, sem qualquer estágio intermediário. Precocidade não é mais fenômeno, mas uma estratégia que os clubes são obrigados a utilizar.

Antigamente se hesitava em lançar garotos com potencial entre os profissionais para não pular etapas do processo de formação. Porém, na crise financeira em que estão mergulhados os Clubes de futebol no Brasil e na ânsia de identificar um talento de forma mais precoce possível, não há mais lugar para este tipo de princípio. Não havia uma questão econômica tão determinante. Hoje tanto as famílias quanto os clubes pensam no futebol como salvação financeira.

4.2. AS ETAPAS DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO TALENTO

É importante definir as etapas que compõe o processo de desenvolvimento do talento.

A literatura específica da área preconiza três etapas para o processo de formação de atletas. Entretanto, com base na coleta dos dados para este estudo, nos sete clubes pertencentes à amostra da pesquisa foi possível perceber que o planejamento de trabalho das categorias de base é caracterizado como de longo prazo, desde o momento em que um jovem é detectado como possuidor de habilidades motoras, que o diferencia dos demais para a prática do futebol, até o momento em que é considerado um possível talento.

Porém, nem sempre aqueles que atingem um maior nível de desempenho nas categorias Sub 15 (Infantil) e Sub 17 (Juvenil), serão aqueles que irão jogar na equipe profissional.

Este processo de formação envolve seis fases: a oportunização, a detecção, a seleção, a promoção, a exposição e a comercialização. Cada uma delas é considerada fundamental na estrutura organizacional do futebol.

4.2.1. Oportunização

Nesta etapa são oferecidas as condições para que os garotos possam se apresentar e ter o acesso, a oportunidade de mostrar suas qualidades. Os clubes que fizeram parte deste estudo oferecem estratégias diferenciadas. O Atlético-PR e o Cruzeiro-MG possuem convênios com diversos clubes, associações e empresários. O Goiás, o Grêmio e o Internacional oferecem as escolinhas, que são divididas em duas áreas: a recreativa, em que os garotos, sócios ou não do clube, pagam uma taxa mensal. A outra é denominada de formação, onde os garotos que demonstram um melhor desempenho são recrutados para as seleções de acordo com a faixa etária.

4.2.2. A detecção

Desde o surgimento do futebol no Brasil, até os dias atuais, diversas formas⁵⁵ de detectar e selecionar jogadores foram utilizados. No início, era comum a observação nos campos de várzea, que praticamente deixou de ser aplicada, talvez porque naquela época este era o único expediente utilizado pelos interessados na prática do futebol, ao contrário do que ocorre hoje, com o surgimento de outros modelos em decorrência da própria evolução dos componentes exigidos pela modalidade e a concorrência do mercado.

O conceito de detecção está diretamente ligado à descoberta de futuros jogadores que não estejam envolvidos no futebol de um outro clube, para que seja possível realizar um trabalho em longo prazo. Ao contrário de se contratar jogadores já em fase final de formação, o ideal seria detectar e selecionar os garotos, de preferência com idade para as categorias Sub 12, Sub 13, Sub 14 e Sub 15. Isto vai possibilitar um trabalho em

⁵⁵ As vias de acesso serão analisadas com detalhes no Capítulo V.

longo prazo, podendo resultar em uma identificação maior do jovem atleta com o clube, além de permitir uma formação mais próxima da exigida pelo futebol moderno.

Entretanto o mercado tem outro tipo de princípio⁵⁶, principalmente os clubes de maior projeção, que estão preferindo contratar o atleta já praticamente pronto, a partir dos 16 anos, em decorrência principalmente da Lei Pelé⁵⁷.

A etapa da detecção está diretamente relacionada aos meios utilizados para encontrar e identificar um número expressivo de jogadores, via de regra crianças e adolescentes que apresentem as competências e habilidades técnicas, físicas e táticas para ingresso em um programa de formação esportiva geral básica (Carl, 1988; Gabler & Ruoff, 1979; Weineck, 1999).

A detecção do talento é realizada através de observações, da aplicação de testes e estratégias organizadas por diferentes Clubes, em diferentes camadas da população. E, dependendo da modalidade, em diversos contextos, como na área escolar ou entidades esportivas (clubes, centros educacionais, etc.).

Porém, na identificação do talento, de acordo com os especialistas, deve ser feita uma análise que leve em consideração todos os fatores envolvidos com a prática do futebol, pois a complexidade destes fatores e os problemas metodológicos associados com a identificação podem impedir que o talento seja descoberto apenas pela análise de um único fator, como por exemplo, a habilidade técnica e/ou o biótipo. (Williams & Reilly, 2000).

4.2.3. A Seleção

Com as mudanças nos aspectos físico, técnico e tático os clubes de futebol foram obrigados a adotar outros processos para a seleção de novos jogadores.

A etapa da seleção pode ser definida como a denominação dos meios utilizados para a determinação dos indivíduos que têm condições em determinado momento e período, de serem admitidos/aceitos em níveis mais elevados de treinamento em longo prazo em determinada modalidade esportiva, a qual objetiva um desempenho esportivo de alto nível (Carl, 1988; Gabler & Ruoff, 1979; Weineck, 1999).

⁵⁶ Será abordado com maior profundidade no Capítulo V.

⁵⁷ Será analisada com maior profundidade no Capítulo V.

A seleção envolve um processo continuado de identificação de jogadores que demonstraram níveis iniciais elevados para a inclusão em um determinado clube e uma respectiva posição. Envolve a escolha do mais apropriado indivíduo ou grupo de indivíduos aptos para a modalidade dentro do seu contexto, pois cada modalidade conta com suas peculiaridades e características próprias.

Durante a procura de talentos esportivos convém atentar para as diversas condições e fatores que podem ser característicos do bom desempenho.

Hahn (1989) define alguns fatores que influenciam o desempenho esportivo:

- 1- Requisitos antropométricos (tamanho do corpo, peso, proporções);
- 2- Características físicas (resistência aeróbia e anaeróbia, força máxima e rápida, velocidade de ação e reação, flexibilidade);
- 3- Requisitos técnicos motores (capacidades coordenativas e os fundamentos técnicos específicos);
- 4- Capacidade de aprendizagem (capacidade de compreensão, observação e análise);
- 5- Prontidão para o desempenho (prontidão para o esforço, disciplina, aplicação ao treinamento, tolerância a frustrações);
- 6- Capacidades cognitivas (concentração, inteligência motora, criatividade, tática);
- 7- Fatores afetivos (prontidão para competições, severidade e capacidade de controle do estresse durante as competições); e,
- 8- Fatores sociais (capacidade de assumir um papel/função dentro de um trabalho em equipe, capacidade de trabalho em equipe).

Nesta seleção, alguns aspectos a serem avaliados podem servir como critério de inclusão, como a escolha de jogadores devido à necessidade que a equipe possui, observando características físicas, técnicas, táticas e psicológicas.

4.2.4. A Promoção

O terceiro aspecto refere-se à promoção de talentos que são as medidas objetivas, as condições estruturais, físicas, administrativas para o desenvolvimento das capacidades e habilidades esportivas em jovens talentosos para o esporte. É a utilização dos procedimentos de treinamento e outras medidas que levam os talentos esportivos a

atingir o seu desempenho esportivo ótimo, ideal, em longo prazo, de acordo com a modalidade esportiva considerada (Weineck, 1989).

Esta etapa engloba o processo de acompanhamento do desenvolvimento do atleta, tendo que se levar em consideração o desempenho do jogador nos aspectos físicos, técnicos, táticos, psicológicos e os resultados de participação em competições. Aliada a estes aspectos, a promoção do talento está diretamente ligada às condições que são oferecidas, e a do treinamento sistematizado e em longo prazo.

Os jogadores, de uma forma geral, são descobertos com idade cada vez mais precoce, geralmente aos 11 e 12 anos, entre aqueles que participam de jogos em diferentes competições, classes, várzea, bairros, ligas, federações, comunidades, municípios, escolas, região etc. e que apresentam grau de habilidade elevada e potencial para serem encaminhados aos clubes para o máximo desenvolvimento técnico.

Desta forma, é importante considerar as três fases importantes no desenvolvimento do treinamento em longo prazo, preconizadas por Bloom (1995): iniciação, desenvolvimento e aperfeiçoamento. Seu trabalho sugere que o envolvimento social ajuda a modelar os jovens talentos nos vários estágios de desenvolvimento que se encontram. A implicação é a de que o papel de membros da família e mentores é mais importante que qualquer habilidade nata que a criança tenha. Criar um ambiente apropriado para que o talento seja desenvolvido pode ter um papel mais importante do que a hereditariedade (Salmela, 1996). Talento inerente talvez seja necessário, mas é insuficiente para prever um eventual atleta de sucesso.

4.2.5. A Exposição

É a etapa na qual o atleta tem a oportunidade de mostrar suas qualidades nas competições existentes nas categorias de base. É no momento da competição, principalmente as que exigem um maior desempenho que o atleta se destaca. Os empresários têm utilizado as competições para colocar os seus jogadores em evidência, possibilitando, futuras negociações com os clubes brasileiros e/ou para o exterior. Os próprios clubes também utilizam-se de tal estratégia, procurando participar de competições em nível estadual, nacional e internacional

4.2.6. A Comercialização

Etapa em que ocorre o processo de comercialização dos atletas, sendo negociados de preferência para o mercado internacional, prioritariamente para o futebol europeu.

Poder-se-ia pensar que todo o processo de planejamento de treinamento, independente se este está relacionado ao clube e/ou empresários é a negociação dos jogadores. É uma forma de gerar recursos financeiros para a subsistência do negócio.

4.3. A FORMAÇÃO DO JOGADOR DE FUTEBOL

Medina (2006) preconiza que aos poucos os profissionais envolvidos com o futebol profissional vão se distanciando do senso comum e entendendo que o “jogador talentoso”, o “craque”, o “*fora de série*” não é mais aquele que apenas reúne habilidades motoras específicas para a prática do esporte.

O futebol, até a década de 60 do século passado, baseava-se essencialmente na habilidade técnica e no jogo individual. Aquele que dominava algumas habilidades técnicas, tais como o drible, conseguia se destacar em relação aos demais jogadores, sem necessitar de outras qualidades. Posteriormente a este período, da ênfase na habilidade técnica, o futebol passou a conviver com a fase onde a preparação física ocupou quase todos os espaços. O futebol se tornou mais veloz, com maior contato corporal e com disputas físicas mais intensas.

Para Florenzano (1998), em meados de 1960 surge uma nova prática de formar jogadores e inovar o processo pedagógico de ensinar futebol. Criam as categorias de base, com a intenção de “produzir” atletas para os clubes. Para o autor, esta necessidade de formar o jovem dentro do clube começou ligada à crise futebolística instalada na Copa de 66 e à necessidade de “formar” futuros atletas e potencializar-lhes os requisitos necessários para aquisição da forma física, técnica e tática. Foi a partir daí, segundo Florenzano, que alguns clubes adiantaram-se a esta nova imposição do futebol moderno, ou seja, passaram a formar o jogador dentro dos limites das exigências do próprio clube, e tornaram-se os primeiros a inaugurar este departamento voltado para a formação de futuros atletas.

A partir da década de 80 é possível notar uma mudança acentuada em relação às esquematizações táticas e às estratégias de jogo, e a consequência disto foi que os treinadores começaram a ter maior importância no desempenho das equipes. Estes, juntamente com suas comissões técnicas, cada vez mais multidisciplinares, começaram a buscar uma integração dos fatores físicos, psicológicos, técnicos e táticos para conseguirem melhores resultados.

Atualmente, sem desprezar tais fatores, vivemos um momento onde se destaca a necessidade de cuidadosos planejamentos de curto, médio e longo prazos e, sobretudo, de investimentos nas atitudes (psicológica, emocional, social, cultural) dos atletas, que devem ser cada vez mais profissionais, sem perderem seu potencial técnico criativo. Este é um dos grandes desafios dos especialistas interdisciplinares nestes tempos atuais (Medina, 2006).

O mesmo autor destaca, ainda, que os grandes clubes do Brasil e do mundo, que possuem técnicos e profissionais qualificados, estão procurando superar a visão ainda espontânea e empírica de formação do atleta de futebol, substituindo-a por um novo modelo, ainda em construção, apoiado na integração das diversas áreas científicas (técnica, motricidade, fisiologia, nutrição, biomecânica, psicologia etc.).

O futebol, da maneira que está sendo jogado, onde todos atacam e defendem, demanda tais requisitos sem prescindir do talento, da aptidão técnica necessária, pois é a soma das capacidades que vai definir um bom jogador. Não basta o atleta ser apenas hábil; da mesma forma, jogador só de força, também não é de grande valia, pois o talento pode ser medido pela presença dos valores físicos, técnicos, táticos e psicológicos, conforme discutimos anteriormente.

O talento é uma qualidade que no futebol aglutina tanto a força, a velocidade, quanto a habilidade técnica num conceito dinâmico. Uma nova concepção futebolística é que a arte ou a habilidade técnica passou a significar apenas uma parte do próprio futebol, pois é o todo que viabiliza a possibilidade de manifestação. É cada vez mais importante, como afirma Medina (2006), a competência dos treinadores em saber dosar e equilibrar o treinamento, de maneira a possibilitar o desenvolvimento das virtudes essenciais ao futebol, tanto físicas, como técnicas, táticas e psicológicas.

Neste sentido, as categorias de base dos clubes de futebol devem permitir a possibilidade de aperfeiçoamento das habilidades dos garotos, com especial atenção para as correções de eventuais “vícios” na aplicação do gesto motor, conscientizando o jogador da importância da predisposição ao trabalho físico, técnico e tático, e do

respeito às normas disciplinares do clube e do mercado de trabalho. Isto se deve ao fato de que o processo de formação de jogadores depende essencialmente da sua promoção nas categorias de base, pois serão estas que vão gerar os futuros jogadores.

Damo (2005: 14) estabelece que a formação/produção de futebolistas é constituída por um conjunto de elementos entre os quais se destacam:

- 1- Os espaços físicos, denominados de centros de formação, e/ou os centros de treinamentos com seus suportes (albergues, campos de treinamentos e vestiários, entre outros);
- 2- As técnicas de recrutamento e seleção de talentos precoces, que estão cada vez mais sofisticadas em razão da concorrência e dos princípios de organização para o trabalho, que estão articulados a partir dos investimentos econômicos e dos interesses políticos dos clubes ou de empresas;
- 3- As tecnologias de preparação/treinamento para os jogos e para o exercício da profissão que estão ajustadas conforme a disponibilidade e as exigências do clube;
- 4- Os ex-jogadores e ou profissionais com diploma universitário; as redes de agenciamentos, implicando toda a ordem de indivíduos que gravitam no entorno dos talentos na expectativa de lucrar;
- 5- Os ganhos milionários aos quais alguns deles têm acesso;
- 6- As normas legais decorrentes de acordos entre os centros formadores ou impostas a estes pelo Estado, visando disciplinar (ou não) os procedimentos em relação à tutela de menores.

Enfim uma série de elementos que ditam os procedimentos e demarcam a especificidade do processo de formação de jogadores, com a função de abastecer o mercado futebolístico de jogadores, atendendo às demandas dos clubes (Damo, 2005).

Para Kunz (2003), esta nova prática de detectar, selecionar e de promover talentos pôs fim à velha frase que “*o jogador brasileiro já nasce feito*”. O autor afirma que o futebol moderno rompeu com o surgimento de jogadores advindos da várzea, jogadores que sem dúvida traziam consigo, a criatividade, a liberdade, a malandragem do jogo, a alegria do futebol, que sobravam nas peladas descompromissadas.

Florenzano (2003) afirma que com as novas exigências, direcionamentos e (re)ordenamentos do futebol, tornou-se imprescindível passagem do futuro atleta pelas

escolinhas do futebol e/ou categorias de base, administradas e operacionalizadas por especialistas.

Com a exigência atual de formar novos jogadores, tal espaço sofre intervenções de diversos atores sociais, entre eles os empresários e os observadores técnicos, que passaram a identificar novos talentos e a intermediar a relação entre os jogadores e os clubes. Muitos destes agentes estruturaram seus próprios clubes e centros de treinamento.

Apesar de avanços no contexto estrutural dos clubes, torna-se necessário uma avaliação por parte destes do processo de detecção e seleção de atletas⁵⁸, na medida que estes modelos foram se modificando, de acordo com a evolução da preparação física, dos sistemas táticos ofensivos e defensivos e da condição técnica, psicológica e clínica exigida do jogador para a prática do futebol. Houve transformações no campo estrutural com o advento do profissionalismo e dos interesses econômicos.

Como em toda profissão, um dos requisitos mais importantes para desenvolver e executar as funções técnicas específicas exigidas é a competência. Entre outros atributos, a competência aliada às qualidades e características do profissional, é imprescindível.

⁵⁸ Assunto será abordado com profundidade no Capítulo V.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DO FLUXO DE JOGADORES NAS CATEGORIAS DE BASE DO FUTEBOL

O presente capítulo tem como objetivo, descrever e compreender como ocorre o acesso e o desenvolvimento do fluxo de jogadores nas categorias de base do futebol brasileiro. O levantamento de informações a respeito deste processo poderá contribuir para a identificação da estrutura organizacional e o entendimento relacionado ao desenvolvimento deste processo. A partir das respostas obtidas nas entrevistas com os atores sociais, construímos uma discussão teórica a respeito desta temática.

5.1. OS COORDENADORES TÉCNICOS NA ESTRUTURA DO FUTEBOL DE BASE

A função dos coordenadores técnicos é supervisionar todo o trabalho realizado nas categorias de base. Este profissional é o responsável direto pelo planejamento; pela organização do treinamento; pela contratação dos membros das comissões técnicas; pela avaliação do planejamento de trabalho; pelo controle de todas as variáveis que envolvem o campo técnico; pela coordenação do processo de detecção, seleção e promoção dos jogadores nas diversas categorias.

Este profissional funciona na estrutura dos clubes como um elo entre a categoria profissional e as de base. De acordo com os atores sociais o relacionamento da comissão técnica da equipe profissional com as de base, depende da filosofia de trabalho do técnico da equipe principal, e das diretrizes estabelecidas pela diretoria, no que se refere ao aproveitamento dos jogadores das categorias de base.

Outra função relevante dos coordenadores técnicos é possibilitar os meios para a unidade do trabalho desenvolvido pelos técnicos das seis categorias que compõem a base: Sub 12 (Pré-Mirim), Sub 13 (Mirim), Sub 14 (Pré-Infantil), Sub 15 (Infantil), Sub

17 (Juvenil) e Sub 20 (Júnior), fazendo com que os profissionais das comissões técnicas não atuem de forma integrada. O trabalho de uma comissão técnica na base é dependente da categoria anterior, e o planejamento é todo voltado para atender e suprir as necessidades das categorias subseqüentes.

Neste sentido, houve consenso entre os técnicos de que esta uniformização do plano de trabalho é complexa, na medida em que envolve aspectos mais qualitativos e de difícil mensuração, como os fatores táticos e psicológicos. A uniformização do plano de trabalho dos preparadores físicos torna-se mais fácil, pois existe uma padronização de testes e métodos para o desenvolvimento das capacidades físicas, preconizadas pela ampla literatura específica da preparação física. Além disso, os dados são quantitativos.

Entre os técnicos, observamos que tal unidade se torna dependente da idéia tática de jogo de cada um, variando substancialmente os métodos de treinamento, a forma de conduzir e dispor uma equipe em campo, e mesmo dos sistemas táticos que são empregados.

Outro fator que deve ser levado em consideração é a questão da formação acadêmica. Para exercer a profissão de preparador físico, há um consenso de que o profissional tenha formação em Educação Física⁵⁹, enquanto no caso dos técnicos não há essa exigência. Pode ser um ex-atleta, com formação acadêmica ou não, ou um Professor de Educação Física com passagem pelas categorias de base de um determinado clube. Embora essa representação esteja mudando, pode-se afirmar que o ex-jogador ainda acumula mais capital simbólico no exercício da profissão.

5.2. OS OBSERVADORES TÉCNICOS NA ESTRUTURA DO FUTEBOL DE BASE

A outra fonte desta pesquisa foram os “observadores técnicos”, que são profissionais contratados pelos clubes que estão inseridos na atual estrutura organizacional, mantendo dedicação exclusiva ao clube e tendo como função, observar, detectar e selecionar jogadores nas diversas competições que são organizadas no país. Pesquisam *in loco* o surgimento de novos talentos.

⁵⁹ Nos Clubes, pertencentes à amostra desta pesquisa, os Preparadores Físicos de todas as categorias possuem Graduação em Educação Física.

Os clubes e as agências de jogadores⁶⁰ contam atualmente com este profissional na estrutura organizacional. É uma nova profissão que se consolidou no mercado, devido ao crescimento do interesse pelas categorias de base, tanto pelos empresários quanto pelos clubes.

A profissão de observador técnico passou a ser tão importante quanto a dos técnicos, ou até mais, dependendo do objetivo do clube. Este profissional assumiu um papel significativo em todas as categorias. No caso das agências de jogadores, os empresários gerenciam a parte administrativa. Mas quem avalia e realiza o trabalho de campo são os observadores técnicos.

Os clubes pertencentes à amostra desta pesquisa, exceto o Goiás-GO, mantêm um departamento de captação de jogadores, que é um setor de detecção de talentos. De acordo com as percepções dos Coordenadores Técnicos entrevistados, os clubes estão tendo a preocupação de estruturar este departamento na medida em que, devido os investimentos financeiros, cada vez mais é necessário profissionalismo e um critério mais rigoroso na seleção e detecção de novos jogadores, além da presença cada vez maior dos empresários.

Trabalham em média com cinco observadores técnicos e um coordenador. Em geral, são contratados como funcionários do clube em regime de dedicação exclusiva. A habilidade para o exercício dessa função exige que, além de ser um *expert*⁶¹ em futebol, o observador técnico (olheiro) tenha experiência com o trabalho das categorias de base. Os ex-atletas são, em geral, escolhidos para essa função, mas, há muitas exceções, havendo também, entre eles, profissionais com formação em Educação Física, mas com experiência na área do futebol. Os clubes têm uma diretriz de trabalho voltada para mesclar educadores formados com ex-jogadores

A função de observador técnico exige viagens aos pontos mais variados do Brasil, para acompanhar competições nacionais⁶² das categorias de base e agendar testes

⁶⁰ Empresas que prestam serviços de agenciamento de jogadores e técnicos de futebol. São organizações que surgiram em consequência da profissionalização, mercantilização e do aumento do fluxo de comercialização de jogadores, tanto no mercado interno quanto no externo. Estas empresas têm como função prestar assessoria aos jogadores e técnicos, quanto à administração de suas respectivas carreiras, desde as categorias de base até a profissional.

⁶¹ Aquele que possui aptidões ou conhecimentos especiais. Profissional experimentado, que tem perícia; hábil; sábio.

⁶² Atualmente existem diversas competições em vários estados do País, entre elas se destacam:

- 1- Categoria Sub-20: Taça São Paulo de Futebol Júnior (SP) – Taça Belo Horizonte de Futebol Júnior (MG) – Campeonato Brasileiro Sub-20 (Promovido pela CBF a partir de 2006).
- 2- Categoria Sub-17: Copa Santiago de Futebol Juvenil (RS) — Torneio Estado do Rio de Janeiro de Futebol Juvenil – Copa Cidade de Promissão de Futebol Juvenil

para os jogadores que se destacarem. O foco é a contratação de atletas a partir dos 14 anos com potencial a ser desenvolvido nos respectivos Centros de Treinamento dos Clubes.

E, entre os requisitos exigidos para se tornar observador técnico, de acordo com os Coordenadores das categorias de base entrevistados, é necessário: “ser competente para observar. Ter experiência. Boa capacidade de observação, ter ética”.

O conceito de ética, para os atores sociais, significa que o observador técnico ao detectar o talento deve conduzi-lo ao clube com o qual mantém um contrato, seja este formal ou não. No que se refere à competência, o profissional deverá possuir vivência suficiente para identificar todos os aspectos exigidos de um jogador de futebol, tais como: físico, técnico, tático e psicológico, o que conseqüentemente exigirá uma boa capacidade de observação.

A inclusão deste profissional no contexto organizacional permitiu aos clubes entrarem na disputa direta pelos talentos, procurando antecipar-se às agências de empresários. Ao procurar as jovens promessas onde elas surgem, favorecem a negociação de clube para clube, simplificando o processo de contratação e evitando a intermediação dos empresários.

A função dos observadores técnicos é fundamental na estrutura organizacional dos clubes e se consolidou no mundo dos negócios do futebol. Eles podem prestar seus serviços profissionais tanto para os clubes quanto para as agências de jogadores, comandadas pelos empresários.

5.3. O PAPEL DOS EMPRESÁRIOS NO FUTEBOL

No atual cenário do futebol brasileiro, o empresário ocupa um espaço considerável nesta fatia do mercado. É um profissional que está presente em outras modalidades esportivas, assim como na música, no cinema, na televisão, entre outros. Especificamente no futebol, é um profissional autônomo, geralmente com bom trânsito no mercado esportivo e contato com atletas, em disponibilidade ou não, e clubes que necessitam de jogadores com determinadas características.

3- Categoria Sub-15: Copa Brasil de Futebol Infantil – Etapa Nacional da Copa Nike Infantil - Copa Londrina de Futebol Infantil (PR) – Copa Votorantin (SP) de futebol Infantil.

O empresário atua na intermediação das negociações, representando o jogador junto ao clube, negociando seus contratos de trabalho e transferências. Além disto, pode assessorar o jogador em assuntos pessoais, profissionais (marketing, direitos de imagem, etc), econômicos, fiscais e legais. Ele representa atletas e clubes nas transações nacionais, internacionais e outros tipos de negócios profissionais. É função do empresário buscar opções para negociar atletas, encaminhá-los para clubes, detectar e contatar atletas em disponibilidade, negociar as condições de transferência, entre outras atividades similares. Alguns agentes se dedicam ao recrutamento de novos talentos e cuidam de seu encaminhamento ao primeiro emprego.

A figura do empresário no futebol, como afirma Medina (2006), está presente há décadas no Brasil e no mundo. E, segundo o autor, dois aspectos foram decisivos, dando novos contornos a esta categoria profissional nos últimos anos. No contexto nacional surgiu a Lei Pelé⁶³, que extinguiu a Lei do “passe”, permitindo que empresários profissionais ocupassem um espaço que antes era dominado praticamente pelos dirigentes dos clubes tradicionalmente instituídos e/ou denominados de formadores.

Já no âmbito mundial, Medina (2006) destaca que nos deparamos com o processo da globalização, que deu novo impulso ao capitalismo e impôs ao mundo novas regras de comercialização ou mercantilização a partir do início da década de 90 do século 20, influenciando diretamente o mercado do futebol.

Neste sentido, existem atualmente clubes que pertencem aos empresários, ou que entregam a eles a gestão de suas categorias de base, seguindo os passos da terceirização, garantindo os interesses dos empresários e dos próprios clubes.

Desta forma, quando aparece um jovem promissor, surge também vários empresários e procuradores para cuidar do seu destino:

Hoje a coisa está muito concorrida, pois você precisa encontrar um garoto com condições técnicas, físicas e que não tenha alguém o representando, já que quase todo garoto possui um representante (Técnico da Categoria Sub 15).

O empresário, denominado de agente, não somente aquele que hoje é credenciado pela FIFA⁶⁴, mas todos que abraçaram o ofício de “garimpar”⁶⁵ talentos

⁶³ Lei nº 9615, de 24 de março de 1998.

⁶⁴ A FIFA promove Cursos para Agentes de Futebol. Somente assim eles são credenciados oficialmente pela entidade. O regulamento sobre os agentes de jogadores de 10/09/2000, dispõe sobre a atividade dos agentes de atletas a cerca da transferências de jogadores. Toda associação nacional deverá, com base no “Reglamento sobre los agentes de jugadores”, estabelecer uma regulamentação própria que contenha os princípios dos Regulamentos e Estatutos da FIFA, a legislação nacional e os tratados internacionais. Em uma transferência os jogadores ou os clubes não podem utilizar os serviços de um agente de jogadores sem licença. Exceto se o agente de um jogador for um dos seus progenitores, um irmão ou cônjuge, ou

e/ou “bons jogadores” pelo País, e às vezes, em terras estrangeiras, já são figuras presentes na estrutura do futebol. Como foi possível observar na pesquisa de campo deste estudo, um candidato a jogador que não conta com um empresário, tem suas chances de aproveitamento em um clube reduzidas.

Esta situação foi reforçada pelo surgimento da Lei Pelé. Hoje, praticamente todos os jogadores de futebol contam com os serviços de um agente. A profissão é regulamentada pela FIFA, e, eles têm por contrato, direito a uma parte dos proventos do atleta ou do clube nas negociações, e não há qualquer impedimento legal para que coloquem quantos jogadores conseguirem nos clubes.

Os empresários também assumiram um importante papel na exportação de jogadores, facilitando os trâmites legais. Sem a presença deles, a possibilidade de se concretizar a transferência entre clubes de diferentes confederações internacionais é mais difícil, a não ser que o agente do jogador seja um dos seus pais ou um advogado em seu país de origem.

Muitos empresários são proprietários de clubes temporários, considerados formadores, que disputam campeonatos nas categorias de base para colocarem seus jogadores em exposição, funcionando como uma verdadeira vitrine. Outros têm redes de observadores técnicos “garimpando” talentos. De certa forma, os empresários, na atual estrutura do futebol brasileiro, estão desempenhando uma atividade que antes era exclusiva dos clubes tradicionalmente instituídos:

ainda se o agente for advogado no país que reside. De acordo com a CBF, a inscrição para o exame de agente é de R\$1.000,00; sendo aprovado no exame, para que se possa expedir a carteira paga-se o valor de R\$5.000,00; e para o seguro de responsabilidade profissional, deposita-se o valor de R\$100.000,00. Depois de receber a apólice, ou na falta deste, o aval bancário, e, assinado o Código Deontológico, a Associação Nacional entregará uma licença de agente de jogadores ao candidato. Esta licença é pessoal e intransferível. www.fifa.com. Os Clubes e jogadores que negociarem com intermediários que não sejam agentes de jogadores, na forma do Regulamento, serão passíveis de advertência, multa e suspensão, com a devida comunicação à FIFA. Atualmente, o Brasil conta com 124 agentes de acordo com dados da CBF.

⁶⁵ Termo utilizado pelos nativos para a detecção e seleção de jogadores. A denominação “garimpeiro” surgiu de um vocábulo pejorativo: “grimpeiro”. Os grimpeiros subiam as grimpas no passado, fugindo ao fisco. Eram os grimpeiros, mais tarde garimpeiros. O nome hoje não tem mais o sentido pejorativo. É o nome de homens arrojados que lutam na extração de pedras preciosas, ou de ouro, nos terrenos de aluvião ou quebrando cascalhos para a busca de metais preciosos. Fazendo um paralelo com o garimpo do ouro, poder-se-ia afirmar que assim como os garimpeiros buscam pela pedra preciosa, e levam muito tempo para isso, e no transcorrer desta busca encontram pequenas pedras e muito areia, no futebol também existe esta busca incessante pelo “talento”, que é raro, pois o comum é encontrar “bons jogadores”. Ou seja, a busca pelo diamante precioso é constante e nunca vai parar, pois vão continuar existindo. Porém, o sucesso de um jogador, mesmo com talento, é incerto no grande garimpo país a fora. Talvez por isso, os observadores técnicos e empresários e demais atores interessados na busca pelo talento devem manter a “alma de garimpeiro”. Assim, eles têm que contar com a sorte: a carta certa no momento certo. Nessa busca não se pode ter nenhum tipo de preconceito, devendo estar atento a tudo que se vê. Assim, é a descoberta de um talento no futebol, a exemplo da pedra preciosa em um garimpo.

Existe uma dependência dos clubes de uma forma geral, em todas as categorias, da presença dos empresários. Em qualquer competição é comum os observadores técnicos chegarem para garimpar determinado jogador e este já está ligado a um empresário. Muitos clubes hoje entregaram a administração de suas categorias de base para os empresários, porque faltam condições financeiras e estruturais para manutenção da base. Estou para lhe dizer que hoje tem mais empresário que clube no Brasil. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Os empresários estão se antecipando nessas funções, e vão buscar os jovens talentos onde eles surgem, nas diversas competições organizadas por todo país, e/ou em locais mais improváveis. Estão ocupando este espaço porque os clubes não o estão fazendo, ou não contam com as condições estruturais e financeiras para tal. Muitos garotos se destacam em clubes de menor expressão e os empresários e ou seus Observadores Técnicos estão lá presentes. E, depois partem para a negociação e ou proposta de parceria dos direitos federativos dos atletas com os clubes de maior porte.

Empresariar atletas no futebol, jovens ou adultos, despertou tanto o interesse em função das expectativas positivas de lucro que hoje é comum encontrar treinadores, dirigentes, jornalistas esportivos, dentre outras classes, envolvidos diretamente com a negociação de jogadores. Porém, o principal fator de avaliação é a técnica, independente de ser uma indicação. O que conta mesmo para fazer parte das categorias de base é o potencial para fazer parte do grupo. É isso que importa, então, é lógico que a proximidade com o empresário existe, mas, porém sem vínculo contratual, formal de cessão de atletas. Porque o mesmo empresário que indica jogadores para um clube o faz para outros (Técnico da Categoria Sub 20).

Esta relação com o empresário é muito bem vinda ao futebol. De uma forma geral, eles ajudam estes garotos, encaminham, amparam as famílias dos atletas. Agora, o Clube tem que ter uma relação profissional com eles. Isso aqui é uma indústria, fábrica de jogadores. Por isso, o empresário tem que cuidar do jogador lá fora. Aqui dentro é com o clube (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Os empresários funcionam como uma rede de captação. Não dá para fugir disso. Temos uma relação aberta, inteligente dos dois lados. Agora o empresário tem que respeitar o clube, o trabalho que será feito. Agora, o clube também tem que respeitar o empresário, como se ele funcionasse como um observador técnico (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Esta proximidade entre empresários e clubes existe em função da própria relação do dia-a-dia. Mas, isso não quer dizer que o atleta indicado por ele ao clube tenha preferência:

A indicação por parte dos empresários é uma situação normal e corriqueira no futebol, agora o que interessa é o talento do garoto. Na hora que a bola rola não interessa quem indicou. Aí é com o jogador. Tem que mostrar as suas qualidades (Técnico da Categoria Sub 15).

A situação está complexa, na medida em que os jovens jogadores, que deveriam se beneficiar com o fim da lei do passe, não mais estão se vinculando aos clubes e sim a

empresários, e estes por sua vez indicam os atletas aos clubes. Empresário e jogador se tornaram personagens em busca do mesmo objetivo e parceiros numa mesma caminhada:

Os empresários tomaram um espaço exagerado no meio do futebol de base no Brasil. O vínculo com o clube hoje é o que menos interessa. A pressa em fazer negócios, em lucrar com rapidez, aliada à ambição, contagiou o setor, transformando os jogadores em verdadeiras mercadorias (Técnico da Categoria Sub 20).

A presença dos empresários tem gerado preocupações:

Cada dia aumenta no futebol brasileiro a presença de empresários, que são parentes de ex-jogadores, de ex-técnicos e de diretores de clubes. Eles participam ativamente da contratação e da venda de jogadores profissionais e das categorias de base. Essa presença maciça de empresários em todos os clubes, que se acentuou recentemente, como no Fluminense, prejudica bastante o trabalho humano e psicológico que é feito há muitos anos em Xerém com os garotos do clube. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Os empresários oferecem os atletas para os clubes avaliarem e, em caso de aprovação, o jogador permanece. Mas, automaticamente os seus direitos federativos passam a pertencer ao empresário, ou pelo menos parte dele. Porém, na negociação a maior parte fica com o clube. O empresário, de acordo com informações dos atores sociais, fica com uma das partes, que é a de representar os interesses do atleta, o que representa um dos fatores de maior rentabilidade.

Isto ocorre porque os clubes de futebol como Atlético-PR, Cruzeiro-MG, Fluminense-RJ, Goiás-GO, Grêmio-RS, São Paulo-SP e Internacional-RS, entre outros, são considerados excelentes vitrines. E nesta estrutura, todos ganham. O atleta ganhará direta e indiretamente, e o empresário também. Hoje esta é uma situação comum no futebol brasileiro. Os clubes têm que manter relacionamento com empresários, pois estes detêm os direitos de negociação de boa parte dos atletas. Em geral é uma rede, pois, os atletas necessitam dos clubes, e com isso procuram os empresários, que necessitam manter uma relação direta com os dirigentes das equipes. Daí, a preferência dos clubes por negociar com empresários que possuam ligação com a diretoria. Esta relação se funda em interesses de várias naturezas, dos indivíduos aos do clube como instituição esportiva.

5.4. O NEGÓCIO FUTEBOL DE BASE

O futebol se transformou em um negócio lucrativo para os atores e instituições sociais envolvidos em seu contexto, o que passou a exigir uma gestão profissional de todas as partes. A emoção, a experiência, os interesses políticos e financeiros são fatores que estão envolvidos no futebol. Se os Clubes não se organizarem e implantarem uma gestão profissional estarão fadados ao fracasso, pois, essa é uma tendência do futebol atual.

Para os clubes pertencentes à amostra desse estudo, a negociação envolvendo jogadores é uma das principais fontes de receita, principalmente os oriundos das categorias de base. Daí a importância de uma gestão profissional no âmbito deste setor:

Com a Lei Pelé os jogadores das categorias de base passaram a ter um novo tratamento e outro significado. Os clubes estão modificando seus conceitos de futebol para as categorias de base. Os jogadores em formação passam a ter um valor significativo em termos de negócios, patrimônio. Juntos com os associados, torcedores, estrutura física, as categorias de base hoje são os principais patrimônios do clube (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Os atores sociais, de forma consensual, analisaram que atualmente os Clubes dependem de quatro fatores básicos para a manutenção da estrutura organizacional do futebol: as cotas das transmissões de jogos pela televisão; a venda de ingressos; as cotas de patrocínio e a negociação de jogadores, principalmente, aqueles que são oriundos das categorias de base⁶⁶.

O futebol movimenta cifras expressivas no contexto da economia brasileira, possibilitando a sobrevivência dos Clubes. A negociação de jogadores incentivada principalmente pela Lei Pelé ocorre em grande escala todos os anos⁶⁷, independente da idade do jogador, pois estes fazem parte do mercado de recursos dos clubes e das

⁶⁶ De acordo com dados internos fornecidos pelo Clube durante a pesquisa de campo, o Internacional negociou jogadores formados em suas categorias de base durante este período, entre eles se destacam: Nilmar, negociado para o Lyon da França (dezesseis milhões de reais). Daniel Carvalho, para o CSKA da Rússia (vinte e dois milhões de reais). Rafael Sóbis, negociado ao Betis (vinte e dois milhões de reais). Atualmente o Inter conta com um jogador, ainda com idade de Junior, que já está com o preço pré-fixado: Alexandre Pato, estimado em cinquenta e cinco milhões de reais.

⁶⁷ Os Clubes que disputaram o Campeonato Brasileiro da Primeira Divisão em 2006, negociaram 160 jogadores para o exterior, de acordo com dados disponibilizados em <http://globoesporte.globo.com/ESP/Notícia/0,AA1452616-4840,00.HTML>: Cruzeiro-MG: 17; Santos-SP: 13; Corinthians-SP e Palmeiras-SP: 12 cada um; Internacional-RS: 11; Atlético-PR: 10; Fortaleza-CE, Juventude-RS 8 e São Caetano-SP: 8 cada um; Ponte Preta-SP: 6; Flamengo-RJ, Fluminense-RJ, Grêmio-RS e Vasco-RJ: 5 cada um; Paraná-PR: 4; Goiás-GO e Figueirense-SC: 3 cada um; Botafogo-RJ: 2 e Santa Cruz-PE: 1. O Clube que mais transferiu jogadores para o exterior em 2006 foi o Sport Club Corinthians Alagoano-AL, com 19 transferências. Este clube, da 1ª divisão do campeonato alagoano nunca marcou presença na 1ª ou 2ª divisão do campeonato brasileiro. Esses dados no conjunto revelam um tipo de indústria que agencia serviços cujos mecanismos de funcionamento desconhecemos.

agências dos empresários, tendo um alto valor no mercado futebolístico global. Talvez por isso diversos clubes e empresários se voltem, aqui no Brasil, exclusivamente para a comercialização de jogadores como principal estratégia de negócios.

O fluxo de jogadores para o exterior e a centralidade do futebol europeu, captando os melhores jogadores dos diferentes países, tem sido tema de algumas análises no Brasil (Helal, 1997; Proni, 2000; Souto, 2004; Damo, 2005; Alcântara, 2006; Leoncini e Silva, 2005). Em geral, as análises apontam para: 1- o problema da administração amadora e patrimonialista dos clubes brasileiros, e a conseqüente resistência à adoção de uma administração racional; 2- a nova relação de trabalho entre clubes e jogadores com a promulgação da Lei Pelé, que extinguiu a figura jurídica do passe; 3- a centralidade da figura do empresário e do agente nessa nova configuração de mercado; 4- a limitação de postos de trabalho para jogadores no mercado brasileiro; 5- o surgimento de uma “indústria” de formação de jogadores; 6- os baixos salários em termos médios no futebol brasileiro.

O sonho de se tornar jogador de futebol profissional alimenta o sonho de milhares de crianças e adolescentes que vislumbram diariamente tal possibilidade. Imaginam tornarem-se jogadores de futebol profissional, realizando seu desejo ou até mesmo dos pais e empresários, mas acima de tudo buscando uma independência financeira e uma forma de ajudar os familiares, ou de buscar uma profissão.

O futebol, ao que parece, transformou-se em um grande mercado que fornece postos de trabalho para diferentes especialidades (Gestores, Técnicos, Preparadores Físicos, Fisioterapeutas, Nutricionistas, Médicos, Assistentes Sociais, Fisiologistas, etc.) e criou outras especialidades com o avançado processo de comercialização de serviços em escala mundial.

Os conceitos de esporte e meio de vida, no que se refere à prática profissional do futebol, se fundem tornando o futebol um meio de ascensão e mobilidade social. O mundo dos sonhos do futebol é, em muitos casos, recheados de obstáculos e dificuldades.

O aspecto salarial, vislumbrado pela maioria, também é um fator que faz parte do imaginário social dos garotos. Os altos salários recebidos por jogadores famosos como Ronaldinho, Adriano, Robinho, Kaká, entre outros, é prerrogativa de poucos, pois a expressiva maioria dos jogadores profissionais vive uma outra realidade, principalmente no Brasil. Mas na imagem construída socialmente sobre o jogador de

futebol, fica marcada a idéia do sucesso e do prestígio para todos os indivíduos que estão nas equipes profissionais.

Diante desses fatos, as próprias famílias acabam por incentivar os garotos a seguirem carreira no futebol, porque sabem que esta é uma forma de saírem da miséria, depositando a esperança de modificar a situação financeira e social. Por isso, é muito comum o jovem abandonar a escola para se dedicar exclusivamente ao futebol, com o consentimento da família. Muitos desses jovens chegam aos centros de treinamento com um histórico de abandono escolar ou com defasagem de aprendizagem, se considerarmos a idade ideal de passagem pelas séries escolares.

Para Soares (2007)⁶⁸ além dos problemas de investimento e de qualidade que enfrentamos na escola brasileira, do desinteresse pelos conteúdos, pela ausência de seu significado com o cotidiano, esses jovens atletas, em geral, enfrentam variados percalços no processo de escolarização que lhes são específicos: cansaço físico pelo excesso de treinamento; falta de tempo para o estudo e para assistir aulas, em função das constantes viagens que realizam; falta de motivação pelo insucesso escolar; e interesse focado no futebol. Por todos esses fatores, a escola se torna um objetivo secundário (Damo, 2005). Dentre os Clubes que fizeram parte da pesquisa de campo, apenas o CT do Cruzeiro-MG, em Belo Horizonte, conta com uma escola privada adaptada para os atletas. O grande contingente de jovens atletas que estão sob a tutela dos outros clubes pesquisados estuda à noite, em cursos regulares ou supletivos.

Dado a carga de treinamentos e jogos, aliado ao pouco tempo para ser dedicado aos estudos a questão dos clubes apoiarem a procura pela escola, funciona, em muitos casos, apenas como uma justificativa social.

De acordo com Damo (2005) o mercado para jogadores no Brasil, apesar dos dados não serem precisos, gira em torno de 10 a 15 mil postos de trabalho, sendo que só mil oferecem salários iguais ou superiores a 20 salários mínimos. O restante, segundo o autor, se submete a empregos sazonais e a salários baixos, sendo que o pequeno número de jogadores bem-sucedidos no futebol brasileiro também pode ser explicado, pelo êxodo de atletas para a Europa. “*Existem no Brasil em torno de 500 clubes de futebol credenciados às subsidiárias da FIFA (agência internacional que detém o monopólio do futebol de espetáculo)*” (Damo, 2005: 16).

⁶⁸ Dados do Projeto de Pós-Doc de Antônio Jorge Gonçalves Soares.

Poder-se-ia pensar que esse número é expressivo em se tratando dos postos principais de trabalho nessa indústria do espetáculo, mas algumas ressalvas devem ser feitas. Dos 500 clubes credenciados, apenas 4% detêm 90% da preferência dos torcedores (Damo, 2005). Isso indica que o potencial de exploração do produto que os clubes podem vender junto ao público consumidor (torcedores) é desigual e acarreta numa redução significativa dos postos de trabalho bem remunerados. Se calcularmos que uma equipe possui, em média, 26 jogadores no quadro principal, teríamos, teoricamente, mais ou menos 520 postos de trabalho na parte mais valorizada do mercado (1ª e 2ª divisões).

Os salários dos jogadores no Brasil são baixos. A pirâmide salarial não mudou muito nos últimos oito anos. Os dados da Confederação Brasileira de Futebol, em 1999, indicavam que 51,6% dos jogadores percebiam até um salário mínimo e 33,2% até dois salários; acima de 10 salários mínimos apenas 5,2% (Proni, 2000). No ano de 2003 a distribuição era de que 82,41% recebiam entre 1 a 2 salários mínimos, 2,05% entre 10 e 20 e apenas 3,57% acima de 20 salários (Atlas do Esporte, 2005). Já os dados acerca dos salários dos jogadores profissionais brasileiros, divulgados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2005, mostram que dentre os 16.344 jogadores federados, a média de salários era a seguinte:

Quadro 1. Média salarial dos jogadores de futebol brasileiro

MÉDIA DE SALÁRIOS	Nº JOGADORES	PERCENTUAL
Até 01 salário mínimo	8.638	52,9%
De 01 a 02 salários mínimos	4.987	30,5%
De 02 a 05 salários mínimos	1.289	7,9%
De 05 a 10 salários mínimos	436	2,7%
De 10 a 20 salários mínimos	293	1,8%
Acima de 20 salários mínimos	701	4,3%

Fonte: ww.cbfnews.com.br

Este é um quadro bem diferente do pensado pelo imaginário popular. O sonho de jogar num grande clube brasileiro sempre existiu na cabeça de crianças, adolescentes e jovens adultos. E, os ídolos, tornaram-se também referência financeira. Os dados acima indicam que a base da pirâmide salarial do futebol brasileiro está longe de ser o oásis da riqueza ou da mobilidade social tão sonhada pelos jovens brasileiros.

Estes dados, apesar de divulgados na mídia (televisão, rádios, jornais, revistas especializadas, entre outros) parecem não desestimular a busca pela profissionalização no futebol. Poder-se ia pensar que o sonho dos jovens das categorias de base, de ser um

“Ronaldinho Gaúcho”⁶⁹, um “Kaká” ou qualquer outro jogador famoso que atua na Europa, está longe das estatísticas positivas de riqueza. Embora o mercado europeu seja o maior destino de nossos jogadores, esse mercado não é só formado por clubes da 1ª divisão. O destino de muitos destes jovens é parar nas segundas e terceiras divisões na Europa ou em países onde a remuneração está longe dos altos salários do futebol.

Mas o futebol continua sendo um mercado promissor para os clubes e para os empresários. O Brasil exportou 851 jogadores no ano de 2006 (veja anexo II), de acordo com dados da CBF⁷⁰. Em décadas anteriores, os jogadores brasileiros saíam apenas para jogar em grandes centros como Alemanha, Inglaterra, Itália e Espanha. Recentemente o destino destes jogadores passou a ser os países asiáticos, bem como o leste europeu (Rússia e Ucrânia) além do Oriente Médio. Agora o êxodo inclui ainda, países sem nenhuma expressão no cenário do futebol mundial, casos de Haiti, Chipre, Moldávia, Omã, Estônia e Cazaquistão.

Entretanto, um dado é importante ressaltar: 311 jogadores retornaram ao Brasil em 2006, de acordo com a CBF. Ou seja, um número expressivo de jogadores deixa o país, mas o retorno deles também é considerável, principalmente por problemas na adaptação ao futebol europeu, no que se refere aos métodos de treinamento, hábitos culturais, idioma, relacionamento com os jogadores e técnicos estrangeiros, e mesmo com o estilo europeu de jogar futebol.

As negociações de jogadores de futebol para o exterior reforçaram as estatísticas das exportações brasileiras, sendo 2005, o ano de maior crescimento (55%) dos últimos oito anos, de acordo com informações do Jornal Estado de São Paulo (08/03/06). Em termos financeiros estas exportações já superam a marca de US\$1 bilhão em 12 anos, mais precisamente, US\$ 1,01 bilhão de 1994 a 2005. Os dados constam das operações registradas no Banco Central (BC), dentro da rubrica de serviços empresariais, profissionais e outros técnicos.

Como já visto, toda essa indústria de formação do jogador está articulada com o mercado globalizado do futebol. Os dados apontam que a Europa é o principal mercado consumidor de jogadores brasileiros, representando 60% do total; a Ásia com 22%. O destino mais comum ainda é Portugal⁷¹, que recebeu em 2006, 17% da remessa,

⁶⁹ Cf. <http://www.elmundo.es/elmundodeporte/2006/04/24/futbol/1145893493.html>. Acesso em 12/12/2006. Declarou 23 milhões de Euros no ano de 2005.

⁷⁰ Dados disponíveis em www.cbfnews.com.br

⁷¹ Talvez um dos motivos que leva os clubes portugueses contratarem jogadores brasileiros é que não há nenhum tipo de impedimento que limite o número de jogadores nascidos no Brasil nos clubes

totalizando 142 jogadores. O total de jogadores brasileiros transferidos para Europa foi 2234 durante o período de 2002 a 2006, desse total 683 jogadores se transferiram para Portugal.

O fluxo migratório de jogadores brasileiros para Europa é explicado por ser o principal mercado do futebol espetáculo, sendo que a referência no trabalho das categorias de base, como foi observado neste estudo, está centrado no modelo de jogador europeu.

Porém, o discurso que sustenta essa indústria de formação de jogadores é duplamente potente na sociedade brasileira. O futebol é representado como uma instituição educativa, associada à saúde e qualidade de vida, e serve como uma saudável opção aos perigos do mundo da rua e/ou das drogas. Esses clubes oferecem condições de moradia e acesso a bens culturais que, em geral, não estão disponíveis na família de origem desses meninos (computador, viagens para outros estados e exterior, alimentação de qualidade, assistência médico-odontológica, estudo, entre outros). A falta de cidadania social das camadas populares torna a produção de jogadores de futebol no Brasil uma empreitada bem-sucedida, como demonstram os dados de transferência para o exterior⁷².

5.5. ESTRUTURAÇÃO DAS CATEGORIAS DE BASE DOS CLUBES DO FUTEBOL BRASILEIRO

No que se refere às categorias que são mantidas pelos Clubes dentro da estrutura de formação de base, e nas faixas de idade que elas estão estruturadas, foi possível verificar que os Clubes seguem a estrutura organizacional estabelecida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e, que é seguida pelas Federações Estaduais e seus filiados, em nível de competições oficiais.

portugueses. O jogador com passaporte europeu tem 15 nacionalidades, e o clube pode negociá-lo livremente, independente da cota, de limite de estrangeiros no elenco ou na legislação local. Este é um dos princípios da União Européia, o mercado livre, por isso é possível ter em campo tantos jogadores de outros países da Europa. Cada Federação local é responsável pelas regras específicas de seu país. No Brasil, a CBF determina o limite de três estrangeiros, em campo, em cada equipe. Na Europa, em função dos acordos da União Européia, de trânsito livre, só são considerados estrangeiros, os jogadores não-comunitários, ou seja, os nascidos fora do continente. São permitidos três não-comunitários em cada time europeu. Não existe especificação sobre a obrigatoriedade de os clubes usarem atletas do país de origem da equipes.

⁷² Damo (2005) indica que 20% dos jogadores estrangeiros atuando nos principais mercados internacionais – Itália, Inglaterra, Espanha, Alemanha e França – são brasileiros.

A CBF estrutura as categorias de acordo com as competições internacionais⁷³ (Sub 15 – Sub 17 – Sub 20). A divisão por categorias no Brasil é semelhante a realizada no futebol europeu. A entidade não participa de competições nas categorias com idade abaixo dos 15 anos porque estas não estão inseridas no calendário da FIFA. Não existe convocação de seleção para estas categorias.

Mas, os Clubes mantêm o trabalho com esta faixa de idade, entre os 12 aos 14 anos, porque consideram como afirmaram os atores sociais, a base para o sistema de formação de futuros atletas. O jogador identificado e selecionado cria uma identidade com o clube, e é trabalhado em longo prazo, em geral quatro ou cinco anos. E, aí maiores são as chances do jogador se destacar e obter uma boa evolução. Os clubes estão iniciando o trabalho o quanto antes. Quanto mais novo, maior o tempo de preparação do jogador, o que poderá proporcionar uma expectativa maior dele ser promovido para a categoria profissional.

Talvez, por este motivo, alguns clubes mantêm em sua estrutura jogadores a partir dos 12 anos de idade⁷⁴. O processo de desenvolvimento do planejamento nas categorias de base, apesar da Lei Pelé, ainda tem priorizado o trabalho de longo prazo. Ou seja, identifica o garoto que reúne as condições necessárias para uma posterior evolução, e o mantém por mais tempo nas categorias de base do clube.

Porém, como analisa Damo (2003), o fim dos contratos por tempo indeterminado retirou das mãos dos clubes a primazia de formar e negociar os jogadores, que não são os únicos a possuírem a moeda de troca, que é a comercialização dos jogadores. Na legislação anterior os clubes podiam especular com o vínculo do

⁷³ O futebol para as categorias de base só foi ter seu próprio campeonato internacional em 1977 na Tunísia. Campeonato este que tinha a idade máxima para atletas com 19 anos. Mas em 1981, quando realizado o novo campeonato para os jovens atletas, a idade foi ajustada para 20 anos, que hoje é a idade máxima para a categoria Juniores, chamada pela FIFA de “Under-20”. A categoria Júnior tem um dos campeonatos mais disputados é por onde passaram milhares de craques da bola. O sucesso da categoria foi tanto que logo surgiu a categoria Juvenil, chamada pela FIFA de “Under-17”. O apoio para a formação das categorias de base foi dado pelo brasileiro João Havelange, quando usufruía o cargo de Presidente da FIFA.

⁷⁴ Os clubes e as agências de empresários estão mantendo vínculo com jogadores de idade inferior aos 14 anos. De acordo com a Lei nº 10.672/03, o atleta não profissional em formação, maior de quatorze e menor de vinte anos de idade, poderá receber auxílio financeiro da entidade de prática desportiva formadora, sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que seja gerado vínculo empregatício entre as partes. Ou seja, a lei estabelece que a idade mínima para o ingresso no mercado de trabalho seja de 16 anos, mas faculta as crianças com 14 anos poderem, apenas, ingressar em programas de aprendizes. Os menores de 14 anos, nem isso. Entretanto, observamos que os clubes estão priorizando o trabalho com crianças a partir dos 12 anos, sendo submetidas a treinamentos diários, residindo em alojamentos dos clubes, participando de competições, e, inclusive com vínculo com empresários e recebendo remuneração a título de ajuda de custo, caracterizando trabalho infantil.

atleta, e repassar aos agentes/empresários, quando pretendia negociá-los. As amplas possibilidades que o mercado globalizado oferece, trouxe como consequência uma vulnerabilidade em relação ao investimento com as categorias de base, e, esta mudança de legislação acarretou, fundamentalmente, um realinhamento do poder no que se refere à formação e comercialização dos atletas (Damo, 2003).

Ainda na visão de Damo (2003), nesta nova situação gerada pela mudança da Lei, os clubes saíram perdendo, principalmente os mais tradicionais; por outro lado, os empresários passaram a obter lucros. Em função disso, os clubes estão tendo que se reestruturar para enfrentar as mudanças na legislação esportiva, e da economia futebolística em particular. Os atletas em formação possuem um custo para a instituição, clube e empresa, que neles investem: a manutenção dos espaços físicos, pelos valores investidos no próprio atleta, em salários e, quase sempre, na aquisição de seus direitos federativos junto a outras instituições “Para que a formação/produção seja qualificada, é fundamental prezar pela” excelência da estrutura disponibilizada (Damo, 2003).

Diante desta análise de Damo e baseando nas narrativas dos Coordenadores Técnicos, foi possível observar que existe uma preocupação dos clubes quanto ao investimento que é realizado com os garotos na faixa etária até os 15 anos.

Optamos pela terceirização do trabalho realizado com as categorias abaixo da Sub 17: Terceirizamos, mas sem perder a qualidade do trabalho. Fazendo com que os custos do clube sejam reduzidos. Isso faz com que aumentemos nossa captação de jogadores. Os clubes geralmente têm problema com local para alojar os garotos. Dando ênfase aos jogadores das categorias Sub 17 e Sub 20. Apesar da terceirização, toda a estrutura de observação, logística, preparação física, técnica e tática é de nossa responsabilidade, ficando os custos da manutenção deste trabalho para o parceiro, que detêm os direitos de 40% de transações futuras em caso de revelação de jogadores. Nós não perdemos a nossa autonomia de selecionar os jogadores. Além disso, nós mantemos no Brasil todo, 38 parcerias com clubes (Coordenador das Categorias de Base).

O fim da Lei do Passe representou uma transformação significativa nas relações entre clubes e jogadores e no próprio sistema e modelo de organização do futebol nas categorias de base, refletindo no contexto profissional. Esta situação colocou de um lado os clubes, e de outro os atletas, tendo como intermediários os empresários. Atualmente, o que vincula o jogador abaixo dos 16 anos ao clube é o fato dele estar federado e disputando competições. Mas ele é livre para, a qualquer momento, deixar o clube e ir para outro, na medida em que ele não pode assinar um vínculo contratual.

Como a legislação protege a autonomia dos atletas, limita que os contratos sejam assinados a partir dos 16 anos por tempo limitado. O trabalho, a vigilância e a sedução

realizada pelos empresários do futebol é total. Eles arrumam empregos para os pais, fornecem auxílios financeiros e protegem seus talentos.

Por isso, como afirma Damo (2003: 268):

Dependendo dos investimentos do clube, os atletas em formação passam a receber “ajuda de custo”, pois não podem firmar contrato com o clube, o que pode ser estabelecido, segundo a legislação brasileira aos 16 anos. Nessa idade, que corresponde à categoria juvenil, Sub 17, geralmente os atletas que estão inscritos e participam da competição, têm que assinar um contrato, devido ao fato de que ele pode se despontar, o que permitirá que venha a ser assediado pelos agentes/empresários.

Geralmente os atletas que estão em um clube de menor expressão e/ou formador, e disputando competições, possui uma procuração que os vincula a uma pessoa física, que pode ser um empresário FIFA, o Pai ou responsável, que se torna seu representante. Quando o jogador atinge os 16 anos e pode assinar seu primeiro contrato⁷⁵, é o representante que negocia as bases contratuais, resguardado ao clube formador, pela Lei Pelé, uma cláusula⁷⁶ pela qual este terá direito a um percentual calculado pelo tempo e o custo com o processo de formação do jogador. Esta cláusula tem por finalidade evitar prejuízos financeiros aos clubes com o fim da “Lei do Passe”, incentivando o trabalho de formação de jogadores através das categorias de base.

Os clubes estão repensando a viabilidade do investimento feito com os garotos entre os 12 aos 15 anos, no que se refere à relação custo x benefício. Para os coordenadores técnicos, o custo é menor contratando um jogador com 16, 17 anos, já formado, e então investir nele a partir daí, porque o clube mantém um grupo de cerca de 60 jogadores, com investimento em alimentação, alojamento, departamento médico, e profissionais pertencentes à comissão técnica.

Para a maioria dos clubes as dificuldades encontradas para a manutenção do planejamento de trabalho das categorias de base são recorrentes por causa dos

⁷⁵ Para que os clubes sejam incentivados a investir nas categorias de base, e consequentemente formando jovens talentos a Lei estabelece um prazo máximo do primeiro contrato de trabalho profissional do atleta em 05 (cinco) anos. Além de estabelecer como idade mínima para um atleta se tornar profissional a idade de 16 (dezesesseis) anos. Quando trata da "formação do atleta", a Lei Pelé refere-se ao vínculo amador que o atleta mantém com o clube antes do primeiro contrato de trabalho. Este vínculo é temporal. A referida lei, de acordo com o §2º do seu art. 29, exige que seja comprovado que o atleta era realmente registrado ao clube na condição de um *não-profissional* por um período de no mínimo dois anos.

⁷⁶ O clube que formou o atleta tem o direito de cobrar a indenização de formação se comprovar que o atleta esteve registrado no clube como não-profissional por um período de no mínimo dois anos. A indenização por formação é um valor cobrado ao novo empregador (clube que adquire os direitos federativos do atleta) pela cessão do jogador de futebol e não pode exceder a 200 vezes o total da remuneração anual do atleta pactuada no contrato anterior. Essa indenização deve ser paga antes do final do contrato, pois quando este chega ao seu término, inexistente a referida indenização. Se o clube formador não ceder (negociar) o atleta durante a vigência do contrato de trabalho pode perder o investimento.

empresários, que ganharam espaço com a Lei Pelé, que extinguiu o passe e deu liberdade aos atletas. Ao se referir a este assunto, os atores sociais afirmaram que:

A lei foi muito importante, porque ela veio naquele momento para resolver um problema do jogador ficar preso a um determinado clube e não ter liberdade. O que faltou foi uma melhor normatização para proteger o Clube que faz um investimento, que tem como meta formar o atleta. Mas, tem um outro problema, quando o jogador começa a despontar, com 14, 15 anos, o clube tem que fazer um contrato. Três, quatro anos depois o garoto estará livre para ir para onde quiser. Isto tem gerado nos clubes um desinteresse pela formação. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

O que a família quer é uma boa condição para o garoto. Alimentação, assistência médica, escola, estrutura adequada para o treinamento. Quem trabalhar direito, respeitando o processo de formação não terá problema. Até o momento que se faz o contrato e vincula o jogador com o clube. A lei existe para todo mundo. Tem que saber utilizá-la. Quando temos muito interesse no jogador, chamamos o pai do garoto e aí fazemos um contrato (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

O que nós podemos fazer é jogar aberto. Impedir que o pai de um garoto de 13 ou 14 anos assine com um empresário é impossível. Quando um menino nos é oferecido para fazer testes, nós procuramos saber se ele tem agente. Se tiver, conversamos com o empresário antes. Tentamos nos resguardar fechando contrato de até três anos com os garotos que completam 16 anos (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Dentro desta linha de pensamento, Damo (2005) analisa que um atleta leva quase cinco mil horas de treinamento para se tornar um jogador profissional. Os jogadores começam a residir nos CTs, a partir dos 11 ou 12 anos de idade⁷⁷. Passam a residir separados de suas famílias, e se forem sendo aproveitados nas categorias subseqüentes podem viver sob essa condição até a profissionalização. Damo (2005) ainda estabelece que este processo de formação de um jogador necessita de uns dez anos de treinamento, “o que não permite dizer que se trata puramente de talento, pois trata-se de um processo penoso que exige um investimento de risco por parte dos clubes”.

É exatamente em conseqüência deste risco que os clubes estão repensando o planejamento de trabalho nas categorias de base, principalmente a relação com os atletas e com seus representantes legais. O problema é que a formação do jogador de futebol é centralizada na evolução do atleta, e não há como projetar que um determinado jogador vai conseguir passar pelo funil e despontar para o mercado do futebol, aliado ao fato de que, despontando, o clube que possibilitou sua formação e projeção terá o retorno com o investimento realizado.

5.6. A ESTRUTURAÇÃO DAS CATEGORIAS DE BASE A PARTIR DAS FAIXAS ETÁRIAS

No que se refere à faixa de idade destas categorias, os atletas são divididos por idade, de acordo com critérios estabelecidos pela Confederação Brasileira de Futebol, sendo estas categorias consideradas como padrão em todo o Brasil.

Temos a equipe Sub 20 que é o carro chefe. São jogadores de 18, 19, 20 anos. Abaixo dela, temos a Sub 17 com garotos de 16 e 17 anos, seria no caso uma equipe intermediária. E a Sub 15. Sendo considerada a categoria de iniciação em competições oficiais. Além dessas três categorias ainda tem a Pré-Infantil que são garotos de 14 anos e a categoria Mirim, com jogadores de 13 anos, que é a primeira equipe básica de competição aqui na Toca. (Técnico da Categoria Sub 15).

Até a categoria Sub 15 os jogadores são distribuídos ano a ano⁷⁸: Pré-mirim: 12 anos (Sub 12); Mirim: 13 anos (Sub 13); Pré-infantil: 14 anos (Sub 14); Infantil: 15 anos (Sub 15). Já a partir dos Juvenis (Sub 17), os atletas são divididos entre dois anos: 16 e 17 anos. Na categoria Júnior (Sub 20), a divisão é de três anos, correspondendo às idades de 18, 19 e 20 anos.

Esta estruturação por idade e categoria é igual em todos os clubes no Brasil, devido ao fato de possibilitar a realização de competições nacionais, envolvendo as mais diversas regiões e clubes do País.

Entretanto, esta divisão por categoria, principalmente na Sub 17 e Sub 20, de acordo com o observado na pesquisa de campo, acaba por prejudicar muitos atletas em processo de formação, pois ficam sem jogar como deveriam durante meses e até anos, devido às diferenças de desenvolvimento e de experiência nas próprias categorias:

Esta questão da idade é importante. Nós temos hoje aqui, tanto no Sub 17 quanto no Sub 20 priorizado para jogar os garotos que estão no primeiro ano da categoria. Muitos clubes colocam os jogadores de último ano da categoria para jogar, no sentido de não perderem. No Sub 20 geralmente os garotos de 18 anos não jogam (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Nos juvenis, por exemplo, o garoto de 16 anos, na maioria das vezes, é preterido em favor dos de 17, pois os técnicos, forçados a ganhar jogos, colocam jogadores mais fortes e experientes na disputa dos campeonatos. No Brasil não existem campeonatos específicos para jovens com idades de 16, 18 e 19 anos. Ou eles têm condições para atuar precocemente nas categorias sub 17 e sub 20, respectivamente, ou terão de esperar por melhores condições para enfrentar a concorrência. (Técnico da categoria Sub 20).

⁷⁸ Os atletas, a partir dos 16 anos, têm contrato com os clubes, e jogam mediante remuneração, com vínculo ao clube. Pela legislação brasileira, um jogador pode se profissionalizar a partir dos 16 anos. A duração do contrato pode ser de três meses, no mínimo, e cinco anos, no máximo. Por isso, uma equipe profissional pode contar em seu elenco com atletas de diversas categorias.

Para os atores sociais, diversos atletas são dispensados dos seus clubes sem ser devidamente observados, e se dão bem em outros em decorrência dessas falhas. É inevitável que essas categorias apresentem um hiato de prejuízo para o desenvolvimento de muitos atletas em faixas etárias importantes. Foi possível perceber nas falas dos atores sociais que, se as categorias Sub 17 e Sub 20 fossem divididas ano a ano, mais profissionais seriam contratados e novos campeonatos seriam realizados.

Mas, os clubes, diante de tal situação, tiveram que buscar outras alternativas para manter os garotos jogando, assim, criaram filiais, convênios e/ou parcerias com outros clubes, para acomodar os atletas que não têm chances de jogar nas suas equipes principais à espera que, atuando por outras agremiações, não percam qualidade no processo de formação. Os atores sociais citaram alguns exemplos de atletas com idade de 22 anos que saíram de seus clubes de origem emprestados e voltaram mais valorizados em decorrência da valorização do perfil competitivo.

Nesta divisão por categoria, principalmente no que se refere à Sub 17 e Sub 20, os profissionais se vêem obrigados, em muitos casos, a priorizar as vitórias, desconsiderando o processo de formação e descoberta de novos valores para suprir as necessidades da equipe profissional.

Existe uma grande procura por garotos cada vez mais novos. A detecção de jogadores está centrada nestas idades iniciais, principalmente por parte dos empresários, pois na medida em que descobrem um jogador com potencial nesta faixa etária já se estabelece o vínculo. A partir daí o próprio agente passa a ser o responsável pela carreira do atleta, inclusive em incluí-lo em um clube que possa projetá-lo. Neste sentido, as formas de seleção e detecção se alteram de acordo com a faixa etária do jogador.

Mas um fator é preponderante para os atores sociais. A questão do histórico, ou seja, o passado esportivo do jogador.

Se o candidato a jogador foi contratado ainda jovem, prática muito utilizada nos dias de hoje, ou observado previamente pelos olheiros do clube, indicado por um empresário que possua credibilidade junto ao clube, por fontes idôneas ou vem de escolinhas fraqueadas, estará mais habilitado a seguir uma vida atlética no futebol. Isso porque já deverá ter um passado esportivo, o que lhe abrirá portas nos clubes. (Técnico da Categoria Sub 20).

A falta de experiência dos garotos acima dos 14 anos é um fator que pesa consideravelmente. Se nunca jogaram em clube, geralmente quando eles têm a chance de um teste nas principais equipes, sentem muito a pressão e a diferença de preparação em relação a quem já está jogando em grandes equipes. (Técnico da Categoria Sub 17)

O cotidiano do futebol revela as qualidades e deficiências de cada atleta. O “funil” aperta com o passar do tempo e a conseqüente progressão nas categorias. Durante todos os meses do ano existe dispensa de jogadores nas categorias de base dos clubes brasileiros. Do mesmo modo que são dispensados, outros chegam. O sistema de entrada e saída do funil é cíclico. Nenhum jogador tem garantias de que alcançará o objetivo de atuar em uma equipe profissional.

Talvez por isso os jogos e os treinamentos diários sejam os principais espaços de observação para os treinadores. Esta busca por jogadores de qualidade é um processo permanente.

A formação de um jogador deve compreender o desenvolvimento das habilidades motoras e coordenativas adquiridas na infância e na adolescência, representadas pelo desenvolvimento dos componentes físico, técnico, tático e psicológico, somados às condições naturais que o indivíduo traz em seu código genético, tudo potencializado pelas atividades que ele realiza no meio social e cultural, mesmo que sem a intervenção direta de treinamentos.

Para Drubscky (2003: 54):

Os jovens formados nas categorias de base que chegam às equipes principais dos seus próprios clubes são poucos se comparados ao número de candidatos que entram. Eu diria que o clube que consegue fazer cinco promoções em média por ano para a equipe profissional estará cumprindo ótima meta.

Alguns fatores, de acordo com os atores sociais são determinantes para que um atleta não seja promovido aos profissionais após completar 20 anos. Pode ser que o nível atingido não tenha sido o esperado; que o excesso de jogadores de uma mesma posição provoque o critério da escolha, ou que o seu amadurecimento tenha sido adiado em um ou dois anos.

Na Categoria Sub 20 é muito difícil um jogador acima de 18 anos, se apresentando espontaneamente, obter sucesso, por que ele não teve a base do treinamento físico e tático. Quando chega a adaptação é difícil, porque os treinamentos são semelhantes aos da equipe profissional. Em muitos casos com uma sobrecarga muito maior de trabalho. Não conseguindo assim, o jogador, desenvolver seu futebol. Além disso, o primeiro ano do jogador no júnior é muito difícil. Mesmo aquele que está aqui mais tempo. A cobrança é muito grande. E, está mais próximo do profissional. (Técnico da Categoria Sub 20).

Eu procuro trabalhar na categoria Sub-20 com jogadores de 18, 19 anos. Garotos de 20 anos, somente se ele demonstrar que tem condições de jogar no profissional. Existem casos especiais. Como por exemplo, se você tem um zagueiro de último ano, mas na equipe de cima tem 4, 5 zagueiros, não podemos descartá-lo. Agora, se a equipe de cima tem uma carência em uma determinada posição e percebe que o jogador que você tem não reúne condições de jogar lá, o melhor é dispensá-lo. Isso acontece porque se detecta que ele está atrasado no processo de formação Ou seja, o trabalho com esta categoria tem que estar totalmente voltado para a categoria profissional. (Técnico da Categoria Sub 20).

Essas são apenas algumas das razões, o que não quer dizer que os atletas não possam dar seqüência à vida esportiva em outros clubes. A maioria, segundo Drubscky (2003), faz isso e não são raros os casos daqueles que chegam a níveis bem elevados na carreira, mesmo sendo dispensados dos clubes onde surgiram.

Outra situação apontada, que ocorre principalmente nos clubes de maior porte, é a pressão pela contratação na equipe profissional de jogadores mais experientes e que já tenham o nome consolidado no mercado. Isto dificulta, em parte, a promoção e o acesso de jogadores da base à equipe profissional. Se considerarmos que o grupo da categoria Sub 20 conta com vinte e cinco jogadores na faixa etária dos 18 aos 20 anos, a promoção de cinco jogadores é uma média considerada expressiva no contexto destes clubes.

Um aspecto a ser destacado neste processo de detecção e seleção refere-se ao jogador que se apresenta espontaneamente:

Este terá de percorrer caminhos mais difíceis para provar que tem condições de ser um futuro jogador profissional. Não que os clubes queiram discriminar esse perfil de candidato, mas o número de pretendentes é sempre muito grande e geralmente sem qualidade para o esporte de competição. Principalmente quando são jovens. Já a partir dos 15/16 anos de idade, tem pouquíssimas chances de serem aprovados, e muitos clubes nem se dão ao trabalho de fazerem peneiradas para esses candidatos, pois em decorrência do aumento assustador do número de caça-talentos distribuídos pelo país, dificilmente um garoto de 14 anos de idade que reúna as condições adequadas, fica anônimo no meio do futebol. Muito menos os de 16 anos para cima. Onde quer que surja uma “promessa”, logo aparecerão os amigos, “olheiros”, empresários, etc., que o conduzirão ao caminho de um clube brasileiro ou do exterior. Na maioria dos casos, a própria família leva o garoto, ainda bem novo, aos testes nos clubes. (Técnico da Categoria Sub 20).

Atualmente o jogador não escolhe o clube pelo sentimento e/ou por se identificar com ele. Pela concorrência, o candidato procura aquele que lhe oferece a melhor oportunidade, independente da distância, do estado, ou até mesmo de país. Neste sentido, cada vez mais a presença dos empresários é marcante. E, o garoto logo que desponta nas categorias de base, independente se jogou ou não no profissional, é negociado.

Os jogadores, em sua maioria, não têm vínculo com os clubes considerados de maior porte do futebol brasileiro. Estão se transferindo dos denominados clubes formadores, e todos tem um empresário. Esta situação faz com que inúmeros jogadores brasileiros acabem por conseguir a cidadania de um determinado país, e por ele disputem competições oficiais.

O mercado do futebol tornou o rodízio de jogadores entre clubes uma situação normal. Isto está vinculado aos interesses financeiros dos clubes e dos empresários do futebol. Normalmente um clube muda a escalação da equipe principal várias vezes durante a temporada. Em função dos problemas financeiros vividos pelos clubes no Brasil, seja em função da má administração do negócio futebol ou do mercado globalizado de jogadores, que elevou em muito o custo dos atletas, sendo assim, os clubes buscam nas categorias de base a salvação para esta situação. Esperam com isso suprir as equipes profissionais de jogadores, visando negociá-los no mercado nacional e internacional. Na atual situação econômica dos Clubes, quando surge um jogador de boa qualidade é quase natural sua negociação com o exterior.

5.7. OS OBJETIVOS DO PLANEJAMENTO DE TRABALHO DAS CATEGORIAS DE BASE

No contexto do mundo dos negócios no futebol, uma questão observada durante as entrevistas despertou a atenção. Qual deve ser o objetivo do planejamento de trabalho a ser desenvolvido nas categorias de base? Este foi um aspecto que os atores sociais sempre se referiam durante as entrevistas.

O que atrapalha é a pressão por resultados, para ganhar jogos e títulos. Mas a pressão para a revelação de talentos é até benéfica. Ela é necessária, ainda mais com a estrutura que possuímos nas categorias de base e com a quantidade de jogadores, de todo o Brasil, que passam por elas (Técnico da categoria Sub17).

A dualidade entre ganhar título e revelar jogadores é complexa. É claro que especialmente no futebol vivemos de resultados. E o resultado é o nosso trabalho. Uma coisa é consequência da outra. Talvez não conquiste títulos. Mas consegue colocar cinco, seis jogadores na equipe profissional. Três, quatro na Seleção Brasileira Sub-17, Sub-20. O importante é estar bem claro qual é o objetivo. O que o Clube deseja (Técnico da categoria Sub 17)

Os relatos anteriores apontam que existe no futebol de base uma dualidade. Revelar novos jogadores, e possibilitar sua ascensão à categoria profissional, ou conquistar títulos?

A prática cotidiana do futebol de base no Brasil demonstra que a questão da conquista de títulos é um fator que interfere diretamente no planejamento de trabalho dos técnicos. A cobrança por resultados e títulos existe, desde as primeiras categorias e, em muitos casos, é decisiva para a manutenção do técnico. Revelar jogadores e possibilitar a estes o acesso à equipe profissional deveria ser o foco, e a conquista de títulos consequência natural do trabalho realizado:

Esta dualidade é normal. Temos que conviver com ela. Para revelar é importante competir. Colocar o jogador em condições de pressão. Principalmente em jogos decisivos. Assim, quando mais uma equipe compete e chega em condições de brigar pelos títulos você prepara o jogador. Quando acontecem as vitórias e os resultados, quase sempre se forma jogador. Quando o time está mal não consegue conquistar, e conseqüentemente prejudica o surgimento de novos talentos. Quando se vence consegue motivar mais os jogadores e a diretoria passa a dar mais valor ao trabalho realizado (Técnico da Categoria Sub 20).

A competição é considerada pelos atores sociais como um meio, é parte integrante do processo de formação do jogador. Ela é um dos principais parâmetros de avaliação do trabalho realizado e para identificar a evolução do jogador, embora, de acordo com as narrativas dos nativos, o resultado tenha que fazer parte e não fim dos objetivos nas categorias de base, o que é diferente na categoria profissional. Entretanto, os dirigentes não têm o mesmo pensamento.

Drubscky (2003) preconiza que o principal objetivo de um departamento de base é formar atletas para as equipes profissionais. Mas, foi possível observar, durante a coleta de dados deste estudo, que a prática cotidiana dos clubes de futebol do Brasil mostra uma realidade de pensamentos e atitudes bastante diferente. É muito comum, assim como acontece entre profissionais, os técnicos das categorias sub-12 até sub-20 perderem seus empregos por não serem vencedores dos campeonatos que disputam. Esta postura, como afirma Drubscky, contribui para que o futebol de base sofra crise de identidade por uma filosofia única e definida no planejamento de trabalho das categorias de base, ou seja, que tenham objetivos a serem atingidos.

Geralmente, num mesmo clube cada categoria tem seu técnico, com métodos de treinamentos e pensamentos táticos diferentes dos demais. Ganhar jogos e campeonatos representa a possibilidade de subirem, talvez, na própria estrutura onde está enquadrado, ou em outros clubes.

Drubscky (2003) considera que é importante que existam estilos diferentes de treinadores, principalmente para a avaliação dos atletas. O futebol apresenta muitos perfis de jogadores, e as análises sob distintas visões de jogo diminuem o risco de se perder talentos nos processos de seleção, sem fugir, porém, aos métodos e objetivos gerais do trabalho.

As conquistas de títulos deveriam acontecer em decorrência de um trabalho uniforme e planejado, executado com competência pelos diversos profissionais que estão envolvidos no contexto. Quando assim o é, o clube pode revelar talentos acostumados a ganhar títulos e participar de competições importantes desde cedo. A conquista de campeonatos faz parte do processo de formação e promoção do jogador de futebol, possibilitando-lhe adquirir vivências em situações decisivas nas competições das diversas categorias.

5.8. O PLANEJAMENTO DE TRABALHO DAS CATEGORIAS DE BASE

Outro aspecto observado ao longo das entrevistas refere-se ao planejamento de trabalho nas categorias de base. A integração entre todos os profissionais é importante para que o processo possa ocorrer de maneira eficaz, apesar de que, segundo os próprios atores sociais, a vaidade e a vontade de buscar e conquistar o espaço no futebol acabam, muitas das vezes, por influenciar negativamente a busca por esta integração.

Observamos, durante o estudo de campo, que o planejamento de trabalho das categorias de base na estrutura do futebol deveria priorizar a formação de jovens atletas, sendo considerado essencial para a carreira e a trajetória do jogador quando este atinge a categoria profissional, na medida em que o resultado está diretamente relacionado ao processo de formação.

Este planejamento de longo prazo deveria se apoiar nos princípios científicos do trabalho de base, como preconiza Greco (1997: 13):

Para a condução de um processo de ensino-aprendizado-treinamento com crianças e adolescentes é preciso primeiramente aprofundar os conhecimentos sobre as características da evolução psicomotriz da criança e do adolescente e sobre as características dos processos de adaptação biológica em cada faixa etária. Portanto, é imprescindível considerar as formas de integração dos “Princípios do Treinamento” aplicáveis nestas faixas etárias, como também os métodos de ensino-aprendizagem-treinamento adequados conforme idade, fases e níveis de rendimento.

Entretanto, o processo de iniciação esportiva no futebol brasileiro é genuinamente clubista e totalmente apontado para a competição e a revelação de jogadores cada vez mais precoce dada a imposição do mercado futebolístico o que, em certos casos, acaba por inviabilizar uma seqüência de trabalho que respeite as etapas de formação preconizadas por Greco (1997).

Neste sentido, a cobrança por resultados é prematura, ocorrem casos do jogador ser promovido de uma categoria para outra sem que a evolução maturacional esteja de acordo com a idade e a categoria apropriada. Isso pode depreender-se das observações das representações nativas que atuam nessas categorias.

Um outro dado importante, coletado nas entrevistas, se refere à estruturação dos departamentos de base dos Clubes dos atores sociais. Apesar da ligação com a estrutura organizacional e hierárquica do clube, estes departamentos contam com uma administração independente. Trata-se, em muitos casos, como afirma Drubsky (2003), de um clube dentro de outro, com vida e objetivos diferentes, sendo que geralmente os destinos dos departamentos profissional e de base, se cruzam somente quando aparece uma jovem promessa em condições de jogar na equipe profissional.

Tal situação ocorre, principalmente, como conseqüência da cultura administrativa do futebol brasileiro. A volatilidade política dos clubes de futebol é um sério agravante desta situação nos departamentos de base do futebol brasileiro.

Neste contexto, segundo os Coordenadores Técnicos das Categorias de base do Atlético-PR, Cruzeiro-MG, Fluminense-RJ, Grêmio-RS, São Paulo-SP e Internacional-RS, os clubes têm tomado os devidos cuidados na relação do planejamento de trabalho das categorias de base e profissional. E uma das estratégias utilizadas tem sido a de contar com um profissional para coordenar o processo de formação de futuros jogadores, mantendo a comissão técnica da equipe profissional informada a respeito da evolução dos jogadores, especificamente os que compõem a Sub 17 e a Sub 20. Provavelmente, porque isto possibilita a integração dos dois departamentos e permite um maior conhecimento dos jogadores que estão compondo o futebol de base.

Nos casos específicos do Atlético-PR e do Internacional-RS, foi possível verificar que os Centros de Treinamento abrigam a estrutura dos dois departamentos. Os jogadores das categorias Sub-17 e Sub-20 residem e treinam no mesmo CT, convivendo diretamente com os atletas e Comissão Técnica da equipe profissional⁷⁹. Foi possível perceber, através dos contatos com os diversos atores sociais, que existe uma integração entre as Categorias de base e do profissional, já que no entendimento deles este processo de ligação não pode ser desintegrado, porque o objetivo final é preparar o jogador para atuar na equipe principal:

A filosofia é a formação, o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos nossos jogadores. Este processo de relacionamento entre as categorias de base e profissional deve ser natural. Daí o fato de mantermos um único Centro de Treinamento para as duas categorias. O que favorece esta ligação. Nós não podemos desintegrar nossa empresa, pois temos que preocupar com a formação integral do nosso jogador que está na base e que amanhã estará integrando a equipe profissional (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

O fato do jogador da base estar no mesmo espaço com os profissionais, gera uma integração. O menino aqui assiste aos treinos. Convive com os ídolos. Cria uma identificação com o Clube. Existe uma integração dentro dos limites. Existe uma aproximação, uma continuidade. Que o jogador não sinta muito a diferença de mudança de categoria. Existe uma metodologia de treino, o que permite aproximar uma categoria da outra. Para que o trabalho não perca em continuidade. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Aqui a integração é muito grande. Temos acesso irrestrito. Conversamos no dia-a-dia. Temos inclusive uma metodologia, uma organização de trabalho. O entendimento, respeito e fato de se conhecer o trabalho que está sendo realizado por todas as categorias e o relacionamento com a Comissão Técnica da equipe profissional são fatores importantes (Técnico da Categoria Sub 17).

A integração entre as comissões técnicas da base e do profissional depende muito do treinador da equipe principal. Pois, alguns estão mais abertos ao diálogo. Em nosso Clube, devido ao fato de ter um direcionamento e um comando mais forte por parte da Diretoria, esta integração ocorre naturalmente. É uma determinação, filosofia do clube mesmo. Agora, nas categorias de formação é obrigação mesmo (Técnico da Categoria Sub 20).

A questão do sincronismo no desenvolvimento do trabalho deveria ser uma regra geral entre os clubes, principalmente os tradicionais. Entretanto, foi possível detectar que devido ao fato dos centros de treinamento serem em locais diferenciados, em parte prejudica a integração e um melhor relacionamento entre as duas categorias.

Outro aspecto citado pelos atores sociais refere-se à estrutura oferecida para que o processo de detecção e seleção de jogadores ocorra. São sempre muitos candidatos

⁷⁹ Nos demais Clubes que fizeram parte desta pesquisa, o Centro de Treinamento da Base está localizado em área diferente do Profissional.

que procuram insistentemente os clubes, pelos mais diversos meios, principalmente os de maior porte físico, indiferentemente da idade e do nível de formação educacional e esportivo.

Tal processo segue praticamente o mesmo padrão no Atlético-PR, Cruzeiro-MG, Fluminense-RJ, Goiás-GO, Grêmio-RS, São Paulo-SP e Internacional-RS. Segundo os atores sociais, o que diferencia substancialmente o trabalho de base de um clube em relação a outro, principalmente quando se compara com os demais, são as estruturas física e científica, além da qualidade dos profissionais envolvidos com o planejamento de trabalho.

Neste aspecto, referente à estrutura física, os Coordenadores Técnicos entrevistados, enfatizaram esta questão, afirmando que é necessário oferecer basicamente cinco fatores⁸⁰:

- Estrutura relacionada aos recursos físicos disponibilizados, como campos de treinamento em número suficiente para atender todas as categorias. Alojamentos e recursos materiais em quantidade e qualidade para atender os atletas e as comissões técnicas;
- Suporte científico, como equipamentos de musculação, laboratório de fisiologia, departamentos médico e dentário, de psicologia e de assistência social;
- Suportes auxiliares, como assistência alimentar, moradia e escola;
- Suporte técnico profissional com técnicos, treinadores, auxiliares e preparadores físicos;
- Filosofia de trabalho e tática com metodologia de treinamentos, objetivos definidos e filosofia tática para o jogo.

Para os atores sociais, estes são os aspectos que fazem a diferença entre os clubes no futebol brasileiro. Os clubes que fizeram parte da amostra deste estudo possuem em sua estrutura alimentação balanceada, profissionais qualificados,

⁸⁰ Foi possível constatar durante a coleta de dados que os sete clubes pesquisados por este estudo oferecem todas estas condições. Contando com um Centro de Treinamento para o desenvolvimento do trabalho das categorias de base. Sendo que Cruzeiro, Fluminense, Goiás, Grêmio, São Paulo possuem uma estrutura exclusiva para o atendimento deste departamento. No Atlético -PR e no Internacional-RS o Centro de Treinamento engloba as categorias de base e profissional. São oferecidos para os atletas alojamentos, sala de musculação, departamento médico (médicos, dentistas, fisioterapeutas), refeitório (alimentação orientada por nutricionistas), campos de futebol (quatro em média), além das condições necessárias para que os atletas possam estudar. Apenas o Cruzeiro-MG conta com uma escola exclusiva, no próprio CT para atender aos atletas. Os demais Clubes disponibilizam transporte para os jogadores, sendo que eles estudam em horários alternativos aos treinamentos.

departamento médico, campos para treinamentos, sala para musculação, alojamentos, e condições para que os atletas possam estudar.

Existe uma preocupação com a formação cidadã do jogador. Todavia, essa é uma fala do discurso oficial:

Atualmente nós temos 84 garotos morando aqui no Centro de Treinamento. Temos assistente social, nutricionista, psicólogo. Temos os meninos que moram aqui e os que vêm apenas para treinar. São cerca de 300 garotos. Nós fazemos uma análise psicossocial. Um dos trabalhos desenvolvidos aqui é o de convivência com o grupo. Nós entendemos que a maioria não vai chegar a ser profissional. Assim, temos que nos preocupar com a formação dele. O atleta tem que ter outro perfil. É a formação cidadã do atleta. Nós temos que manter um vínculo muito forte com as famílias. Integrar as famílias com o trabalho que é realizado aqui. Eu acompanho tudo que acontece com o jogador. Eu matriculo. Acompanho o desempenho escolar. Notas, disciplina, assiduidade. Dou todo o apoio na dispensa do jogador. Estamos sempre nos treinos. Próximos da Comissão Técnica. Entendemos que o atleta é um todo. Não existe um atleta que entra em campo e deixa os problemas de fora. Trocamos informações para controlar a vida pessoal e de treinamento (Assistente Social das Categorias de Base).

Pelas análises dos atores sociais, na maioria dos casos os Clubes no Brasil não oferecem as mínimas condições para que as comissões técnicas possam executar o trabalho nas categorias de base, devido ao fato de que os clubes de uma forma geral, com raras exceções, e pertencentes a todas as três divisões, estão passando por dificuldades financeiras para a manutenção de suas atividades profissionais.

Contamos com um orçamento anual de oito milhões de reais para manter a estrutura da base. Mas, é cada vez mais raro os clubes que hoje realmente investem na formação de jogadores, que oferecem alojamento, assistência social e psicológica, campos para treinamentos, escola, profissionais qualificados. Diversos clubes faliram porque é muito caro manter hoje um clube. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

O processo de seleção e detecção passou a ser muito importante. De nada adianta ter um bom processo de seleção e detecção se não tiver um bom processo de formação, que passou a ser significativo. Porque interfere no desenvolvimento do atleta, em sua evolução. Aqui o orçamento mensal com as Categorias de Base está por volta dos duzentos mil reais. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

O Centro de Treinamento não é simplesmente o campo. Tem que entender que é toda uma estrutura. Tem que ser um local de excelência. Todos os aspectos como: alimentação, alojamento, departamento médico, sala de musculação, entre outros, têm que ser levados em consideração. É aqui que o jogador vai desenvolver suas qualidades. Muito mais que se ele estivesse em um local que não tivesse as condições ideais. No nosso orçamento, o investimento com a base está em torno dos cento e quarenta mil reais. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Entretanto, independentemente das condições e da estrutura oferecidas, todos os dias, inúmeros são os pedidos e contatos realizados diretamente com os clubes, por

intermédio de pessoas influentes nestas equipas, a exemplo de empresários, dirigentes, técnicos, ex-atletas, cronistas esportivos, ou mesmo os próprios pais.

5.9. AS VIAS DE ACESSOS UTILIZADAS PARA A CAPTAÇÃO DE JOGADORES NAS CATEGORIAS DE BASE

As vias de acesso às quais o jogador pode recorrer para ingressar no Clube em cada uma destas categorias são conduzidas de várias formas, conforme foi constatado na pesquisa de campo. Estas são dependentes da categoria e da idade do jogador. Várias estratégias são utilizadas, tais como: a indicação dos observadores técnicos; da contratação de jogadores de outros clubes de menor expressão que disputam competições oficiais; das peneiradas; das franquias; das escolinhas mantidas pelos Clubes em outros locais que não sejam o Centro de Treinamento das categorias de base; das escolinhas de futsal e dos convênios com Clubes do Interior e até mesmo de outros estados.

5.9.1. Indicação

A indicação⁸¹ é um processo que ocorre principalmente em função do trabalho dos observadores técnicos, denominados “olheiros”. Esta é considerada pelos atores sociais como uma das vias mais produtivas, porque consegue captar mais jogadores para o clube, em todas as categorias. Mesmo os jogadores vinculados aos empresários ou a outros clubes são observados e indicados. Atualmente, a procura está focada nos jogadores cada vez mais novos.

A indicação pode ocorrer através de várias pessoas envolvidas no contexto do futebol. Cada uma conta com um peso específico, como pode ser observado na tabela 1, utilizada pelo Atlético-PR⁸²:

⁸¹ Processo pelo qual pessoas ligadas ao Clube, Dirigentes, Empresários, Observadores Técnicos e etc, indicam jogadores.

⁸² Dados internos do Atlético-PR, fornecidos pelo Coordenador Técnico-Científico do Clube.

TABELA 2 – Fatores avaliados no processo de Indicação

Fatores a serem avaliados	Pontuação
Chega ao clube por iniciativa própria	0
Chega ao clube por indicação da sociedade (comum)	1
Chega ao clube por indicação de um diretor do clube	2
Chega ao clube por indicação de um professor de Educação Física	3
Chega ao clube por ter participado de seletivas/peneiradas	4
Chega ao clube por indicação de um técnico de futebol do “CAP” ou de outro clube	5
Chega ao clube indicado por um clube parceiro	6
Chega ao clube indicado por um dos olheiros oficiais do “CAP”	7
Chega ao clube convidado pela comissão técnica do “CAP” após confronto direto com nossas equipes	8
Chega ao clube após acompanhamento do atleta em outro clube durante longo tempo	9
Chega ao clube o atleta com participação em seleções, estadual e/ou nacional	10

Fonte: Dados internos do Atlético-PR

Apesar dos critérios serem questionáveis, eles existem, não são tão espontâneos. O fato do jogador ser indicado por clubes parceiros, observadores técnicos do clube, membros das comissões técnicas, e, principalmente se foi observado em competições oficiais, são fatores que contam com um peso maior. O fato de chegar ao clube por iniciativa própria é um aspecto que pesa desfavoravelmente.

De acordo com Toledo (2002) a “indicação” se mostra mais eficaz do ponto de vista do aproveitamento dos jovens, pois em média 50% dos que foram trazidos começam a serem aproveitados. Munidos de uma “história esportiva”, espécie de currículo e, se for o caso, de uma “carta de liberação” os jovens chegam aos CT e são iniciados os testes no clube dentro deste breve período.

Nos clubes pesquisados, especificamente nas categorias Sub 17 (16 anos), Sub 15, Sub 14 e Sub 13, o processo de indicação é um dos mais utilizados. O jogador, despertando o interesse, e sendo aprovado, após um período de teste e adaptação, é inserido em sua respectiva categoria.

O processo de indicação também ocorre nas categorias Sub 17 e Sub 20. Um jogador que é indicado por um observador técnico e seja aprovado, precisa possuir um bom histórico, bons antecedentes, experiência, além do fato de nas categorias superiores o processo de avaliação envolver fatores como o tático, físico, psicológico e mesmo o clínico.

Na medida em que as categorias vão se aproximando da profissional as exigências aumentam. De acordo com os atores sociais, nas categorias abaixo da Sub

15, a exigência maior é o aspecto da habilidade técnica. Vale mais a capacidade individual de passar, dominar, conduzir, chutar, marcar, driblar. Conforme avançam nas categorias, as exigências vão sofrendo alterações. Outros critérios vão sendo acrescentados.

Há que se progredir sempre, melhorar em relação ao próprio desempenho, pois quanto mais se desce no gargalo do funil, maior a competitividade. Quanto mais se avança em direção ao gargalo, maiores são as exigências, inclusive de dom/talento e de “Q.Is” - “quem indica”: olheiros, dirigentes, consules, agentes/empresários, etc (Damo, 2003: 266).

Por isso os clubes mantêm um controle das indicações dos observadores técnicos, de quantos jogadores foram indicados e que obtiveram sucesso em suas indicações, mantendo um cadastro destas indicações:

Por isso, os observadores têm que acompanhar os treinamentos de todas as categorias mantidas pelo Clube, por que isso contribui para identificar o jogador, numa determinada competição, de acordo com o perfil da equipe mantida aqui na nossa estrutura. E que esteja dentro das exigências do Técnico da categoria. Ou seja, o jogador não é escolhido aleatoriamente, ele tem que ser escolhido de acordo com alguns critérios. Principalmente em termos de qual característica física, técnica e tática o Técnico quer. Nós temos um banco de dados. Ou seja, o jogador pode não ser aprovado hoje, por algum motivo. Mas ele pode ter uma nova chance mais tarde. O importante é manter um cadastro de todos os jogadores, por que hoje de repente ele não serve, por um motivo ou outro. Mas amanhã ele pode ter uma nova chance. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

A questão de ser aproveitado ou não depende muito de quem está observando, de quem tem o poder de decidir, de sua filosofia e princípios táticos, ou seja, de que forma ele esquematiza sua equipe em campo, e da característica de jogador que ele prefere para desempenhar as funções dentro de campo, de acordo com a posição que vai atuar:

O Coordenador Técnico imagina um estilo de jogo característico do Cruzeiro, e, com base neste parâmetro estabelece critérios para a seleção de jogadores. A identificação do talento é baseada na análise subjetiva dos observadores técnicos. Entretanto, os critérios utilizados, se os jogadores têm qualidades técnicas, táticas, físicas entre outras, não são devidamente explicitados ou discriminados.

Em muitos dos casos, o desempenho do jogador no momento da observação é atraente ao olhar do observador, e encontra respaldo na concepção dos demais técnicos. Mas aí existe pouca evidência de qualquer critério científico que sirva de base para prever que a escolha naquele momento será eficaz. Por outro lado, a capacidade de “enxergar” o talento esportivo desde idades iniciais, não pode ser desconsiderada.

Como em outras modalidades esportivas, no futebol é comum a existência de uma visão prematura que atribui grande importância à atuação de um garoto nas categorias iniciais. Isto faz que sejam considerados talentosos os garotos que se destacam no momento, tornando o processo de formação do atleta altamente dependente do desempenho em um dado momento, sem considerar o fato de que o futebol é uma modalidade esportiva em que a condição física, em algumas situações, influencia diretamente o desempenho.

Agravando este problema, como as categorias competitivas são organizadas com intervalos de dois anos na faixa etária, a partir da categoria Sub 17, e, de três anos na Sub 20, é possível que, dentro de uma mesma categoria, os jogadores mais velhos sejam privilegiados. A potência do chute, do passe e os contatos físicos na disputa pelo espaço de jogo são alguns exemplos de que os meninos com atributos físicos favoráveis e com maior tamanho corporal, tendem a ter certa vantagem durante o jogo. Talvez por isso, algum garoto possa impressionar mais. Seja pelo porte físico, pela habilidade técnica, comportamento disciplinar e a capacidade tática.

Drubscky (2003) afirma que nas idades iniciais, que envolvem as categorias Sub 14 e a Sub 15 a falta de um padrão coletivo de jogo permite que os jovens com melhor perfil antropométrico e de aptidão física tenham maior destaque.

Porém, com a evolução da idade cronológica e a aquisição de habilidades técnicas, de capacidades táticas, de um melhor preparo psicológico, estas variáveis deixam de ser eficazes na identificação dos melhores jogadores.

Devido ao caráter multifatorial do desempenho no futebol, um jogador que apresenta desvantagem em determinado aspecto pode se sobressair em algum outro, o que pode ocasionar falhas na avaliação. Por isso é grande a tendência de se cometer erros na tentativa de identificação do talento a partir de uma visão reducionista e/ou imediatista.

Nesse sentido, torna-se necessário pesquisar, abordar e agregar outras variáveis, além das antropométricas e de aptidão física, ao modelo de análise dos componentes do desempenho do jogador.

5.9.2. Peneirada ou Processo Seletivo

A outra via de acesso utilizada é a “peneirada”, ou como afirmam os entrevistados, “teste social”.

Para Toledo (2002) a “peneira” consiste no processo mais espontâneo onde os garotos se dirigem à sede do clube para se cadastrar, preenchendo uma ficha com algumas características físicas: peso, altura e idade, além da posição em que atuam. Feitas as inscrições, esperam pelo chamado, o que pode demorar muitos meses (em média de quatro a cinco). Este processo trabalha com aproximadamente quarenta garotos, e são testados, de preferência, os que ainda não tiveram experiência continuada em clubes.

Na análise de Toledo (2002), embora este modelo seja uma via de muito apelo popular, teoricamente de fácil acesso à carreira de jogador, estatisticamente menos de 1% dos jogadores do São Paulo passou por uma peneira. Em 1995, por exemplo, de 3.500 garotos que se aventuraram nas peneiras, apenas cinco foram aproveitados. Em 1996, apenas dois em 4.000 candidatos permaneceram no clube.

De dez mil atletas que passam, em média por ano no Clube nas peneiras, às vezes fica um”. De 2004, ficaram quatro. Jogador acima de 17 anos não entra no processo de peneirada. Mas pode ser observado, no habitat dele, através de observação dos nossos observadores. Se ele tiver características que se adequam ao Cruzeiro, ele vem para um período de teste. Que é denominada de seletiva (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Para os atores sociais, as peneiradas geralmente são realizadas com garotos entre 12 a 16 anos no máximo, pois neste processo, caso seja aprovado, ele terá um tempo maior depois no clube. Ele será avaliado em um processo de médio prazo e se possuir os requisitos necessários para se tornar um jogador profissional, ele será objeto de investimento para formação e aprimoramento dos aspectos: físico, técnico, tático, psicológico e clínico.

Em uma “peneira”, os garotos são avaliados pelo que conseguem fazer, e não pelo que seriam capazes de aprender a fazer. Lembramos que estamos falando de garotos, que ainda não atingiram nem 80% de suas capacidades técnica, física e mental. O correto seria não somente aproveitar aquele garoto que apresenta índices de desempenho ótimos, mas sim, também os outros, que uma vez trabalhados em um centro de formação de jogadores, poderão vir a serem, ainda, melhores no futuro. Em uma peneira, observamos que muitas vezes os garotos mais novos levam certas desvantagens sobre os mais velhos, mas como as peneiras são feitas, geralmente, para resultados imediatos (visando competições), são exatamente os mais velhos que em vias de regras são escolhidos, e trazem consigo todas as qualidades e defeitos adquiridos em seu próprio habitat. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Aqui nós contamos com “Olheiros” distribuídos em todo o país. Eles fazem os festivais, que são as peneiras. Apesar de que em uma peneira, em 40 minutos é muito difícil um jogador mostrar algo. Os selecionados nós

trazemos para cá. Os garotos maturados biologicamente nós dispensamos. Porque ele não vai ter o que desenvolver. Por isso a maturação biológica tem que estar em desenvolvimento. Nós priorizamos jogadores que estão em fase maturação (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Foi praticamente consensual, entre os atores sociais, a informação de que o jogador de 17 anos em diante possui poucas chances de ser selecionado através da peneirada, pois sendo selecionado ele vai ter pela frente um grande desafio: estará compondo um grupo de jogadores do Sub 17, já em seu segundo e último ano na categoria. Além disso, o grupo do Sub 17, sempre conta com jogadores que já tem pelo menos três anos de clube, ou que foram contratados de outros clubes. Por isso, para jogadores desta faixa etária existem outros processos de detecção e seleção, como a indicação de observadores técnicos e contratação de jogadores de outras equipes de menor expressão e ou formadoras, mas que contam com um trabalho de base de qualidade.

Pelo exposto, quanto mais avançada a idade do jogador em relação às categorias de base, mais difícil será seu aproveitamento. Daí, a justificativa para que praticamente não exista peneirada para garotos acima de 16 anos.

No Fluminense, o termo “peneira” não é utilizado, denominando-o de processo seletivo. Neste é realizado um processo de observação, no qual o pretendente a atleta faz três treinos, durante um mês, em Xerém⁸³. Três observadores têm a missão de realizar a seleção durante os treinos.

Outra forma de seleção no Fluminense é o chamado agendamento. São atletas indicados por empresários, por pessoas e profissionais que trabalham no futebol ou mantêm alguma relação com o clube. Se aprovados, passam a integrar o grupo da categoria de base adequada a sua faixa idade. Essa é uma variação do processo de seleção conhecido como peneirada.

Os Clubes pertencentes à amostra deste estudo têm priorizado de forma geral realizar as peneiradas em cidades localizadas na região metropolitana das capitais, no interior dos seus respectivos estados, e até mesmo em outros, principalmente no Norte e Nordeste do País. Quando algum garoto é selecionado, passa por um período no clube, onde é submetido a avaliações, fica alojado no próprio clube, onde passa por exames médicos, participando dos treinamentos das equipes que compõem sua respectiva categoria.

⁸³ Centro de Treinamento do Fluminense Futebol Clube do Rio de Janeiro, especificamente para atender as categorias de base.

A “peneirada” surgiu em função do excessivo número de solicitações que todos os dias os clubes recebiam. Este método persiste no Brasil há várias décadas, mesmo sendo alvo de inúmeras críticas pelo grau de frustração que acarretam aos pretendentes à carreira de jogador e pelo percentual praticamente insignificante de jogadores oriundos desta via de acesso que se profissionalizam.

A concorrência chega a ser absurda. Estima-se que apenas um garoto é selecionado entre mais de mil candidatos. Mais de 20 garotos buscam o Clube num dia comum de inscrição. A procura é sempre grande. É o processo que dá menos retorno. A maioria é reprovada, principalmente os de 16 anos em diante. (Técnico da Categoria Sub 15).

A peneirada era o instrumento que mais contribuía na seleção de valores. Hoje, tornou-se menos produtivo e quase desprezível. O caráter cada vez mais mercantilista do futebol despertou o interesse de muitos setores da sociedade. Pessoas físicas e jurídicas estão investindo tempo e dinheiro para explorar o futebol: Clubes temporários, empresas de representação e assessoria esportiva, empresários, em meio a outros modelos de exploração comercial. (Técnico da Categoria Sub 20).

Neste sentido, é impossível avaliar corretamente todos os candidatos que se apresentam. Isto revela a grande procura, o interesse dos garotos em jogar futebol. Só que não há espaço para todos. E, muitas vezes, talentos são desprezados:

Problemas sociais, econômicos e culturais estão no conjunto de fatores que levam grandes quantidades de garotos brasileiros a se arriscarem no futebol. O número excessivo é o retrato dessa situação. Os grandes clubes chegam a fazer dezenas de milhares de testes ao ano. Talentos são descartados. Não dá para avaliar todos. E, cai na questão da subjetividade. E, a margem de erro é grande. É por isso, que é comum ouvir, que um determinado jogador que chegou à seleção brasileira, como o Cafu, passou por várias tentativas. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Uma das razões das peneiras ainda serem utilizadas no futebol brasileiro, é a enorme demanda por vagas e a expressiva procura por parte de garotos de todas as idades:

Se pensar na relação custo x benefício você vai verificar que o custo é muito alto e o retorno quase nenhum. Mas temos que pensar no lado político do clube. São muitas as solicitações. Temos aqui 120 ligações⁸⁴ em média por dia de garotos. E, nós não temos como observar todos esses garotos. Então criamos um critério. Em um dia por mês nós fazemos uma peneirada num determinado local. São vários os observadores, toda uma equipe observando, inclusive filmando. (Observador Técnico).

Nós temos que dar uma justificativa para a sociedade. Principalmente para aqueles que torcem pelo Goiás. Imagine se o Goiás fecha as portas e não faz mais testes. A peneirada é uma válvula de escape, inclusive para não atrapalhar os treinamentos. Mas, de vez enquanto tira um jogador. Agora,

⁸⁴ Durante a pesquisa de campo no Atlético-PR visitei o setor de agendamento de testes. E, pude verificar que em uma hora, 12 ligações foram feitas por garotos visando marcar um dia para teste. Pude constatar também na secretária eletrônica do Clube, que 21 ligações foram feitas entre as 18h de uma quarta-feira às 9h da quinta-feira.

se formos ficar por conta de peneirada, não haverá treinamento. Do grupo de juniores atual temos dois jogadores oriundos da peneirada. O goleiro e o volante. O goleiro foi avaliado pelo nosso treinador de goleiros, tinha 16 anos. E o volante tinha 18 anos. Eles foram aprovados na peneirada, passaram por um período de adaptação e hoje estão aqui, com boas perspectivas de futuro. (Técnico da Categoria Sub 20).

Esta situação gera uma necessidade, quase obrigação, dos clubes prestarem uma satisfação à sociedade, ou mesmo a alguns empresários sem expressão, mas que mantenham vínculo afetivo com o clube: ex-jogadores, e até mesmo amigos de membros da comissão técnica e diretores.

Observamos nos discursos dos atores sociais que o processo de peneirada pouco ou nada contribui para a seleção de jogadores, principalmente pela metodologia aplicada. Neste sentido, Montagner & Silva (2003: 197) analisam que: “é possível pensar, por hipótese, numa construção de seleção de talentos melhor sistematizada, observar alguns indicadores científicos e, com isso, obter resultados mais satisfatórios na modalidade”.

Os processos que possibilitam um maior retorno aos clubes são outros, como por exemplo, o modelo da indicação pelos observadores técnicos. Mas, poder-se-ia pensar que a peneirada ainda persiste por uma tradição.

5.9.3. Contratação

A contratação é um outro processo de seleção e detecção de jogadores, mas, como afirmam os entrevistados, desde que o treinador da equipe específica tenha observado e aprovado. O controle é muito mais rigoroso, porque envolve aspecto financeiro na transação.

As contratações de jogadores nas categorias de base é uma prática usual na estrutura do futebol brasileiro, por permitirem um retorno técnico mais seguro:

As contratações de jogadores ainda nas categorias de base passaram a ser uma prática usual e de retorno técnico mais seguro para os grandes clubes porque, em geral, os jovens são vistos jogando em bons campeonatos e contra equipes qualificadas, o que favorece a análise dos observadores técnicos. O jovem atleta, contratado nessa circunstância, está mais pronto em relação à maioria dos candidatos que chega espontaneamente aos clubes. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Como vimos os atletas são observados em competições oficiais e/ou amistosas de bom nível técnico, o que lhes propicia mostrar suas qualidades técnicas enfrentando

adversários mais qualificados, possibilitando uma análise mais criteriosa por parte dos observadores técnicos.

As competições, de acordo com Damo (2003), fazem parte do processo de formação e produção de jogadores, “mas não se pode esperar destes jovens atletas, o mesmo controle de um profissional já formado e muito menos a mesma disciplina individual e coletiva”. Mas, os clubes estão preferindo buscar estes jogadores em competições, pelo fato deles chegarem semi-prontos. Neste caso o investimento e o tempo de preparação será menor, ao contrário daqueles que chegam de forma espontânea, que terão que ser submetidos a um processo de adaptação e posterior treinamento em um tempo maior.

No processo de “contratação” o atleta chega pronto de alguma categoria (Sub 20 e/ou Sub 17 de outro clube) e elabora-se um pré-contrato profissional por um período de três meses, durante o qual será observado. No São Paulo 80% dos contratados são, de alguma maneira, aproveitados, permanecem por mais tempo que o período probatório de três meses (Toledo, 2000).

Portanto, é possível observar que a contratação, no caso examinado, seria uma alternativa mais eficaz, que surtiria efeitos mais rapidamente, já incorporando o atleta ao grupo principal de uma determinada categoria. A contratação envolve uma transação entre clubes, denominados pelas narrativas dos atores sociais de “formadores”⁸⁵ e “vitrine”⁸⁶.

Outra forma de contratação se dá por intermédio das agências de jogadores. O relacionamento dos empresários com os clubes e atletas, ainda que tenha se tornado habitual no meio do futebol, não é visto como legítimo por boa parte dos dirigentes, jornalistas e profissionais em geral. O clube no Brasil ainda é representado como um local de adesão emocional e afetiva, que se contrapõe, na visão romântica, a entendê-lo como uma empresa. Essa tensão se materializa quando da afirmação de um dos Coordenadores Técnicos das Categorias de Base quando enfatiza que os empresários são aceitos se mantêm fidelidade ao clube:

Temos aqui contatos, principalmente com ex-jogadores do Clube, que hoje estão atuando nesta profissão. Mas aceitamos indicações de pessoas que tenham relação com a diretoria e comissões técnicas. E que sejam de confiança (Coordenador Técnicos das Categorias de Base).

⁸⁵Equipes que são constituídas com o objetivo de revelar jogadores e negociá-los ou manter parcerias nos direitos federativos com os clubes de maior porte.

⁸⁶ Equipes de grande porte, histórico, projeção e que disputam as principais competições no futebol brasileiro.

O assédio já está grande, uma vez que eles se limitavam a ficar só no profissional. Hoje o empresário já está pegando o garoto, lá no Pré-infantil. Comprometendo-se com pai, mãe, e, infelizmente, pelas dificuldades que os clubes estão passando, no aspecto financeiro, mesmo o clube dando uma ajuda de custo, condições para treinamento, não consegue fazer tudo aquilo que o atleta precisa para vir treinar. É nessa parte que entra o empresário, dando um conforto maior para a família. Começa a ganhar a simpatia da família e do atleta. Eu não sou contra o empresário, desde que ele fale a linguagem do clube. Eu sempre coloco o clube como principal meta a ser alcançada, o objetivo final é o clube e o atleta do clube é a mola mestra de tudo isto (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Neste processo de contratação, o jogador é observado criteriosamente pelos observadores técnicos do clube. É avaliado em competições oficiais, e obtendo o aval do técnico da categoria ele será aprovado para um período de teste. Em alguns casos, o jogador já vem em definitivo. Este foi o caso de Ronaldo “Fenômeno”, então com 17 anos, que veio para o Cruzeiro contratado ao São Cristóvão do Rio de Janeiro, em parceria com o ex-jogador Jairzinho. De acordo com o Coordenador Técnico do Cruzeiro-MG, o jogador chegou em definitivo, e com pouco tempo de clube já estava integrando a categoria profissional, sendo depois negociado por 6 milhões de dólares com o PSV da Holanda.

Este processo de contratação é utilizado em maior escala para os jogadores que já tenham experiência, principalmente em competições oficiais, mas que já tenham um tempo de trabalho em longo prazo em outro clube, geralmente os denominados “formadores”, como são conhecidos o América-MG, Juventus-SP, o Botafogo de Ribeirão Preto-SP, o Corinthians de Alagoas, entre outros tantos distribuídos pelo País. Isto se deve ao fato de que o jogador que está com a idade de 16, 17, 18 e 19 anos deve possuir um nível de desenvolvimento avançado nos aspectos técnico, tático e físico e maturidade de jogo.

De acordo com informações dos atores sociais, somente pela via da contratação um jogador pode ter acesso e permanecer no grupo da equipe Sub 20, onde será observado criteriosamente, participando de uma determinada competição e após serem obtidas informações do clube de origem nos aspectos técnico, tático, físico, psicológico e fatores extra-campo, como a disciplina e o empenho nos treinamentos.

Isto porque é uma categoria próxima do profissional, e conta com jogadores com um longo período de permanência no clube. Por estas razões esta via de acesso ocorre, em maior escala, a partir da categoria Sub 20:

Tanto na categoria Sub 20 quanto na Sub 17 o acesso normalmente se dá através de empresários. Aí já é de clube para clube. Este é o tipo de

transação que mais ocorre nestas categorias. (Técnico da Categoria Sub 20).

Os elencos das equipes de base sempre contam com um elevado número de jogadores, que se tornam difíceis de ser dispensados depois que entram nos clubes. Segundo o Coordenador técnico do Cruzeiro, algo tinha de ser feito para diminuir o número de jovens atletas nas equipes representativas do clube em competições e, ao mesmo tempo, não correr o risco de dispensar jogadores com potencial.

Em função disso, muitos dos clubes de maior representatividade no futebol abriram filiais, firmaram convênios e/ou parcerias com outros de menor porte da mesma cidade ou de fora, procedimento que está sendo adotado em todas as categorias. Ao mesmo tempo em que os clubes corrigiam os erros de seleções mal programadas, criaram um ótimo recurso para ampliar o processo formador. A iniciativa aumentou substancialmente o número de jovens observados com chances de serem aproveitados futuramente nas equipes profissionais.

5.9.4. Convênios e Parcerias

O outro modelo apontado pelos atores sociais são os “convênios e as parcerias”. Neste sistema, o clube empresta os jogadores para uma determinada equipe, repassando materiais esportivos, e um valor financeiro, que permita cobrir despesas com alimentação, alojamento e taxas da Federação. A outra parte envolvida fica geralmente, responsável pela estrutura de treinamento e pelas despesas com os jogos oficiais.

Esta estratégia aumentou substancialmente o número de jovens observados com chances de serem aproveitados futuramente nas equipes profissionais. Após cada ano de convênio, os clubes avaliam as chances de os atletas emprestados retornarem. O dinheiro e o tempo gastos em parcerias e convênios darão retorno, desde que feito com inteligência. Sendo que a história dos convênios e das parcerias tem dado alguns bons frutos aos clubes. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

No caso do Cruzeiro, o Coordenador Técnico cita o exemplo da parceria com o Ipatinga-MG nos anos de 2005 e 2006, ao qual jogadores das categorias Sub 17 e Sub 20, que não estavam sendo aproveitados no elenco, foram emprestados, tendo a oportunidade de disputarem o Campeonato Mineiro da categoria profissional e se manterem em atividade constante. Eles tiveram a oportunidade de serem observados, e,

de acordo com o rendimento, alguns retornaram ao Cruzeiro e/ou foram emprestados para outros clubes.

Durante a pesquisa de campo foi constatado que os Clubes estão mantendo convênios com outros que têm como missão a revelação de jogadores. O Cruzeiro mantém uma parceria com a Associação Esportiva Ovel⁸⁷ de Goiânia e o Atlético-PR está conveniado com Paraná Soccer Training Club (PSTC)⁸⁸.

5.9.5. Franquias e Escolinhas Independentes

A outra via de acesso utilizada são as “franquias e ou escolinhas independentes”. Praticamente todos os grandes clubes do Brasil possuem este tipo de estratégia. Tal processo funciona a partir da solicitação, por intermédio de um empreendedor, de autorização para a abertura de uma escolinha com a marca do clube. Depois de acordadas as condições, o contrato é assinado e a concessão é autorizada. Geralmente, as exigências contratuais básicas são: o tempo de duração do contrato, o custo do uso da marca, o percentual do valor do passe dos atletas revelados pelo franqueado:

⁸⁷ Na pesquisa de campo realizada em Goiânia, tive a oportunidade de acompanhar a delegação Sub 17 do Goiás em um jogo pelo Campeonato Goiano. Na partida preliminar estavam jogando o Ovel e o Vila Nova. Assim, mantive um diálogo com o Diretor do Ovel, que utiliza no uniforme dois escudos, o da equipe e outro do Cruzeiro-MG, que mantém parceria com a equipe goiana. 03 jogadores do Ovel tinham se transferido em 2006 para o Cruzeiro, especificamente na Categoria Sub 17. De acordo com o Diretor, a parceria é importante, pois além de manter o clube funcionando tem a oportunidade de estar colocando seus jogadores em um dos principais clubes brasileiros, o que pode gerar no futuro recursos financeiros com possíveis negociações. O Ovel tem direito a 40% nas transações.

⁸⁸ Durante a pesquisa de campo no Atlético-PR, mantive contato com um dos dirigentes do **PSTC**. O Clube surgiu, em 1994, a partir de uma proposta de um grupo de empresários, médicos e profissionais liberais de criar em Londrina, um centro para o desenvolvimento da prática do futebol, objetivando a formação de atletas até a categoria Sub 20, destinando estes a clubes profissionais em momentos oportunos, além de, em princípio, oportunizar a vinda de atletas do Japão para a realização de temporadas de treinamento no Brasil. O PSTC conta, atualmente, com mais de 70 atletas profissionais em clubes nacionais e internacionais, sendo o maior destaque, o meio campista **Kléberson** (22), que foi contratado em 1998 pelo Clube Atlético Paranaense e Penta Campeão Mundial com a Seleção Brasileira na Copa do Japão/Coréia. Contando, atualmente com mais de 100 parceiros para captação de atletas, o PSTC cobre quase todo o território nacional, mantendo alojados em sua sede, atletas com faixa etária entre 12 e 18 anos, oferecendo a estes toda a estrutura necessária, como estudo, atendimento médico/hospitalar, odontológico, fisioterápico, etc., que somados à estrutura de treinamento, credencia o clube como um dos melhores centros de formação de atletas do país, o que faz com que empresas como a **UMBRO** (Indústria de Material Esportivo), junte-se ao Clube, fornecendo todo o material necessário para treinamentos e jogos. Consolidado em uma filosofia de 100% de aproveitamento, o PSTC abre suas portas para os clubes de Futebol do Brasil e do mundo, como também, para os profissionais que queiram se juntar, indicando novos valores.

O valor da concessão da marca é irrisório se comparado ao retorno técnico que alcançaria um projeto dessa grandeza. Existe um grande número de atletas nestas franquias, sendo que os franqueadores não têm o compromisso irrestrito de indicarem os jogadores para o Clube que estabeleceu o convênio. É muito comum que os garotos sejam indicados para outros clubes. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Os atores sociais alertaram que, em muitos casos, os próprios técnicos das categorias de base do clube não tomam conhecimento de tais testes e do desenvolvimento dos garotos nas escolinhas agregadas às franquias, e/ou não podem participar, pois nem tempo suficiente eles teriam para esta observação, visto que os treinos são diários nos seus respectivos clubes.

Com isto, pode ocorrer de um garoto ser selecionado e quando chegar ao clube o técnico já contar com número suficiente de jogadores para a posição que já estão atuando há mais de dois anos nesta categoria ou em uma anterior. E mesmo se o jogador for aprovado, ele passa por um período de experiência no clube, cerca de 15 a 30 dias, onde é submetido a diversas situações, como: pressão e isolamento por parte dos jogadores que já estão integrados ao grupo e exigências do técnico nos treinamentos no que se refere aos aspectos físicos, táticos e técnicos.

Os Clubes que compõem a amostra desta pesquisa mantêm escolinhas de iniciação ao futebol⁸⁹, divididas em três áreas: Competitiva, Recreativa e Seleção.

Na competitiva desenvolve-se a formação atlética, levando em consideração a aprendizagem e o rendimento esportivo em torneios onde os atletas representam os clubes nas categorias Sub 10, Sub 11, Sub 12 e Sub 13. A performance esportiva é o principal objetivo desta área. Os atletas que podem ser considerados em um nível atlético avançado, pois busca-se neles o aprimoramento de suas qualidades futebolísticas de alto rendimento.

A área recreativa é o espaço onde o clube recebe alunos que têm a necessidade de aprendizado no esporte. O clube, por sua vez, presta o serviço de ensinamento de futebol através de seu corpo de professores, formado por estagiários do curso de Educação Física, sendo o principal objetivo do trabalho o progresso dos fundamentos físico-técnicos dos alunos.

A seleção funciona como um apêndice da área de iniciação desportiva, de acordo com o planejamento de trabalho, visando desenvolver ainda mais o condicionamento físico-técnico dos atletas, bem como aprofundar o conhecimento dos

⁸⁹ Dados que foram observados durante a pesquisa de campo nos Clubes, obtidos tanto na observação direta quanto pelos próprios atores sociais envolvidos com o estudo. Durante o estudo acompanhei *in loco* aulas das escolinhas de futebol do Grêmio e do Internacional.

mesmos sobre estratégias e sistemas táticos. Tem o objetivo de desenvolver ainda mais as qualidades inerentes ao atleta de futebol, sendo os atletas também submetidos a jogos amistosos, torneios e competições. Os garotos de 11, 12 e 13 anos são selecionados em suas categorias, e submetidos a treinamentos e não pagam a taxa mensal.

O Goiás conta com três unidades localizadas na Serrinha, no CT Edmo Pinheiro e no CT Coimbra Bueno. O Grêmio conta com o Centro de Treinamento Parque do Cristal, local onde se congregam as atividades do futebol infantil tricolor, situado na Zona Sul de Porto Alegre. O Internacional conta com mais de 1200 alunos espalhados entre o Complexo Beira-Rio e o Eucaliptos, distribuídos em várias categorias, com objetivo de ensinar futebol, mas sobretudo, de ajudar na formação da cidadania dos alunos.

O Internacional-RS possui dois locais para a realização das aulas práticas da Escola Rubra. O Estádio dos Eucaliptos recebe os alunos menores. Já no Complexo Beira-Rio⁹⁰, treinam os atletas com idade entre 12 e 15 anos de idade. As aulas são ministradas por profissionais de Educação Física.

5.10. PROCESSO DE PROGRESSÃO DE UM JOGADOR QUE JÁ ESTÁ NO CLUBE, NUMA DETERMINADA CATEGORIA, PARA A SUBSEQÜENTE.

Até aqui analisamos a situação dos jogadores que buscam o acesso, por uma das vias, em um determinado clube. Entretanto, como fica a situação dos jogadores que já pertencem a uma das quatro categorias em um clube, que já fazem parte de um grupo específico?

De acordo com os atores sociais, o critério mais utilizado é a idade, mas o ideal mesmo que a promoção pela capacidade:

Existem dois tipos de transição. Pela qualidade técnica e a idade. O melhor mesmo é o jogador ser promovido pela sua habilidade técnica, capacidade de estar na categoria subseqüente. Aquele que é promovido pela idade estará mais vulnerável (Técnico da Categoria Sub 20).

Por isso as comissões técnicas têm que trabalhar de forma integrada. O ponto fundamental do projeto para o departamento amador é a união de todas as categorias, com uma total integração das comissões técnicas.

⁹⁰ Tive a oportunidade de acompanhar *in loco* estas atividades com a escolinhas, sendo que durante as atividades fiz as anotações no diário de campo.

O trabalho de base é um processo contínuo de formação. Funciona como uma engrenagem, dependente de todas as categorias, das diversas etapas e de uma equipe formada por profissionais dos diversos campos de atuação profissional.

O técnico da Sub 15 deve que estar atento ao que acontece na categoria Sub 17, e vice-versa; o técnico da Sub 17, por sua vez, tem que estar integrado com a Sub 20. Todas as categorias devem estar interligadas. É por isso que ocorrem as reuniões semanais⁹¹ entre os técnicos, para discussão dos treinamentos, das categorias e da atuação e evolução individual dos atletas. Na realidade, todos os técnicos e o coordenador formam uma grande comissão técnica geral das categorias de base. Eles assistem a todos os jogos de todas as categorias e têm a liberdade para dar conselhos aos colegas.

O trabalho de acompanhamento da evolução do jogador passa por esta integração, como é possível ser observado nas falas dos atores sociais:

No decorrer do ano o técnico que está no Pré-Infantil vai acompanhando a equipe do Mirim e fazendo observações e comparações. Costuma alguns atletas serem integrados à equipe de cima antes do fim do ano, porque o atleta evolui rapidamente e destaca-se na equipe dele. Neste caso a comissão técnica adianta a carreira deste atleta. Mas, tem aquele jogador que passa o ano inteiro treinando e chega ao final do ano ele não ocupa aquele índice esperado por você para passar a categoria de cima. Então é necessário liberar este atleta e renovar o grupo (Observador Técnico).

Tu não vai fazer um critério para o pré-infantil e utilizá-lo no júnior, porque nesta categoria o jogador tem que estar formado. Praticamente, ele vem preencher uma lacuna que existe, na categoria. No Pré-Infantil é diferente, porque ele joga bola, mas não tem compromisso com a parte tática ou com deveres a serem cumpridos taticamente. É lógico que, aos poucos, nós vamos colocando, mas não é o essencial, e, aí, é uma escala de crescimento por etapas. Mas, fundamentalmente, é ter técnica, saber jogar bola. Nossos observadores técnicos têm olhos bastante clínicos, e vêem se o menino joga bola. Depois observam a estatura, vigor físico. Porque hoje não admite mais zagueiro baixo, pelo menos um dos laterais tem que ter porte médio bom. Muitas das vezes, o menino vem para ser uma coisa e, chega aqui, muda. Nós percebemos que ele tem características e alguns requisitos que preenchem bem outra função (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Contudo, às vezes ocorre que o atleta é promovido antes de romper a idade em sua categoria. Muitos jogadores com idade para Sub-17 estão no profissional sem, no entanto, terem passado necessariamente pela categoria Sub 20. Isto dependerá do talento, das características técnicas, físicas, táticas e psicológicas do jogador. Por outro lado, o atleta que rompeu a idade e não se enquadra na categoria subsequente, é liberado

⁹¹ Acompanhei *in loco* reuniões entre os membros das Comissões Técnicas no Internacional-RS, Cruzeiro-MG e Atlético-PR.

para procurar outro clube, não levando em consideração quando da dispensa dos aspectos sociais, pedagógicos, morais, éticos e psicológicos.

Para os atores sociais, esta é uma situação comum no futebol corroborada por Damo (2003), quando afirma que “nem todos os atletas que chegam ao final do processo de formação serão aproveitados no time e tampouco no mercado de elite. Os que não conseguem acompanhar o ritmo são “dispensados”, não importando se por limitações técnicas, fadiga física, psíquica, por vezes as três juntas”.

Muitos jogadores com quatro, cinco, seis anos de clube, com toda uma trajetória, passando da categoria Sub 15 à Sub 20, podem chegar a seu último ano de categoria de base e serem dispensados:

O comportamento do jogador dentro de campo nos treinos e jogos é determinante. Não é de um dia para o outro que isso acontece. É um processo de evolução lento, de observação diária. Mas, há um acúmulo de informações que são importantes no momento de acontecer uma promoção (Técnico da categoria Sub 17).

No futebol a etapa denominada de transição entre as categorias de base (Sub 17 e Sub 20) para a profissional (a partir dos 21 anos) é delicada. Alguns jovens jogadores se destacam e despontam, mas outros não têm a mesma sorte:

Existe um percentual de atletas nessa faixa de idade que fica perambulando pelos clubes à busca de se encontrarem. Por vários motivos, que a “bola e a vida” explicam, alguns craques em potencial não amadureceram ao tempo que todos queriam. Trata-se de jogadores especiais que podem ou não tomar o rumo do sucesso esportivo e social se não encontrarem condições favoráveis nos clubes pelos quais estão passando e ou não se equilibrarem na complicada vida de jogador de futebol. O amadurecimento que chega para alguns privilegiados aos 18 anos só aparece para muitos aos 22 ou 23 anos de idade e ainda mais tarde para outros tantos. Às vezes, essa etapa da vida do jogador pode ter sido dificultada também pelas poucas oportunidades que teve de jogar nas equipes principais de seus clubes. O atleta é com isso, preterido logo aos 20 ou 21 anos de idade, e aos 23 ou 24 anos ressurgem em outro clube. Em condições favoráveis, encontra o equilíbrio atlético e social para ser um grande jogador. O fenômeno é visto em vários exemplos no Brasil. É, sem dúvida, um período delicado tanto para os dirigentes e profissionais do clube quanto para os atletas (Drubsky, 2003: 176).

A promoção de uma categoria para a outra torna-se mais difícil, na medida em que avançam a idade e a categoria.

De acordo com dados disponibilizados pelo Coordenador Técnico do Cruzeiro-MG, o maior acesso, 90%, acontece da categoria Sub 14 para a Sub 15, onde o trabalho é muito mais integrado. Já da categoria Sub 15 para a Sub 17, 50% do grupo tem promoção. Da Sub 17 para a Sub 20, 30% a 40%, no máximo logram promoção, que em números, representa, em média, 07 jogadores.

A categoria Sub 17 é considerada fundamental neste processo, pois é onde os investimentos se intensificam. No início da temporada ocorre a dispensa de pelo menos metade dos que estavam na Sub 15, mas é na categoria Sub 17 que tende a ocorrer o maior número de dispensas. Neste momento serão promovidos os jogadores oriundos da Sub 15, além da chegada de atletas contratados de outros clubes, vinculados ou não a empresários. E como estes atletas são avaliados pelo potencial e estão chegando contratados, passam a ter privilégios em relação a outros que já estão no grupo, mas que o clube não tem expectativa de que reúnam as condições necessárias para chegar em um nível superior.

Da categoria Sub 20 para o profissional a promoção é mais complexa pois depende do Técnico da equipe profissional. O percentual de aproveitamento gira em torno de 5 a 10%.

Na categoria Sub 20 do Fluminense, que envolve três anos de trabalho, de 14 a 15 jogadores por ano estouram a idade. Seis a dez sobem para o profissional e o restante é emprestado, para que o clube possa acompanhá-los no seu desenvolvimento em outra equipe. No ano de 2005, o elenco do profissional contou com 12 atletas oriundos das categorias de base.

Este processo de promoção de jogadores de uma categoria para outra exige integração de uma comissão técnica com as demais. O trabalho é em conjunto.

O objetivo das categorias de base é preparar, revelar e oferecer as melhores condições para que o atleta possa chegar à equipe profissional pronto para jogar, assim, a integração entre os setores ajuda no trabalho conjunto do clube. Os técnicos têm que estar mais próximo um do outro, contribuindo para o desenvolvimento das nossas atividades, o que facilita atender às necessidades do clube. Mas, os clubes no Brasil no geral ainda carecem de uma maior integração entre as comissões técnicas (Técnico da categoria Sub).

Daí a afirmação de que é necessário um acompanhamento rigoroso. Os clubes fazem um controle dos jogadores, um mapeamento em todos os aspectos: técnico, tático, clínico, físico, psicológico, além do fator disciplinar e de comportamento.

Na visão dos atores sociais, não basta apenas o talento individual; o jogador tem que saber conviver em grupo, ter um comportamento exemplar, ser responsável, humilde, persistente, possuir um bom caráter:

Temos que ter um conhecimento amplo sobre todos eles. Podemos até errar, mas este índice tem que se pequeno. É um investimento muito alto do clube com as categorias de base. Cerca de 200 mil reais por mês. Assim, nosso desafio, é colocar o máximo de jogadores na equipe profissional. Em condições de jogar. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Outro aspecto importante refere-se a quantos jogadores por ano ingressam no clube nas diversas categorias. Constatou-se⁹² que a média gira em torno de 30, que não estavam no plantel das quatro categorias mantidas pelos clubes. Mas, ao mesmo tempo, em média 15 a 20 são dispensados por ano, pois o clube não mantém mais que 30 jogadores em cada uma das quatro categorias. Para chegar um jogador, alguém tem que ser dispensado. Portanto, o clube conta nas quatro categorias com cerca de 100 a 110 atletas.

O jogador pode-se iniciar no clube na categoria Sub 14, mas todo ano, até chegar ao profissional, ele é observado e analisado; as avaliações são constantes:

Quando o jogador vai para o time principal é porque passou por todo um trabalho na base. A cada dia fomos observando seu comportamento, suas atuações, suas reações, lapidando-o diariamente, em um processo criterioso. Há uma seleção de jogadores nas categorias de base atuais. Preparamos todos eles para ficarem em um nível elevado de rendimento dentro dos seus limites. Há profissionais competentes em cada categoria dentro de um trabalho integrado (Técnico da categoria Sub 20).

Como foi visto o processo de seleção é contínuo. Não quer dizer que se um jogador obteve sucesso na categoria Sub-15 ele está garantido na Sub-17. O fato de obter uma promoção de uma categoria para outra não significa que ele está com o futuro garantido. Pelo contrário, um novo processo se inicia, e não são raros os casos daqueles que chegam a níveis bem elevados na carreira, mesmo sendo dispensados dos clubes onde foram revelados. O trabalho de base é como um processo contínuo de formação. Funciona como uma engrenagem, dependente de todas as categorias, das diversas etapas, estrutura física adequada e de uma equipe multidisciplinar de profissionais.

5.11. FAIXA ETÁRIA IDEAL PARA SE IDENTIFICAR UM TALENTO

Houve um consenso entre os atores sociais que não existe uma idade ideal, para se identificar um talento. Entretanto, como afirma o Coordenador Técnico do Atlético-PR, a idade próxima do ideal é entre os 12 e 14 anos. Quando ele está saindo da infância e entrando a adolescência. Depois que entra na adolescência o garoto mascara um pouco

⁹² Dados disponibilizados pelos Clubes durante a pesquisa de campo, sendo anotados no diário de campo.

suas qualidades, porque nesta fase ele começa a mostrar um desenvolvimento na força, escondendo um pouco o potencial de habilidade motora.

Essa é uma área de estudo muito difícil dentro do desenvolvimento motor porque não conta com instrumentos precisos de detecção. Garotos que são dispensados na faixa etária dos 12, 13 anos, podem aparecer com 15, 16. Talvez por isso a detecção não pode ocorrer apenas em um, dois testes, mas em um acompanhamento de forma longitudinal, com pelo menos um ou dois anos. Nesse sentido, o processo maturacional é muito importante. O talento no futebol está muito relacionado às fases sensíveis da aprendizagem.

Dentro do funil, muitas das vezes o jogador pode ter uma boa expectativa na categoria Sub 14, mas quando chega na categoria Sub 17 ele pode ser dispensado. Pode ocorrer também o contrário, na medida em que diversos aspectos⁹³ estão envolvidos, como: disciplinar, tático, técnico, psicológico, físico e clínico.

No futebol erra-se bastante neste aspecto. Engana-se muito. Existe categoria certa em que você tem menor chance de errar. A Sub 14 e a Sub 15 são mais indicadas, devido ao aspecto maturacional, tanto do aspecto técnico, tático e físico (Técnico da Categoria Sub 17).

Na percepção dos coordenadores técnicos não basta apenas ser um talento no quesito habilidade técnica. É necessário reunir as demais características. A categoria mais importante, segundo foi possível constatar, e que define muitas das vezes esta questão se o garoto vai jogar ou não no profissional é a Sub 17, porque o jogador atinge uma idade que é decisiva, além de ser uma faixa etária onde os empresários mais fazem pressão, pois é quando a lei permite o contrato:

Você pode perceber pela história do futebol brasileiro, que 17, 18 e no máximo 19 anos é a faixa etária decisiva. Os exemplos estão aí. Ronaldo, Kaká, Ronaldinho, Robinho, o próprio Pelé, que chegou a seleção brasileira com 17 anos. Aqui mesmo no Cruzeiro, em 2005, o Wagner e o Kerlon, com 17 anos já estavam na equipe de cima. No Atlético Mineiro, tem o Ramon, que com 17 anos está na seleção Sub 17 e foi titular da equipe profissional. (Técnico da Categoria Profissional).

Os atores sociais, de forma geral, afirmaram que apesar de ser uma situação difícil, ainda é possível revelar um jogador com 20 anos de idade.

Em janeiro de 1996, quando eu era o técnico da categoria de juniores do América Mineiro, tive a felicidade de ser um dos campeões da 27ª Copa São Paulo de Futebol Júnior. Como de costume, em início de ano, o número de experiências (candidatos em testes) se avoluma nas categorias de base dos clubes brasileiros. Nesse período, foi-me apresentado um rapaz de 20 anos de idade e que já tinha pertencido ao América em anos passados. Até então, só disputara os campeonatos amadores da sua cidade. Nossa equipe estava praticamente montada, pois poucos atletas haviam estourado o limite de

⁹³ Estes aspectos serão discutidos e analisados no capítulo VI.

idade e continuariam na categoria de juniores para a temporada de 1996. Era um time de qualidade, formado após um ano de muito “laboratório” e moralizado pelo importante título nacional. Nessas condições, um jovem que se apresenta já com 20 anos de idade para pertencer ao elenco teria de ser muito qualificado, e mais ainda para ser um futuro titular da equipe. Considerarei a chegada desse candidato a jogador de futebol como mais uma das muitas que acontecem nos clubes brasileiros. Para minha surpresa, esse rapaz mostrou tantas virtudes que em um mês de experiências já era o titular do time de juniores e poucos meses depois figurara no elenco de profissionais do clube. Sabem de quem estou falando? Do meio-campo “Gilberto Silva”, que hoje é jogador da Seleção Brasileira de profissionais. Pentacampeão do mundo em 2002 na Copa da Coréia-Japão e de futuro ainda mais promissor. (Técnico da Categoria Sub 20).

Este exemplo é uma das exceções à regra, mas serve de parâmetro para a questão da desvalorização cada vez mais habitual dos atletas acima de 20 anos. Não é raro aparecerem jogadores que enfrentaram essa discriminação em seus clubes de origem e se deram bem em outros.

Este processo é constante e dinâmico. O garoto pode estar bem na categoria Sub 14, mas para ele ser promovido para a Sub 15, tem que ser submetido a uma nova análise. As avaliações não terminam, pois até no profissional ele passa por esta seleção. E, como afirma um dos Técnicos da equipe profissional a concorrência é grande. E depende muito da filosofia tática do Técnico. Tem jogador que joga com um Técnico e com outro não.

Existe a possibilidade de um atleta jogar com um técnico, mas não jogar com outro. Isto é uma situação comum no futebol, em todas as categorias, principalmente na profissional. Por isso a captação, por melhor que seja realizada, vai depender muito dos critérios dos observadores, e que estejam adequados à sua forma de esquematizar taticamente uma equipe em campo.

Não se pode mais trabalhar irresponsavelmente na base achando que os erros técnicos e administrativos cometidos agora serão corrigidos à frente. Avaliar e selecionar mal um jogador, por exemplo, pode levar o clube a perder um talento precioso ou onerar o departamento das categorias de base em compromissos longos, até cinco anos, com jovens que não darão nenhum retorno. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Esta questão da faixa etária ideal é muito complicada:

Porque às vezes o jogador chega ao clube com 13, 14 anos e depois de dois anos você não reconhece mais o atleta, porque o garoto tem um declínio. Dá a impressão que ele nunca jogou bola e às vezes tem jogadores que você trás para fazer uma avaliação, fica quinze, vinte dias aqui não é aprovado, mas daqui a seis meses você o vê jogando e o potencial dele está uma coisa imensa. Isso é difícil de prever se em uma determinada idade o garoto possui potencial de chegar ao profissional. É complicado porque alterna muito a qualidade do atleta. (Técnico da Categoria Sub 15).

No que se refere ao período ideal para esta seleção e detecção na temporada, os atores sociais afirmaram que está aberto o ano todo. Mas, como os grupos são compostos no início do ano, torna-se difícil no segundo semestre. O início do ano é o preferido devido ao período de transição, onde ocorrem as trocas de atletas nas categorias, sendo que é comum, por exemplo, a equipe do Sub 15 não passar todos os atletas para o Sub 17. Aí algumas posições ficam carentes de jogadores, o que obriga os clubes a estarem permanentemente captando jogadores. Neste período do ano acontecem muitas competições, onde são aproveitados diversos jogadores de equipes de pequeno e médio porte.

A partir do segundo semestre já existe a captação de dados para a estruturação do grupo que vai compor no ano subsequente. Em janeiro, fevereiro, esta situação já está definida. Então, o melhor período é o primeiro semestre, principalmente no início, março e abril. Neste momento já existe uma definição de quem irá ser promovido, dispensado, ou permanecer na categoria.

É consenso entre os atores sociais que um aspecto é muito importante em todo o planejamento das categorias de base: a estrutura oferecida. Não basta detectar e selecionar o talento, é necessário, antes de tudo, possuir uma estrutura administrativa, financeira, física e contar com profissionais qualificados para a promoção dos talentos que são identificados.

É por isso que existem os Clubes “formadores” e aqueles que são considerados “vitrine”, em condições de oferecer ao jogador os requisitos para que ele possa se transformar em atleta profissional.

Na promoção do talento é necessário oferecer o melhor para os atletas, como campos para que todas as categorias possam desenvolver suas atividades. Um ou dois campos são insuficientes, pois são quatro a cinco categorias que necessitam treinar todos os dias. No caso da Sub 17 e da Sub 20, geralmente são duas sessões de treino por dia.

Outro fator está relacionado ao alojamento, pois, de acordo com informações dos atores sociais, são 110 jogadores, em média, que necessitam de dormitório. A questão da alimentação é vital, na medida em que esporte de alto nível, que busca rendimento, exige uma alimentação balanceada. Os jogadores têm que fazer no mínimo

cinco refeições por dia: café da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar, lanche da noite. Os centros de treinamentos⁹⁴ têm um papel fundamental na formação do jogador.

O aspecto relacionado aos profissionais qualificados é outra questão importante. É necessário que a Comissão Técnica conte em sua estrutura com o técnico, preparador físico, treinador de goleiros, fisiologista, nutricionista, assistente social, psicólogo, fisioterapeuta, médicos. É toda uma equipe.

Então a problemática da detecção e seleção vai além da identificação do talento. É necessário criar as condições para que ele possa se desenvolver.

⁹⁴ “Os CTs consistem, portanto, em laboratórios de novos projetos que atendam a uma escala mais ampliada de formação, preparação, competitividade e negociação de atletas, preferencialmente para o exterior, contemplando uma demanda internacionalizada de circulação no mercado de jogadores” (Toledo, 2002:136).

CAPÍTULO VI

A RELAÇÃO DOS ESTILOS DO FUTEBOL COM OS CRITÉRIOS ADOTADOS PELOS SELECIONADORES DE TALENTOS

O presente capítulo tem como objetivo problematizar e analisar o discurso dos treinadores e observadores técnicos do futebol, referente à relação dos estilos do futebol praticados com os critérios adotados no processo de detecção e seleção de talentos.

No capítulo anterior analisamos como ocorre o fluxo de jogadores nas categorias de base dos sete clubes pertencentes à amostra desta pesquisa. Desta forma, um dos fatores fundamentais no contexto do futebol está relacionado à característica de “jogador ideal” no momento da seleção e detecção nas categorias de base. Ou seja, quais critérios físicos, técnicos, táticos e psicológicos são levados em consideração pelos observadores técnicos e pelos treinadores das Categorias Sub 13, Sub 14, Sub 15, Sub 17 e Sub 20. Qual a relação destes critérios com as representações identitárias dos estilos de futebol praticados?

Alguns fatores foram imprescindíveis para determinar a transformação do futebol no mundo, que passou por fases bem distintas em suas formas de jogar. E um parâmetro para identificar tais mudanças foram as copas do mundo, onde se enfrentam várias escolas e estilos.

A sistematização e as diversas variabilidades, permutações e combinações dos sistemas de jogo também tiveram um papel fundamental na difusão do futebol, contemplando e viabilizando as mais diversas maneiras e tentativas de praticá-lo pelo mundo (Toledo, 2002).

Ainda de acordo com Toledo (2002) as formas de jogo revelam, em primeiro lugar, as diversas concepções denominadas “escolas”, o que colaborou para multiplicar o ganho em emoção, tensão e adesão de maior número de aficionados, sobretudo pelo encontro e trocas entre tais escolas. Em segundo lugar, apontar para as opções, preferências, mudanças e escolhas mobilizadas pelas coletividades ao definirem e

optarem pelos melhores desenhos táticos, na ânsia de conseguir as melhores *performances*, que servirão de base para a elaboração de narrativas identitárias no jogar.

Nas últimas décadas o futebol passou por transformações em todos os componentes que estão envolvidos no contexto do treinamento esportivo, seja nos campos físico ou técnico, tático ou psicológico, clínico ou administrativo⁹⁵ (Paoli, 2005).

Tais transformações permitiram ao futebol adquirir um tratamento científico, exigindo, conseqüentemente, a atuação de especialistas cada vez mais qualificados para atuarem em todas estas áreas, visando o alcance de resultados eficazes.

Sendo considerado um somatório de toda uma preparação, o treinamento esportivo tem participação efetiva e fundamental no aperfeiçoamento do futebol, objetivando a melhora significativa na realização de seus trabalhos, tanto nas categorias de base quanto na profissional.

As contribuições que o esporte tem recebido através do avanço da tecnologia, atuam diretamente no desempenho dos atletas, o que levou o treinamento esportivo a se organizar dentro de uma estrutura sistematizada, distinguindo cada uma de suas partes e, ao mesmo tempo, tornando-as interdependentes, definidas e hierarquizadas entre si.

-
- ⁹⁵ **Componente Físico:** Compreendido como aquele que abrange os meios utilizados para o desenvolvimento das capacidades físicas Força, Velocidade, Resistência (aeróbica, anaeróbica láctica e aláctica) e Flexibilidade e coordenativas do esporte visado;
 - **Componente Técnico:** Conjunto de atividades e de ensinamentos que o atleta assimila, com o objetivo de executar os fundamentos técnicos das modalidades esportivas com o máximo de eficiência e um mínimo de esforço;
 - **Componente Tático:** Conjunto de procedimentos e de ações defensivas e ofensivas que irão assegurar ao atleta ou à equipe a utilização dos fundamentos técnicos, de forma mais adequada, em cada situação da partida e frente ao adversário;
 - **Componente Psicológico:** Parte do treinamento esportivo que dá ao atleta condição de suportar o treinamento e atuar de forma equilibrada nos jogos, para que ele atinja o máximo de sua potencialidade através da mobilização de sua vontade, considerando as características individuais hereditárias (genótipo) e as influências sofridas pelo meio em que vive (fenótipo);
 - **Componente Clínico:** Consiste nas atividades profiláticas e terapêuticas da medicina geral, da nutrição, da fisioterapia, bem como, nos procedimentos específicos da medicina desportiva;
 - **Componente Administrativo:** Conjunto de medidas administrativas que visa oferecer o suporte necessário para que os outros componentes possam ser realizados com eficiência e eficácia.

Neste contexto, o componente tático é dependente da habilidade técnica e da condição física e psicológica. Observemos que, os três aspectos⁹⁶: posição, função e característica são considerados fundamentais para que o técnico possa conhecer cada jogador do grupo, para que seu trabalho seja facilitado ao definir e escalar os titulares, os reservas, e decidir sobre as substituições, os sistemas de jogo, as movimentações táticas ofensivas e defensivas, e, principalmente na avaliação de um determinado jogador nas diversas etapas que compõem o processo de seleção e detecção (Paoli, 2005).

Quando se refere ao componente tático, o esquema de jogo a ser adotado deve ser aquele que valoriza as características do jogador para ajudar o coletivo. Por isso, um aspecto que continua sendo relevante no futebol, como foi observado na pesquisa de campo, é a habilidade técnica. É este fator que muitas das vezes prevalece em momentos de decisão, principalmente quando ocorre um equilíbrio no jogo.

Por isto, como foi possível observar na coleta de dados deste estudo, a base de observação de um jogador nas categorias de base, principalmente nas iniciais, é a habilidade técnica, sem desconsiderar a estrutura física do atleta, especificamente estatura, força e velocidade. Além disso, a idade é um item fundamental.

Tostão (2005)⁹⁷ em entrevista, afirma que no futebol de hoje, com esquemas rígidos, o talento individual continua sendo decisivo. Segundo ele, os melhores jogadores do mundo continuam sendo aqueles mais habilidosos, que jogam sob marcação intensa: “os jogadores podem formar um conjunto em campo e, ao mesmo tempo, brilhar individualmente”.

Para Drubsky (2003, p.113):

⁹⁶ **Posição:** refere-se ao setor em que o atleta vai atuar. Se jogará na defesa, meio-campo ou ataque. Se sua posição será de zagueiro, de ala, de volante, de meia de contenção, de meia atacante, de meia de armação ou de atacante. **Função:** capacidade do jogador de desempenhar um determinado papel durante uma partida. Como exemplo, pode-se citar um atleta que atua na posição de meia e tem a função de atuar mais aberto por uma das extremas, quando sua equipe estiver com a posse de bola. Já quando a bola está com o adversário, sua função é marcar o lateral. **Característica:** refere-se à particularidade do atleta. Dando como exemplo um jogador que pode desempenhar uma função e atuar em uma posição mais defensiva e ou ofensiva.

⁹⁷ Entrevista de Tostão no site www.aol.com.br/revista/materiais/2005/0076.adp

O futebol de puramente ofensivo e sem grandes elaborações táticas, chegou aos tempos modernos, envolto na atmosfera de pensamentos e ações estratégicas para se chegar ao gol adversário. (...) muita gente acha que o futebol regrediu como espetáculo pelo simples fato de ter passado de jogo extremamente ofensivo e cheio de gols para o de grandes disputas de meio-campo e poucos gols. Particularmente, acredito que evoluímos muito. Nas últimas décadas, o futebol mundial passou por adaptações à valorização crescente das táticas, mas mesmo assim continuou conquistando popularidade.

Poder-se-ia pensar, com base na pesquisa de campo, que os objetivos atuais do treinamento no futebol, de forma geral, são:

- Melhora nas habilidades técnicas para conseguir a coordenação perfeita com a bola em velocidade e espaço limitado.
- Avanço na compreensão intelectual do jogo para tomar decisões mais rápidas e diversificadas durante a partida.
- Desenvolvimento das ações táticas e na estratégia para conseguir uma melhor coordenação nos vários segmentos da equipe, mais particularmente com a busca de jogo coletivo.
- Aperfeiçoamento do condicionamento físico para poder aumentar o ritmo do jogo e sustentar uma carga de trabalho físico elevada durante toda a partida.

Estes aspectos demonstram que o jogo ficou mais dinâmico, não somente no nível das equipes profissionais, mas também das categorias de base. Neste sentido, segundo os atores sociais, os técnicos terão que costurar estes aspectos de acordo com a sua própria equipe, com as características de seus jogadores, a fim de usá-las como uma base científica de sua preparação.

Assim, o estilo do jogo, a formação ou o sistema, independente da posição dos jogadores na equipe, é afetado pela carga de trabalho individualizado e específico. Os jogadores são preparados de acordo com a posição e sua função no plano tático da equipe. Outras demandas do jogo devem passar por mudanças, tais como: comportamento do jogador com a bola ou sem a bola; o posicionamento dos colegas de equipe e adversários; a habilidade técnica; as questões táticas e o condicionamento físico. Igualmente necessário, é a preparação psicológica para o jogo. Tais influências no desempenho como a prontidão, a motivação e a confiança são outros efeitos que interferem.

Se considerarmos que as dimensões do campo de jogo continuam as mesmas; que as regras sofreram pequenas modificações visando dinamizar o jogo e evitar o anti-jogo; o desenvolvimento físico que os métodos de treinamento propiciaram; a

diminuição da ocupação dos espaços e a distância entre ataque e defesa, podemos afirmar, com base na análise de conteúdo das entrevistas, que o talento tão elogiado, deve ser acrescido de uma dose maior de trabalho e participação coletiva.

A marcação hoje é mais valorizada que o virtuosismo. O “artista” vem cedendo lugar ao jogador “tático”. A participação visando o coletivo está mais reconhecida. O esforço com determinação, aliado a uma boa técnica e compreensão tática, é o que torna um jogador eficiente.

Talvez por isso, no futebol, especialmente entre passado e presente, qualquer comparação seja difícil, especialmente para os que não conviveram com as gerações passadas. Cada época tem os seus ídolos, seus campeões, e esses não podem ser julgados e comparados, medindo-se proporções e épocas. O futebol foi palco de transformações, como tudo durante o Séc. XX. Nos tempos atuais o futebol está organizado num sistema universalizado de competições e mercado, ao passo que em décadas passadas a habilidade técnica dos “gênios da bola” ditava a regra do espetáculo, com baixa exigência nos aspectos físicos e táticos.

Acertar na escolha dos talentos é uma tarefa complexa, mas, considerada fundamental para um trabalho de base qualificado.

Aparentemente é fácil mensurar as qualidades do atleta. Este jogador é “bom”; aquele é “ruim”; o outro é um “craque”! Não há um modelo definido para o perfil de craque do futebol. Isso é próprio desse esporte, que apresenta várias necessidades técnico-táticas para resolver uma mesma situação de jogo. A performance de um atleta oscila de tempos em tempos. O jogador não deve ser avaliado pelas características que não tem. E, sim pelas que tem. (Técnico da Categoria Sub 20).

O modelo ideal de jogador está diretamente relacionado aos conceitos e princípios que o técnico tem do jogo de futebol. Daí, talvez, o fato das divergências e da predominância da subjetividade na avaliação, observado quando o jogador, não sendo qualificado tecnicamente, atende aos objetivos táticos do sistema de jogo adotado pelo técnico. As qualidades do atleta se encaixam nas funções defensivas e ofensivas atribuídas a ele pelo técnico:

Às vezes você tem um jogador no clube que tem uma determinada característica e você pode trazer outro para a mesma posição com características diferentes. E hoje, querendo ou não, o jogador tem que agradar ao observador técnico, mas também tem que agradar ao treinador da categoria em que ele vai jogar. O peso maior, a decisão final, é do técnico. (Observador Técnico).

Isto nos remete à questão dos estilos de praticar o futebol. Na dualidade entre arte e força temos essas construções e narrativas como tipos ideais. O estilo relacionado

à arte é composto pela capacidade de improvisação, pela criatividade, pela técnica refinada do jogador. Um estilo de futebol mais solto, de ritmo cadenciado, de toques curtos, de jogadas de efeito e plasticidade. Por outro lado, o futebol força é caracterizado pela forte marcação, um estilo de futebol mais racional, no qual o foco é o resultado e há uma maior valorização da posse de bola. Esse futebol é considerado menos vistoso, mais objetivo e veloz, sendo que o aspecto tático torna-se central nessa concepção ou estilo de jogo.

No que se refere à relação do “futebol arte” com o “futebol força”, os atores sociais, ao serem questionados, acabaram por sugerir que tais construções típicas não são auto-excludentes, quando se referem ao cotidiano de seus ofícios. Podemos pensar que a oposição estrutural entre “força” e “arte” se presta a construções identitárias, mas não se adequa à prática dos profissionais do futebol.

Para além das narrativas identitárias que os torcedores e jornalistas em geral conservam, os profissionais do futebol pensam, basicamente, em duas coisas: no resultado e no valor do atleta no mercado. Isso não quer dizer que quando questionados em linguagem identitária não assumam os clichês do “futebol arte” como brasileiros. O diálogo que travam com tais construções identitárias é de conciliação, em nome do resultado e do mercado.

Na visão dos atores sociais o futebol necessita da habilidade técnica, mas também da força, e na verdade esses não são valores excludentes. Daí a necessidade de se estabelecer critérios científicos na detecção e seleção de jogadores, principalmente pelos oriundos no campo do futebol da área da Educação Física. A habilidade técnica é importante em um primeiro momento. Depois, a força também se torna fundamental.

O jogador, pela própria característica do jogo, deve pensar e resolver uma jogada em décimos de segundo, em espaços cada vez mais reduzidos e sob forte pressão do adversário. A habilidade técnica ainda é fator de desequilíbrio, resolvendo e decidindo jogos, de acordo com as circunstâncias que se apresentam.

Entretanto, é necessário que a habilidade técnica se adapte à velocidade., mas é necessário também uma nova conscientização da participação em grupo, capaz de possibilitar um maior equilíbrio entre a habilidade técnica, a preparação física e tática.

A concepção de jogador eficiente modificou-se porque houve uma redução dos espaços, e, por conseguinte, o jogo ficou mais corrido, veloz, explosivo, com muito mais disputa, exigindo um jogador mais completo e bem treinado fisicamente. A essência do futebol atual é tomar as decisões em um espaço cada vez mais reduzido, e

no menor tempo possível. Tornando o jogo mais veloz. Uma das maneiras de conseguir este objetivo é o atleta auxiliar permanentemente o companheiro que possua a posse da bola, para que ele tenha alternativas prontas e não precise expor a bola. Ou seja, o futebol atual exige cada vez mais a prática de jogo que tenha como base a coletividade, a cooperação e a solidariedade, além da disciplina tática, aliado a habilidade técnica do jogador.

Apesar dessa leitura do futebol e do esporte em geral estar presente, no futebol, algo bem característico dessa modalidade é o constante debate entre o jogo coletivo e o individualismo dos jogadores. Mas, a própria estrutura defensiva do adversário e as circunstâncias do jogo fazem com que um ou mais jogadores, em determinadas fases do jogo, se liberem do esquema tático e ousem em uma jogada individual, que pode resultar em gol e, conseqüentemente, em vitória.

O gosto pelo drible e a malícia tem estado em tensão permanente com táticas elaboradas e estabelecidas pelos técnicos, que tendem a privilegiar o estilo defensivo e a disciplina tática, em alguns casos inibindo o drible “desnecessário” em detrimento de um futebol que privilegie o passe e o chute. Mas o futebol conta com um alto grau de autonomia, que passa necessariamente pela capacidade individual do jogador. É essa imponderabilidade da ação individual que derruba em grande parte as possibilidades de ação dos adversários.

Isto nos remete a uma análise presente entre os técnicos que atuam no contexto do futebol, que acreditam que o individualismo e o estrelismo são ideologias dominantes nesta área, na medida em que valorizam a jogada individual ao contrário da disciplina tática da equipe.

Os atores sociais envolvidos com os clubes pesquisados defendem que o jogador deve disponibilizar suas habilidades técnicas e individuais a serviço do jogo coletivo. Mas, os discursos dos atores sociais caminham na direção da conciliação entre o jogo coletivo e individual, pois um é dependente do outro, na medida em que se os jogadores conseguem realizar um jogo que tenha como base a coletividade, o jogador mais habilidoso terá uma maior probabilidade de se destacar e, neste caso, de encontrar meios para criar jogadas que possam resultar em gols nos momentos mais difíceis do jogo.

Nas entrevistas com os técnicos foi possível observar que, em muitos casos, é necessário contar na equipe com jogadores de características mais ofensivas, que utilizem o recurso do drible, da capacidade de improvisação, da criatividade. Em muitas

ocasiões os jogos são decididos em uma jogada genial de um jogador, que é capaz de desequilibrar o esquema defensivo do adversário em um lance de percepção.

Da mesma forma, é necessário contar em outras situações, com jogadores que tenham um forte poder de marcação, disciplina tática e que joguem em função do coletivo. Os jogadores ganharam mais responsabilidades, não se limitando mais a cumprir apenas o que sua posição exige.

O coletivo sempre estará em um nível de importância maior que o individual. Se tu conta com um jogador habilidoso na equipe, e este não tem um bom poder de marcação, você tem que fazer todo um trabalho de organização da equipe voltado para que este jogador possa desenvolver seu futebol sem prejudicar o todo. Ou seja, outros terão que marcar por ele, dando liberdade para jogar. Um vai completar o outro. o importante é o resultado final (Técnico da Categoria Sub 15).

Desta forma, é possível concluir, após a análise das entrevistas, que os atores sociais indiquem que a transformação tática do futebol ocasionou uma alteração no perfil do jogador. Devem estar preparados para atuar em mais posições e desempenhar mais do que uma função ofensiva e ou defensiva.

Parreira (2005)⁹⁸ em palestra, preconiza que o esquema tático do futuro será o 4-6-0, já que o futebol mudou a sua forma. O importante não é o número de atacantes, meias ou defensores por setor, mas a forma como o time joga. É o equilíbrio. Atualmente, é necessário ter jogadores polivalentes que realizam todas as funções. Os jogadores de futebol não devem ter apenas uma característica tática: "O duro é quando você tem aquele jogador que não defende, não organiza e pensa que é craque - e os treinadores precisam lidar com isso todos os dias".

Com base na literatura específica do futebol e nas entrevistas da pesquisa de campo, vários são os requisitos que o jogador de futebol necessita para o desempenho de suas funções:

A vitrine hoje é a Europa. O garoto tem que ter um prognóstico de altura. A preferência é contar com garotos altos. Nós temos um protocolo, que chamamos de modelo matemático de seleção de talentos. Neste protocolo procuramos observar a forma de indicação do garoto, ou seja, como ele chegou ao Clube. Tem um peso. Observamos as manifestações de ansiedade, de mobilização para jogar bola. Depois como ele se encontra na parte física: força, velocidade, agilidade, aspectos antropométricos. Depois observamos a habilidade motora, que chamamos de técnica. Observamos a parte motora para o drible, o passe, a condução de bola. E, o último, é que chamamos de inteligência de jogo, a parte tática. Como ele se porta em campo, como ele aparece para receber a bola, como joga sem a bola. São cinco indicadores. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

⁹⁸ Palestra do Técnico da Seleção Brasileira de Futebol, Carlos Alberto Parreira, no II Fórum Internacional de Futebol no Rio de Janeiro, em dezembro de 2005.

O atleta deverá apresentar um nível de habilidade elevada, além de potencial de melhoria para o máximo desenvolvimento em todos os aspectos que compõem o treinamento, como foi observado durante a pesquisa de campo⁹⁹:

- Requisitos antropométricos: relacionados ao biótipo, principalmente a questão da estatura;
- As características físicas: atualmente o jogo de futebol é disputado em pequenos espaços do campo, sob a pressão do adversário e em velocidade. Daí a importância das capacidades físicas: força, velocidade, resistência aeróbia/anaeróbia, flexibilidade e agilidade;
- A capacidade de aprendizagem, de compreensão, observação e análise do jogador, principalmente das questões táticas; a inteligência de jogo, que está relacionada a capacidades cognitivas, como percepção, antecipação, tomada de decisão, a criatividade;
- Os fatores afetivos, como estabilidade psíquica, prontidão para competições, severidade e capacidade de controle do estresse durante as competições;
- Fatores sociais, como capacidade de assumir um papel/função dentro de um trabalho de equipe, capacidade de trabalho em equipe.
- As habilidades técnicas. Sem elas não há tática, pois, a execução de qualquer ação ofensiva ou defensiva depende das habilidades técnicas do jogador. Assim, a capacidade do atleta executar os fundamentos é imprescindível:

Dois fatores são importantes e devem ser considerados na avaliação: o biótipo e a habilidade técnica. Os outros fatores, que também são importantes, num primeiro momento são difíceis de fazer uma avaliação. Assim, a capacidade e potencial em chutar, passar, dominar e conduzir a bola, utilizar o cabeceio nos três setores do campo, os fundamentos de marcação e a utilização do drible, são itens indispensáveis (Técnico da Categoria Sub 15).

Nunca é demais afirmar que, por mais técnica que seja a análise do rendimento individual no futebol, o caráter subjetivo é componente indissociável, porque na maioria das vezes estaremos lidando com valências qualitativas, e não quantitativas. Os olhos de quem vê são fundamentais na avaliação. (Técnico da Categoria Sub 20).

Biótipo, Força, velocidade e habilidade técnica. É claro que isto depende muito da idade. Muitas das vezes o jogador chega aqui ele inibe um pouco. Vê toda esta estrutura aqui. Isso pesa. O garoto tem que passar por um período de adaptação. Tem que tomar todo o cuidado com a avaliação. Não pode precipitar. (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

⁹⁹ Dados coletados e anotados na pesquisa de campo, durante os treinamentos e entrevistas com os atores sociais envolvidos com os treinamentos das diversas categorias.

O drible é muito importante em determinados momentos da partida. Mas, o passe de efeito, realizado pelos jogadores de maior criatividade e inteligência, são mais eficazes do que um drible. Assim, um jogador é observado muitas das vezes pela sua capacidade de resolver situações do jogo em pequenos espaços, sob pressão e com forte marcação. Aí talvez o aspecto que pesa a favor do jogador brasileiro. A malícia, a malandragem, a habilidade técnica. Ou seja, ele é capaz de improvisar uma jogada em uma determinada situação e resolver um lance complicado em favor de sua equipe, resultando em gol, devido a sua técnica apurada. (Técnico da Categoria Sub 20).

A criatividade e a capacidade de tomar decisões durante o jogo, principalmente em situações de pressão são aspectos importantes. Durante os treinos, eu procuro estimular meu atleta à criatividade. Ele tem que utilizar o drible, mas nas situações e no local certo. Temos que dar liberdade de expressão para o jogador. Eu oriento, não limito. O jogador tem que ter responsabilidade em seus atos. E, aí a questão do drible é importante. Mas acima de tudo o jogador saber utilizar seu talento, usa habilidade técnica em função da equipe (Técnico da Categoria Sub 17).

Observemos que todos os requisitos citados acima são representados como fundamentais na atual dinâmica do futebol profissional. Independente da idade são fatores preponderantes no contexto do treinamento e o jogador deve exibir ou ter em processo de desenvolvimento, os requisitos apontados. Porém, o aspecto do estabelecimento de critérios para a análise do jogador no momento da detecção e seleção é complexo, já que o problema de previsão de um talento reside na estabilidade das características supracitadas. A questão da estabilidade durante a infância e a juventude tem, portanto, um papel destacado na pesquisa de talentos.

Os métodos de medidas e avaliações físicas são os mais indicados para estabelecer os padrões físicos dos atletas. Estão cada vez mais modernos e precisos. Poder-se-ia dizer que, atualmente, não se trabalha no futebol de alto desempenho, seja com jovens ou adultos, sem o auxílio do aparato técnico-científico dos treinamentos e avaliações físicas. Já os aspectos das habilidades técnica e tática são difíceis de mensurar, a ponto de estabelecer padrões de bons e maus jogadores. O futebol é tão dinâmico e rico em situações que, a todo instante, são colocadas à prova a qualidade e a utilidade das habilidades dos seus participantes. (Técnico da Categoria Sub 20).

Estas análises do desempenho individual, especificamente no caso do futebol, são várias, e talvez por isso acabem por gerar discordâncias em opiniões e conclusões. Isso reflete a ausência de critérios básicos, o que conseqüentemente leva os profissionais do futebol a fazerem suas avaliações e observações de forma subjetiva. Cada qual cria o seu próprio método de avaliação, com base na sua experiência pessoal e/ou modelo de jogador “craque” que melhor atenda a sua idéia tática de jogo.

6.1. CARACTERÍSTICAS CONSIDERADAS COMO CRITÉRIO PARA A DETECÇÃO E SELEÇÃO DE TALENTOS.

Diversos fatores estão envolvidos na avaliação do jogador, segundo os atores sociais. O primeiro fator refere-se à análise do atleta com e sem a posse de bola. Neste caso, na avaliação são levadas em consideração a habilidade técnica do jogador e sua desenvoltura nos espaços reduzidos para executar os fundamentos do futebol em situação de pressão do adversário ou com liberdade para jogar. Atualmente os jogadores devem se aplicar ao máximo, ocupando mais os espaços no campo de jogo, e não permitir que os adversários tenham liberdade para receber a bola, dominar e lançar. Porém, para desempenhar essas novas exigências táticas, o jogador precisa ter condições físicas privilegiadas, até mesmo como forma de compensar as eventuais deficiências técnicas.

Neste sentido, é importante a capacidade do jogador perceber todos os aspectos envolvidos no jogo, como o comportamento de seu companheiro, do adversário e da bola. É o que os atores sociais denominam de “*visão de jogo*”, que está relacionada à inteligência tática para perceber, antecipar e tomar decisões no jogo em ações que ocorrem em espaços reduzidos e amplos.

Um jogador que tem a capacidade de antecipar as situações táticas, e posiciona bem seus companheiros em campo, tem uma função importante na execução das ações táticas ofensivas e defensivas da equipe. Daí, o fato de se avaliar o jogador sem a posse de bola, a forma como ele se desloca no campo, procurando os espaços e um melhor posicionamento para receber a bola.

O segundo fator refere-se às características técnicas, táticas ou físicas próprias dos jogadores. Este é um aspecto muito pessoal e é o que caracteriza o atleta, principalmente na definição da posição em que ele pode atuar e as funções ofensivas e defensivas que ele pode desempenhar em campo. São características importantes: a) o jogador ser veloz; b) possuir habilidade técnica; c) possuir uma visão de jogo apurada e eficiente; d) contar com potencial para marcar com eficiência.

Mesmo apresentando deficiências em outros aspectos, um jogador pode ser útil a uma equipe se apresentar características físicas, técnicas ou táticas que se enquadre em determinada filosofia de jogo do técnico (Técnico da Categoria Sub 20).

Observemos que um jogador pode ser avaliado de forma diferente, atendendo a objetivos táticos distintos, mas a habilidade técnica, o condicionamento físico e a capacidade de raciocínio do jogador são fatores determinantes no processo de avaliação:

Há no Brasil atualmente, um consenso em torno da imagem do jogador de futebol “moderno”: disciplinado, forte, combativo, boa estatura, bem preparado fisicamente e taticamente consciente, com um eficiente sentido de formação tática, brasileiromente convivendo com o jogador criativo e talentoso que desequilibra o jogo tático com sua habilidade técnica. (Técnico da Categoria Sub 15).

Neste contexto, a base do futebol moderno está centrada em cinco aspectos: força, velocidade, inteligência de jogo, habilidade técnica e equilíbrio emocional (Paoli, 2005).

A força representa um fator auxiliar e complementar na preparação do atleta de futebol. Entretanto, o melhor jogador não é o que salta mais alto, vence distâncias maiores ou emprega o corpo de forma mais potente. O melhor jogador é o que consegue usar de forma bem sucedida, e no momento ideal, a habilidade técnica, e todos os outros fatores das qualidades fundamentais para o jogo de futebol.

Três manifestações de força são importantes no futebol: a) força rápida, que refere-se a força de salto, do chute, lançamento e de aceleração; b) força máxima, relacionada especialmente com o desenvolvimento de massa muscular nos membros inferiores; c) resistência de força, que é importante no condicionamento geral, especialmente em relação à musculatura auxiliar, como a abdominal e dorsal. (Weineck, 2000).

A velocidade está relacionada com a capacidade do jogador reagir e agir rápido, as saídas e as corridas rápidas, a velocidade com o tratamento da bola, as arrancadas, e o reconhecimento e utilização rápida de certas situações. Os jogadores devem aliar a habilidade técnica com a velocidade.

A tendência atual do futebol é elevar a dinâmica e o ritmo de jogo, o que conseqüentemente, exige uma capacidade de velocidade de movimento e de habilidade.

As manifestações de velocidade que estão envolvidas com o jogo de futebol, são: a) velocidade habilidade, que é a capacidade do jogador agir de forma rápida e efetiva em relação as possibilidades técnicas; b) velocidade de ação com a bola, que envolve as ações realizadas com a bola em alta velocidade; c) velocidade de reação, que contribui para que o atleta possa reagir rápido em ações surpresas executadas pelo adversário e dos companheiros; d) velocidade de decisão, relacionada com a capacidade do jogador decidir-se no menor tempo possível por uma ação efetiva entre várias

possibilidades; e) velocidade de percepção, que está relacionada com a capacidade que o jogador possui de absorver rapidamente as informações importantes para o jogo. (Weineck, 2000).

A inteligência de jogo está relacionada ao componente tático. No futebol, ocorrem situações imprevistas e variadas, às quais o atleta tem que tomar decisões de forma imediata. O comportamento dos jogadores é determinado pela interligação de vários fatores de natureza: psíquica, física, tática e técnica (Garganta, 1995).

Nesta medida, devem os jogadores, resolver situações de jogo que, dadas às diversas configurações, exigem uma elevada adaptabilidade, especialmente no que diz respeito à dimensão tático-cognitiva.

Guarano (1996) define a tática como o conjunto das normas e dos comportamentos individuais que servem para, na situação do jogo, utilizar os pressupostos que a sustentam, tendo sempre em conta as grandes linhas de conduta: a maneira de jogar do adversário; as condições externas existentes; as regras do jogo e as próprias condições particulares da competição. A tática pode ser individual (ação de um único jogador, por exemplo, na cobrança de um pênalti, de uma falta na entrada da área), coletiva (que envolve mais de dois jogadores) e de defesa (que são as manobras defensivas, caracterizadas pela marcação).

Ao referir-se à tática no futebol, estamos inter-relacionando os fatores espaço – tempo – bola – colega - adversário, numa situação do jogo, representando para o atleta uma tarefa ou um problema a ser resolvido. A solução do mesmo estará em direta dependência da tomada de decisão que o atleta planeje e execute na situação, sob consideração de que esta tomada de decisão signifique possuir antecipadamente um objetivo na ação. Atuar taticamente no jogo implica em estar capacitado para se sobrepor às exigências do jogo (Greco, 1992).

Paula *et al* (2000) analisam que, no futebol o espaço é compartilhado por jogadores das duas equipes. Existindo na execução das ações uma pressão de tempo para resolver os problemas e tarefas do jogo. O atleta deve saber inter-relacionar informações inerentes às situações de jogo, que incluem decisões do tipo: o que fazer (objetivo), quando fazer (momento), onde fazer (espaço) e como fazer (forma).

A tática é uma ação coletiva no jogo, ou seja, transcende as funções específicas e individuais de cada jogador e pressupõe a existência de um princípio unitário da equipe para tornar o jogo mais eficaz e coletivo.

Talvez por isso o comportamento tático do atleta deve ser flexível¹⁰⁰, facilitando sua adaptação às mudanças na situação de jogo pelas variáveis imprevistas que surgem durante a partida, que requisitam respostas variadas, velozes, precisas e complexas executadas sob elevada pressão.

Neste sentido, e considerando o futebol como um esporte coletivo, poder-se-ia pensar que a compreensão da complexidade tática do jogo é um fator preponderante no desenvolvimento dos jogadores, devido principalmente pelas diversas situações e variáveis apresentadas durante a partida, aliado a pressão do adversário, do espaço e do tempo para tomar decisões.

A habilidade técnica consiste no trabalho individual do jogador e na aplicação eficiente dos fundamentos técnicos do futebol: recepção, domínio, controle, passe, drible, fintas, orientação e condução, chute, cabeceio, marcação e desmarcação.

O atleta, na medida em que assimila a técnica, aperfeiçoa e automatiza o movimento, possibilitando dirigir toda a sua atenção para as ações táticas ofensivas e defensivas. O Atleta deve possuir a capacidade de executar os fundamentos com as duas pernas e pelos dois lados, além de identificar qual, como, quando e por que utilizar uma habilidade técnica de acordo com a situação do jogo.

Por isso, a habilidade técnica é um requisito básico para um bom raciocínio e desempenho tático. Dominando a técnica, o jogador poderá focar a sua atenção em outras variáveis, como visualizar o posicionamento dos colegas e adversários, da bola, e tomar a decisão mais adequada para as diversas situações.

O equilíbrio emocional, ligado ao componente psicológico, também acaba por interferir na tomada de decisão do jogador, pois o futebol é uma fonte potencial de estresse.

No que se refere ao equilíbrio emocional, o estresse do futebol em todos os seus níveis de competição é cada vez maior. São muitos os exemplos de jogadores que se perdem neste contexto durante os jogos decisivos. Por isso, o perfil emocional do atleta é fator importante para a análise de suas qualidades. E, o fator emocional pode ser o fiel da balança nestas circunstâncias (Técnico da Categoria Sub 20).

¹⁰⁰ Garganta (1995) estabelece que as exigências e características dos esportes coletivos determinam que o atleta não atue na competição de uma forma mecanizada e inflexível; pelo contrário, deverá possuir um comportamento altamente variável, para optar com agilidade e criatividade ao tomar decisões, e executá-las através das escolhas de uma técnica determinada. Em outras palavras, deve-se saber primeiro “o que” será decidido, que deve ser produto de uma tomada de decisão a qual tenha, previamente, selecionado a melhor alternativa de ação de um repertório amplo e variado de experiências; segundo, o “como” será executado deve ser também motivo de um processo de ensino – aprendizagem - treinamento das técnicas gestuais específicas a cada esporte.

O futebol é muito complexo. A priori se fala muito em preparação física, técnica e tática. Mas, quando o jogador chega ao alto nível, ele tem muito pouco a se desenvolver nestes aspectos. E, aí, o aspecto psicológico é muito importante. O controle emocional, o relacionamento com o grupo. Como ele se relaciona com o grupo. Tem um peso muito grande o que chamamos de preparação psicológica (Coordenador Técnico das Categorias de Base).

Variáveis e fatores diversos geram situações que influenciam o desempenho do jogador. Os jogos estão cada vez mais equilibrados e pequenos detalhes fazem a diferença. O nível de competitividade e de equilíbrio emocional aumentou. Os jogadores são obrigados a produzir em alto nível e sob elevada pressão interna e externa. Os atletas, em muitos casos, falham no momento da decisão, daí ser fundamental o preparo emocional antes, durante e após os jogos.

O nível de competitividade, de comando e de equilíbrio emocional são exigências do futebol moderno:

Os parâmetros de hoje, quando comparados aos do passado, são bem diferentes. Não é possível correr em certas situações três vezes mais que há vinte anos se o jogador não for competitivo. O jogo se resume em um constante criar espaços para a sua equipe e eliminar os do adversário. O espírito competitivo do atleta do futebol é uma qualidade considerável nos tempos atuais. Já o comando é uma qualidade particular mais ou menos desenvolvida, dependendo da formação que o jogador recebe. Não é mensurada precisamente como as valências técnicas, físicas ou táticas do esporte, mas contribui para que todas elas se concretizem. Facilmente se percebe a atuação de um líder dentro de campo. Um comandante nas quatro linhas, mesmo que não seja tecnicamente evoluído para o futebol, exacerbará o potencial dos companheiros. (Técnico da Categoria Sub 20).

O jogador de futebol é avaliado por um conjunto de qualidades, ou seja, seu valor é medido pela soma das suas qualidades. E a disciplina é considerada uma delas, principalmente quando se refere ao fator extra-campo, sendo um dos aspectos observados durante todo o processo de formação do jogador, e que pode determinar o término de sua carreira.

Nos Clubes pertencentes à amostra deste estudo, foi possível perceber que existem normas a serem seguidas pelos jogadores. As regras de conduta são ditadas por um regulamento, que normatiza as atitudes dos jogadores em todos os setores do CT e da rotina dos treinamentos, alimentação, horário de descanso, tratamento médico e durante viagens e competições. Em todos os Clubes pesquisados o controle é rígido, sendo adotado uma cartilha disciplinar, que controla o comportamento dos atletas nos alojamentos, nos campos, na sala de musculação, departamento médico e no refeitório. Além disso, veta entre outras situações, a de praticar atividades esportivas que não seja

o futebol; freqüentar bares e boates nas horas de folga; entrar no CT depois das 23h; ingerir bebidas alcoólicas, entre outras.

Disciplina para os atores sociais significa obediência aos regulamentos, as normas do Clube, as esquematizações táticas, além de atender e respeitar aos comandos dos membros da comissão técnica e da diretoria. Esta disciplina é transferida para o campo de jogo, na medida em que o jogador, dito “moderno”, para os atores sociais, necessita de aplicação e disciplina tática e do entendimento de que o grupo é superior ao indivíduo. Ou seja, o coletivo sobrepõe-se ao individual.

Para os atores sociais a disciplina é fundamental no contexto geral da vida pessoal e profissional do atleta, e eles entendem que em qualquer segmento disciplinado o rendimento é melhor. Na concepção das representações nativas, a disciplina contribui para que o atleta se organize, seja nos momentos de estudar, treinar, jogar alimentar, descansar, tratar das contusões, executar as determinações táticas do técnico, utilizar-se de sua habilidade técnica, e até mesmo, nos momentos de lazer.

Entendem os atores sociais que o futebol é todo disciplinado, regrado, e no momento que o atleta se conscientiza da importância da disciplina, controla a hora do sono, da alimentação, a forma de se portar no treino e no jogo, melhorando suas condições para o desempenho de suas funções. O jogador, na visão dos atores sociais, deve possuir uma visão macro da vida e da profissão. Tem que evoluir de forma geral como homem e jogador, o que vai favorecer o seu desenvolvimento e o vocabulário motor e cultural. A disciplina ascética do esporte é fundamental na formação desse produto chamado “atleta”.

O mercado do futebol exige do atleta das categorias de base um comportamento dotado de um “*habitus*” típico do futebol profissional, empresarial e burocrático. A busca pela disciplina vai ao encontro do profissionalismo, que é cada vez mais reivindicado, fazendo com que o clube gerencie não só o trabalho, mas também a vida social do jogador, que é controlada em todos os aspectos.

Nos clubes estudados os jogadores são cobrados, exigindo deles uma postura próxima do modelo empresarial, sob a alegação de que o futebol exige competitividade e atitude profissional, o que, na visão dos atores sociais, gera uma produção social de um jogador dito moderno. Podemos pensar que a boemia, que esteve no futebol do início do século e em boa parte do século XX tornou-se um mal a ser combatido.

Poder-se-ia pensar que este modelo de atleta, projetado pelos clubes estudados em suas categorias de base, se aproxima das representações do “futebol força”, um

jogador disciplinado, burocrático, racional, metódico, denominado de “Caxias”, que representa justamente a estrutura, simbolizando o tipo conformista que não transgredir as regras. Todavia, no campo profissional os atores sociais no campo ressaltam e conciliam as qualidades dos tipos ideais, o jogador ideal é o que tem o melhor de “Dionísio” e o melhor de “Apolo”.

Observemos que este protótipo de jogador distancia-se das representações do “futebol arte” que tem como característica um jogador dito “malandro”, que utiliza sua criatividade, seu poder de improvisação. O malandro representa uma alternativa do indivíduo diante da estrutura formal que limita e aprisiona a autonomia; ela a burla.

A formação do jogador nas categorias de base se aproxima do personagem tipológico “Caxias”, que simboliza o modelo de atleta europeu, pois o mercado do futebol tem seu foco voltado para a Europa, visando as transferências e a geração de lucros.

Entretanto, avaliar todas as características de um jogador é uma ação complexa, principalmente pelo imediatismo do futebol. Exceto a condição física, os demais parâmetros, como o tático e o técnico estão vinculados a uma avaliação subjetiva, que quase sempre está de acordo com os princípios táticos de quem observa.

Talvez por isso, o atleta quando detectado e selecionado, seja submetido a um processo de avaliação formativa. Ao longo dos treinamentos diários, e, principalmente dos jogos oficiais, estas qualidades são melhor avaliadas.

O dia-a-dia é um grande aliado do técnico para análise precisa das qualidades e perfil emocional imprescindíveis à análise mais completa. Os jogos e os treinamentos se completam. A avaliação deve considerar, entretanto, a faixa etária dos jogadores. O nível de maturidade do atleta é um diferencial marcante para as conclusões, pois a bagagem de treinamentos e experiência adquirida interferem sobremaneira na produtividade em campo. (Técnico da Categoria Sub).

Um outro fator acaba por influenciar o processo de avaliação. O histórico do jogador:

Na minha visão, em primeiro lugar, em todas as categorias o critério utilizado é o histórico do jogador. Onde ele jogou. Por onde ele passou. Por exemplo, chegou um menino aqui com 14 anos que jogou dois anos na escolinha do América-MG, então ele já tem um histórico favorável a ele. (Técnico da Categoria Sub 15).

A trajetória do jogador, independente da idade, é levada em consideração, principalmente nas categorias superiores, como a Sub 17 e a Sub 20. De acordo com os observadores técnicos, quando da avaliação de um determinado jogador, o foco da

atenção é a busca por atletas que possam preencher posições carentes em alguma categoria, e aí os critérios são levados em consideração.

Foi possível constatar ainda que o jogador não é avaliado apenas pela sua individualidade e sim pelo que ele pode oferecer coletivamente. Cada jogador apresenta uma característica diferente: uns tem mais força, outros mais velocidade, outros mais habilidade técnica.

Um componente fundamental, independente dos fatores técnicos, físicos e táticos é o comportamento competitivo. Nas entrevistas e nos contatos com os atores sociais, foi possível perceber que o jogador que não tiver este comportamento dificilmente alcançará seu objetivo, pois o futebol exige renúncia de sua individualidade em função do coletivo.

O jogador deve desempenhar uma função defensiva e saber jogar sem a bola. A formação competitiva faz parte do processo pedagógico. O jogador treina e se prepara para competir. Geralmente a comparação com o atleta que já está no clube é inevitável, porque não se seleciona um jogador do mesmo nível ou abaixo do já existente.

Se eu encontrar outro jogador que tenha qualidade eu faço uma comparação com os que estão aqui no clube. Se eu vejo uma condição de superar o que já está aqui com certeza eu trago. Busco atletas para posições em que o clube está carente (Observador Técnico).

Neste sentido, a comparação existe, mas têm que ser baseada em critérios, características dos jogadores:

Hoje manda muito a qualidade técnica e o biotipo. O futebol é muita força. O jogador não pode ter problema nas divididas, nas bolas aéreas. Por isso deve-se aliar a habilidade técnica com a velocidade. Mas, acontece de você vê um zagueiro bom tecnicamente, mas a estatura é baixa, então não adianta, a altura não o deixa jogar de zagueiro. Mas, dependendo de sua habilidade técnica, pode ser adaptado de lateral, volante. Por outro lado, você observa um jogador de meio-campo que é muito franzino e aí tem que avaliar se ele vai conseguir evoluir até chegar no profissional. Porque neste caso, temos a disposição alguns exames que determina se o garoto vai crescer. (Observador técnico).

Hoje em clube grande a oferta é imensa, então para você pegar um garoto franzino com uma boa qualidade técnica é melhor procurar mais e pegar um mais forte com a mesma qualidade técnica. A escolha hoje é a dedo, principalmente para algumas posições como meia e atacante. E, aí você pode observar um zagueiro que 30% dele é habilidade técnica e 70% força, com boa altura. Neste caso, devido a posição, ele tem muito mais chance de jogar do que se ele fosse atacante. (Técnico da equipe Sub 15).

Existe um consenso com relação a esta questão de habilidade técnica e força. Porém, para os atores sociais, a habilidade técnica ainda é um dos principais fatores, pois o futebol é o local da precisão e excelência.

Vamos supor que você seleciona um jogador pelo critério força. Aí neste caso o risco é ele está na Sub 15 e fazer a diferença, mas quando chega na Sub 20 iguala com todos os outros, e aí, o que prevalece é a habilidade técnica, e, quem não tiver esta habilidade apurada vai ficar para trás. (Técnico da Categoria Sub 20).

A parte física é fundamental. Você tem que ter atletas de futebol. A questão física é determinante sim. Principalmente em esportes coletivos. Mas, a primeira coisa que observo nos garotos abaixo de 14 anos é a habilidade técnica. Porque chegou nesta idade de 14 a 17 anos o menino que não tem qualidade física e quer ser um atleta, não tem como (Técnico da Categoria Sub 17).

Pode ser observado nas categorias abaixo da Sub 17 que a habilidade técnica é fundamental. Entretanto, na Sub 17 e Sub 20 outros critérios são acrescentados, como a condição física, a capacidade tática e psicológica.

Os garotos de dezoito a vinte anos, têm que chegar aqui com um potencial atlético bastante desenvolvido. Porque são jogadores que já estão próximos da categoria profissional e da idade adulta. Então, a gente logicamente olha todas as valências físicas, técnicas e táticas, fundamentos e inteligência para o jogo. Isso tudo dentro do “feeling” que nós temos, já que não possuímos um modelo padrão de avaliação. (Técnico da Categoria Sub 20).

As posições dos informantes, no que se refere às características exigidas dos jogadores no momento da detecção e seleção, requerem um pouco mais de atenção. Um dos argumentos que destacamos está relacionado à característica de jogador ideal na avaliação e na escolha. Exatamente neste contexto, é que constatamos algumas contradições presentes neste processo, devido ao fato de que a observação está diretamente relacionada à idéia tática de quem está observando, e principalmente daquele que tem o poder de decisão, a palavra final no processo.

Mas, um dado é vital no futebol de base. Que critérios são levados em consideração por posição? Quais são as características exigidas pelos observadores para que um jogador possa ser identificado e selecionado como um goleiro, um lateral, um zagueiro, um meia ou um atacante.

6.2. CARACTERÍSTICAS UTILIZADAS COMO CRITÉRIOS PARA A DETECÇÃO E SELEÇÃO DE JOGADORES POR POSIÇÃO

Os jogadores cumprem funções defensivas e ofensivas nestes respectivos setores, e o desempenho em cada uma destas funções, depende das características do jogador. No processo de detecção e seleção de talentos, a questão da posição é fundamental. Cada uma destas posições exige características diferenciadas e a posição tem que ser considerada. A literatura internacional ainda não conseguiu determinar

padrões de jogadores para todas as posições. Hoje, goleiros e zagueiros tem que ser altos. Começa assim a definir uma seleção que é natural, o que nos leva a crer que os garotos de estatura mediana para baixo serão discriminados no processo de detecção e seleção.

A estrutura de uma equipe de futebol está diretamente relacionada às diversas posições que compõem os três setores do campo, como demonstra a figura 14.



Figura 14 – Campo de jogo e a divisão em setores, com as respectivas posições (G: goleiro; ZD: zagueiro direito; ZE: zagueiro esquerdo; LD: lateral direito; LE: lateral esquerdo; VO: volante .MAR: meia de armação; MAT: meia atacante; AT: atacante.

Cada setor do campo, como pode ser observado na Figura 14, defesa, meio e ataque, e dependendo do sistema adotado, 4x4x2 e 3x5x2, possuem as posições que compõem a estrutura tática de um jogo. No setor de defesa, cinco posições são básicas. Goleiro, zagueiros, laterais, alas e líbero. Os laterais compõem uma equipe que atua no sistema 4x4x2, e os alas no sistema 3x5x2. No setor de meio campo, quatro posições

compõem o setor: volantes, meias de armação, meias de contenção e meias atacantes. E, no ataque, duas posições, os atacantes que jogam mais fixos na área, como referência, e os atacantes que atuam mais pelas pontas e/ou pelas laterais do campo.

O futebol moderno está cada vez mais exigente. De acordo com a posição ocupada os jogadores deverão desempenhar funções defensivas e ofensivas específicas da posição que ocupar em campo. A habilidade técnica levava vários jogadores de futebol ao estrelato, mas hoje somente o talento não basta. O futebol se desenvolveu muito no aspecto fisiológico, físico. Na atual estrutura do futebol o atleta ideal é aquele que soma o seu potencial genético, o seu talento a todo o processo de treinamento.

De acordo com os atores sociais as equipes buscam um equilíbrio entre todos os setores do campo. As características dos jogadores devem combinar com as idéias táticas dos treinadores, que deve possuir a competência para agregar uma filosofia de jogo que seja compatível com o grupo que tem em mãos, como pode ser observado nesta afirmação do técnico da Categoria Sub 20 do Cruzeiro “O técnico que articula sabiamente com o potencial das estruturas da sua equipe dá um grande passo para o sucesso na implantação do seu sistema.”

Hoje dá-se grande importância à detecção e seleção dos jogadores pela posição que irão exercer dentro da estrutura da equipe. Talvez por isso, nos remetendo à questão da dualidade entre “arte” e “força”, tenhamos que nos reportar à afirmação de Soares (1994), que a “arte” e a “força” no futebol passaram a representar duas correntes que se opõem no modo de pensar sobre o estilo de jogar nos discursos identitários. Todavia, nas falas dos atores que atuam no cotidiano há uma posição conciliatória entre a “força” e a “arte” que é patente, pois o resultado é o que baliza o estilo de jogo.

No processo de detecção e seleção o jogador é selecionado pelo potencial que apresenta, na medida em que é muito comum um atleta ser aprovado em um teste, ou ser observado numa determinada competição e/ou treino, em dada posição, mas, depois, já no clube, ele pode atuar em outra.

Nós temos aqui no Cruzeiro o caso do goleiro Jéferson, que esteve aqui e foi para o Botafogo do Rio e depois negociado com o exterior. Foi selecionado como atacante, depois foi deslocado para a posição de goleiro, chegando inclusive a seleção brasileira sub-20 que foi campeã mundial. (Técnico da equipe Profissional).

Esta questão da seleção ocorrer pelo potencial apresentado pelo atleta é reforçada pelos critérios físicos e técnicos no momento da avaliação.

Existe um padrão universalizado por posição. Cada uma conta com critérios específicos. Tanto no que se refere às qualidades técnicas, físicas e táticas. O primeiro critério é a análise do histórico do jogador. O segundo seria a estatura. Mas isso não quer dizer que seja um fator decisivo. Então, chega um zagueiro para o infantil com 1,65m. É baixo, mas é bom tecnicamente. Aí, taticamente tentamos ele de volante, lateral, porque de zagueiro ele não vai jogar com esta estatura. De repente esse jogador que chegou com essa característica de boa técnica, boa tática, consegue evoluir nos treinamentos e nos jogos. Mas, não posso ter este jogador como zagueiro, porque a posição exige uma estatura de 1,75 a 1,78m com previsão de chegar a 1,85m pelo menos. Então este menino vai ser deslocado para *outra posição*. (Técnico da Categoria Sub 17).

Vamos supor que estamos avaliando um lateral, ele realmente bate muito bem na bola, cruza muito bem, mas ele não tem uma boa velocidade, ele é lento. E a velocidade para um lateral é essencial. Ele tem que atacar, voltar e defender. Então porque não aproveitar este menino no meio-campo. Outro exemplo. Chega um jogador aqui de 1,65m para jogar de meia, mas é muito franzino, fraco fisicamente. No entanto, ele é muito bom nos fundamentos do futebol como o passe, chute, cabeceio, drible, marcação. Consegue aplicar isso no jogo. Tem boa maturidade tática, ou seja, reconhece a sua posição em campo. Então vamos tentar trabalhar este menino, porque existiu o Maradona, Zico, Romário, Marcelinho Carioca, que foram jogadores de baixa estatura, mas são expoentes no meio do futebol. (Técnico da Categoria Sub 15).

Percebe-se que o jogador é selecionado pelo potencial físico, técnico, tático e psicológico que apresenta em termos de evolução futura, e não pela posição que ele fez a opção, porque poderá ser adaptado em outra, dependendo de suas condições. Os jogadores são adaptados em outras posições, pois como se trata de categorias de base o jogador chega em fase de formação.

Desta forma, foi possível observar que para cada posição existem critérios físicos, técnicos e táticos que são levados em consideração no momento da avaliação e seleção dos jogadores. O zagueiro e o goleiro têm um padrão definido, que é a estatura. Os demais não possuem um padrão determinante, pois o futebol é um esporte plural e ao mesmo tempo é polissêmico, onde as pessoas estabelecem diferentes tipos de comunicação motora, que são variadas.

Algumas características são importantes para todas as posições, como a personalidade e velocidade. Personalidade refere-se principalmente à confiança, à segurança. O jogador pode ter todas as habilidades técnicas desenvolvidas, mas se não souber aplicá-las durante os jogos de nada adiantarão. Porém, a velocidade é fácil de mensurar, mas a personalidade é só com o tempo.

A velocidade tem se constituído em uma das principais características dos jogadores de futebol, esta característica não assegura que todo jogador rápido vai

“vingar” no futebol. Mesmo se um jogador for muito técnico, mas não contar com a velocidade, dificilmente será selecionado.

Neste sentido, as características têm valor como elementos gerais devido ao processo de formação. Vejamos agora, nas percepções dos atores sociais e com base na literatura específica do treinamento do futebol, que critérios são utilizados por posição.

6.2.1. Goleiro

As funções do goleiro durante um jogo sofreram profundas modificações ao longo da existência do futebol. É uma das posições que mais evoluiu. Isto se deve em parte, às mudanças ocorridas nas regras, principalmente aquela relacionada com o recuo de bola, que passou a exigir dos goleiros “saber jogar com os pés”.

Por estar em uma posição privilegiada em relação aos demais jogadores, ele cumpre, entre outras, a função de orientar taticamente seus companheiros em campo. E esta é uma qualidade que deve ser desenvolvida desde a categoria sub-11. Comando, liderança, nível de compreensão tática de como sua equipe estará disposta no campo de jogo. Talvez por isso muitos ex-goleiros se transformaram em técnicos de futebol, com sucesso, casos de Emerson Leão, Zetti, Geninho, entre outros.

Com base nas informações dos atores sociais, os requisitos mais importantes para o desempenho das funções são:

- **Requisitos Físicos:** Força. Velocidade de reação e de deslocamentos. Coordenação. Equilíbrio, flexibilidade e agilidade. Estatura acima de 1,85m.
- **Requisitos Técnicos:** Pegadas de bola. Encaixe. Entrada frontal, quedas, chutes, desvios, saída de gol, deslocamentos diversos e colocação e ou posicionamento para os diversos tipos de defesas.
- **Requisitos Táticos:** A escolha de um goleiro estão intimamente ligadas à idéia de jogo do técnico. Reposição de bola por baixo e por cima. Posicionamento nas cobranças de escanteio, faltas e cruzamentos. As saídas do gol.

É um conjunto de qualidades. O domínio de todos os fundamentos característicos de sua posição é um requisito primordial para um correto desempenho de suas funções ofensivas e defensivas. Seu posicionamento e suas atitudes são de grande importância para um bom desenvolvimento de sua equipe.

Em relação ao goleiro é a altura. Porque nós já tivemos várias experiências com goleiros baixos que eram muito bons tecnicamente, mas não conseguiram chegar ao profissional por causa da altura. Depois entram os fatores como agilidade, reflexo, pegada, vivacidade. Nós tivemos aqui no Cruzeiro um goleiro chamado Arlei, que está fazendo muito sucesso no Goiás. Ele tem 1,78m. Não se deu bem aqui no clube por causa da sua estatura, mas ele é um excelente goleiro, por isso no nosso objetivo é trabalhar com goleiros altos, porque depois nós trabalhamos estas outras qualidades. Agora, repito, o principal fator do goleiro é o tamanho. (Técnico da Categoria Sub 17).

O fato de o goleiro possuir a estatura exigida não lhe dá a garantia de sucesso no futebol, na medida em que as outras qualidades também são importantes no processo de formação desta posição específica. Porém, observa-se que na avaliação diagnóstica o biótipo pesa a favor do jogador que tem uma maior estatura:

Primeiro vamos pela altura. Só depois é que são analisadas as outras qualidades. Goleiro é uma posição que você consegue fazer, pelo treinamento específico, você consegue ensinar os fundamentos, fica mais fácil porque não precisa ter aquela habilidade inata, o goleiro pode adquiri-la. (Técnico da equipe Profissional).

Tem que ter agilidade e excelente impulsão. Habilidade com as mãos. Na questão psicológica tem que ser um possível líder. Para orientar o time, porque ele vê o jogo de frente o tempo todo, ele já antevê a jogada e pode prevenir um possível risco. Eu preconizo que já na categoria infantil, o candidato a goleiro tem que ter no mínimo 1,85m para cima. É por isso, que quando um garoto demonstra boas qualidades, procuramos saber se os pais são grandes, se ele tem possibilidade de chegar a 1,85m e se possível 1,90m. Agora o goleiro tem que ter agilidade. Gosto de goleiro que oriente, que sempre está atuando. Mas não é gritar por gritar. É orientar a equipe. Passar informações táticas. Tranqüilizar a equipe. (Técnico da Categoria Sub 17).

A posição do goleiro exige um acúmulo de capacidades corporais e psíquicas que é encontrado em poucas posições do futebol, por necessitar de um treinamento específico e variado. Por isso, que esta posição conta na estrutura da comissão técnica com um profissional específico para o treinamento, que é o treinador de goleiros.

Observemos, entretanto, que esta seja uma posição do futebol que tenha um critério pré-estabelecido para a seleção. Dependendo do tamanho do candidato, este não terá uma nova chance. Este é um fator que exclui e elimina no processo de avaliação, como podemos notar nas afirmações dos atores sociais.

6.2.2. Zagueiros

O setor do campo que atuam os zagueiros é considerado de alto risco. Um erro durante o jogo pode ser fatal. Os zagueiros exercem funções defensivas extremamente importantes. Daí o fato da escolha destes jogadores está apoiada em critérios mais rigorosos, até porque o futebol moderno exige que eles possam executar funções especiais. Existe um consenso entre os especialistas e os entrevistados, quanto aos requisitos necessários para esta posição:

- Altura média prevista de 1,85m;
- Velocidade, força e agilidade;
- Boa capacidade de impulsão;
- Habilidade para marcar, no que se refere a recuperação e roubada de bola;
- Habilidade para sair jogando e articular as manobras ofensivas;
- Capacidade de executar passes curtos e em profundidade;
- Capacidade de realizar coberturas e de antecipação nas jogadas;
- Apurada noção de espaço-tempo para os lances de bolas altas e também para o desarme no adversário em bolas no chão;
- Força física e disposição para marcar durante todo o jogo;
- Concentração, boa leitura de jogo e comando.

Apesar destas qualidades, os zagueiros atuam em uma faixa de campo restrita, praticamente fixos, já que eles têm pouca liberdade para atuar em outras áreas do campo. De acordo com Drubsky (2003: 258), é a estrutura de linha que mais se fixa para que as outras se mexam em campo:

A proximidade com que atuam os zagueiros de uma mesma equipe faz acreditar que jogar pelo lado direito ou esquerdo é a mesma coisa. Porém, é bom alertar que existe uma considerável distinção entre os lados. As situações de jogo que exigem do atleta percepção espaço-tempo e a lateralidade podem apontar as dificuldades dos jogadores que sabem atuar só de um lado. O domínio da bola que vem pelo alto e a cobertura dos laterais são alguns exemplos práticos dessas situações. Mas é importante ressaltar que existem bons zagueiros que desempenham suas funções com qualidades em ambos os lados.

A função de zagueiro sofreu mudanças no futebol moderno. Eles têm liberdade para arriscar em lances de ataque, e uma das exigências para a posição está voltada para a capacidade de desempenhar funções ofensivas. Apesar disso, existe um consenso entre os atores sociais de que as exigências, no que se refere à habilidade técnica do zagueiro,

são diferentes quando comparadas com as necessárias para os meias e os atacantes, por exemplo:

Zagueiro tem que ter a técnica básica, ou seja, passar e rebater bem, ser bom nas jogadas aéreas e nos desarmes por baixo. A leitura de jogo não precisa ser tão apurada como um meia. Pois o meia joga de costas, sob pressão, então o leque técnico dele tem que ser maior. (Técnico da Categoria Sub 15).

Zagueiro é tipo goleiro. Você vai mais pela estatura, pela qualidade física, velocidade, coordenação, força. Isso tudo você leva em consideração. Já os laterais, meias e atacantes as exigências no que se refere a qualidade técnica são maiores. (Técnico da Categoria Profissional).

Zagueiro é muita estatura. Seria o primeiro critério. Depois ter um bom passe, saber bater na bola, ter boa impulsão, saber se posicionar porque o zagueiro fica ali na espera parado. Se ele souber se posicionar todas as bolas vão em cima dele. (Observador técnico).

Eu entendo que o zagueiro você faz. Ele tem que ser eficiente e não talentoso. Tem que ter uma boa condição física. O defensor tem que impedir que o atacante faça gol. Assim, ele tem posicionamento tático definido. Ensinar a marcar é mais fácil que atacar (Observador Técnico).

Observamos o jogador inicialmente pela habilidade técnica. Seja em qual posição for. É essencial para o futebol. Depois pela posição, biotipo e qualidade física, principalmente velocidade. Eu te diria que um zagueiro tem que possuir uma boa estatura e velocidade. É uma regra geral. Garotos com estatura baixa é difícil (Observador Técnico).

Percebe-se com esta afirmação que as exigências técnicas e táticas são diferenciadas de acordo com a posição. A qualidade técnica de um meia é diferenciada, até pelo setor de campo que atua.

6.2.3. Laterais

Esta é uma das posições que mais evoluiu no futebol. A seleção brasileira sempre contou com laterais de habilidade técnica apurada e refinada¹⁰¹.

Nos sistemas táticos atuais, esta é uma posição que ocupa um lugar de destaque, pelas funções defensivas e ofensivas que os jogadores são obrigados a cumprir durante o jogo.

¹⁰¹ Djalma Santos, Nilton Santos, Carlos Alberto Torres, Marinho Chagas, Nelinho, Leonardo, Roberto Carlos, Leandro, Júnior, entre outros.

O lateral é uma peça que nasceu da adaptação dos zagueiros centrais, que se deslocaram às laterais do campo com a única função de marcar os pontas contrários, agora tem de se desdobrar para jogar em toda a faixa longitudinal do campo. O lateral é uma peça importante para os sistemas táticos atuais, pois o congestionamento no setor de meio-campo tem dado a eles a responsabilidade de desequilibrar as defesas contrárias com jogadas pelos flancos. O lateral que só marca está perdendo espaço. Muitas vezes os laterais são preteridos em favor dos atacantes e meio-campistas, que são utilizados ali por serem especialistas em jogadas de flancos, mesmo não sabendo marcar com eficiência. (Drubscky, 2003: 254).

Torna-se fundamental destacar que devido ao surgimento do sistema 3x5x2, uma nova posição foi estabelecida, o “ala”, ao invés do lateral, que é utilizado no sistema 4x4x2. Entretanto, para os atores sociais, no momento da seleção do jogador, os critérios utilizados independem da nomenclatura.

Eu observo a capacidade de driblar. Mas, a força física também é importante devido ao fato que esta posição exige do jogador que ele vá ao ataque e retorne para defender. A habilidade técnica em passar a bola para a área é importantíssima. (Observador Técnico).

A velocidade é a base. O futebol hoje é muito competitivo, muito veloz e quem não tem velocidade, só se tiver muita habilidade técnica para poder sobressair sobre os outros. E, o lateral, prioritariamente necessita de velocidade, aliando a isso uma habilidade técnica apurada. (Técnico da Categoria Profissional).

Na minha visão o principal requisito é a habilidade técnica, principalmente no que se refere ao passe. A questão da altura não é tão relevante. Velocidade é essencial. (Técnico da Categoria Sub 15).

O lateral tem que saber apoiar bem. Mas, saber cruzar é muito importante. Ter uma boa base aeróbica, já que o lateral hoje corre muito. Talvez, seja o jogador que mais corre durante o jogo. Mas, isso depende muito da maneira como você joga com os laterais, aqui no clube a maioria dos laterais eram meias que foram adaptados. Nesta posição o tamanho já não influi tanto para jogar no futebol brasileiro, porque para jogar na Europa, onde eles jogam com duas linhas de quatro jogadores, então o lateral também vira zagueiro, e aí é preciso ter boa estatura para poder jogar. (Técnico da Categoria Sub 20).

Percebemos que os jogadores são selecionados visando ao mercado, principalmente o europeu:

Hoje em dia o futebol é um negócio, então a gente talvez seja muito rigoroso na nossa avaliação e erre também por isso nas nossas avaliações, porque já pensamos lá na frente. Se o jogador tem potencial para ser negociado para Europa, primeiro pensamos em servir a equipe profissional, mas temos que pensar em tudo isso, não é uma coisa determinada pelo clube, mas nós que vivemos no meio do futebol sabemos como essas coisas são, então, a gente procura trabalhar assim. (Técnico da Categoria Sub 17).

È consenso entre os atores sociais deste estudo, que os laterais e/ou alas necessitam possuir condição física privilegiada para exercer as ações táticas nas largas zonas de campo em que atuam, habilidade técnica refinada para driblar, conduzir a bola

e principalmente executar cruzamentos para a área. Mas, um lateral e/ou ala moderno se completam com um forte poder de marcação, além de ter a capacidade de cobrir os espaços deixados no setor defensivo da sua equipe:

6.2.4. Meias

Com a globalização, a forma de praticar o futebol está muito semelhante em todos os continentes. Os sistemas táticos atualmente utilizados possuem muitos aspectos parecidos. As funções e as características dos goleiros, zagueiros, laterais e atacantes são semelhantes nos diversos desenhos táticos e estilos de jogar futebol. Entretanto, a posição que é considerada um elemento de diferenciação nestes sistemas táticos é dos meias ofensivos.

O futebol moderno criou uma referência, o tipo de jogador versátil que consegue desempenhar diversas funções no campo de jogo, e a maioria deles são meio-campistas, cujas características e combinações determinam a maneira de jogar da equipe. Porém, existem diversos perfis de meias: o volante, o de contenção, o de armação e o meia atacante.

Talvez por isso o técnico dependa dos jogadores de meio campo que possui no grupo para optar por um determinado sistema tático. A quantidade e a qualidade dos meias disponíveis, na maioria das vezes, é que permite aos técnicos a capacidade de variar a disposição tática dos jogadores no campo de jogo. As funções, as movimentações características e a distribuição dos meias fazem as principais diferenças táticas entre as escolas do futebol mundial. A característica marcante dos meias é a capacidade impar que têm de atuar em espaços mais amplos do campo, articulando as ações ofensivas da equipe.

A definição da variação tática a ser empregada no jogo, depende do volante. Atualmente, as equipes podem jogar com um, dois ou três volantes. Esta posição é vital no meio-campo e passou por mudanças significativas.

Hoje, o volante é um jogador que, além da capacidade de marcar, de realizar as coberturas, tem a função de ser articulador das manobras ofensivas. Ele tem que cobrir os laterais, proteger os zagueiros, e é comum subir ao ataque para municiar os atacantes e até fazer gols. Tudo dentro das movimentações combinadas que não tragam prejuízos ao equilíbrio tático da equipe. Os desenhos táticos atuais costumam ser rotulados como

mais ofensivos ou defensivos a partir do número e da qualidade dos volantes que possuem. Geralmente, a utilização do volante está ligada à idéia de força na marcação, mas, dependendo da qualidade que têm, muda-se totalmente esse conceito.

A formação com um volante no meio campo é raro ser utilizada devido a alta competitividade do setor. Quando utilizam esta formação, os técnicos acabam optando por jogar com três zagueiros, ou utilizar um meia de contenção que tem a característica mais defensiva.

Já a estrutura com dois volantes é a mais utilizada e foi a formação que a seleção brasileira disputou a Copa do Mundo de 1994, com Dunga e Mauro Silva. Trata-se daquela formada por dois homens de marcação à frente dos zagueiros, que dão mais liberdade de ação aos laterais e aos meias de armação. Os dois volantes podem ser de características semelhantes ou distintas, um pode sair mais para as jogadas ofensivas, ou então, os dois jogam fixos, um de cada lado.

A formação com três volantes pode caracterizar o desenho tático da equipe como mais defensiva, de forte marcação ou ofensiva. Isso vai depender da qualidade técnica do jogador.

A segunda posição do meio campo refere-se ao meia de armação. É o jogador responsável pela articulação entre o setor de defesa e o ataque. Geralmente são os jogadores de maior destaque da equipe, caracterizados pela habilidade técnica apurada, até pela redução dos espaços. Os passes curtos são os mais utilizados. É um jogador criativo. Dos mais dinâmicos no campo de jogo.

Já o meia-atacante é o jogador que joga próximo dos atacantes. Exerce a função, quando sua equipe tem a posse de bola, como um terceiro atacante. É um jogador muito requisitado atualmente. Tem poucas funções defensivas, principalmente de marcação, tem ampla liberdade de movimentação, e o drible, os passes curtos são as principais características destes jogadores.

A avaliação dos meias leva em consideração diversos aspectos, como destacam os atores sociais:

O volante é importante a altura, o desarme e um bom passe. O meia, tanto de armação como de ataque você vê pela criação, criatividade, chegada, facilidade em finalizar para o gol. (Técnico da Categoria Profissional).

Vai depender da função que o jogador vai desempenhar. Se precisa de um jogador mais de marcação, então precisa mais de força. Meia de armação tem que ter uma qualidade técnica muito bem desenvolvida, capacidade aeróbica, visão de jogo, que já não tem a ver com parte física que é a inteligência para o jogo, então, você tem vários modelos de meia: armação, contenção e atacante. (Técnico da Categoria Sub 20).

Os meias têm várias funções, uns trabalham mais na armação das jogadas e outros que, são os meias-atacantes, conduzem mais a bola e partem em direção ao gol. Às vezes o goleiro do time fecha o gol e o meia se perde em firulas durante o jogo, mas o pessoal continua dizendo que o meia o camisa dez, é que dá dinheiro na hora de negociar, então, tem que aceitar. Se ele puder ter um bom porte físico é excelente porque no meio-campo é uma região que tem muito choque. (Observador Técnico).

Os meias têm que ter mais habilidade técnica, uma dinâmica mais rápida, conseguir armar a jogada. Deve cair pelas pontas, tem que chegar na área e carregar a bola, tem que ter mais qualidade. (Técnico da Categoria Sub 15).

O meia tem que saber o momento certo de partir para cima, de achar um espaço vazio para receber a bola desmarcado, mas o fundamental é ter boa habilidade técnica, saber jogar em dois toques, ter boa visão de jogo, finalizar bem com as duas pernas, saber realizar um cabeceio e ser um atleta fogoso, que não se intimida. Aquele que pega na bola e vai para cima. Se perder a bola tem que tentar de novo. Jogador atrevido que está sempre insistindo. (Técnico da Categoria Sub 20).

Portanto, o jogador de meio-campo é uma peça importante para o equilíbrio dos três setores do campo. É a posição que exige como requisito uma habilidade técnica apurada, pelo simples fato de virem sempre de trás como elemento surpresa e, geralmente, com bons dribles e passes rápidos.

6.2.5. Atacantes

Jogadores que atuam no setor de ataque são os principais protagonistas das jogadas que resultam em gol. Duas são as posições que caracterizam o ataque: o atacante de referência, que joga mais pelo meio da área e o atacante que atua pelas pontas, que é o responsável pelas assistências. O futebol brasileiro foi caracterizado durante muitos anos, por constituir o ataque com três jogadores, dois pontas e um centro avançado. Atualmente, de uma forma geral, as equipes têm priorizado jogar com dois atacantes, normalmente com um mais aberto pelas extremas e outro pelo meio.

Porém, com a evolução tática e a disputa por espaços, o ataque perdeu um componente para o setor de meio-campo. Os jogadores que atuam neste setor além de terem a função de armar as jogadas e fazer os gols, também têm que saber defender e ocupar os espaços mais recuados, além de atacar de várias formas para compensar a perda de um homem na linha de frente: *“Os atacantes modernos e que se enquadram nos padrões dessa estrutura são dotados de qualidades técnicas e físicas apuradas, que*

lhes permitem atuar numa área maior e desempenhar diversas funções”. (Drubscky, 2003: 266).

Esta é uma posição que, devido às diversas características e especificidades, depende diretamente da filosofia de jogo do técnico. O desenho tático pode ser estruturado de três formas, dependendo das características e da idéia tática de jogo do técnico:

- Dois atacantes centralizados na área, ou seja, como atacantes de referência;
- Dois atacantes abertos, cada um em uma das extremas, atuando como pontas, buscando a linha de fundo e oferecendo assistências;
- Um atacante centralizado na área e o outro aberto pela extremas;

De acordo com a tática de jogo os atacantes serão posicionados de maneira diferente, o que exigirá que os jogadores possuam as qualidades técnicas, físicas e táticas adequadas para atuar na posição pretendida pelo técnico.

É consenso entre os atores sociais que existem diversos perfis de atacante, mas algumas características são consideradas padrão, como possuir velocidade, visão apurada e posicionamento correto:

Os atacantes são jogadores que possuem velocidade, já que alguns jogam pelos lados do campo e outros mais na área, então, você vê primeiro os que jogam pelos lados do campo, que devem possuir velocidade, um passe bom, e um forte poder de finalização. O atacante de área tem que ter principalmente a parte de cabeceio bem desenvolvido, a finalização com as duas pernas. (Técnico da Categoria Profissional).

Dependendo do setor que ele vai atuar a estatura também pode influenciar. O atacante que joga mais aberto, tem que possuir velocidade, habilidade técnica em driblar, passar, conduzir a bola. Aí ele pode ter uma estatura mediana. No caso do atacante que joga na área, mais centralizado, ele também deve possuir velocidade, porque jogando na área, o jogador tem pouco tempo para decidir o que fazer com a bola, por isso a velocidade de reação, de percepção e tomada de decisão tem que ser rápida. Agora, este jogador pode ser que ele tenha uma estatura maior, porque é um bom cabeceador. Porém, se ele é alto ou baixo, a velocidade faz a diferença. (Técnico da Categoria Sub 20).

Existem vários tipos de atacantes. Tem aqueles que são mais fortes. Sabem fazer o papel de pivô, jogar de costas para o gol, proteger a bola. Força física também é importante, porque o contato com os zagueiros e volantes adversários é grande. Tem também aqueles atacantes que jogam mais pelas pontas, que vem no meio para buscar o jogo e servem o companheiro que está melhor posicionado. (Observador técnico).

O atacante é a peça mais valorizada da equipe. Por isso, mudamos as características dos nossos jogadores de frente. Em vez de formar um atacante forte e brigador para ficar dentro da área, começamos a procurar jogadores mais completos, adaptados ao conceito do atacante moderno. (Observador Técnico)

Tem que ter a habilidade, criatividade. Tem algumas posições que o talento é fundamental. E o atacante é um deles. Não o de área, aquele que joga fixo, estou falando do atacante talentoso, que busca o jogo. Ele não pode ser previsível (Técnico da Categoria Sub 15).

Portanto, a idéia tática de jogo do técnico tem que estar associada às características de atacante pretendidas, mas é consenso que o atacante deve possuir velocidade, se movimentar o tempo todo para dificultar a marcação do adversário. Os atacantes, dentro da atual estrutura do futebol, devem oferecer mais alternativas táticas para a sua equipe.

Neste sentido, a capacidade de estruturar situações táticas diferenciadas no campo depende diretamente da habilidade técnica, tática e física dos jogadores. Não há como forçar uma disposição tática da equipe em campo se os jogadores não forem capazes de ocupar os espaços e cumprir as funções defensivas e ofensivas a eles atribuídas. Talvez, por isso, o futebol vá continuar apresentando novos modelos de estruturas e desenhos táticos. Porém, a figura do jogador especialista, mais versátil e dinâmico em campo, está presente na atual estrutura do futebol.

6.3. DIFERENÇAS DE CARACTERÍSTICAS OBSERVADAS NO PROCESSO DE DETECÇÃO E SELEÇÃO DE JOGADORES POR REGIÃO

É consenso, entre os atores sociais, que cada região do Brasil conta com jogadores de características próprias, isto devido a toda uma bagagem de informações e hábitos futebolísticos adquiridos e desenvolvidos ao longo dos anos. Alguns jogadores são caracterizados como marcas registradas de uma determinada cultura do futebol de um estado e ou região. O futebol mais de marcação, pragmático, racional do sul do país contrasta com o estilo mais técnico e criativo do Rio de Janeiro e Minas Gerais, por exemplo, na visão das representações nativas.

Drubsky (2003) estabelece que o assunto cultura do futebol é tão sério que existem clubes tradicionalmente caracterizados com um estilo próprio de jogo, e que dificilmente o ferem sem sofrer os mais variados tipos de contestações e resistência¹⁰².

¹⁰² Drubsky (2003: 72-73) relata em seu livro dois exemplos que ilustram as influências da cultura tática na implantação da idéia de jogo nos clubes brasileiros:

1º exemplo: Quando chegou à Sociedade Esportiva Palmeiras, em 1997, Luis Felipe Scolari iniciou uma mudança radical no estilo quase secular de jogar da equipe. O Palmeiras era um time que desenvolvera um nível clássico de jogo, com ritmo técnico e cadenciado, que perdurava ao longo dos anos, indiferente às interferências dos técnicos que por ali passavam. Não por acaso o Palmeiras era chamado de “academia

Por isto, o técnico de futebol precisa estender suas atenções à abordagem da cultura doméstica dos clubes e das regiões quando for planejar a sistematização tática de sua equipe.

Rodrigues (2005:112) ao descrever, definir e apontar algumas possibilidades analíticas de um dos principais paradigmas na sociologia do esporte, “a teoria de campo esportiva”, de Pierre Bourdieu permite pressupor a produção do corpo com base na história incorporada pelas disposições. A categoria *habitus*¹⁰³ é capital nesse empreendimento, pois possibilita entender a corporificação de valores, gostos, dispositivos de ação, isto é, todos os dispositivos disponíveis no âmbito do grupo e do contexto social são internalizados nos corpos dos indivíduos:

Entendemos a formação profissional do jogador como a construção de um determinado habitus. A formação do jogador de futebol consiste na incorporação de estruturas, estratégias e modelos de agir, técnicas e esquemas de jogo. A aprendizagem do jogador compreende um habitus, ou seja, um capital com o qual ele joga, toma decisões, classifica e constrói realidades. Os jogadores levam a estrutura do clube a que pertence em suas trajetórias. Consciente ou inconscientemente, eles reproduzem a maneira e o estilo de jogar do clube formador, ou no qual estão atuando. Os treinamentos excessivos e as palestras permitem ao jogador incorporar um determinado padrão de jogo. (Rodrigues, 2005: 120).

Neste sentido, os atores sociais de uma forma geral, quando questionados se existiam diferenças entre os jogadores das diversas regiões do Brasil, responderam que em parte existe, e que essas características diferenciadas são levadas em consideração no processo de seleção e detecção de talentos.

do futebol”. Com o Felipão o time passou a jogar o “futebol força” e conseguiu títulos importantes. Felipão permaneceu no Palmeiras por três anos e meio. Teve o tempo que precisava para implantar sua filosofia de jogo. É importante dizer que, na maioria das vezes os técnicos alteram o estilo de jogo de suas equipes não por vaidade ou pelo simples interesse de fazer experiências, mas sim pela grande identidade que têm com uma idéia de jogo. Se tem tempo, competência, condições e sorte conseguem levar a cabo seus projetos. O estilo tático do Felipão fez história no Palmeiras, apesar de ter contrariado a sua maneira tradicional de jogar.

2º exemplo: No Sport Clube Corinthians Paulista, grande rival do Palmeiras, o processo de transformação de estilo de jogo foi mais ou menos o inverso do exemplo anterior. Em aproximadamente três anos, um time guerreiro, com futebol de garra, transformou-se em um “onze” técnico e de muita posse de bola. Nesse período, três treinadores foram os responsáveis por essa mudança. Osvaldo de Oliveira e Vanderley Luxemburgo foram os primeiros, e contribuíram com títulos e doutrinas de futebol técnico e taticamente organizado num período de dois anos. Em janeiro de 2002, Carlos Alberto Parreira assumiu e consolidou o processo de transformação. Neste último ano, o Corinthians já apresentava um estilo mais técnico e paciente de jogar, contrariando sua marca registrada de muitos anos. O time e o clube se adaptaram ao novo ritmo, a torcida assimilou e gostou, e agora os técnicos é quem são escolhidos sob um perfil capaz de manter o padrão de jogo adquirido.

¹⁰³ Conjunto de esquemas de ação, percepção e avaliação.

Difícilmente você vê jogador no sul do país com baixa estatura, e estão acostumados a jogar em campos pesados, além de conviver com o frio, e isso faz com que aflore no jogador um comportamento mais aguerrido dentro de campo. Além desse ponto tem o fato cultural, principalmente pela proximidade com a Argentina e o Uruguai, que são países que tem um futebol mais “pegado”, mais de marcação. No sul o futebol é mais de força, no Rio de Janeiro você tem um futebol mais solto, mais cadenciado. O nordeste está caracterizado pela velocidade. De repente eles abrem mão do jogador mais alto e forte que o Grêmio e o Inter não abrem. Agora, uma coisa é certa, o jogador brasileiro tem uma capacidade de adaptação muito grande. (Técnico da Categoria Sub 15).

Lógico que existem diferenças. Você vê no nordeste um número enorme de atacantes velozes, até pelo biótipo do povo nordestino. É lógico que temos também bons zagueiros, mas o volume de atletas de ataque é muito maior. Já no sul aparecem bons zagueiros, volantes e goleiros. Outro fato que destaco, é que no sul é um clima mais frio, então estimula um futebol mais competitivo. Aguerrido. E, o biótipo dos atletas é mais forte e desenvolvido. Do sudeste para cima você tem atletas mais habilidosos. Uma escola brasileira mais temperada com a ginga, com questões técnicas. (Técnico da Categoria Sub 20).

O futebol carioca é muito diferente. Cadenciado, menos pegada, valoriza-se o jogador de qualidade técnica. Aí você vai jogar com os times do sul e se depara com um futebol mais de pegada, faz parte da cultura do clube. Agora você pega times como Cruzeiro, São Paulo, Fluminense, eles tocam mais a bola. Por tudo isso que muitas vezes um jogador não dá certo em uma equipe, porque não tem as características daquele clube. O nordeste valoriza o jogador veloz e habilidoso. (Técnico da Categoria Sub 17).

Observemos em tais falas dos atores sociais que existem diferenças, mas hoje, como foi observado nos clubes pesquisados, os elencos das categorias de base contam com jogadores de praticamente todas as regiões do Brasil. Está bastante mesclado, e fica difícil definir qual é a característica do time do sul, do nordeste. Talvez esta diferença possa ser sentida mais quando as equipes são formadas em sua maioria por atletas de uma mesma região

Poder-se-ia pensar que existem mais diferenças sociais, econômicas e culturais entre os atletas. Por isso, muitos talentos não dão certo no futebol. São os fatores extra-campo. Agora, física e tecnicamente é complexo afirmar que exista tanta diferença, como pode ser observado nessa fala do Observador Técnico:

Tem essa conceituação que o jogador gaúcho é mais competitivo, forte. Eu discordo, porque isso aprende aqui. É cultural, dentro de um contexto. Depende também de quem vai orientar. Um jogador carioca pode adaptar aqui. Chegando com 15, 16 anos, ele se adapta a cultura do local, por isso que até nisso a precocidade da busca é importante. A rotatividade é grande no futebol. Se chegar um jogador que tem mais qualidade que o que está aqui, tem que mudar. Não pode ter fechamento de grupo. Tem que rodar. Nós temos que visar sempre o profissional (Observador Técnico).

O Brasil é muito grande, e tem diferenças culturais expressivas. No nordeste, os jogadores são mais técnicos. Até pela forma como jogam e pelo clima. No sul é mais força, até pela descendência européia. Mas, não quer dizer que um jogador do nordeste não vai se dar bem aqui no sul. É questão de adaptação (Observador Técnico).

No meu entendimento, o futebol, independente do local e ou região que é praticado, encontra jogadores habilidosos tecnicamente, assim também que possuam velocidade, força, estatura. O futebol igualou-se. As diferenças hoje são superadas, basta o jogador passar por um período de adaptação (Técnico da Categoria Sub 17).

Notemos nas falas anteriores que se considerarmos o “*habitus*” como capacidades incorporadas nos agentes sociais que lhes dão esquemas de ação, que permite a reprodução de estruturas inscritas na trajetória dos atores sociais, permitindo também ajustamentos e inovações por parte dos indivíduos:

O indivíduo é capaz de criar, inventar e modificar o “habitus” conforme o contexto e a situação social. Por exemplo, os jogadores, quando são contratados por outros clubes que têm estilos de jogo diferentes, tendem a mudar algumas formas de jogar futebol. (Rodrigues, 2005: 120).

Neste sentido, como preconiza Hall (2000), a identidade é algo formado, construído ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada.

Desta forma, poder-se-ia pensar que as representações identitárias dos estilos “futebol arte” e do “futebol força” são incorporadas como tipos ideais que geram dispositivos de ação nos atores sociais quando operam o processo de avaliação, seleção e detecção de jogadores, como pode ser observado nas características utilizadas como critérios para a avaliação de jogadores por posição.

Segundo Rodrigues (2005), de forma consciente ou inconsciente, os atletas reproduzem a maneira e o estilo de jogar do clube formador, ou no qual estão atuando, sendo que os treinamentos, a sua convivência com os demais colegas, seus hábitos diários, as orientações, permite ao jogador incorporar um determinado padrão de jogo:

No futebol de cada estado, região ou nação inscrevem-se traços sociais típicos da identidade social e cultural. Na verdade, o futebol é um produto cultural que tem regras universais, mas recebe um banho do caldo cultural das diferentes regiões, estados e nações onde é praticado. (Rodrigues, 2005: 121).

Rodrigues toma o conceito de Bourdieu de formar, pouco mediada para reafirmar a visão dos nativos. Poder-se-ia pensar que o futebol atual, devido ao processo de globalização, tende a desaparecer, ou pelo menos tais traços identitários não serão tão marcantes. As formas de jogar estão cada vez mais semelhantes e as diferenças

culturais tendem a se diluir porque, como aponta Damo (2002), esta questão relacionada aos estilos de jogar futebol trata muito mais de um “culto às tradições” do que a forma como realmente jogam.

Poder-se-ia então, tomando como base Cuche (1999), dizer que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no quadro das trocas sociais. Esta concepção dinâmica da identidade opõe-se à que faz dela um atributo original e permanente, insusceptível de evolução. Isto significa que a identidade não é uma atribuição monolítica e estática. Embora a todo grupo que se pensa como tal corresponda uma identidade, nunca ela se encontra pronta para ser usada. Seu uso é contextual e relacional.

Todo jogador de futebol atualmente tem que defender e atacar, possuir uma função defensiva e ofensiva. Mas, mesmo assim, ainda é possível notar algumas diferenças sociais e culturais, como na maneira como o garoto assimila a informação, os hábitos alimentares, o estilo de vida e a forma como se relaciona. Isto tem que ser respeitado durante o treinamento e durante o processo de detecção, seleção e promoção de jogadores.

Tudo isso, então, nos leva a observar que o futebol é uma mescla de diversas qualidades, formas e da junção das representações que caracterizam o “futebol força” e o “futebol arte”. Observemos que este equilíbrio e diversidade é que vão oferecer a sustentação necessária para que a equipe possa alcançar resultados mais eficientes e/ou eficazes nos jogos e competições. É complexo possuir uma equipe com jogadores de uma mesma característica. Muito ofensiva, constituída por jogadores habilidosos tecnicamente ou o contrário, muito defensiva, com jogadores que privilegiem a marcação e o contato físico.

O futebol se sustenta nesta busca pela diversidade e pelo equilíbrio. É raro, atualmente, conforme observado na pesquisa, uma equipe no futebol brasileiro, seja nas categorias de base e profissional, contar no elenco com jogadores oriundos de um único estado. Há uma diversificação expressiva de jogadores de todas as regiões do país, e, em alguns casos até com jogadores de outros países. Isto não ocorre de forma proposital, pois esta diversidade e/ou mesclagem não é intencional, os observadores técnicos não avaliam o jogador pela característica regional, e sim pelas suas qualidades técnicas, táticas e físicas.

O futebol brasileiro como um todo, é um misto no que se refere às características dos jogadores e dos estilos e formas de praticar o jogo. Existe ainda um mito de que o

futebol brasileiro, especialmente a seleção brasileira, deve ser constituído somente de ataque, de habilidade, de fantasia, de improvisação, de dribles e de gingas. Isso é o que sempre despertou a atenção, principalmente da mídia, que em suas narrativas sempre exaltaram a excelência do futebol brasileiro, sintetizando-o como “futebol arte”, em sua imagem e representações, que retrata o imaginário que cerca essa modalidade, principalmente nas conquistas e nos jogos que envolvem a seleção brasileira.

Mas a identidade do nosso futebol não é e não foi constituída apenas por estas características, mesmo nos seus mais brilhantes momentos. As narrativas produzidas sobre o futebol, conforme analisa Mello (2006), apropriam-se de elementos constitutivos das identidades para descrever qualidades dos jogadores e das equipes, que são consideradas especiais e que dessa forma as distinguiriam dos demais atletas e das demais seleções.

Gastaldo (2003: 2) abordando esta questão, argumenta que o “futebol jogado no Brasil é reinterpretado segundo os códigos da cultura brasileira, dotando-os de significados que ultrapassam as estritas linhas do campo de jogo”. O futebol brasileiro é caracterizado como “futebol arte” e a ele são atribuídos elementos como a genialidade, a malandragem e a habilidade que segundo as narrativas jornalísticas e acadêmicas, fazem parte da identidade nacional.

No futebol não basta apenas o individualismo do jogador, não basta praticar um estilo solto e sem compromisso com o sistema defensivo. É necessária organização e disciplina tática, fatores que são contemplados pelo “futebol-força”.

O futebol globalizou-se, e mudanças nos componentes táticos, físicos e psicológicos deixaram as equipes praticando um futebol semelhante. Talvez por isso exista mais um discurso sobre um estilo singular do que propriamente um “estilo brasileiro”. Atualmente, o futebol está muito semelhante em suas formas e estilos de jogar no mundo inteiro; está internacionalizado. A mistura de todos os estilos e as formas semelhantes tendem ao mesmo tempo, a igualar e a tornar diversos os jogos de futebol. Tal como não existe cultura pura, também não existe estilo puro.

As formas de jogar estão muito próximas, mas isso não implica em homogeneidade. Como regra, não são apenas os jogadores mais talentosos que fazem o time jogar bem. Uma equipe bem organizada contribui sobremaneira para os talentosos brilharem mais do que os outros.

Poder-se-ia pensar, então, que é complexo separar o espetáculo da eficiência; o individual do coletivo; a defesa, do meio-campo e do ataque e o conteúdo da forma.

Futebol é “arte”, contando basicamente com a habilidade técnica, mas também é “força” e ciência.

Entretanto, notemos que na atual estrutura do futebol, altamente competitivo, todos os componentes, sejam eles o físico, o técnico, o tático e o psicológico se inter-relacionam, fazendo com que haja um equilíbrio entre as equipes, em decorrência principalmente da evolução da preparação física, o que fortalece a idéia de que a habilidade técnica, atualmente, é um fator que faz a diferença. Neste contexto, os elementos dos dois estilos, “força” e “arte”, se complementam, na medida em que habilidade e força não são fatores antagônicos, pois é necessário aliar estes dois elementos nas ações individuais e coletivas do futebol.

CAPÍTULO VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações identitárias do “futebol arte” e do “futebol força” estão contidas no processo de avaliação, seleção e detecção de jogadores, não tendo nenhuma delas a primazia e/ou exclusividade, pois elas se complementam e não são antagônicas. Porém, o “futebol arte” funciona muito menos que as narrativas identitárias de jornalistas e torcedores imaginam, porque o discurso é identitário por conta do pertencimento.

Exatamente neste contexto é que constatamos algumas contradições presentes neste processo, devido ao fato de que a observação está diretamente relacionada a filosofia tática de quem está observando, e principalmente daquele que tem o poder de decisão, da palavra final no processo. Isso, então, nos leva a observar que o futebol é uma mescla de todas estas qualidades, da junção das representações do “futebol força” e do “futebol arte”.

O discurso identitário sobre o ideal proclamado do futebol brasileiro, o “futebol arte”, não é o marco orientador das ações dos atores sociais que estão envolvidos no processo de garimpagem. Esse processo indica estar estruturado a partir de um “projeto pedagógico” calculado, controlado e administrado em função dos objetivos mercadológicos que envolvem a formação de jogadores de futebol como um produto do mercado do entretenimento. Todavia, o discurso do “futebol arte” pode apresentar eficácia simbólica no processo de comercialização de jogadores ou nos jogos de identidade.

Um novo paradigma surgiu no contexto cultural emergente do futebol, que requer novos parâmetros fornecidos por uma visão dos diversos atores sociais envolvidos no processo de formação de jogadores, e que acabam por orientar o processo de descoberta de novos talentos.

Com certa frequência, o jogador que demonstra alguma habilidade técnica com a bola, é denominado de “bom” jogador, ou até mesmo de “craque”, isto numa visão

tradicional no campo da formação em futebol. Estas análises do desempenho individual, especificamente no caso do futebol, são várias, e talvez por isso acabem por gerar discordâncias em opiniões e conclusões.

O futebol conta com um campo de jogo com dimensões amplas e a participação de um maior número de jogadores nas ações ofensivas e defensivas. O sentido de coletividade é cada vez mais salientado, exigindo bem mais do que a prática do “futebol arte”, propalado como um estilo genuinamente brasileiro, que, entretanto, não é uma prerrogativa apenas do nosso futebol.

Nesta perspectiva, o entendimento sobre o que seja talento começa a sofrer alterações, em relação ao sentido mais tradicional que era dado a ele. Os atores sociais não consideram talento apenas aquele que possui a virtude de realização de alguns movimentos técnicos-motores de inegável plasticidade. O craque ou talento passa a ser aquele que é capaz de transformar suas qualidades não só técnicas, mas também táticas, físicas, psicológicas, emocionais, culturais e sociais, em resultados práticos em termos de ganho de desempenho da equipe da qual faz parte.

O surgimento de novos talentos no futebol está diretamente relacionado ao período de formação dos jovens atletas, pois os resultados que são esperados deles, quando atingem a categoria profissional, é consequência do planejamento executado nas categorias de base. Daí, a importância do processo de oportunização, detecção, seleção e promoção de talentos.

Todavia, neste processo, como foi observado na pesquisa de campo deste estudo, especificamente entre os atores sociais envolvidos com os clubes estudados, não há um consenso no que se refere às metodologias utilizadas para a identificação de talentos, existindo vários questionamentos.

Permanecem inúmeras dúvidas sobre a melhor forma de diagnosticar e prognosticar as possibilidades de alto desempenho dos jogadores de futebol, significando, que esse campo de pesquisa permanece aberto aos interessados pelo assunto.

Os observadores técnicos ainda avaliam o jogador pelo “instinto”¹⁰⁴ da mesma forma de décadas anteriores, sem estratégias científicas claras e definidas. Apesar do futebol ter evoluído de forma significativa, ainda não foi possível encontrar um processo de seleção eficaz para a identificação de jogadores. Isso reflete a ausência de

¹⁰⁴ Palavra nativa que indica expertise.

critérios básicos, o que conseqüentemente leva os profissionais do futebol a fazerem suas avaliações e observações de forma subjetiva.

Cada qual cria o seu próprio método de avaliação, com base na sua experiência pessoal e/ou modelo de jogador “talentoso” que melhor atenda a sua filosofia tática de jogo, o que conseqüentemente acaba por originar erros tanto na seleção quanto no prognóstico de sucesso de um determinado jogador. No entanto, não se deve desconsiderar a observação subjetiva daqueles que estão envolvidos no processo.

Os problemas envolvidos nesse processo estão relacionados a detecção de jovens com elevadas potencialidades, tendo que selecionar os mais aptos e submetê-los a um processo de treinamento adequado e sistematizado, procurando prever o sucesso futuro destes atletas.

Com base na literatura específica do futebol e na pesquisa de campo deste estudo, especificamente com os Técnicos das diferentes categorias, foi possível constatar que vários são os requisitos que o jogador de futebol necessita para o desempenho de suas funções. Neste sentido, a possibilidade de sucesso de um jogador de futebol, assim como em qualquer outra modalidade esportiva, depende de sua estrutura biológica, dos recursos físicos, materiais, humanos; das condições sociais, culturais e identitárias do meio; das metodologias de aprendizagem e treinamento durante os diferentes estágios do desenvolvimento do planejamento de trabalho.

O atleta deverá apresentar um nível de habilidade técnica já desenvolvida no momento de realizar um teste ou ser observado. Além disso, deve apresentar um potencial de melhoria, principalmente no aspecto maturacional, para o máximo desenvolvimento em todos os aspectos que compõem o treinamento. Portanto, a habilidade técnica é um fator preponderante na estrutura do futebol, sendo um dos aspectos vitais no momento de detectar e selecionar um jogador.

Foi possível identificar ainda, que um critério de seleção cada vez mais predominante é o desempenho em competições, no qual é possível verificar o nível de desenvolvimento dos aspectos físico, técnico e tático, em interação com a personalidade do jogador, podendo dessa forma ser observado o resultado individual dentro do perfil e dos atributos que são requeridos para o futebol, que em termos identitários é caracterizado pela combinação da habilidade técnica e individual com o jogo coletivo.

Poder-se ia pensar, então, que a improvisação é conseqüência da capacidade de percepção e antecipação do atleta, aliado ao domínio da habilidade técnica. Esse domínio técnico se transforma em um discurso identitário, que afirma que o jogador

brasileiro é identificado com a ginga, com a malícia e, enfim, com o jeito habilidoso, alegre e ousado de jogar.

O plano de jogo transformou-se em um planejamento sistematizado, que deve ser assimilado e desenvolvido por todos os atletas em campo, cada qual em uma posição, respeitando as características e desempenhando funções ofensivas e defensivas. A criatividade e o imprevisto que podem formalizar uma individualidade são uma probabilidade a mais, e uma variante dos fundamentos táticos e do jogo coletivo da equipe.

No futebol torna-se fundamental uma avaliação quanto ao perfil do jogador que vai ser selecionado, que deve ser confrontado com o que se espera de quem preencherá uma das vagas na equipe.

Conclui-se ainda, que o talento não pode ser detectado com base na aptidão demonstrada em uma única avaliação e/ou mensuração, mas a identificação é parte de um processo de desenvolvimento, que se torna eficaz durante as etapas dos treinamentos, das avaliações e mensurações sistemáticas, concomitantemente com a participação em competições esportivas, porque o processo de avaliação, como foi observado na pesquisa de campo, é contínuo e de longo prazo. Esse seria o ideal revelado pelos atores sociais dos clubes pesquisados por este estudo.

A descoberta de novos jogadores, na atual estrutura do futebol brasileiro, não é uma prerrogativa apenas dos clubes instituídos, considerados tradicionais e filiados às Federações estaduais, e à Confederação Brasileira de Futebol. Hoje os empresários, através de suas agências e dos clubes estruturados exatamente para atender esta missão, estão antecipando o trabalho que era realizado apenas pelos clubes até a década de 80.

Portanto, diante deste quadro, e da concorrência das agências de jogadores, comandadas pelos empresários, os clubes tradicionais, de acordo com o observado por este estudo, estão tendo que reestruturar a administração do futebol de base, criando um departamento exclusivo para gerenciar a captação de jogadores, tendo como função prioritária detectar e selecionar talentos, através de seus observadores técnicos nas diversas competições oficiais existentes no futebol de base do Brasil.

Foi possível detectar ao longo do estudo que, o despertar para o negócio “categoria de base” está alicerçado em cinco aspectos:

1. As necessidades econômicas dos clubes brasileiros: devido à crise financeira os clubes viram-se obrigados a investir nas categorias de base, como forma de obter recursos financeiros por meio da negociação de jogadores o que lhes permite

manter o futebol profissional. A possibilidade de revelar jogadores para compor o grupo profissional.

2. A qualidade do “produto atleta”: o futebol brasileiro tem ao longo dos tempos revelado inúmeros jogadores, o que tem permitido realizar negociações para o exterior, em praticamente todas as posições. Isso é consequência do potencial dos jogadores, que surgem a cada ano, em escala expressiva, nas mais variadas regiões e clubes do país.
3. O apelo internacional pela negociação envolvendo jogadores brasileiros: o fato do Brasil revelar jogadores com trajetória de sucesso no exterior fez com que este mercado crescesse expressivamente.
4. O estímulo (interesse) dos intermediários, das agências de jogadores, administradas pelos empresários: este foi um fator que muito contribuiu para impulsionar a criação do departamento de captação de jogadores nos clubes, além da concorrência com os empresários, do apelo internacional pela negociação de jogadores e da necessidade de captar recursos financeiros para a sua sobrevivência.
5. O apelo sócio-financeiro dos atletas. Este é um aspecto que estimula os garotos de todas as idades e regiões do país a procurarem pelos clubes como forma de ingressar em uma das categorias. São milhares de jogadores. E, neste universo, surgem novos talentos, alimentando a estrutura de base do futebol brasileiro.

Os clubes, no que se refere ao futebol de base, nos departamentos de formação e captação, terão que estruturar projetos de gerenciamento técnico para que o processo de promoção dos talentos possa contar com uma sistematização da metodologia de treinamento e de processos de detecção e seleção de jogadores.

A estrutura organizacional, segundo o observado, deverá ser dividida em dois contextos, o administrativo e o técnico, tendo como funções a constituição das comissões técnicas, no estabelecimento de metas e dos resultados a serem alcançados.

Percebe-se então, que o processo de promoção de talentos também deverá sofrer uma divisão em duas etapas: a pesquisa, que envolve a captação e a seleção de jogadores nas mais diversas vias de acesso, e a formação, que deverá estar estruturada em três aspectos: a transição, a exposição e a negociação.

A fase de transição refere-se à etapa pela qual o jogador, sendo selecionado e incorporado a um determinado grupo das categorias de base, será submetido a um

processo de adaptação, onde serão observados todos os requisitos necessários a uma possível evolução deste jogador no transcorrer do processo de formação. A exposição se refere ao processo de utilização dos jogadores em competições. Este processo é uma etapa subsequente ao da transição. Sendo aprovado em definitivo, ele é incorporado em uma das categorias e aí passa por este período de exposição, visando adquirir experiência, aprimorar o desenvolvimento técnico, tático, psicológico e físico. A última etapa refere-se ao processo de negociação para o exterior e/ou outro clube do Brasil, ou ainda a promoção do jogador para a categoria profissional do próprio clube.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINO, G. (2002). Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ-Mauad.

ALABARCES, P. (2002). Fútbol y pátria: El fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros.

_____ (Org.) (2003). *Futbologias: fútbol, identidad y violencia em América Latina*, Buenos Aires: Clacso.

ALCANTARA, H. (2006). A magia do futebol. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n.57, Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 dez 2006.

ANDERSON, B. (1983). *Imagined Communities: reflections on the origins and spread of nationalism*. New York: Verso.

ARAÚJO, R. B. (1994). *Guerra e paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Edições 34.

ARCHETTI, E. (1994). "Argentina and the World Cup: in search of national identity", in Sugden, J. y Tomlinson, A. (eds.): *Hosts and Champions. Soccer Cultures, National Identities and the USA World Cup*, Aldershot: Arena.

_____ (1998). *Tango et football dans l'imagerie argentine*. Paris: GREDHESS. (Societés & Représentations: football & societés, n.7).

_____ (1999). *Masculinities. Football Polo and the Tango in Argentina*, London: Berg.

_____ (2003). *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia.

BALAKRISHNAN, G. (2000). *Um mapa da questão nacional*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto.

BARBOSA, L. (1992). *O jeitinho brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus.

BARTH, F. (1969). *Introduction in Ethnic groups and boundaries*. Fredrik Barth (ed.), Bergen, Oslo: Universitetsforlaget.

BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G. (2006). Identidade, negócio e esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores na Olimpíada de Sidney. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 55-72, set.

BERGAMO, V. R. (2004). Estabilidade: aspecto significativo na previsão do talento no basquete feminino. *Revista Brasileira de Ciências do Movimento*. Brasília. V. 12. nº 2. p. 51-56. Junho.

- BERLIN, I. (1982). Vico e Herder. Brasília: Editora da UNB.
- BLOOM, B. S. (1995). Developing Talent in the young. New York: Ballantine.
- BOHME, M. T. S. (2000). O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 21, n.0. 2/3, p. 4-10.
- BOMPA, T. O. (1994). Talent identification. Ottawa: Coaching Association of Canada.
- BORSARI, J. R. (1989). Futebol de campo. São Paulo: EPU, p.48-59.
- BOURDIEU, P. (1983). Como é possível ser esportivo? Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.
- _____ (1999). A economia das trocas simbólicas. 5.ed. São Paulo: Editora Perspectivas.
- BRACHT, V. (1997). Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Vitória: UFES.
- CAMPBELL, C. (2001). A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro: Rocco.
- CARL, K. (1988). Talentsuche, talentauswahlund talentforderung. Schorndorf, Karl Hoffmann.
- CARVALHO, C. A.; GONÇALVES, J. C. (2006). A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. *Cadernos Ebape*, v. IV, n. 2, jun. 2006. Disponível:<http://www.ebape.fgv.br/cadernosebape/asp/dsp_texto_completo.asp?cd_pi=418721>. Acesso em: 22 nov 2006.
- CARRAVETTA, E. (2001). O jogador de futebol: Técnicas, treinamento e rendimento. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- CARLSON, R. (1988). The socialization of elite tennis players in Sweden; an analysis of the players' backgrounds and development. *Society of Sports journal*, v.5, p.241-256.
- _____. (1993). The path to the national level in sports in Sweden. *Scandinavian journal of medicine and science in sports*, v.3, p.170-177.
- CASTELLS, M. (2000). A sociedade em rede v. 1. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTRO, R. (1995). Estrela Solitária – Um Brasileiro Chamado Garrincha. São Paulo: Cia. das Letras.
- COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. (1998). A técnica de entrevista na pesquisa social. In: Pesquisa Social Empírica: Métodos e técnicas. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, PPGS/UFRGS, v. 9.
- CUCHE, D. (1999). A noção de cultura nas ciências sociais. São Paulo: EDUSC.

DAMO, A.S. (1999). Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. Estudos históricos, Rio de Janeiro, n. 23, pp. 87-118.

_____.(2002). Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. UFRGS.

_____. (2003). Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 9, nº 2, p-129-156.

_____.(2005). Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Porto Alegre, 434p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DAMATTA, R. (1978). Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. (1982). Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMatta,R. (Org.) Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

_____.(1989). Esportes na sociedade: futebol como drama nacional. Sociologia da religião – CONSILIUM/225 – 1989/5. Petrópolis: Vozes.

_____.(1994). Antropologia do Óbvio: Notas em torno do significado do futebol brasileiro. Revista USP, Dossiê Futebol, nº 22, p. 10-17..

DRUBSCKY, Ricardo. (2003). O universo tático do futebol – escola brasileira. Belo Horizonte: Health.

ELIAS, N. (1990). O processo civilizacional. 2º vol. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

ELIAS, N.; DUNNING, E. (1995). A busca da excitação. Lisboa: DIFEL.

ERICSSON, K.A.; KRAMPE, T.C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. Psychological review, v.100, p. 363-406.

FIENGO, S. V. (2000). Imaginando la nación a través del fútbol: el discurso de la prensa costarricense sobre la hazaña mundialista de Italia` 90. In:ALABARCES, P.(org.) Peligro de Gol: estudios sobre deporte y sociedad em America Latina Buenos Aires, Clacso.

_____.(2003). El fútbol y las identidades: prólogo a los estudios latinoamericanos. In: ALABARCES, P. (org.) Futbologías: fútbol, identidad y violencia em América Latina. Buenos Aires, CLACSO.

FILHO, M. (1947). O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FLORENZANO, J.P. (1998). Afonso e Edmundo: a rebeldia do futebol brasileiro. São Paulo: Musa Editora.

- FRANCHINI, E. (2001). *Judô: Desempenho competitivo*. São Paulo: Manole.
- FRANZINI, F. (1998). Futebol, Identidade e cidadania no Brasil dos anos 30. *Efdeportes. Revista Digital*. Ano 03 - nº 10. Buenos Aires. Mayo. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em 12 out 2005.
- _____ (2000). *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre futebol e a nacionalidade brasileira 1919-1950*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FREIRE, João B. (2003). *Pedagogia do futebol*. Campinas: Autores Associados.
- FREYRE, G. (1933). *Casa-Grande & Sensala*. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- _____ (1938). Foot-ball mulatto. *Diário de Pernambuco*. Recife: Mozart, s.d, 17 jun/1938..
- _____ (1945). *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- FRISSELI, A. Z.; MANTOVANI, M. (1999). *Futebol – teoria e prática*. São Paulo; PHORTE.
- GABLER, H.; RUOFF, B. (1979). Zum problem der talentbestimmung im sport. Rahmentheoretisch voruberlegungen. *Sportwissenschaft*, v. 9, n. 2, p:164-180.
- GANDIN, D. (2005). *Planejamento como prática educativa*. São Paulo: Ed. Loyola.
- GARGANTA, J. (1995). *O ensino dos jogos coletivos*. Centro de estudos dos jogos desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto. Editores Amandio Garça e José Oliveira.
- GASTALDO, É. L. (2000). “Os Campeões do Século”: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 22, n. 1, set. p. 105-124.
- _____ (2002). *Pátria, Chuteiras e Propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo* – São Leopoldo, Editora Unisinos.
- _____ (2003). *A Família Scolari Somos Todos Nós. Questões de identidade brasileira na Copa de 2002*. In: XXVI Congresso Anual de Ciências da Comunicação – INTERCOM, Anais... Belo Horizonte, PUC/MG, set.
- _____ (2006). *Seminário: Análise de discurso em Fenômenos Esportivos Midiáticos*. In: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Porto Alegre. ESEF/UFRGS.
- GEERTZ, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.

GERACE, J.R. (2004). Desconstruindo a nação: cultura e identidade nacional. Revista eletrônica de arte e cultura. nº 17. nov.dez. 2004. Disponível em: < www.revistaetccetera.com.br/17/cultura. Acesso em 22 jan2005.

GIDDENS, A. (1990). *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press.

GIL, G. (1994). O drama do futebol-arte: o debate sobre a seleção nos anos 70. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 25, pp. 100-109.

GIL, A.C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas.

GIULIANOTTI, R. (2002). *Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte e das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.

GOMES, I.M. (2000). Deus no céu e o negro na terra: a visão de Gilberto Freyre sobre o futebol brasileiro. Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Nº 2. Nov. 2000. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/02-gomes_html> . Acesso em 18 out/2006.

GRECO, P. J. (1990). *Treinamento de alto nível com crianças e adolescentes*. Coletânea 2, Imprensa Universitária. UFMG.

_____ (1992). *O Componente Tático*. Material Didático do Curso de Mestrado em Ciências do Esporte. Escola de Educação Física da UFMG Belo Horizonte.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (1997). *Iniciação Esportiva Universal; V. – da aprendizagem motora ao treinamento técnico; V. 2 – da metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. Escola de Educação Física da UFMG. Ed. UFMG.

GROSSER, M.; BRUGGEMANN, P.; ZINTIL, L., (1988). *Alto rendimento desportivo y desarrollo*. Barcelona, Espanha: Marinez Roetz.

GUARANO, M. (1996). *Manual do técnico desportivo: teoria e metodologia do ensino na formação técnico-tático*. São Paulo: Ícone.

GUEDES, S. L. (1977). *O futebol brasileiro: Instituição Zero*. Dissertação (Mestrado Em ÁREA) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____ (1995). O Salvador da Pátria: Considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994. Pesquisa de campo – Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro, nº 1, p. 23-41.

_____ (1998). *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: EDUFF.

_____ (2006). De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: _____ e GASTALDO, E. (Orgs.) *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, p. 127-146.

GUMBRECHT, H. U. (2001). A forma da violência: em louvor da beleza atlética. Folha de São Paulo, 11/03, Caderno Mais, p.6-9.

GUTTMANN, A. (1994). *Games and Empires: modern sports and cultural imperialism*. N. York: Columbia University Press.

HALL, S. (2000). Representation – Cultural representation and signifying practices. London: Sage.

_____ (2003). Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Brasília: Editora UFMG.

_____ (2004). A Identidade Cultural na Pós-Modernidade – 9ª ed. Rio de Janeiro, DP& A Editora.

HAHN, E. (1989). Entrenamiento com niños: teoria, prática, problemas específicos. Barcelona: Martinez Roca.

HELAL, R. (1997). Passes e Impasses. Petrópoles: Vozes.

_____ (2002). Mídia e Idolatria: o caso Ronaldinho. Motus Corporis (UGF), UGF, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 91-104.

_____ (2003). Mídia e Esporte: a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. INTERCOM (São Paulo), Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36.

_____ (2003). Idolatria e Malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário – In: ALABARCES, Pablo *Futbologías: fútbol, identidad y violencia em América Latina*, Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO.

_____ (2005). Jogo Bonito: el fútbol brasileño en la prensa argentina. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 88, p. 1.

_____ (2005). Como Eles Nos Veêm: futebol brasileiro e imprensa argentina. *Revista Contemporânea (UERJ)*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 66, 2005.

HELAL, R.; GORDON JÚNIOR, C. (1999). Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. *Revista Estudos Históricos. Esporte e Lazer*. Rio de Janeiro, n. 23.

_____ (2001). A Crise do Futebol Brasileiro e a pós-modernidade: perspectivas para o século XXI. *Anais das Terças Transdisciplinares: experimentado a fronteira entre a Psicologia e outras práticas sociais*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 143-164.

HELAL, R. et al. (2001). Mídia, raça e idolatria: a invenção do país do futebol. Rio de Janeiro: Murad.

HELAL, R. et al. (2004). Futebol, Imprensa e Memória. Revista Fronteira (UNISINOS), Unisinos, São Leopoldo, v. 6, p. 61-78.

_____ (2005). Futebol. In: Atlas do esporte no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Shape, p. 257-259.

HELAL, R.; SOARES, A. J. G. (2004). O Declínio da Pátria de Chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: Miguel Pereira; Renato Cordeiro Gomes; Vera Lucia Follain de Figueiredo. (Org.). Comunicação, Representação e Práticas Sociais. Rio de Janeiro.

HELSEN, W.F., et al. (2000). The roles of talent, physical precocity and practice in the development of soccer expertise. Journal of Sports Sciences, v.18, n.9, Sep. p. 727-36.

HOBBSAWM, E. (1987). Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1990). Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1997). A Produção em massa de tradições: Europa, 1789 a 1914. In

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (2002). A invenção das tradições. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____ (2000). Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HOWE, M. J. A. et al. (1998). Innate talents: reality or myth? Behavioral and Brain Sciences, v.21,p.399-442.

JESÚS, G. M. de. (1998). Fútbol y modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, ano 3, n. 10, maio 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 5 set/2006.

_____ (2003). Futebol, globalização e identidade local no Brasil. *Efdeportes. Revista Digital*, Ano 08 – nº 57 – Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 5 set/2006.

KISS, M., et al. (2004). Desempenho e talento esportivos. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. 18, Número Especial, p. 89-100, ago.

KUNZ, E. (2003). Movimentos ritmados no futebol. In: Elenor Kunz (Org) Didática da Educação Física 3: Futebol. Ijuí. Unijuí.

LEAL, J. C. (2000). Futebol: Arte e Ofício. Rio de Janeiro. Sprint.

LEITE LOPES, J. S. (1994). A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada. Revista da USP – Dossiê Futebol, São Paulo, n.22, p. 64-83.

_____(1998). Futebol mestiço: história de sucessos e contradições. *Ciência Hoje*, São Paulo, v.24, n. 139.

LEONCINI, M.P.; SILVA, M.T. (2005). Entendendo o futebol como negócio: um estudo exploratório. *Gestão e produção*, v. 12. n. 1, p. 11-23, jan/abr 2005.

LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. G. (2003). “Futebol de várzea como crítica romântica”. *Caderno Cultural da Revista eletrônica Polêmica*, n.08, janeiro/fevereiro/março, 2003. Disponível: <www2.uerj.br/~labore/revistapolemica.htm> Acesso em: 20 fev. 2005.

MACHADO, I. J. R. (2000). Futebol, Clãs e Nação. *Revista eletrônica Scielo Brazil*. V. 43. Nº 1. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em: 22 nov/2006.

MANHÃES, E. D. (2002). *Política de Esportes no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

MAUSS, M. (1974a). As técnicas corporais. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp. V. II. p. 209-234.

MEDINA, J. P. (2006). Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e futebol. Disponível em: <http://www.cidadedofutebol.uol.com.br/cidade07/site/artigo>. Acesso em 18 jun. 2006.

MELO, R. S. (1999). *Sistemas e táticas para o futebol*. Rio de Janeiro: Sprint. P. 21-33.

MELLO, V.S. (2006). Jogos olímpicos de 2004: as narrativas televisivas e a valorização da identidade brasileira. *UNIrevista*. V. 1, nº 3, julho.

MONTAGNER, P.C. & SILVA, C.C.O. (2003). Reflexões acerca do treinamento a longo prazo e a seleção de talentos através das “peneiras” no futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. n. 2, v.24, jan. p.187-200, Campinas.

MOURA, G. (1998). *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro, FGV.

MURAD, M. (1996). *Dos Pés à Cabeça: elementos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural.

NETO, J. M. S. (2002). *Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naif.

OLIVEIRA, A. L. B. de. (2006). *Em busca de um sonho: o processo de seleção de talentos em escolinhas de futebol no Rio de Janeiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

PAOLI, P. B. (1996). *Percepções de técnicos de futebol profissionais brasileiros referentes ao calendário de competições e ao planejamento estratégico*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola de Educação Física da UFMG, Belo Horizonte.

_____ (2000). Treinamento tático no futebol. Vídeo curso dos sistemas de jogo 4x4x2 e 3x5x2. BD Empreendimentos – Canal Quatro - Universidade Federal de Viçosa-MG.

_____ (2005). Como treinar uma equipe de futebol. Vídeo curso. BD Empreendimentos – Canal Quatro - Universidade Federal de Viçosa.

PAULA, P. et al. (2000). Tática e processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. V coletânea do Departamento de Esportes da Escola de Educação Física da UFMG. Ed. UFMG.

PÊCHEUX, M. (1990). Papel da memória. In: ACHARD, Pierre (et al). Papel da memória. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes.

PEREIRA, L.A.M. (2000). Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 a 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PRONI, M. W. (1998). Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 262p.

_____ (2000). A metamorfose do futebol. Campinas, Unicamp.

RIBEIRO, L.C. (2002). Brasil: futebol e identidade nacional. Efdeportes. Revista Digital. Ano 08 - nº 56. Buenos Aires. Enero. Disponível: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 8 set/2006.

REIS, J. C. (1999). As identidades no Brasil: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Editora FGV.

REILLY, T., et al. (2000). Anthropometric and physiological predispositions for elite soccer. Journal of Sports Sciences, v. 18, n9, Sep, p.669-83.

ROCCO JR., A. J. (2003). Novas tecnologias e as torcidas virtuais – a transformação da cultura do futebol no século XXI. Trabalho apresentado no NP 18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte.

RODRIGUES, F. X. F. (2003). A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002). Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPGS/UFRS.

_____ (2004). Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. Sociologias. N. 11, Porto Alegre.

_____ (2005). Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. Sociologia e Cultura. V. 8. N. 1, jan/junh. p. 111-125.

ROSENFELD, A. (1993). Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva.

SILVA, T.C. (2006). Revelação de talento no futebol brasileiro: do senso comum instintivo à matacognição. *Revista de Educação Física*. Nº 130. Abril.

SALES, T. (1995). O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. *Coletânea: O trabalho no Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: Editora LTR-ABEP.

SALLES, J.G. do C.; SOARES, A. J. G. (2002). Evolução do conceito de amadorismo no Movimento Olímpico Internacional. In: Marcio Turini; Lamartine Pereira da Costa. (Org.). *Coletânea de textos em Estudos Olímpicos*. 1ed. v. 2, p. 437-453.

SALLES, J. G. do C. (2004). Entre a paixão e o interesse - O amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa Pós-Graduação *Strico Sensu* em Educação Física, Universidade Gama Filho.

SALMELA, J. H. (1996). Expert coaches strategies for the development of expert athletes. New York. (Research in sports sciences).

SANTOS, J. L. dos. (1983). O que é cultura. São Paulo: Brasiliense.

SANTOS, T. C. (1998). Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

SERENINI, A. L. P. (1997). Tomada de Decisão no Esporte. Temas Atuais em Educação Física e ESPORTES I. Escola de Educação Física da UFMG. Belo Horizonte: HEALTH.

SINGER, R. N.; JANELLE, C. M. Determining sport expertise: from genes to supremes. *International Journal of Sport Psychology*, v.30, p.117-151. 1999.

SKIDMORE, T. E. (1994). O Brasil visto de fora. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SOARES, A. J. G. (1994). Futebol, malandragem e identidade. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural/UFES.

_____ (1994). Futebol, Malandragem e Identidade. 1. ed. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural. v. 1. 132p.

_____ (1998). Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil: uma releitura da história oficial. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho.

_____ (1998). Racismo contra o Vasco e a fundação da AMEA: uma história de identidade. In: VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1998. Rio de Janeiro. VI Congresso de História do Esporte, Lazer e Educação Física: caminhos, meios e estratégias para o desenvolvimento da pesquisa do esporte, lazer e educação física: coletânea. RJ/Distrito Federal: Editoria Central Gama Filho-IHGH-INDESP. v. 6. p. 139-145.

_____ (1999). História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. *Estudos Históricos –Fundação Getúlio Vargas*, v.2, n.23.

_____ (1999). Debate: a modo de resposta. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 167-174.

_____ (1999). História e invenções de tradições no campo do futebol. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 119-146.

_____ (2000). A tradição Freyreana na interpretação do Brasil e de seu futebol. In: Amarílio Ferreira Neto. (Org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física*. 1ed. Aracruz. v. 5, p. 1-192.

_____ (2002). Identidade nacional e racismo no futebol brasileiro. In: Marcelo Weishaupt Proni; Ricardo de Figueiredo Lucena. (Org.). *Esporte: história e sociedade*. 1ed. Campinas. v. 1, p. 165-191.

_____ (2003). Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: Pablo Alabarces. (Org.). *Futbolologías: fútbol, identidade y violencia en América Latina*. 1ed. Buenos Aires. v. 1, p. 145-162.

_____ (2003). Futebol: A construção histórica do estilo nacional. *Revista brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 25, n. 1, p.129-143.

SOARES, A. J. G. (2006). Diálogos identitários - etnia, gênero, sexualidade e futebol: comentários a partir do filme *Driblando o destino*. In: Victor Andrade de Melo; Marcos Alvito. (Org.). *Futebol por todo o mundo - Diálogos com o cinema*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. v. 1, p. 35-45.

SOARES, A. J. G., et al. (2001). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad. v. 1. 168p.

SOARES, A. J. G.; LOVISOLO, H. R. (2002). Singularidade e universalidade no futebol brasileiro. *Revista Eletrônica Polêmica, RJ- LABORE- uerj*, v. 6, n. 3, p. 1-3.

SOARES, A. J. G.; LOVISOLO, H. R. (2002). A marca do futebol nacional: questões sobre cultura e futebol. *Revista Eletrônica Polêmica, RJ - LABORE - UERJ*, v. 5, n. 2, p. 1-3.

SOARES, A. J. G.; SALLES, J.G. do C. (2002). O drible e a construção do estilo nacional. In: 23^a Reunião Brasileira de Antropologia, Gramado, RS. *Anais da 23^a Reunião Brasileira de Antropologia*.

SOARES, A. J. G.; LOVISOLO, H. R. (2003). O futebol de várzea como crítica romântica. *Revista Eletrônica Polêmica, RJ- LABORE - UERJ*, v. 8, n. 1, p. 1-3.

_____ (2003). Rápida difusão do futebol: variabilidade de estilo e padronização. *Revista Eletrônica Polêmica, RJ- LABORE - UERJ*, v. 9, n. 2, p. 1-3.

_____ (2004). De dentro e de fora: Futebol e imagens do Brasil. *Revista Eletrônica Polêmicas*, UERJ, v. 13, n. Jul-dez.

SOARES, A. J. G. et al. (2003). O declínio da Pátria de Chuteiras: futebol e identidade nacional da Copa do Mundo de 2002. In: 12 Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2003, Recife - PE. Anais do 12 Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2003.

SOARES, A. J. G., et al. (2004). O futebol-arte e o Planejamento México: memórias de lamartine Pereira DaCosta. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 133-154.

SOARES, A. J. G., et. al. (2006). Copa de 70: O Planejamento México. In: Édison Gastaldo; Simone Lahud Guedes (Org). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Ed. Niterói: Intertexto. V. 1, p. 103-123.

SMUCHROWSKI, L. (1990). Teoria e prática do treinamento esportivo: Tecnologia moderna do treinamento. FAM, Apostila de Divulgação Interna/UFMG.

SOUTO, S. (2004). *Imprensa e Memória da Copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa – Dissertação (Mestrado em Comunicação)*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense.

SOUZA, M. (1996). *A Nação em Chuteiras: raça e masculinidade no futebol brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UNB.

STIGGER, M. P. (2002). *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. São Paulo: CBCE-Editora Autores Associados.

STARKES, J. L.; DEAKIN, J.M. et al. (1996). *Deliberate practice in sports: What is it anyway. Expert performance in the arts and sciences, sports and games*.

TOLEDO, L. H. (2000). *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (2001). Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, no. 52, v.2. pp. 133-166.

_____ (2002). *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.

TRIVINOS, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

TUBINO, M. J. G. (2003). *Metodologia científica do treinamento desportivo*. 13ª ed. São Paulo: Shape.

UNZELTE, C. (2002). *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro. p. 665-672.

VIEIRA, J. J. (2004). Aspectos da globalização do futebol contemporâneo. In. VIII Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Anais do VIII Congresso Luso

Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: Portugal. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/programa/resumo_sessao/resumo> Acesso em jun/2005.

WACQUANT, L. (2002). *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

WEBER, M. (2002). *Conceitos básicos de sociologia*. Tradutores: Rubens Eduardo Ferreira Frias, Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Centauro

WEINECK, J. (1986). *Manual do treinamento desportivo*. 2ªed, São Paul: Manole.

_____ (1989). *Treinamento ideal*. 3ª ed., 1ª Edição brasileira. São Paulo – SP: Editora Manole.

_____ (2000). *Futebol Total*. São Paulo: Phorte Editora.

WILLIAMS, A. M.; REILLY, T. (2000). Talent identification and development in soccer. *Journal of Sports Sciences*, v.18, n.9, Sep, p.657-67.

ZACHAROV, A. (1992). *Ciência do Treinamento Esportivo*. Rio de Janeiro. Palestra.

ANEXO I

Roteiro da Entrevista Semi-estruturada

- 1- Quais são as vias de acesso que o jogador pode recorrer para ingressar no Clube?
(De acordo com a resposta, perguntar a definição do processo; como ocorre o processo e quais são os requisitos).
- 2- Quantos jogadores são oriundos, no grupo das Categorias (Infantil, Juvenil e Júnior) das Peneiradas, Contratação, Indicação, Franquias e Convênios?
- 3- Quantos jogadores entram no Clube nas diversas categorias?
- 4- Quantos entram e saem de cada categoria a cada temporada?
- 5- Existe uma faixa etária ideal para se identificar um talento?
- 6- Que mecanismos para atrair jovens às suas divisões de base são adotados?
- 7- Existe um período na temporada ideal para esta seleção e detecção de jogadores?
- 8- Que profissionais estão envolvidos nesta observação de novos jogadores? (São profissionais do Clube; quais são os requisitos para uma pessoa se tornar “Observadora de jogadores”; Recebe salário do Clube? Destacar os dados pessoais, como Quantas horas por semana são dedicadas para estas observações, quantos anos está no clube, trabalha em outro clube, recebe salário do clube, quando seleciona ou indica um jogador ele é compensado financeiramente por isto, como se transformou em olheiro?)
- 9- Que características técnicas, táticas, psicológicas e físicas são consideradas como critério para a seleção de um jogador? (Aqui é interessante perguntar se existe uma característica específica por posição?)
- 10- O jogador é selecionado pela posição que fez o teste, ou pelo potencial para atuar em outra posição?
- 11- Como o jogador é analisado durante o processo de seleção? Qual é a metodologia utilizada pelos observadores?
- 12- São observadas diferenças na forma de jogar dos garotos de acordo com a origem das diversas regiões do Brasil?